
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O REAL E O IMAGINÁRIO NO BEXIGA:
AUTOFAGIA E RENOVAÇÃO URBANA NO BAIRRO

FRANCISCO CAPUANO SCARLATO

Defesa de Tese para o título de Doutor, apresentada
na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP -
Departamento de Geografia.

Orientador: *Prof. Dr. Manoel Fernando Gonçalves Seabra.*

SÃO PAULO

1988

Para você, querida
irmã Egya, dedico
este meu trabalho.
Estou certo que a
morte não será ca-
paz de arrefecer o
meu amor fraterno.

S U M M Á R I O

I PARTE

1. METODOLOGIA	1
2. INTRODUÇÃO	9

II PARTE

3. EVOLUÇÃO E AUTOFAGIA DO BEXIGA	23
3.1. Dos Primórdios à Primeira Metade do Século XX.	36
3.2. Bexiga - "Ano Zero"	78
3.2.1. Tendências atuais nas formas de uso do solo	99
3.2.2. Em busca de um perfil demográfico	122
3.3. A Unidade Quebrada	130
3.3.1. Sobrevivências e mistificações: uma ideologia do "Bixiga"	152

III PARTE

4. DA NOÇÃO DE BAIRRO À BUSCA DE SUA IDENTIDADE	178
4.1. Unidade e Diversidade	193
4.1.1. Estrutura e morfologia urbana	197

IV PARTE

5. AS PROPOSTAS DE RENOVAÇÃO URBANA PARA O BAIRRO DO BEXIGA	233
--	-----

V PARTE

6. CONCLUSÃO	259
--------------------	-----

A G R A D E C I M E N T O S

Quero deixar, aqui, meus agradecimentos àquelas pessoas que permitiram que este trabalho se concretizasse. Sem a preocupação de seguir uma seqüência por ordem de importância, quero deixar minha memória seguir seu livre fluxo.

Ao companheiro, amigo e orientador, professor Manoel Seabra cuja presença e personalidade marcante, pessoa sempre comprometida com a seriedade do trabalho, esteja este no nível que estiver, quero expressar minha gratidão e respeito pelo seu trabalho como orientador, pela maneira segura e criteriosa como conduziu a realização deste nosso trabalho.

Aos amigos, Antonio Sampaio e Marina de Sampaio Goes, que gentilmente colaboraram na realização da primeira cobertura fotográfica do bairro do Bexiga, sem a qual não teríamos podido cumprir verdadeiramente uma das etapas do trabalho e a Sueli Angelo que nos permitiu entrar em contato com pessoas e instituições, fundamentais para nossa coleta de dados, meus agradecimentos.

Ao companheiro e amigo Nelson De La Corte, que com muita diligência realizou a cobertura fotográfica que acompanha a presente tese, mais do que fotógrafo, foi ele, o companheiro, o geógrafo com o qual compartilhei observações e análises sobre a realidade do Bexiga durante nossas caminhadas pelo mesmo, fica aqui, a este grande amigo, meus sinceros agradecimentos.

Aos colegas e amigos do Departamento de Geografia, que de uma forma ou outra, através de uma palavra amiga me encorajaram para o término da presente tese, meus agradecimentos. Gostaria de expressar um agradecimento especial às colegas do Departamento, Ana Fani e Amélia, que num determinado momento de grande dificuldade colaboraram comigo no cumprimento de algumas tarefas de minha responsabilidade, estendendo-se o mesmo à Prof. Maria Elena R. Simielli.

À professora Marcia Gallo que gentilmente fez a revisão do presente texto e a Orita, que realizou com muita paciência os desenhos que acompanham o trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Para minha mulher Eunice e às minhas filhas, Tanieska, Karina e Alessandra, meus agradecimentos pela tolerância com que acompanharam a realização deste trabalho, quando então, roubei-lhes atenção e carinho.

Finalmente, aos membros da comunidade do Bexiga, cujos depoimentos estão aqui contidos e àqueles que ficaram no anonimato, fica mais uma vez expresso meus agradecimentos.

I PARTE

sa pesquisa, que vai aí relacionada:

1. NADIA MARZOLA - Bela Vista. DPH-PMSP, 2ª Edição 1985.
2. CELA TOLEDO LUCENA - Bixiga, Amore Mio. Editora Pannartz. 1ª Ed. 198 , S. Paulo.
3. Idem, Bairro do Bexiga. A sobrevivência cultural. Brasiliense. 19 , S. Paulo.
4. Haim Grunspún - Anatomia de um bairro. Livraria Ed. Cultura, 1ª Ed., 1979, S. Paulo.

Com exceção da última, as demais demonstram uma cuidadosa pesquisa bibliográfica de natureza histórico - gráfica. Aquela última se apresenta mais como um livro de memórias vividas pelo autor no bairro, sendo também de grande valia documental para o trabalho. Como obra inédita, conseguimos a pesquisa feita em 1985 pela IGEPAC (Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultura e Urbano de S. Paulo), Secretaria Municipal da Cultura - DPH, sobre o título-Bela Vista. Esta obra pode ser considerada até então, uma das mais atualizadas feitas sobre o bairro da Bela Vista, após aqueles estudos feitos pela COGEP-PMSP no período de 1973/1974. Estes estudos apareceram no interior de Planos Diretores feitos sobre o bairro da Bela Vista com o seguinte título: PR-016, Bela Vista - Z8-010, constituindo um conjunto de sete volumes. Foi baseado nestes estudos que a COGEP-PMSP elaborou os dois projetos de urbanização para o bairro, assim intitulados: PR-016 - Grota da Bela Vista e Dossiê 038-2 - Projeto 13 de Maio, ambos no ano de 1975. Como já assinalamos, o material veiculado pela imprensa em geral serviu-nos ao mesmo tempo de literatura crítica como também fonte primária da pesquisa. No momento que trabalhamos especificamente o universo do imaginário, tivemos nesta última fonte um importante instrumento que nos permitiu a

captação do universo ideológico que passa pelos discursos sobre o Bexiga.

Concluída esta parte dos estudos, procuramos elaborar as referentes às fontes primárias propriamente ditas, quando então estabelecemos a seguinte seqüência:

- a) Organização e estudos das informações contidas em arquivos e instituições.
- b) Coleta de campo
 - b1) Levantamento das formas de uso do solo.
 - b2) Entrevistas com a população local.
 - b3) Cobertura fotográfica dos equipamentos significativos do bairro.
- c) Pesquisa junto às mídias.
- d) Palestras e conferências.

A) Instituições e arquivos

1. SINDUSCON-SP (Sindicato da Ind. da Construção Civil de Grandes Estruturas). Junto a esta instituição conseguimos, através da aplicação de um questionário, informações sobre o tipo de interesses e tendências da construção civil para o Bela Vista. Ao mesmo tempo realizamos uma entrevista com um dos seus superintendentes.

2. EMBRAESP (Empresa Brasileira de Estudos de Patrimônio). A mesma forneceu-nos um relatório de todas as construções feitas no Bela Vista entre 1985 e 1987, permitindo-nos registrar o padrão de construção para o bairro e suas tendências nestes anos.

3. SODEPRO (Sociedade de Defesas das Tradições e Progresso do Bela Vista). Fizemos uma entrevista com seu presidente para a verificação da forma de atuação da

instituição e outras, junto à comunidade e órgãos públicos, tanto sobre o que está sendo feito para a preservação do bairro, como também, para obter informações históricas sobre o mesmo.

4. SEMPLA-PMSP (Secretaria Municipal de Planejamento de São Paulo). A mesma nos ofereceu valiosa contribuição sobre dados estatísticos a respeito do bairro, dados demográficos, renda, formas de uso para o período de 1980 a 1986. Nos arquivos desta Secretaria conseguimos cotejar um conjunto de leis e decretos sobre a ocupação do solo uso e parcelamento, ao mesmo tempo, localizar obras sobre todo o processo de tombamentos no bairro.

5. CONDEPHAAT. Junto ao mesmo foi aplicado um questionário para avaliarmos a importância do bairro no conjunto patrimonial de São Paulo e expectativa deste Conselho em relação ao mesmo.

6. SEHB-SP (Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano - SP). Em entrevista neste órgão conseguimos localizar um documento sobre a abertura de concurso público em âmbito nacional para a Renovação Urbana e Preservação do bairro do Bexiga.

7. DPH - PMSP (Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo). Além da localização daquela obra inédita sobre o bairro da Bela Vista, conseguimos consultar a mapoteca, onde nos foi possível identificar antigos mapas de São Paulo e posição do bairro no conjunto urbano.

B) Coletas de Dados

1. Além dos dados obtidos pela Base de Dados - PMSP sobre as formas de uso do solo no Bela Vista, procuramos elaborar nossa própria coleta, pois aqueles se referem a dados gerais sobre o bairro, quanto para nós se fazia necessário perceber as diferenciações internas ao mesmo. Apesar daqueles terem sido valiosos quando queríamos generalizações sobre o Bela Vista como um todo, eles não se prestavam àquelas diferenciações internas. Mesmo sendo dados trabalhados com critérios de levantamentos diferentes, eles permitiram grandes contribuições. A Base de Dados trabalhou com os tipos de ocupações em metros quadrados; nós somente com a ocorrência dos fatos. Apesar das diferenças nos critérios, percebemos que as relações entre as grandezas se mantiveram próximas. Ex.

Uso	Nossa Pesquisa	Base de Dados- PMSP
Residencial	59,30%	55,42%
Comércio/serviço	37,08%	44,04%
Indústria	3,59%	0,49%

Este fato permitiu-nos grande margem de segurança no trabalho com os dados.

De um universo total de 2,775 lotes da área de pesquisa, nós investigamos 1.584, correspondendo, portanto, a 67% daquele universo. A escolha das ruas para o levantamento foi feita de tal modo que toda a área da pesquisa ficasse bem contemplada pela coleta, mantendo-se um equilíbrio entre as diferentes áreas do bairro. A base territorial para o registro das informações foi o lote, registrando-se para cada lote os vários usos encontrados para nossos ob

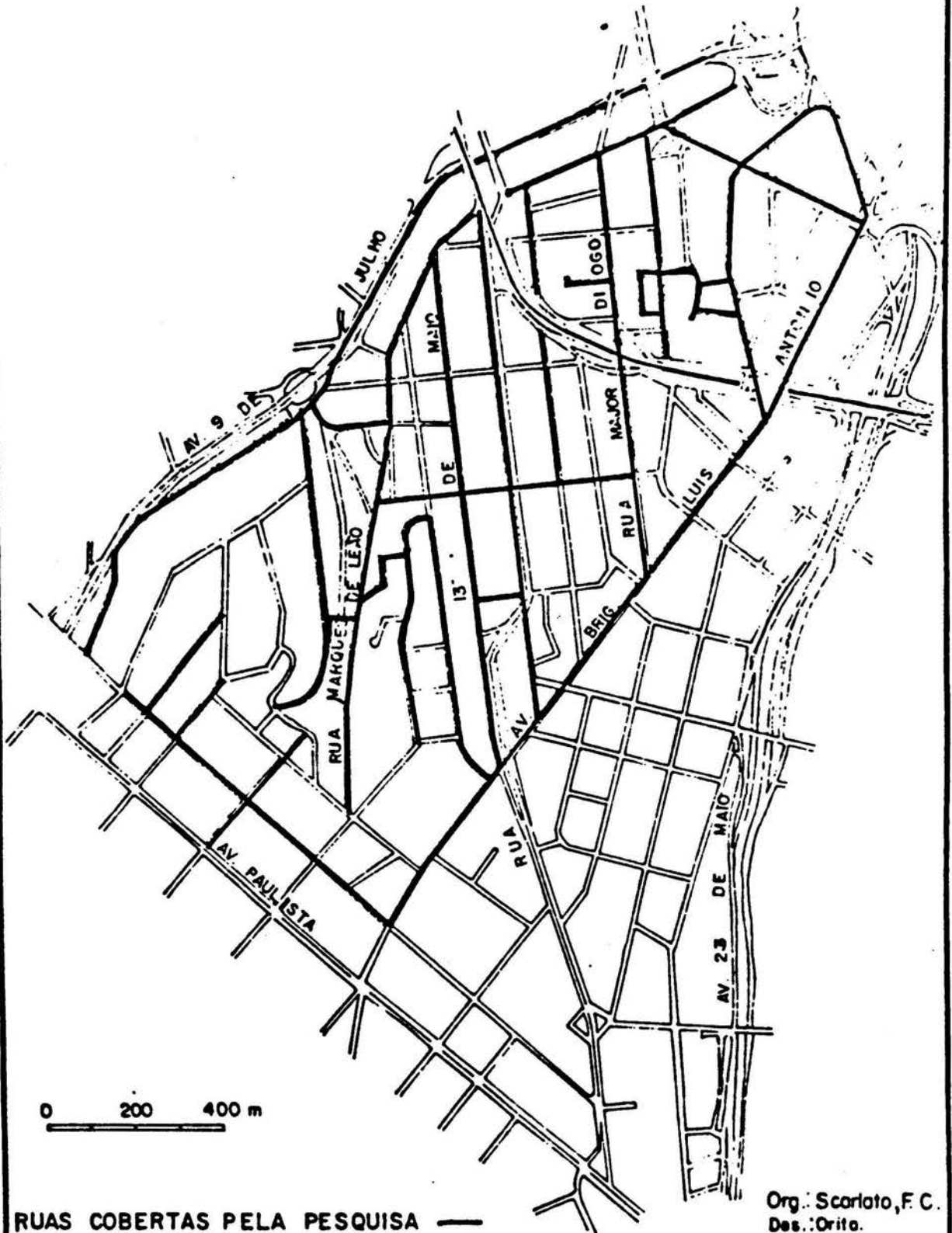
jetivos, tendo sido importante registrar, tanto a frequência do fenômeno quanto a espacialidade. Quando o mesmo lote apresentava mais de uma ocorrência, todas eram, pois, registradas. Não trabalhamos com o conceito de uso misto, pois este camuflaria os nossos objetivos. As ruas pesquisadas neste levantamento de uso do solo estão apresentadas em carta que acompanha este trabalho (Fig. 1). Para facilitar a coleta e seu respectivo registro na planta do bairro foi estabelecida uma codificação numérica para as formas de uso. Os dados coletados foram analisados em sua frequência visando perceber a concentração ou não do uso. Assim, conseguimos constatar que o bairro apresentava internamente tendências espaciais diferenciadas. A partir daí, dividimos o bairro em áreas compartimentadas. Compartimentação esta sobre a qual esta fundamentada grande parte da pesquisa. Não podemos dizer que este levantamento tenha revelado algo diferente que a nossa *praxis* já não tivesse revelado; o que nos permitiu foi a comprovação científica, metódica, dando-nos segurança nas conclusões, permitindo, assim, no dizer de Humberto Eco "que outros continuem a tese para contestá-la ou confirmá-la".

2. Entrevistas.

Não foram muitas as entrevistas por nós realizadas. No total foram umas dez, na medida que já havíamos localizado muitas e criteriosamente elaboradas pelo DPH-PMSP e contidas em seus arquivos. Para as nossas entrevistas procuramos selecionar algumas pessoas indicadas no próprio interior do bairro e que lá residissem há muito tempo. Cada discurso, depois de gravado, foi transcrito procurando-se manter a fidelidade da forma apresentada. Estas

RUAS COBERTAS PELA PESQUISA

FIG. 1



fontes foram muito importantes para trabalharmos com o universo da ideologia e do imaginário, temas fundamentais para nossa presente pesquisa.

3. Cobertura Fotográfica

Com a mesma procuramos deixar registrados os componentes básicos da morfologia urbana, como também, obter imagens dos pontos mais altos que possibilitassem uma visão completa do bairro - volume e forma do espaço edificado, permitindo-nos documentar e analisar a distribuição espacial do processo de adensamento, verticalização e alterações provocadas pelas grandes vias que passaram a cortar o bairro. Entre as 190 fotos tiradas, selecionamos algumas para integrar a tese. Estas fotos permitiram que percebesse - mos fenômenos identificados cartograficamente.

4. Elaboração cartográfica

2. INTRODUÇÃO

Ao caminharmos pelas ruas do Bexiga para realizar este trabalho de pesquisa tivemos que exorcizar todos os demônios da saudade e das paixões que nos ligam ao bairro. Não foi tarefa fácil. Em cada esquina e em cada casa uma lembrança. Lembrança da infância, da adolescência, vividas entre aqueles casarões e ruas estreitas. O rigor de método, a clareza nos objetivos a serem alcançados e o compromisso com a verdade representam o melhor caminho para exorcizar o "pecado da paixão". Se, de um lado, a existência vivida no bairro pode ser a garantia de um universo de informações históricas, capaz de servir de guia para a colocação e elucidação de problemas desta realidade, também, pode de outro lado, implicar na necessidade de um esforço maior para ver de forma transparente esta mesma realidade:

"Eis porque cremos ser lícito dizer que mesmo o mais experimentado e melhor dotado dos pesquisadores científicos não deve confiar unicamente na sua exclusiva experiência, mesmo quando esta lhe haja permitido obter expressivos triunfos na descoberta de propriedade dos corpos e de leis da natureza, para apoiado apenas sobre esta base necessária, mas por si só insuficiente, permitir-se emitir opiniões gerais, interpretativas doutrinárias, ignorando ou menosprezando o imenso esforço de esclarecimento racional que a filosofia vem secularmente produzindo. Precisa aproveitar o inapreciável capital representado pela vivência direta da ação investigado-

ra, a fim de submetê-lo ao influxo iluminador do pensamento teórico que, unindo-se ao exercício da pesquisa, numa síntese lógica superior, chegará então a compor a correta doutrina da pesquisa científica". (Vieira Pinto, p. 5)

A História, compreendida dialeticamente, permite-nos ver a realidade de forma transparente sem que sejamos excluídos dela. Coloca-nos como agente ativo e passivo no processo. Ao invés de negar a nossa experiência, o valor da nossa ação, valoriza-a. Ela passa a ser mais do que uma teoria para ser a própria consciência da realidade. Quanto mais transparente for, maior será a garantia de alcançarmos aquela síntese lógica superior:

"A atividade teórica em seu conjunto - como ideologia e ciência - considerada também ao longo de seu desenvolvimento histórico, só existe por e em relação com a prática, já que nela encontra seu fundamento, suas finalidades e seu critério de verdade..." (Sánchez Vásquez, p. 203)

Assim, a pesquisa de campo, mais do que dados empíricos coletados, permite-nos, neste caso, uma mudança gradativa no nível de percepção e consciência do bairro. Permite ver as mudanças fisionômicas e culturais. Sei que este não é mais o "Velho Bexiga". Porém, cabe-nos provar o fato, através da investigação histórica, à qual nos propomos a partir de agora. Não vamos nos colocar no passado, mas trazê-lo como referência para percebermos o que mudou e o que não mudou no tempo e no espaço. Assim, a realidade torna-se viva e dinâmica. A História torna-se processo dentro do qual poderemos nos situar, destilando nossas ideologias abrindo-nos para a *praxis*:

"...A *praxis* se nos apresenta como uma atividade material, transformadora e ajustada a objetivos. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é atividade espiritual pura. Mas, por outro lado, não há *praxis* como atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica. Isso significa que o problema de determinar o que é a *praxis* requer delimitar mais profundamente as relações entre teoria e prática..." (Sánchez Vazquez, p. 208)

Nosso propósito não é digressionar na História como mera atividade espiritual ou coletando material informativo, mas empenharmo-nos num trabalho cujo objetivo é estar presente e participando nas transformações do Bexiga.

O Bexiga real é o Bexiga histórico, uma totalidade concreta, transparente, onde podemos perceber suas contradições fundamentais, sem aquelas mistificações encontradas nos discursos dos "boêmios", jornalistas, escritores, pessoas interessadas em criar um mundo de fantasias para usufruírem benefícios econômicos ou então, em criar uma realidade espaço-temporal capaz de preservar-lhes a condição existencial. Portanto, em oposição ao Bexiga real temos o imaginário. Um mundo onde se finge que as coisas não mudaram; onde a ameaça do novo, que devora as tradições e com elas a lógica de uma existência tem que ser destruída. Desta forma criam-se alegorias, roupas velhas penduradas ao longo das ruas do bairro tentando criar uma atmosfera de italianidade; proposta para construção de grandes arcos, semelhantes aos existentes nas cidades italianas, na tentativa de se manter vivo algo que não mais existe, tornando-se mais um "ritual de mumificação" do que a garantia da per

manência viva daquelas tradições:

"Um novo espaço é construído, um velho espaço assume uma nova dimensão de significado. Para que isto ocorra é necessário uma dimensão coletiva. Uma dimensão coletiva ligada a uma exigência de fundamentação, refundação - mentação de valores". (Bettanini, p. 96)

O que se pretende dentro deste mundo imaginário é esta fundamentação de valores. Porém, o que não percebem é que todas estas representações alegóricas não encontram mais legitimação na realidade coletiva do bairro, que é necessário se buscar novos fundamentos para explicar o atual bairro, cuja essência não é mais a mesma. Sobre a natureza deste processo de renovação histórica, assim, se coloca Agnes Heller:

"...São elas os grandes túmulos da história, mas igualmente seus berços. Em determinado ponto, estruturas que foram essenciais submergem nas profundidades, para aí continuarem uma vida inessencial do ponto de vista social global; e outras se elevam, passando da inessencialidade à significatividade..." (Heller, p. 3)

A essência do real no Bexiga deve ser buscada na maneira como esta sociedade está aí organizada. No nível das suas condições concretas de existência, na divisão social do trabalho, nas formas de uso do espaço, no desenho das ruas e casas:

"Maurice Halbwachs mostrou, do mesmo modo, o papel desempenhado pelo espaço na memória coletiva, papel esse que se explica pela 'aderência do grupo ao seu lugar' no espaço, pelo fato de ter o lugar 'recebido a marca do grupo' e de haver, assim, um 'espaço jurídico', um 'espaço econômico', um 'espaço religioso'..." (Cuvillier, p. 142)

pede a mesma de propor soluções objetivas para ~~seus~~ problemas. Não será com roupas penduradas ao longo das vias públicas ou com projetos visando ressuscitar um italianismo agonizante que se resolverão os problemas básicos do Bexiga. Salvar sua memória não significa fantasiar o bairro, criar uma atmosfera de "irrealidade". Isto nos leva a invocar o seguinte pensamento de Umberto Eco: "Mas é claro que esse corpo-a-corpo com a história, ainda que patético é injustificável, porque a história não se imita, se faz..." (Eco, p. 37). Nós, no processo da produção do conhecimento e conseqüentemente da realidade, não podemos escolher pela existência ou não da instância do imaginário na mesma, mas cabe-nos a possibilidade da crítica da história para criar a sua transparência.

Entre muitas citações feitas pela imprensa sobre a realidade do Bexiga, repletas de romantismo e subjetividade, destacamos as seguintes: "...O bairro da Bela Vista, carinhosamente chamado de Bexiga, vem resistindo ao tempo...", jornal O Estado de São Paulo - 14/7/87; "O Bexiga não precisa de muito dinheiro, nem deste negócio de zoneamento, que ninguém entende o que é. O necessário é somente, que alguém inteligente resolva consertar um pouco as ruas, incentivar os proprietários a recuperarem seus imóveis, construir alguns estacionamentos...", declaração feita por um importante líder da comunidade do bairro ao jornal Shopping-News-City News - 30/8/87; "Que será do Bexiga? O bairro da Bela Vista está condenado, caso o projeto seja aprovado. "Como o Bela Vista, o nosso Bexiga, fica entre o Centro e a Paulista, a Comissão de Zoneamento entendeu que ele deve ter o mesmo adensamento da área central. É um raciocínio simplista. Não dá para aceitar uma

argumentação dessas. O Bexiga é um bairro tradicional da cidade, que ficará igual ao Centro. Toda sua tradição irá acabar, será expulsa pela valorização imobiliária" - jornal O Estado de São Paulo - 31/8/87; "Mas das velhas tradições do Bexiga, isto é, pois ainda restam, mais fortes que as lembranças, as memórias visuais: ruas estreitas e tortuosas, calçadas de paralelepípedos, postes enferrujados e velhos lampiões a gás... balcões e portões de ferro, janelas altas com bandeiras coloridas, persistem ainda, na memória auditiva e olfativa, a recordação do ruído e dos cheiros inesquecíveis das macarronadas". "Memórias Visuais do Bexiga", jornal da Bela Vista, maio de 1978.

A seqüência deste material publicado pela imprensa jornalística revela o tom apaixonado dos discursos quando falam do Bexiga. Em muitos momentos tem-se a impressão que as coisas do bairro pouco ou nada mudaram, que a preservação daquilo que ainda sobrevive poderá ser facilmente conseguida dependendo da força de vontade de algumas instituições, instituições estas que também podem ser questionadas em sua existência. São discursos ideológicos que deverão passar pelo crivo da nossa crítica histórica e geográfica para conseguirmos aquela transparência já referida.

Não é somente a imprensa jornalística que trabalha com um nível ideológico de discurso. Um número relativamente grande de trabalhos de pesquisas, publicadas ou não sobre o bairro, utilizam este tipo de discurso. Podemos afirmar que tivemos acesso às principais obras escritas sobre o Bexiga. Poucas foram aquelas que se aproximaram da realidade objetiva do bairro. As críticas a estas obras serão feitas ao longo do trabalho e mais detidamente na unida

de - Sobrevivência e Mistificações nas Tradições: Uma ideologia do "Bixiga". É esta realidade objetiva que procuraremos cercar.

O tema da pesquisa O Real e o Imaginário no Bexiga: Autofagia e Renovação Urbana no Bairro , surgiu como uma preocupação nossa com os desencontros entre o estado e a sociedade no Brasil.

Conhecendo de perto a realidade do bairro, sua situação histórica dentro de São Paulo e o que vem sendo escrito sobre o mesmo, verificamos que existe um desencontro entre a realidade objetiva e os discursos ideológicos sobre o mesmo, tanto por parte dos poderes públicos como dos membros da comunidade. Esta realidade está, cada vez mais, se tornando menos transparente. Os primeiros, criando projetos e mecanismos de intervenção no bairro de forma demagógica, revelando subliminarmente compromettimentos com segmentos da classe dominante, interessados no potencial imobiliário do mesmo; os segundos, lutando pela sobrevivência de suas tradições e interesses ameaçados pelas transformações urbanas, revelando nesta luta que representam uma minoria fragilmente organizada para enfrentar o jogo do sistema. Aqueles representando a racionalidade e o poder; estes, o romântico, arrematando os destroços do naufrágio, entre destroços, além das tradições, outros tipos de interesses individuais de natureza econômica, pouco transparentes no discurso em defesa daquelas tradições. Assim, o bairro do Bexiga faz emergir as contradições entre o estado e a sociedade, o individual e o coletivo, o velho e o novo.

O capitalismo "central" ou "periférico" seja como uma realidade histórica concreta ou como doutrina, revela-se, em última instância, incapaz de propor solução para os grandes problemas sociais à medida em que perpetua a dominação de classe, matriz de todas as injustiças sociais. O urbanismo, como tentativa de ajustamento entre a sociedade e a cidade, criando formas saudáveis de convivência social, encontra sérios obstáculos no capitalismo. As melhorias conseguidas na qualidade de vida urbana, significam a exclusão de uma parcela significativa dos benefícios criados.

Vivemos a realidade de uma sociedade capitalista. Dependente ou não, produz e reproduz tipos de relações discriminatórias e segregadoras, variando de uma situação para outra na escala de grandeza e não de natureza nestas relações. Isto nos leva a pensar o urbanismo capitalista como um instrumento não de superação das injustiças e conflitos urbanos, mas como uma forma de acomodação dos mesmos.

A realidade urbana do bairro do Bexiga é um desafio ao planejamento: preservar uma memória que se desfaz com os velhos casarões ocupados por uma população que ontem foi o italiano e o *oriundi*, tão caros para as tradições do bairro, vivendo lado a lado com os negros, definindo uma relação por muitos considerada integradora, mas que, na verdade, guardava uma profunda marca de racismo. Hoje, aí habitam simplesmente brasileiros, na maior parte homens pobres, tragados pela autofagia urbana de São Paulo. Os primeiros, outrora maioria, hoje se encontram reduzidos a quase minoria. Os imigrantes vindos de outras regiões do Brasil e que se dirigiram para o bairro do Bexiga contribuíram

para a perda de identidade cultural do mesmo. Hoje o "italianismo" do bairro é questionado; sobrevivendo em alguns setores comerciais como os restaurantes, padarias e festas religiosas como a de Nossa Senhora da Achiropita e São José. Os segundos, simplesmente chamados de nordestinos pelos primeiros, de forma discriminatória, ocupam a maior parte dos cortiços cujo número cresceu muito nos últimos anos.

O Bexiga está em transe. Este fato aparece de forma pouco transparente nos estudos e projetos de renovação feitos para o bairro. Intencionalmente ou não, parece-nos que estes projetos e estudos ignoram as profundas mutações ocorridas no Bexiga. As transformações irreversíveis pelas quais passou o bairro apresentam-se em descompasso com as propostas contidas nos projetos para a solução de seus problemas. Tocam na ponta do iceberg, subestimando problemas como: As condições de deterioração das edificações, a força do poder econômico sobre os imóveis "protegidos" pela Lei 28-200, a presença numericamente expressiva de uma população encortiçada, "desprotegida" pela lei e a mercê de ações do poder público, a exemplo da ação da Prefeitura de São Paulo sobre os cortiços das ruas Jandaia e Assembléia, colocando na rua centenas de pessoas para no lugar realizar obras de paisagismo urbano. O Bexiga vive o transe de um sistema incapaz de suportar suas contradições básicas, onde os interesses do grande capital ditam as regras do sistema e onde as leis do capital definem a natureza da urbanização fazendo da cidade seu centro nervoso. Os problemas do Bexiga representam o microcosmo de um processo de urbanização que é universal ao capitalismo. Problemas semelhantes são vividos em outros bairros e cida

des do sistema. A anarquia capitalista é a "camisa de força do planejamento", fazendo com que o capitalismo viva em constante transe, inviabilizando qualquer prática democrática de urbanismo. O "individualismo" como essência daquela anarquia, estará sempre favorecendo as classes dominantes na apropriação do espaço.

Dentro desta primeira visão generalizadora da urbanização e do urbanismo como forma de intervenção e planejamento urbano, cabe-nos as perguntas: - Se a produção e reprodução do espaço urbano seguem as leis gerais da acumulação do capital, onde residirão as diferenças específicas de uma cidade em relação a outra? Devemos admitir que aquelas leis gerais que regem a evolução e transformação do sistema, portanto, sua essência, criem um mundo material onde as formas se diferenciem em função de uma criatividade nascida das representações ideológicas produzidas no processo histórico? Valeria dizer que a produção econômica e material representam instâncias que se desdobram em outras que chamaríamos de culturais e ideológicas. As primeiras representariam a essência e as segundas o contingente da realidade.

Sabemos que a ideologia é a instância das representações formais da realidade concreta, nascida das relações concretas entre os homens. Quase sempre se abandonam no estudo das ideologias as bases geográficas nas quais foram produzidas. Como dissemos anteriormente, as ideologias são contingentes no processo histórico. Sua natureza está numa relação direta com aquelas relações que possuem uma espacialidade. Nos estudos de como nascem as ideologias, geralmente se invertem os papéis. O espaço geográfico,

que representa em última instância uma natureza histórica, enquanto instância econômica e material do real, aparece na maioria daqueles estudos como algo contingente e a ideologia como a essência do real.

Esquecem-se que as ideologias religiosas, políticas, econômicas, estéticas, e outras mais, aparecem na história em certas condições geográficas. Assim, sendo, o ponto de partida para a compreensão das mesmas é admitir que aquelas relações concretas entre os homens das quais elas nascem são também definidas no e com o espaço geográfico. Cabe, portanto, na relação espaço geográfico e produção ideológica definirmos o que é essencial e contingente. A dialética não deve ser entendida como uma pasteurização da realidade, usada como instrumento de ataque contra esta preocupação de diferenciação do que é essencial e contingente, tachando de "formalismo" tais preocupações. Sem diferenciarmos estas categorias não poderemos entender os saltos qualitativos na mudança histórica e tão pouco tentaremos compreender a geografia e as ideologias. Devemos pensar o espaço geográfico não mais como o "palco" onde se produzem as mesmas, mas como uma instância determinante.

Para podermos assumir uma *praxis* geográfica será necessário superarmos todas estas questões ou contentarmo-nos com a posição de "fotógrafos" da paisagem. Esta *praxis* passa pela compreensão de que o objetivo da Geografia - o espaço geográfico é um espaço produzido e "intencional" e não simples suporte social. Somente quando conseguirmos dar vida ao objeto da nossa ciência, quando compreendermos que seu objeto tem uma História e percebermos a dimensão intencional do mesmo e que determina formas de representações e ideologias que as pessoas se "enclausuram" em

representações de espaços, é que poderemos como geógrafos propor e agir nas transformações da realidade.

Neste universo de preocupações foi que surgiu o tema sobre o espaço geográfico do Bexiga, a busca de sua identidade geográfica. Quando conseguirmos perceber esta "identidade" com todas suas contradições, poderemos ter uma posição crítica sobre o futuro contido nos projetos elaborados para o bairro.

Assim dito, podemos partir mais objetivamente para a formalização da tese da pesquisa. O bairro do Bexiga é reconhecido como um centro de tradições históricas relacionadas com a imigração italiana dentro da sociedade de São Paulo. Porém, estas tradições e seu patrimônio arquitetônico e urbanístico encontram-se descaracterizados, definindo um novo perfil e uma nova identidade do bairro. A luta para sua preservação está condenada ao fracasso devido aos seguintes fatores: "Estágio avançado de deterioração da quase totalidade das antigas habitações; Legislação pública ineficiente na preservação do conjunto dos bens culturais e arquitetônicos e incapaz de conter o poder econômico da urbanização capitalista brasileira; A fragilidade organizacional e pouca representatividade das entidades comunitárias que lutam para a preservação das tradições do bairro; A pouca transparência para os setores públicos e da comunidade daquilo que sobreviveu do processo de metropolização que atingiu o bairro e efetivamente deva ser preservado como memória histórica. Para finalizar devemos ressaltar que a nova identidade e o novo perfil do bairro, ou seja: as novas formas de uso e ocupação do solo no Bexiga, estão cada vez mais distantes daquelas tradições, que so-

brevivem ainda nas ideologias de escritores, pequenos negociantes que se beneficiam com a preservação das tradições e no coração de alguns saudosistas que ainda não perceberam que estão "fora do lugar", "enclausurados" na ideologia do Bixiga.

À medida que a tese for comprovada, poderemos ver o Bexiga como uma realidade transparente, permitindo uma *praxis* verdadeiramente transformadora não só do bairro, mas também, de outros níveis da realidade social.

II PARTE

3. EVOLUÇÃO E AUTOFAGIA DO BAIRRO

"A sensibilidade, o pensamento, a consciência são os produtos mais elevados da matéria organizada de uma certa maneira..." (Lenine, p. 45).

Apesar de muitas mudanças sofridas na paisagem e formas de uso do solo urbano, o Bexiga ainda guarda lembranças deixadas do início do século XX: o traçado de suas ruas, a grande parte de suas edificações, que apesar das alterações sofridas nas fachadas, foram mantidas em suas estruturas, ou seja: nas relações existentes entre o lote e a planta. As funções econômicas que atualmente estão ocupando o bairro - atividades de serviços ligados ao lazer - contribuíram para a descaracterização de uma grande parte das fachadas originais destas edificações. Os proprietários, ao alugarem os imóveis para estas novas atividades, raramente demonstravam nesta transação alguma preocupação com a preservação das características originais destas edificações, sendo comum entre eles considerarem as alterações das fachadas, adaptadas às novas funções, como "benfeitorias", valorizando os imóveis para a exploração econômica. Sobre os imóveis "reformados", na passagem das chaves, poderiam cobrar melhores aluguéis. A partir da década de setenta, quando o bairro foi invadido por bares de encontro, casas de diversões noturnas, etc, a descaracterização foi fortemente acentuada e não se presenciou qualquer forma de participação do poder público na preservação paisagística do

bairro. Os proprietários, embalados por "gordos" aluguéis, entregaram os imóveis aos empresários para as alterações das antigas fachadas, em muitos casos, inclusive, para alterações das plantas originais. Cabe-nos lembrar aqui, a análise feita por Cervellati e Scannavini:

"O paralelismo e a estreita interdependência entre o desenvolvimento das forças produtivas e o desenvolvimento urbano, dão lugar a uma cidade que vai perdendo cada vez mais os caracteres de organização coletiva, para converter-se em algo cada vez mais relacionado com o modelo de produção capitalista." (Cervellati e Scannavini, p. 125)

Sabemos que o grande capital financeiro imobiliário desempenha um papel importante nas transformações do espaço urbano de qualquer cidade capitalista, porém, não devemos subestimar a ação da pequena burguesia e mesmo, do proletariado enquanto "classe em si" desprovida de uma consciência histórica de classe, neste processo desenfreado de transformações urbanas. A deterioração dos velhos casarões, hoje transformados em cortiços, revela a natureza especulativa da ação daqueles proprietários que, enquanto aguardam a valorização do terreno, vivem da renda de aluguéis, criando uma cadeia de sublocações. Desta forma a deterioração física das edificações torna-se quase inevitável. Por outro lado, pequenos proprietários e assalariados, vendo a perspectiva de obterem através de aluguéis uma renda complementar ao salário, passam a alugar os pavimentos inferiores de frente para a rua para atividades de serviços e mesmo industriais, como pequenas oficinas de marcenaria, consertos em geral e para aquelas atividades ligadas à vida noturna do bairro. Qualquer ação planejadora sobre o espaço

urbano capitalista terá que enfrentar sempre a ação da pequena burguesia e de um proletariado que para poder sobreviverem ou melhorarem sua condição de existência terão que entrar no jogo da especulação imobiliária capitalista. No Bexiga, povoado desde períodos antigos por uma população de pequenos artesãos e trabalhadores autônomos, estas relações acabam sendo reforçadas, principalmente entre seus mais antigos moradores, hoje os grandes defensores das tradições do bairro. Conciliar as exigências de lei de zoneamento, no caso, aquelas estabelecidas pela 28-200, com os interesses econômicos da população, torna-se difícil.

O Bexiga, ainda hoje, é ocupado em grande parte por edificações baixas, sobrados e casas térreas. Suas ruas e quarteirões, seu traçado viário nos dias de hoje, seguem bem de perto a planta original do bairro, aquela do século XIX, quando se iniciou o loteamento do mesmo. As grandes obras de engenharia alteraram as relações de circulação de muitas ruas, chegando mesmo, a obstruir algumas delas. Porém, as consequências para o bairro foram mais pela intensificação dos fluxos do que pela mudança das rotas que caracterizavam os antigos eixos implantados pelo projeto original. Deve-se acrescentar o grande elevado que foi construído sobre a rua Santo Antonio com a implantação do "Anel de Estacionamento do Centro 1".

Para uma melhor compreensão da atual geografia do Bexiga, faz-se necessário analisar sua inserção no processo de expansão urbana da cidade de São Paulo a partir do século XVIII, quando historicamente tivemos as primeiras referências sobre o bairro indicando sua localização e relações dentro da cidade.

Em Saint Hilaire (Viagens à Província de São Paulo), localizamos os anos de 1789-1792 como o registro mais antigo do nome Bexiga, referindo-se à área ocupada hoje pelo bairro. Nesta época tanto a economia de São Paulo como sua urbanização situavam-se dentro de marcos pouco expressivos, comparativamente aos centros dinâmicos da economia colonial brasileira. Diferentemente daqueles centros, voltados para uma economia de natureza exportadora, a cidade de São Paulo, com menor dinamismo, vivia mais em função de uma economia articulada internamente do que, como as demais, em função dos grandes mercados de exportação agrícola. Para Caio Prado Junior, a questão se coloca da seguinte forma:

"A descoberta do ouro em Minas Gerais, pouco depois seguida pela de Goiás e Mato Grosso, representa a meta final do esforço tenaz dos paulistas durante quase dois séculos, voltado ao reconhecimento de todo o território que havia de constituir o Brasil de hoje, e à procura de metais preciosos. Realizado este fim, São Paulo encerra sua obra e entra numa fase de prolongada estagnação. Não só interrompe sua expansão colonizadora, despoa-se... O século XVIII é um período em que toda a atividade da colônia está canalizada para as minas; a agricultura decai enormemente, mesmo no Norte, onde florescer com tanta pujança no século anterior. Esta fase de atividade extrativa que não dava margens para outras ocupações, ou dava-a em proporções muito pequenas, só se interrompe com o esgotamento, aliás prematuro, das minas. Isto mais ou menos pelos fins do século XVIII... O início do século XIX, marca por conseguinte o abrir de um período de reorganização econômica. A colonização do território paulista, sua ocupação e exploração, estacionaria e

mesmo em regresso durante o período precedente, se intensifica não só nas zonas já penetradas, mas nas demais que restavam por desbravar..." (Caio Prado Jr., p. 32)

Desta forma vimos que a força econômica de São Paulo dentro da sociedade agrário exportadora brasileira inicia-se verdadeiramente a partir do século XIX, o que não nega o fato de São Paulo durante a fase da mineração, ter definido sua *hinterland*, enquanto um "espaço marginal" na época. Somente a partir do século XIX é que a economia paulista, com o café, se projeta como centro dinâmico da economia brasileira.

O crescimento do bairro dentro da cidade de São Paulo esteve circunscrito a esta mudança no ritmo do crescimento econômico da cidade. Nas referências feitas por Saint Hilaire na obra citada, o bairro do Bexiga aparece como um espaço externo ao centro urbano de São Paulo; uma porta de entrada e de saída para os caminhos em direção ao interior e litoral da província. Enquanto a cidade viveu o século XVIII, poucas foram as mudanças verificadas nas funções e no espaço físico do "Piques".

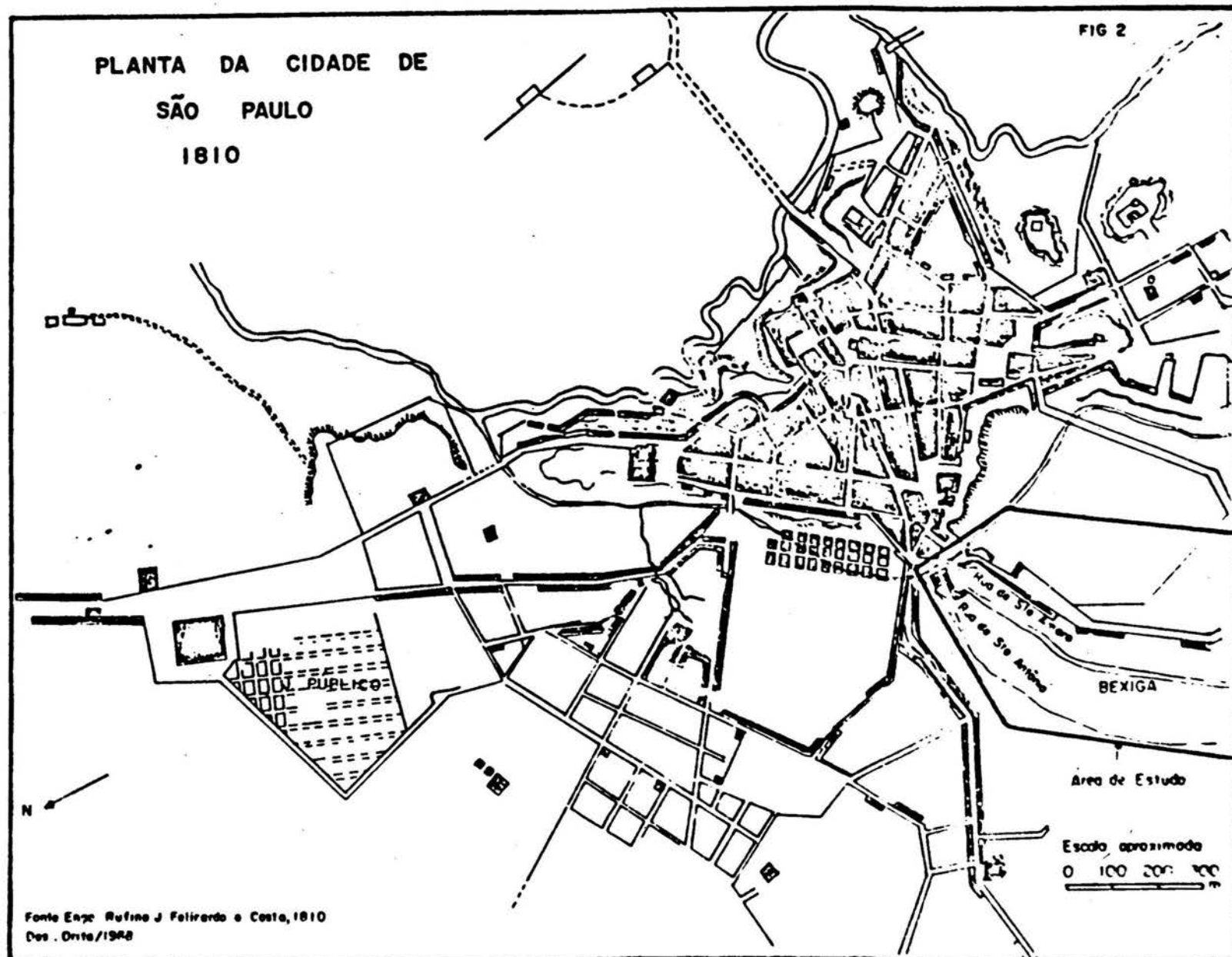
A partir do início do século XIX, quando começaram a se verificar mudanças significativas na economia brasileira, retomando-se o processo de crescimento da economia agrário-exportadora, dinamizando-se novamente a produção agrícola no Brasil, São Paulo passou a despontar como uma das regiões mais promissoras para a nova fase, seja através da produção canavieira ou do café, tornando-se este último a grande riqueza nacional, colocando São Paulo, a partir de então, na vanguarda do processo de crescimento nacional.

Até os fins do século XVIII, a cidade de São Paulo representava um espaço urbano de pequena significação:

"A situação pouco se modificou até os últimos anos do século XVIII. Mas sobretudo no começo do setecentismo - em torno de 1720 - era por isso ainda bastante reduzida a área da cidade. O seu núcleo urbanizado se concentrava todo no triângulo, cujos vértices - lembrou Alcantara Machado - ficavam as igrejas de São Francisco, de São Bento e do Carmo. À esquerda do Anhangabaú e à direita do Tamanduatei, na "banda do além" eram os campos de criação, os currais de gado, as matas do Caaguaçu e do Ipiranga, as chácaras e as casas de campo..." (Marzola, p. 20).

As terras nas quais se situava o Bexiga, ficavam na "banda do além". O Bexiga nasceu de uma daquelas chácaras localizadas ao redor do centro da cidade. Com o crescimento econômico da província, verificado a partir da segunda metade do século XIX, a mancha urbana, o espaço edificado da cidade foi se estendendo. A planta levantada em 1810 pelo capitão de engenheiros Rufino J. Felizardo e Costa (Fig. 2) permite-nos identificar aquele que foi o marco inicial do bairro - o Piques - ponto de partida para ocupações posteriores das "colinas do Bexiga" (Para os antigos moradores do atual Bela Vista, Piques é sinônimo do Bexiga, também chamado de "Baixo Piques").

O lugar representou um ponto importante para a cidade. São Paulo na época encontrava grande dificuldade para o abastecimento de água para a população. O Piques, onde hoje se localiza o largo da Memória com sua pirâmide, funcionava como um ponto de abastecimento de água coletada do "Tanque do Reuno" localizado ao longo do vale do Saracura no lugar onde hoje se encontra aproximadamente a rua Major Quedi



nho; talvez o "Baixo Piques" tenha surgido para diferenciar a parte mais baixa do vale, onde hoje está localizada a praça das Bandeiras, daquela parte mais elevada junto ao obelisco do largo da Memória na rua Quirino de Andrade. A praça das Bandeiras, ou "Baixo Piques", também era chamada de "Largo do Bexiga".

A referida planta não nos revela a presença de qualquer processo de urbanização entre o montante do riacho Anhangabaú - Alto Caaguaçu - correspondendo hoje ao espigão onde está localizada a av. Paulista e o vale do Saracura, hoje av. Nove de Julho. Esta área compreendida entre os dois riachos corresponde ao atual bairro da Bela Vista, antigamente "Chácara do Bexiga" (Fig. 3). Esta chácara estava localizada nos "campos do Bexiga" em terras do Barão de Limeira:

"A área do atual bairro do Bexiga, que compreende a região próxima à av. Paulista, tem remotas origens. Em 1559 estas terras pertenceram ao sítio do "Capão", de Antonio Pinto, que recebia este nome devido à importante floresta multissecular que coroava o espigão ...Entretanto, a existência do nome Bexiga relacionado a um espaço geográfico é do período entre 1789 e 1792. Em 1819, a chácara pertencia a Antonio Bexiga. Nela Saint Hilaire, o viajante francês, se hospedou por duas noites, em viagem a São Paulo. Posteriormente, foi propriedade de Tomás Luiz Alvares (Tomás Cruz), e por volta de 1850 foi vendida à firma Antonio José Leite Braga & Cia. Imbuído pela febre de urbanização, que contagiava a metrópole no último quartel do século XIX, Antonio J.L. Braga promoveu a demarcação, abertura de ruas e iniciou a venda de terrenos da chácara". (Lucena, p. 20)

O Piques era o único lugar da "Chácara do Bexiga" segundo a planta, que apresentava sinais de ocupação neste início de século XIX. Devemos lembrar que a atual rua Santo Amaro, que já recebia este nome na época, importante eixo de urbanização do bairro, compreendia, também, a área do Piques. Ai, segundo Saint-Hilaire, localizava-se a hospedaria do proprietário da "Chácara do Bexiga". Assim, se colocou Saint-Hilaire:

"Entrei na cidade, a 20 de outubro de 1819, por uma rua larga... Entraram os meus burros num pátio lamacento valado de um lado, cercado de outro por umas casinholas cujas portas abriram para este terreno, tantas quantas destinadas aos hóspedes. Bexiga alugava o pasto mediante o pagamento de um vintém (12 cêntimos) por noite e cabeça de animal, ficando o viajante dispensado de qualquer pagamento pela sua hospedagem". (Saint-Hilaire)

O vazio urbano entre o "Alto Caaguaçu" e o "Saracura" contrastava com a tendência que a urbanização tomava em direção à rua da Consolação, outro importante caminho em direção ao interior da província. Assim, o Piques, apresentava-se como um ponto de confluência das principais rotas de ligação da cidade. Daí saíam importantes caminhos de ligação da cidade com o resto da província: a rua Santo Amaro, ligando a cidade ao litoral de Santos. Esta rua também foi chamada de rua do "Curral", nela estava instalado o curral do Conselho que também servia de matadouro público, tendo sido citada em 1822 duas vezes: no mapa da cidade de São Paulo de Affonso A. de Freitas e na obra de Gaspar Bayron, intitulada "Ruas Principais de São Paulo". Além da rua da Consolação que ai se iniciava com

o nome de largo da Memória, tínhamos, também saindo do Piques, o "caminho do vale do Anhangabaú" ou Caaguaçu. Outro importante vale era o Saracura, tributário do Caaguaçu, que mais tarde, como já dissemos se transformou na atual av. Nove de Julho.

Até a segunda metade do século XIX, antes do grande crescimento que a cidade sofreria como resultado do surto do café, o bairro do Bexiga, hoje Bela Vista, resumia-se àquelas poucas edificações da rua Santo Amaro e largo do Bexiga. À medida que se consolidou a economia do café e com ela o crescimento da demanda de mão-de-obra, resultou na crise do trabalho escravo. As novas relações de trabalho assalariado, após a segunda metade do século XIX impuseram-se, determinando toda uma política de estímulo à entrada de imigrantes para trabalharem como homens livres e assalariados. As novas relações capitalistas passaram a criar novos mecanismos no processo de urbanização estimulando um intenso processo de especulação imobiliária. Iniciou-se, assim, em São Paulo a "anarquia urbana" capitalista:

"Dir-se-ia uma epidemia de urbanização, na opinião de Pierre Moonbeig, quando a cidade passa brusvamente entre 1890 e 1900, de 65 mil para 240 mil habitantes. Crescendo repentinamente, um tanto ao sabor dos interesses de vendedores de terrenos, a cidade carece, com urgência de um plano de urbanização: 'No norte da cidade, a epidemia de urbanização propagou-se a partir da Estação da Luz, Santa Ifigênia, Campos Elíseos, Bar Funda e Bom Retiro desenvolviam-se tão depressa como Brás. Os bondes Nothamn e Gleite em 1872, facilitaram-lhe o acesso, melhor ainda, ofereceram aos fazendeiros, ter

renos afastados no centro urbano para o estabelecimento de um bairro novo, de artérias bem traçadas, com verdadeiras avenidas e bastante espaço para construir luxuosamente, conforme o fôsto do dia; era o bairro dos Campos Elíseos, colonizado pelas melhores famílias paulistanas. Ao longo e de ambos os lados as vias férreas abriram-se ruas populares na Barra Funda e no Bom Retiro (1884-1886) pela reforma e prolongamento das ruas Helvétia e José Paulino. A conquista da Várzea encentou-se com as primeiras casas do Pari e do Canindê. Por seu lado, na margem direita do Tiête, o bairro de Santana conserva todo o seu ar camponês e quase não perturbava o seu isolamento". (Mendes Torres, p.111)

Neste surto de urbanização apontado por Monbeig, o bairro do Bexiga foi se estruturando. Segundo Célia Toledo Lucena, (Bixiga - Amore Mio): "em 1878 teve início o processo de arruamento e venda parcelada de lotes (Jornal da Província de São Paulo - 28/8/79 anunciava esta venda)". Nesta época, teve início o arruamento das ruas Santo Antonio (antigo vale do Anhangabaú), rua Major Quedinho, rua Major Diogo; rua 13 de Maio (antiga rua Celeste), rua da Abolição (misericórdia), av. Brigadeiro Luiz Antonio (como caminho para Santo Amaro) e da rua Martiniano de Carvalho (onde está hoje localizada a Vila Itororô). Em 1910, o bairro do Bexiga já estava caracterizado como um lugar de italianos.

Na obra de Ernani Silva Bruno é possível encontrarmos indicadores que revelam a importância da localização do Piques para a circulação urbana de São Paulo. Estudando os meios de transportes e caminhos na São Paulo colonial, assim se refere ao lugar:

"A planta de São Paulo de 1880-1870 de Afonso A. de Freitas assinalava a existência de um pouso ou rancho, um pouco além da ponte do Ferrão, na futura av. Rangel Pestana ... Do outro no Bexiga... O do Bexiga é o Lava-pês, observou Vieira Bueno, que eram os mais frequentados por serem procurados pelas tropas que passavam para Santos. O pasto do primeiro desses ranchos era 'o do vasto esvalvado e acidentado campo do Bexiga' ... Em 1861 - pedia a municipalidade auxílio ao governo da província para o prolongamento da rua da Casa Santa (do Riachuelo) até o largo do Bexiga que podia ser considerado continuação da estrada de campinas para Santos, 'evitando assim que as tropas transitem pelo centro da cidade'... Uma tentativa para diminuir a intensidade do tráfego de cargueiros na parte central da cidade que dava margem a tantas reclamações." (Silva Bruno, p. 597)

Esta posição de entrada para a cidade permitiu que aí se desenvolvessem as seguintes atividades:

"Ainda em 1877 eram realizadas, no largo do Bexiga, feiras de madeira... Acudiam nessas ocasiões à cidade cerca de 300 carros de boi, conduzindo madeira, enquanto outros carregavam, também de Santo Amaro e de ItapicERICA, lenha e pedra de cantaria... Além do local de feiras de madeira, e de pouso de tropas vindas do interior, no período de 1840 a 1860 o largo do Bexiga foi o local escolhido para o estabelecimento de companhias circenses ou de companhias de cavali-nhos, muito frequentes na época... No largo, junto ao obelisco do Piques, realizavam-se uma vez por semana, concorridos leilões de escravos... Ainda em 1830, toda a carne consumida na cidade de São Paulo, vinha do ma-

tudouro existente na ladeira de Santo Amaro... Em 1852 iniciou-se a construção de um novo matadouro, entre as ruas Humaitá e Pitangui... O matadouro não demorou por ali senão um quarto de século, até 1877, pois continuava poluindo o córrego do Anhangabaú, o que fez com que a Câmara Municipal resolvesse acabar com esse matadouro e construir um novo em Vila Mariana..." (Marzola, p. 52)

O processo de urbanização do Bexiga teve efetivamente seu início a partir de 1880, como tivemos oportunidade de registrar pelo anúncio no Jornal da Província de São Paulo de 28/8/89, quando começaram os loteamentos e arreamento do bairro. Acabava na cidade de São Paulo o "ciclo dos trovadores para começar o da indústria". "Caíam as rótulas, as mantilhas, arruavam-se o Campo do Chá, O Bexiga". Iniciavam-se para a cidade e para o bairro, grandes transformações. Até 1912, o bairro guardou o nome do Bexiga; a partir de então passou a chamar-se Bela Vista criando grande celeuma entre seus moradores.

3.1. Dos Primórdios à Primeira Metade do Século XX

Pela análise de Caio Prado Jr. os bairros de São Paulo cresciam sem qualquer plano de conjunto, como obra do acaso, como fruto de especulações com terrenos. Uma das intervenções públicas importantes, para mudanças no perfil arquitetônico da cidade, foram as disposições do Código de Posturas de 1875, proibindo construções de casas de meia água e do sótão de cumieira para frente. Assim na cidade, pela riqueza do café e com a entrada de imigrantes italianos, os "capomastri", como mão-de-obra qualificada para a nascen

te indústria da construção civil, cresceram os sobrados e palacetes aristocráticos. Para construção de muitas casas novas, contaram os moradores de São Paulo com a colaboração de arquitetos e empreiteiros italianos. A expansão urbana acelerada de São Paulo criava um quadro difuso, pouco harmonioso: "...essa falta de estilo harmônico não produzia boa impressão" - escrevia Maurício Lamberg em 1887." (Silva Bruno, p. 930)

São Paulo assumia ares de cidade européia, principalmente italiana: "O tipo comum de construções - as sinalava em 1894 o viajante Mácola - era os das cidades italianas das províncias" (Idem, p. 933).

O crescimento econômico e a consolidação das novas relações capitalistas na cidade fazia da mesma a expressão da segregação espacial do sistema. Os bairros cresciam demonstrando a dominação de classe. Bairros elegantes em contraste com os bairros proletários de "beira de estrada". A ferrovia criava ao longo do seu trajeto indústrias e vilas operárias. O Brás, Barra Funda, Ipiranga, Moóca, etc, foram profundamente marcados pela expansão ferroviária. Passaram a ser caracterizados tipicamente como bairros proletários.

Em 1910, inaugurava-se o bairro do Jardim América. A av. Paulista já havia há poucos anos, sido inaugurada. O rápido crescimento dos bairros ao redor do centro da cidade, vinha sendo acompanhado por profundas transformações neste centro: "Silva Teles achava em 1907 um absurdo que ao lado do futuro Teatro Municipal - que ficaria pronto dentro de poucos anos - se estendesse "uma fila repugnante de fundo de velhas casas e primitivas habitações".

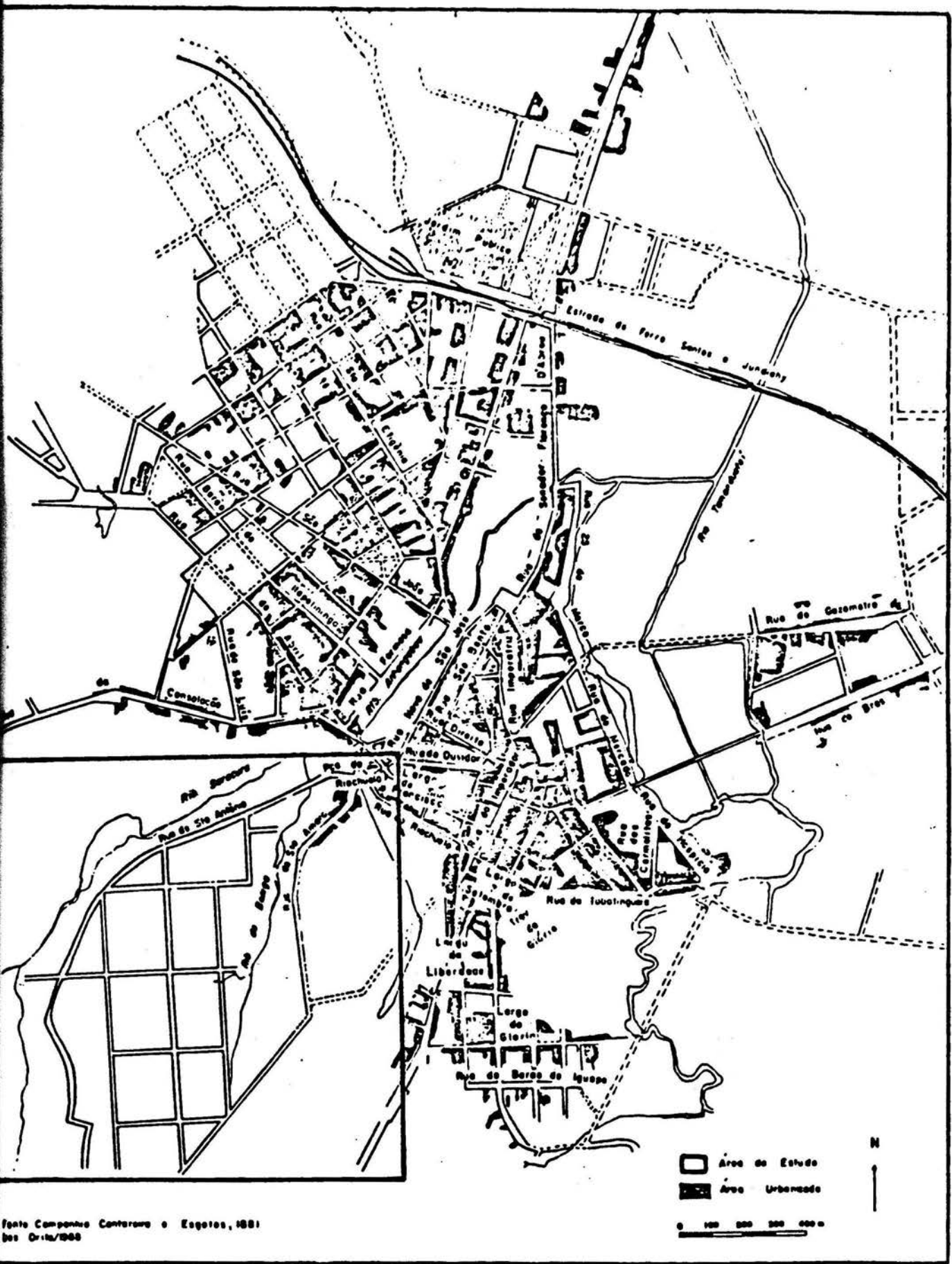
(Silva Bruno, p. 952). A segregação como pode ser vista não estava somente na produção espacial mas também no discurso da classe dominante.

Concomitante ao crescimento destas áreas aristocráticas como a av. Paulista, Higienópolis, Brigadeiro Luiz Antonio (estando esta última incorporada hoje ao Bairro da Bela Vista), cresciam, também, os bairros modestos e proletários. O Bexiga era já um destes: "...nenhum conforto - escrevia Bandeira Jr. em 1901 - tem o bairro proletário nesta opulenta e formosa capital... Casinhas e cortiços, sobretudo os do Brás e do Bexiga..." (Idem, p. 956). O Bela Vista, herdeiro do Bexiga, no seu processo de expansão acabou incorporando espaços muito diferenciados. A avenida Brigadeiro Luiz Antonio apresenta, mesmo que de forma descontínua, a presença de velhos casarões, antigos sobrados cujas fachadas e varandas ladeadas por jardins, demonstram terem pertencido a classes sociais de alto poder aquisitivo. Ao longo da rua Santo Antonio, Major Diogo, av. Brigadeiro Luiz Antonio etc, existem testemunhos de um patrimônio arquitetônico que demonstra um descompasso em relação à tendência geral de ocupação do bairro.

O Bexiga, pela posição geográfica em que se encontrava no conjunto urbano, desde o final do século passado e primeiras décadas do atual, acabou guardando uma natureza difusa quanto às formas de uso do solo e estilos arquitetônicos. Enquanto o núcleo histórico do Piques já existia nesta parte baixa ao longo do Anhangabaú, as partes das colinas, mais ao sul, continuaram por muito tempo totalmente despovoadas (Fig. 4). A ocupação destas últimas foi feita pelas classes mais aristocráticas de São Paulo. Em 1894, foi aber-

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO

1881



Fonte Companhia Cantareira e Esgotos, 1881
Des. Grilo/1988

ta a av. Brigadeiro Luiz Antonio nas terras da chácara do Barão de Limeira:

Em 1891, as tabelas para carros e tilburis ainda mencionavam algumas chácaras que serviam de limite às zonas ou seções dentro das quais se cobravam certos preços, como para a chácara do Dr. Albuquerque, no Bexiga..." (idem, p. 1030).

A presença desta aristocracia que passava a ocupar os grandes vazios do bairro ainda pode ser testemunhada por algumas edificações sob a proteção da ZB-200, a exemplo dos palacetes situados na av. Brigadeiro Luiz Antonio no nº 826 e outro na esquina da mesma av. com a rua Humaitá, além de outros em elevado estágio de deterioração e descaracterização das fachadas, assim como aqueles que foram demolidos, entre eles, o velho palacete na esquina da av. Brigadeiro Luiz Antonio com a rua dos Ingleses. O da esquina da rua Humaitá, conforme pode ser comprovado no seu frontispício, data de 1908. Na mesma avenida, com características arquitetônicas mais modestas, encontramos, também, outra residência com data de 1905. Esta última quase na esquina da av. Paulista. Assim, podemos chegar a conclusão de que a parte interna do bairro, aquela que se estendia entre o alto Caaguaçu, o ribeirão Bexiga, tributário do Caaguaçu, e o ribeirão Saracura já se encontrava em acelerado processo de urbanização. Alguns dos casarões encontrados na altura das ruas Conselheiro Ramalho, Manuel Dutra, Fortaleza, Major Diogo e Treze de Maio, em lugares, portanto, bem distantes entre si, datam deste início de século. Como dissemos anteriormente muito destes casarões demonstram terem sido construídos por famílias que representavam



Foto 1: Casarão localizado na rua São Domingos, datado de 1889. Arquitetura que testemunha a ocupação italiana naquele final de século. (Ano: 1988)

uma elite dentro da área, caso do casarão da rua Major Diogo nº 353. Para o mesmo foi feita a seguinte referência histórica:

"Residência que foi propriedade da família Mello Freire, datada de 1907, obra de "capomastro", que, na verdade, representou na época uma solução elitista ligada aos partidos das velhas chácaras de arrabalde, com sua varanda lateral intimamente ligada a um jardim recortado em pequenos canteiros simétricos. Uma das mais antigas residências do bairro deve ser conservada, antes de tudo, pela sua representatividade." (Bens Culturais Arquetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo, p. 232).

Caso também do situado na avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 826:

"Residência projetada por Giuseppe Sachetti para Cláudio Souza, proprietário da Vila Economizadora. Construída de 1907 a 1911, possui movimentado frontispício... criando uma complexidade típica *Art Nouveau*... Este exemplar também foi objeto da fúria demolidora de seu proprietário, fúria só a muito custo contida com o auxílio de força policial. Todavia o imóvel ainda está ameaçado, pois embora listado como bem cultural na Lei nº 8328/75 (que infelizmente é desprovida de instrumentos legais que garantam efetivamente a preservação desses bens) e tombado pelo CONDEPHAAT, teve, logo em seguida seu tombamento incimprensavelmente cancelado". (Bens Culturais Arquetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo, p. 233).

Estes dois exemplos, além de revelarem a presença daquela parcela de aristocracia dentro do bairro, documentam, mais uma vez a contribuição italiana com seus

"capomastri" para a construção do mesmo. De caráter bem modesto e bem distante dos dois prédios acima mencionados, temos um localizado na bifurcação da rua Santo Antonio com a rua 13 de Maio. No frontispício do mesmo está registrada a data de 1905. Assim, torna-se difícil duvidar que o Bexiga, neste início de século, já se encontrava povoado na sua maior parte. Devemos considerar, também, que o "Velho Bexiga" parece não ter sido somente, como escrevia Bandeira Jr. um bairro de "casinhas e cortiços", mas um bairro com quadro urbanístico e arquitetônico "difuso e pouco harmonioso" colocando-nos mais próximo daquela observação feita por Maurício Lamberg em 1887. Mesmo considerando que aquele autor tenha se baseado na paisagem arquitetônica da parte baixa da rua Santo Antonio ou da rua Santo Amaro na sua época, torna-se difícil aceitar a generalização feita ao Bexiga de um bairro de "casinhas e cortiços". As casas existentes nestas duas ruas neste início de século, apresentavam-se como casas térreas ou sobrados, ocupadas por uma classe social que estaria muito perto daquelas que hoje chamamos de "classe média baixa" e onde poderíamos ver o trabalho arquitetônico, cuidadoso e artístico dos "capomastri".

O bairro cresceu dentro de um processo desenfreado e sem qualquer plano ordenado de espaço. Na verdade, as únicas áreas do bairro que apresentam uma unidade no padrão das suas construções, em função do momento histórico da sua integração ao bairro, são o alto da Grota e do Espigão ambas de ocupação mais recente e por uma população de maior poder aquisitivo. A ocupação destas duas áreas se fez seguindo os padrões dos novos bairros jardins do início do século, sustentado pela "nova burguesia urbana" e por uma emergente e "próspera classe média". Este crescimento este-

ve ligado à onda de especulação imobiliária que invadiu a cidade naquele final de século. Queremos, aqui, mais uma vez, invocar Célia Tolêdo Lucena:

"Assim, A Província de São Paulo, em 23 de junho de 1878, anunciava: 'Vendem-se por propostas todas as matas dos terrenos do Bexiga, pertencentes a A.J.L. Braga & Companhia - os pretendentes podem examinar desde já. A.J.L. Braga & Comp.' '...A firma Antonio José Leite adquiriu os terrenos de Tomás Luís Alvares, em meados do século XIX e a partir de 8 de maio de 1878, A Província de São Paulo publicava anúncios do loteamento dos pastos do Bexiga. Braga deixou seu nome marcado no processo de urbanização da área...' Nessa febre de urbanização, os anúncios se repetiam: 'Terrenos para todas as bolsas! Terrenos muito bem situados nos campos do Bexiga, vendemos às braças ou mesmo em lotes, com matas ou campos, à vontade do freguês e por preço sem concorrência. Tem várias fontes de água pura, lindos panoramas e ar saudável. Ruas de 60 palmos de largura. Preços baratíssimos. Desde 20 até 50 mil réis a braça, todos com trinta braças de fundo ou mais. A planta se acha nas oficinas de móveis Santo Antonio, no Bexiga. Tratar com os proprietários na mesma oficina, Sr. José Leite Braga. Aproveitem o preço!' (A Província de São Paulo, 27/6/78)", (Lucena, p. 32).

Segundo a planta da Capital do Estado de São Paulo publicada por Jules Martin (Fig. 5) em 1890, o Bexiga já apresentava um traçado urbano bem próximo do atual. Suas principais ruas já estavam traçadas. A forma em "tabuleiro de xadrez" com suas quadras em ângulo reto dominava toda a área compreendida entre a Grota e o ribeirão

Bexiga que permaneciam ainda desocupadas. O arruamento inicial do bairro se fez sobre as partes mais aplainadas daquelas colinas. A zona do espigão também continuava vazia. As ruas que aparecem na planta de Jules Martin que marcam o início da urbanização do Bexiga, foram ocupadas por lotes de testadas estreitas, raramente ultrapassando 10 metros, porém, apresentando fundos muito longos em relação às frentes estreitas. Estas quadras acabaram sendo pulverizadas por pequenos lotes em função das "bolsas mais pobres" que passaram a ter acesso a este loteamento. Os italianos, que nesta época eram os imigrantes que mais entravam em São Paulo, foram os que passaram a dominar o processo de ocupação destas quadras. Os "capomastri", homens sem diploma que aprenderam o ofício como herança de pai para filho, que desenhavam na terra, com a ponta do guarda-chuva, as plantas das casas que construíam, deixaram suas marcas no perfil urbanístico do bairro e de outras localidades da cidade. A quantidade de italianos que afluiu para São Paulo entre 1882 e 1891 foi muito grande. Segundo registro da Sociedade Protetora de Imigrantes da época, dos 263.196 imigrantes que entraram entre aquelas datas - 202.503 eram italianos. Portanto, o período de colonização e loteamentos das terras do Bexiga coincide com um período de intensa imigração italiana. Aqueles que chegavam a São Paulo e dispunham-se a comprar algum terreno viam-se fascinados pelas ofertas das terras no Bexiga. Obviamente que não se dirigiram somente para este bairro: o Brás, a Barra Funda, também receberam estes imigrantes. Para o Bexiga foram predominantemente os calabreses, na tentativa de formarem sua comunidade. Segundo depoimentos feitos por antigos moradores, a chegada era sempre precedida de uma relação com o

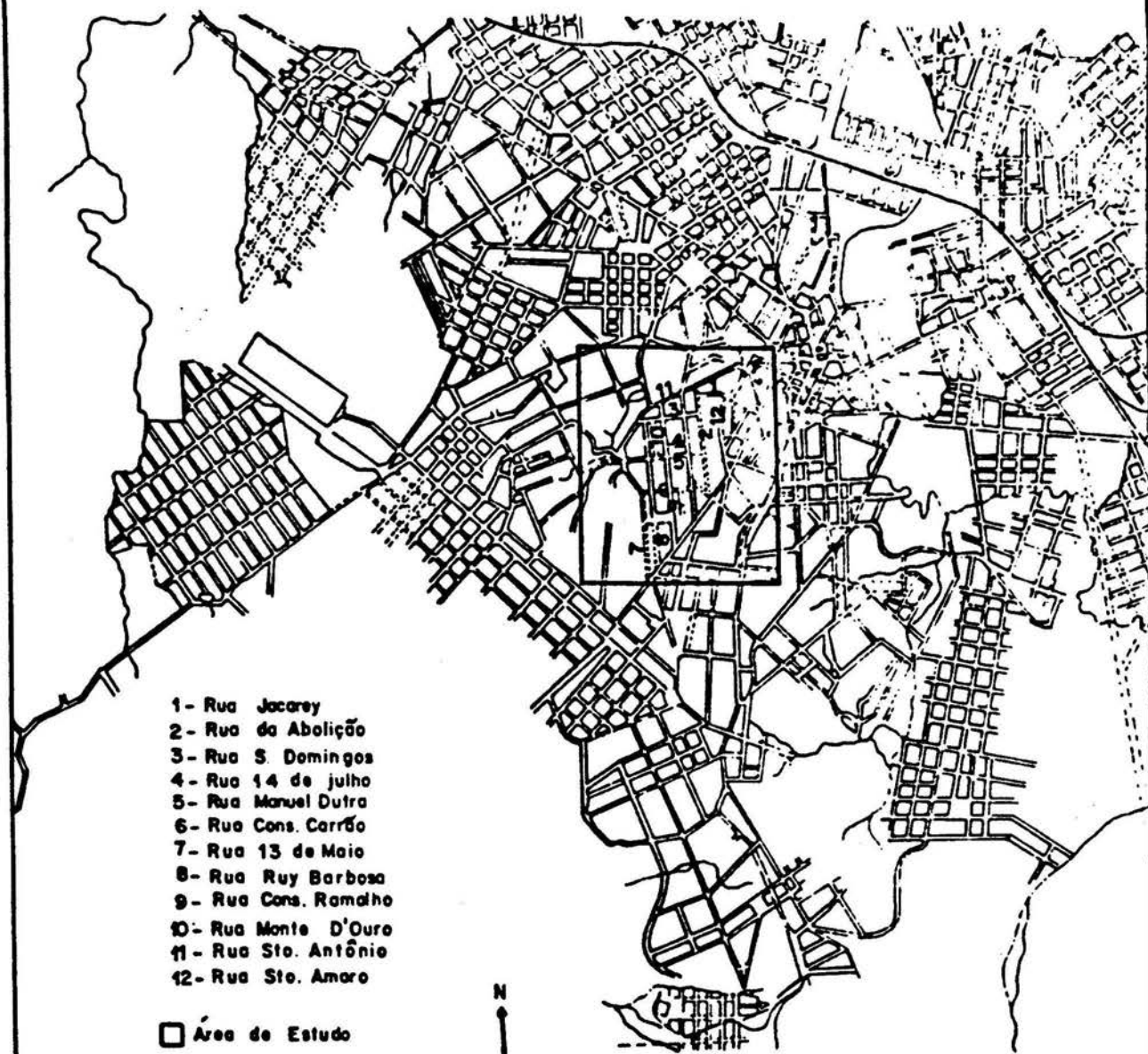
compatriota no exterior, ou então, quando aqui chegavam, buscavam localizar-se junto daqueles que falavam o mesmo dialeto e tinham o mesmo lugar de origem. Assim, entre o "Baixo Piques" ou o "Velho Largo do Bexiga" e a atual rua Fortaleza, limite mais extremado ao sul das "colinas do Bexiga", os italianos ocuparam seu pedaço.,

Em poucos anos o Bexiga foi incorporado à grande mancha urbana de São Paulo, fazendo parte de uma das áreas mais centrais da cidade. Observada a Planta Geral da Capital de São Paulo, organizada sob a direção de Gomes Cardim de 1897 (Fig. 6), o bairro do Bexiga já estava "encravado" dentro do tecido urbano paulistano. O único espaço praticamente vazio era a região da Grota, devido a dificuldade em lotear-se a área em função do seu relevo muito ingrime. O alto do Espigão, da rua São Carlos do Pínhai até a al. Jahú já se encontrava urbanizado. O Vale do "ribeirão Bexiga" (hoje ocupado pela rua Japurá e sobre o qual está construída a Câmara Municipal de São Paulo), que na carta anterior ainda aparecia como um vazio urbano, nesta última, aparece já incorporado ao arruamento do bairro. O Morro dos Ingleses, ainda não estava ocupado. Este "Belvedere" paulistano, em cujas encostas estendia-se a rua 13 de Maio, foi uma das últimas áreas do Bexiga a ser ocupada. A sua ocupação foi feita, assim como toda a área do espigão, por uma classe social de alta renda, o que permite compreender a discriminação existente entre estas duas regiões pelos antigos moradores do bairro.

O Bexiga emergia, ocupando as colinas terciárias de São Paulo, fugindo dos fundos de várzeas, constantemente inundadas. Para Maira Cecília Naclério Homem

PLANTA DA CIDADE DE SÃO PAULO

1897



Fonte: Gomes Jardim - Intendente de Obras.
 Des.: Orife/88

esta ocupação aconteceu da seguinte forma:

"A elite paulista ocuparia gradativamente a zona Oeste da cidade numa trajetória que incluiu Higienópolis. Este viria a ser exatamente o primeiro degrau de sua ascensão rumo à av. Paulista... Enquanto mais próximo do centro, no sopé do espigão, antigas chácaras cediam lugar a bairros médios como a Consolação, Santa Cecília, Vila Buarque e a Liberdade e no alto do espigão, a Vila Mariana. Higienópolis surgiu na encosta do mesmo, numa seqüência dos Campos Elíseos. E, subindo sempre, as residências alcançaram o alto do Espigão, onde se instalam, acompanhando fielmente a av. Paulista. Já então a progressão cafeeira se interrompera, as novas fortunas saem da indústria e do comércio quase todo em mãos de estrangeiros, imigrantes enriquecidos nesta Canaã americana: a Avenida Paulista será o bairro residencial dos milionários desta nova fase da economia paulista, estrangeiros ou de recente origem estrangeira quase todos... Quanto aos bairros industriais e operários formaram-se nas terras mais baixas, das várzeas dos rios Tietê e Tamanduateí o que foi propiciado pelo custo inferior das terras e pela presença das ferrovias, as quais promoveram a organização do espaço naquela parte da cidade..." (Naclério Homem, p. 24).

Assim, o capitalismo e a sociedade de classes davam os contornos nas formas de uso do espaço urbano. As pessoas se acomodavam aos lotes e passavam a definir a estética e a qualidade das habitações em função das suas rendas. Nos bairros aristocráticos, fazendeiros e industriais construíam grandes palacetes seguindo os modelos e plantas trazidos da Europa. Falando sobre a construção do palacete de D. Veridiana no Bairro de Higienópolis, assim

se coloca a autora Maria Cecília Naclério Homem:

"D. Veridiana vinha de sua chácara na rua da Consolação... Em 1877 separou-se do marido... No ano seguinte adquiriu o terreno de Sta. Cecília onde construiria em 1884 um palacete... Trouxe a planta da Europa, em estilo Renascença francês, a qual foi construída pelo engenheiro Luiz Liberal Pinto com material todo importado..."

Estas informações a autora obteve do historiador J.F. de Almeida Prado (ou Yan de Almeida Prado) descendente de uma das mais tradicionais famílias de São Paulo. Assim também procedeu a família Alvares Penteado. Estas tradicionais famílias paulistas, seus descendentes e amigos acabaram povoando aqueles bairros da zona oeste da cidade, assim como o espigão.

Para o bairro do Bexiga, ocupado por trabalhadores imigrantes, artesãos, o contorno foi outro. Ao invés do isolamento dos grandes palacetes, contornados por enormes e esplêndidos jardins, onde a rua ficava do "lado de fora" da casa, procurava-se alinhar as casas diretamente para a rua. Porém, segundo Nestor Goulart, significativas mudanças passaram a ocorrer com aquelas residências alinhadas diretamente para a rua:

"Um novo tipo de residência, a casa de porão alto, ainda 'de frente da rua' representava uma transição entre os velhos sobrados e as casas térreas... a nova fórmula de implantação permitiria aproximar as residências da rua, sem os defeitos das térreas, graças aos porões mais ou menos elevados... Nosso caso, para solucionar o problema do desnível entre o piso da habitação e o plano do passeio, surgia uma pequena escada, em seguida a porta de entrada. Após a escada, a proteger a intimidade do interior da vista dos passantes..."

Esse tipo, que representava uma renovação, dentro dos velhos moldes construtivos, teve larga difusão... Com esses traços alinhavam-se nas ruas Santo Antonio e Santo Amaro, em São Paulo... (Reis Filho, p. 40).

Esta opção pelas casas de porões altos que caracterizou a maior parte das casas do Bexiga, veio permitir a exigência de uma forma de vida onde casa e rua formavam um espaço psicológico integrado. Ao mesmo tempo que o porão, elevando o "para-peito" das janelas a um nível que impedia ao transeunte avistar o interior da residência, preservando a intimidade da família, permitia, também, ao morador desfrutar do prazer de acompanhar os acontecimentos sociais que ocorriam na rua. Esta modalidade de habitação, que se propagou em grande parte pelos bairros de São Paulo, no Bexiga, passou a definir um traço cultural do mesmo. Conforme podemos observar na foto contida no início do livro de Nadia Marzola - Bela Vista - uma das antigas moradoras do bairro, Dona Antonieta, "deleitava-se em acompanhar tudo o que acontecia no pedaço, sempre apoiada sobre sua almofada - "um relicário de família" disputado inclusive pela filha, ambas permanentes observadoras daqueles acontecimentos. Assim como Dona Antonieta, outras pessoas se perpetuaram na memória de seus moradores como "eternos vigilantes" das ruas do Bexiga. As ruas, prolongamentos naturais das casas, permitiam um convívio estreito. As pessoas se comunicavam pelas janelas, fosse com aquelas que passavam pelas ruas, ou então, com outras em janelas mais distantes. A estrutura do Bexiga na sua maior parte em tabuleiro de xadrez e a inexistência de praças, não fazia do bairro, como muitas vezes se apregoa, um espaço tão acolhedor.

Pequenas vilas em ruas sinuosas na verdade eram muito poucas no bairro. Enquanto o automóvel não havia invadido este espaço, as ruas desempenharam bem o papel acolhedor representado pelas praças. Ao longo daquelas ruas era comum as pessoas colocarem mesas e cadeiras demonstrando estreitos vínculos nas relações de vizinhanças. Enquanto o espaço casa e rua estreitava as relações entre as pessoas permitindo um convívio de grande intimidade no Bexiga, outras se isolavam nos grandes palacetes circundados de jardins nos bairros aristocráticos. As relações de vizinhança nestes últimos, estiveram sempre revestidas de grandes formalismos.

No Bexiga, um bairro mais humilde, observamos que aquelas classes de menor poder aquisitivo e distantes do poder político e econômico representado pelos habitantes daqueles bairros aristocráticos, também deixaram suas lembranças registradas através do patrimônio arquitetônico do mesmo. Eram detalhes decorativos e medalhões colocados nos frontais das casas, vasos e estatuetas, janelas com bandeiras com vidros coloridos, balcões e portões com ferro artisticamente trabalhados que, além dos enfeites decorativos serviam, também, para denotar a importância do seu proprietário. Estes balcões, nos dias de festas do bairro, davam um ar de nobreza para aqueles proprietários. Tudo isto demonstrava a necessidade de uma classe que também se preocupava em firmar sua identidade nas formas de uso do espaço, onde este todo, apesar da descontinuidade de estilos e efeitos decorativos, criava um clima romântico que preservava a escala humana entre os espaços interiores e exteriores na interação casa e rua. O

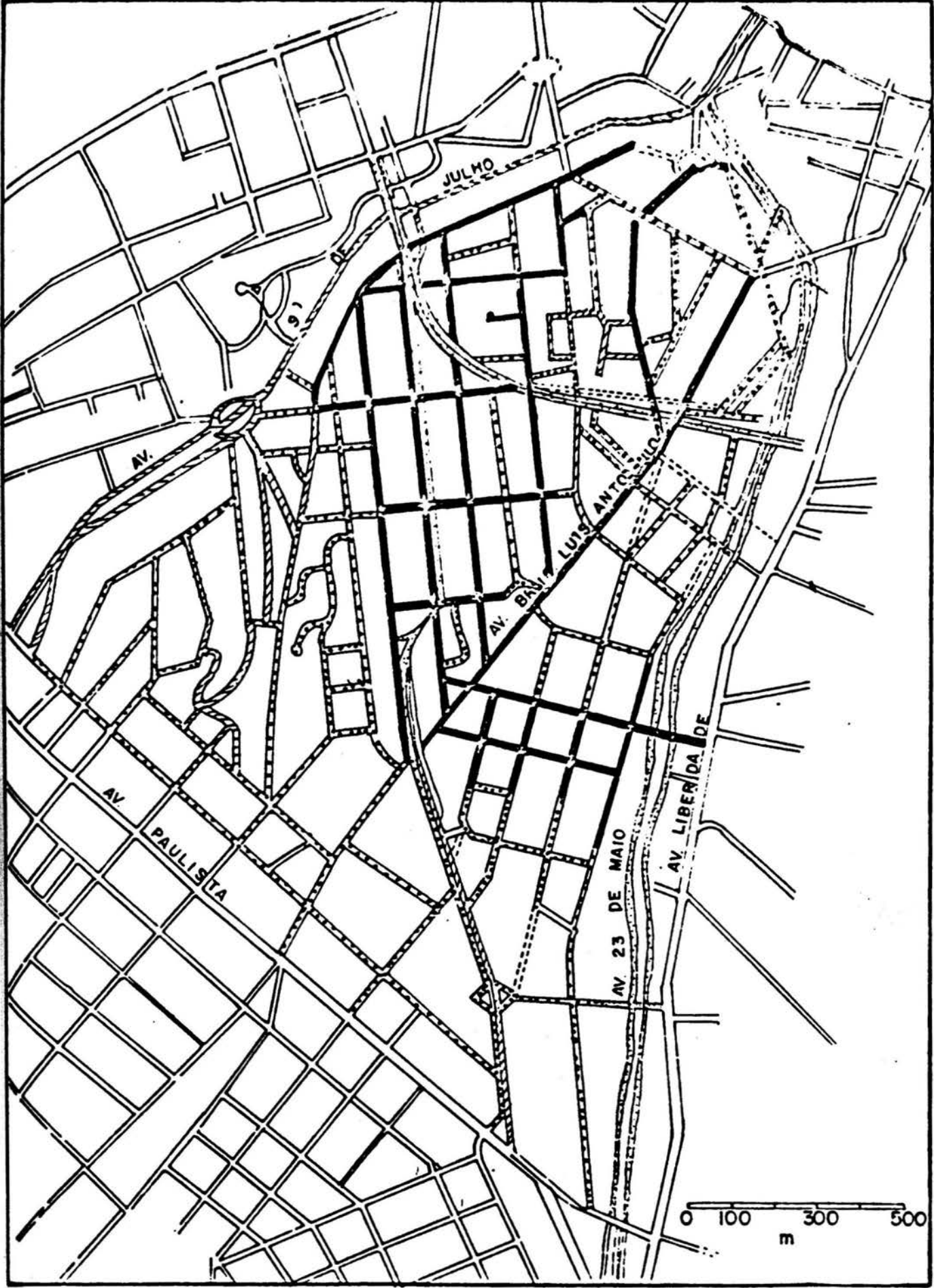
conjunto de casas e sobrados, sem grandes altitudes e imposição de grandes massas de concreto, permitia ao morador viver um espaço onde o interior e exterior destes espaços se harmonizavam.

Pelos idos de 1950, o bairro guardava ainda características que lembravam as primeiras décadas do século, das casas de testadas estreitas e quintais longos, se podiam ainda observar lembranças das antigas chácaras: eram jabuticabeiras, abacateiros, grandes taquarais, hortas, que muitas vezes levavam à prática de uma "economia de trocas", fortalecidas pelas relações de vizinhanças, lembrando muito comportamentos de bairros rurais, remanescência de uma tradição do bairro dos fins do século passado, quando os acadêmicos de direito procuravam o Bexiga, atraídos por estes pomares e pelo bucolismo de uma vida rural. Não raro, encontrávamos estâbulos pertencentes aos "carroceiros" que viviam da venda de frutas e verduras pelas ruas do bairro e da cidade. Ao longo da rua Treze de Maio encontravam-se alguns destes estâbulos, lembrando muito os costumes e a paisagem de lugares daqueles *contadinos* que trouxeram para o Bexiga a marca da sua cultura, que para nós acabou se resumindo na expressão "carroceiros", usada muitas vezes pelos da terra com tom pejorativo.

Apesar da expansão urbana acelerada de São Paulo, buscando limites cada vez mais distantes do velho centro, criando uma periferia desordenada pelo impulso da exploração imobiliária do solo urbano nesta primeira metade do século XX, fato que se acentuaria a partir dos anos cinquenta (Fig. 7), muitas áreas do Bexiga e demais bairros do entorno ao centro, encontravam-se vazias. No Bexiga tí-

BELA VISTA_ EVOLUÇÃO URBANA E TRANSFORMAÇÕES.

FIG 7



 1870 (fonte: mapas do IV Centenário)

 1930 (fonte: mapa Sara)

 1954 (fonte: mapa - VASP)

 1972 (fonte: GEGAN)

nhamos o exemplo da região da Grotu. Outras áreas bem mais ao centro permaneciam vazias até os anos cinquenta. A av. Nova de Julho, aberta pelos anos quarenta ao longo do vale do "Saracura Grande", permaneciam com grande parte das suas encostas ocupadas por uma vegetação de campo. O alto do vale do Anhangabaú (alto Caaguaçu) onde hoje está construída a av. 23 de Maio, permanecia ocupado por chácaras.

A introdução da ferrovia em São Paulo na segunda metade do século passado contribuiu para alterar as funções de muitos bairros da cidade. O Bexiga acabou perdendo sua importância como ponto de passagem para Santos e interior da província. As indústrias que se instalavam em São Paulo davam preferência às áreas próximas das ferrovias, como caso a Barra Funda, Móoca, Ipiranga e Brás. O Bexiga abrigou muito poucas indústrias; indústrias como as serra-rias, matadouro e oficina de móveis que ocupavam o "Largo do Bexiga".

Nas primeiras décadas deste século, as principais indústrias do bairro eram as seguintes: uma indústria de chapéus localizada numa travessa da rua Santo Amaro, na atual travessa Noschese. Dela restaram como testemunho o edifício onde estava instalada, hoje ocupado por um estacionamento e a vila de casas operárias, mandada construir pelo industrial Noschese em 1912; a indústria têxtil localizada na esquina da rua Fortaleza com a Conselheiro Ramalho, da qual temos hoje somente o antigo prédio que já foi ocupado para diversas finalidades, sendo usado atualmente por uma oficina mecânica; e por último, a indústria Scatamachia de calçados, também desativada, estando suas instalações hoje ocupadas por uma empresa de serviços. Esta última indústria

esteve localizada na rua Major Diogo, próxima ao Teatro Brasileiro de Comédia, em frente a mais antiga cantina do bairro, a cantina Capuano. Fora destas indústrias, o bairro somente conheceu a presença de pequenas fábricas de móveis, gráficas, alimentos, confecções e mais algumas de calçados e serralherias. O Bexiga ficou, pois fora dos espaços ocupados pelas grandes indústrias de São Paulo, definindo-se mais como bairro residencial, seguindo a tendência da maioria dos bairros da cidade que se localizavam distantes das ferrovias. Ernani Silva Bruno, assim, nos lembra:

"Em fins do século passado mostrou Cassio Mota que o comércio deixava muito a desejar "era pequeno e muito espalhado, não satisfazia a necessidade da população. Os bairros eram quase noventa por cento residenciais... O alto comércio, "comércio para todos" escrevia ele, era no centro que se condensava".
(Silva Bruno, p. 1.168)

Além da distância das ferrovias, sua proximidade com o centro contribuiu bastante para definir as formas de uso do solo do bairro. O Bexiga ficou à margem da grande ocupação industrial e comercial. As poucas que ali se instalaram foram de pequenos empreendimentos. As oportunidades de terrenos baratos e abundantes próximos às ferrovias, além das vantagens que o sistema ferroviário apresentava para os empreendimentos industriais, impediu que o bairro se transformasse em lugar de indústrias e vilas operárias. A preferência foi para aquelas regiões próximas às ferrovias, ou então para as partes baixas da cidade, onde os terrenos mais baratos atraíam aquelas formas de uso. As necessidades da população em serviços e comércio eram atendidas basicamente pelo centro da cidade. A proximidade com o mesmo permitia que as pessoas facilmente se dirigissem



Foto 2: Edifício localizado na esquina da rua Fortaleza com a rua Conselheiro Ramalho. Este edifício foi ocupado no início do século por uma indústria têxtil. Atualmente é ocupado por uma casa de diversão noturna e uma oficina mecânica. (Ano: 1988)

até aí, a pé ou de bonde. Esta proximidade não somente favorecia o atendimento àquelas necessidades como também favorecia a possibilidade de emprego no comércio e nos serviços. O trânsito a pé entre o centro da cidade e o bairro era muito grande. Transeuntes e "sentinelas de janelas", marcados pela rotina do cotidiano nestes roteiros entre residência e trabalho, acabavam criando um clima de familiaridade e cortesias, traço marcante na cultura deste bairro que acabou por se perder com as transformações sofridas posteriormente.

Aqueles que não iam procurar trabalho no centro exerciam atividades de pequenos negociantes ou autônomos, prestando serviços de consertos. Eram geralmente alfaiates, proprietários de pequenas oficinas de marcenaria, tipógrafos, ourives, pintores, encanadores, etc. O bairro, pela sua origem simples de população marcadamente trabalhadora, abrigava as mais bizarras atividades que merecem destaques neste estudo, não pela expressividade numérica, mas como indicadores de um quadro cultural e econômico, onde o trabalho para a sobrevivência podia ser encontrado com relativa facilidade em função das estreitas relações de vizinhança. Segundo depoimento obtido durante as entrevistas, identificamos pessoas que viviam como biscateiros, prestando serviços de consertos que, ao mesmo tempo ganhavam a vida matando porcos e cabritos para aquelas pessoas que costumavam criá-los nos fundos dos quintais. A presença de pessoas que cultivavam este hábito era muito grande. O fato está muito ligado ao hábito italiano de incluir o cabrito como importante elemento na tradição alimentar. "Mas tanto" era um destes italianos que, em troca de favores ou de pagamento, realizava o trabalho para a população do peda

ço, próximo à rua Santo Antonio. Forte é ainda a lembrança dos antigos moradores daquele "velho pastor do asfalto". Um homem que nas tranquilas manhãs do bairro, ainda não roubada pelos automóveis, passava com suas cabras amarradas umas às outras, tocando aquelas sinetas penduradas nos animais, vendendo o leite ordenhado na frente do freguês, que acreditava fazer bem para a saúde.

O crescimento dos bairros de São Paulo se fez de forma muito contrastante, seguindo a lógica do modo de produção capitalista, ou seja, revelando a desigualdade muito grande na distribuição da renda. Esta urbanização esteve alicerçada na natureza como se definiu este modo de produção na evolução histórica do Brasil, especialmente no caso de São Paulo. Muito já foi dito sobre a cidade como resultado da produção social do trabalho. A maneira como se estruturou a divisão social do trabalho deve ser encarado, portanto, como ponto de partida desta produção e, conseqüentemente, da natureza do espaço da cidade. Para tanto, gostaríamos de invocar aqui, a seguinte análise de Francisco de Oliveira:

"Nas cidades, a diferenciação da divisão social do trabalho tem outras características, outros matizes, e outra formação. A Passagem para o trabalho livre funda, também, a possibilidade de um modo de produção de mercadorias; a separação entre produtores e meios de produção vai fazer crescer enormemente uma população para o capital, com o que a potencialidade do capital é reforçada. Entretanto, a conversão dessapotencialidade em real é barrada por uma série de fatores. Em primeiro lugar, a ausência de capitalização anterior na forma de máquinas e equipamentos força agora uma capitalização de nível baixo: a força de trabalho libera

da não tem, praticamente, nenhuma virtude técnica a transferir para o capital. Sua anterior condição de escravo lhe embotara a capacidade técnica... Não é estranho, por isso, que, em meio a uma abundância de força de trabalho, a indústria brasileira nos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX tenha que socorrer-se do imigrante estrangeiro, cuja predominância no total da classe operária ainda era absoluta em 1920". (Oliveira, p. 25).

Fica implícita na tese do autor do texto acima transcrito, que os limites da expansão do capitalismo brasileiro não eram somente uma questão de natureza econômica, mas também cultural. Não nos interessa aqui discutir o papel determinante do fator econômico no processo da produção social, tese que nós endossamos, o que nos interessa é ver como as bases econômicas da sociedade se viram "constrangidas" por aqueles fatores culturais e como os mesmos foram sendo superados, principalmente no processo de produção do espaço urbano.

A implantação do trabalho livre e assalariado e sua consolidação como a forma determinante na economia urbana industrial, pressupunha o surgimento de novas necessidades de equipamentos urbanos, desde transporte, energia, serviços em geral, até aquela que é a mais evidente das necessidades de qualquer ser social - a habitação. O capitalismo libertou o homem da senzala, porém, aprisionou-o a uma eterna luta pela habitação, problema insolúvel no capitalismo. A moradia, uma "mercadoria" *sui generis*, acabou estimulando a expansão de um grande mercado imobiliário neste processo de consolidação do capitalismo no Brasil. Este mercado permitiu o enriquecimento de muitos seg-

mentos sociais, fossem eles originários das oligarquias dominantes ou não. A introdução das novas relações capitalistas fundamentadas no trabalho livre e assalariado e na nova economia urbana industrial, permitiu o surgimento de uma classe de "novos ricos" nascidos da exploração da "renda urbana". Para Paul Singer, o acesso ao uso do solo urbano pode ser conseguido mediante o pagamento de um aluguel ou, então, pela compra de um direito de propriedade, fatores que estimularam a expansão daquele mercado. Para o trabalhador assalariado o acesso à casa própria sempre se apresentou como um grande obstáculo, submetendo-o à extorsão dos aluguéis. Assim, a emergência desta classe trabalhadora significou para a nossa economia o surgimento de um amplo e promissor "mercado imobiliário". Atrás da realização do "sonho da casa própria", nascido no "pesadelo" do capitalismo, este trabalhador alimentou formas "selvagens de acumulação de capitais" realizadas pelas "novas companhias imobiliárias".

A demanda por habitações, nascidas do surto da industrialização em São Paulo acabou sendo resolvida de diferentes maneiras. Nas primeiras décadas do século os próprios empresários passaram a construir as "vilas operárias", respondendo a uma demanda que eles mesmos haviam criado. Ao construirem estas vilas resolviam o problema da habitação para sua força de trabalho que precisava ser "qualificada" e esta, era muito difícil; para tanto, tinham que fixá-la junto à fábrica. Ao mesmo tempo que resolviam aquele problema, criavam mecanismo de dominação sobre os trabalhadores, tornando-os cativos das empresas. Estas vilas proliferaram nos bairros que se definiram como industriais: Brás, Móoca, Ipiranga etc. A outra, foi atra-

vés da própria iniciativa do trabalhador, pela aquisição de um terreno sobre o qual construía sua moradia. Além da iniciativa privada dos empresários industriais que construíam as vilas operárias com objetivos estratégicos de controle sobre a força de trabalho e ganhos tinhamos também, aqueles que passaram a investir seus capitais exclusivamente ou não na exploração imobiliária, construindo e vendendo ou alugando casas. Instituições públicas, como caixas econômicas e institutos de pensões e aposentadorias, entraram numa fase posterior, quando já se havia consolidado um proletariado urbano mais significativo, isto após a década de 1930. Quanto maior a industrialização, maior o crescimento populacional nas cidades e o problema da moradia se agravava. Neste quadro o imigrante desempenhou papel importante, não somente para preencher aquele "vazio" deixado pela escravidão, conforme assinalou Francisco de Oliveira, mas também, nas transformações sócio-culturais, principalmente em São Paulo. A entrada do imigrante, principalmente dos italianos em São Paulo, deixou marcas profundas na cidade. Sua entrada não significou somente uma solução para o problema da mão-de-obra, ele contribuiu para que, aqui, se consolidasse rapidamente a ideologia capitalista. Estes italianos, marcaram com sua presença um novo perfil para muitos bairros paulistanos, entre eles, "Brás, Bexiga e Barra Funda".

A presença italiana em São Paulo não deve ser buscada somente na forma *macarrônica* de falar dos italianos e *oriundi* ou em alguns nomes de empresários "bem sucedidos", mas no que ficou de sua contribuição cultural, dentre elas na evolução arquitetônica e urbanística da cidade. Estiveram profundamente associados à novas propostas para resolver o problema da moradia, fossem como "capomastri" ou

como proprietários naquele mercado imobiliário. Se a presença italiana pode ser, ainda, encontrada no conjunto do patrimônio artístico ou nos palacetes dos lugares aristocráticos da cidade, será sobretudo naqueles bairros paulistanos acima citados, que encontraremos de forma mais marcante o seu papel histórico nas transformações de São Paulo. Os cortiços do Brás e do Bexiga que proliferaram nas primeiras décadas deste século, representaram uma saída para o problema da moradia e significaram o surgimento de uma nova concepção de vida. Os italianos não foram originalmente seus criadores, mas deixaram uma marca *sui generis* nesta forma de morar. Moradores e "produtores" de cortiços, tornaram-se personagens vivas da cidade que se urbanizava. Estes bairros, enquanto produção coletiva de uma cultura dão maior legitimidade histórica à contribuição dos italianos para as transformações econômicas e culturais de São Paulo.

O bairro do Bexiga foi, nesta primeira metade do século XX, profundamente marcado pela ideologia da *italianità*:

"Os imigrados são, pois, instrumentos da política italiana; em alguns momentos eles estarão sem o saber, a serviço do expansionismo dessa política... Como constata Sérgio Romano: os italianos expelidos "criam uma Itália fora da Itália". Tal contexto explica a confusão daqueles que são forçados a se expatriar. Estes "homens sem paz", como Constantino Ianni os denomina, estão marcados para sempre". (Carelli, p. 24).

Estas marcas, poderiam ser vistas no cotidiano destes italianos do Bexiga. Na *chiacchiera* de família, quando as mesmas juntamente com os amigos, se reuniam ao redor dos fogões à lenha ou à carvão, nas noites frias, para

comerem castanhas assadas. A inexistência da televisão fazia com que estas famílias se reunissem para contar histórias, sempre carregadas de forte saudosismo da pátria distante. Não era raro, nestas reuniões, participarem também os vizinhos mais próximos, ou mesmo, alguns italianos que morassem mais distantes. Os filhos e netos, querendo ou não, acabavam participando daquela atmosfera de família, onde se mesclavam laços de parentesco e vizinhança. Estes laços acabavam definindo a natureza dos grupos de rua da rapaziada, separados por sexo e idade, definindo pactos de lealdade como continuidade dos laços de família. Dentro de uma atmosfera assim, a rua passava a ser aquele lugar de convívio, como prolongamento da casa.

O Bexiga evoluiu dentro de São Paulo como um bairro de características bem definidas. Relações de vizinhanças muito estreitas, marcadas por uma forte identidade étnica-nacional de italianidade. Um lugar onde as profissões artesanais imprimiram sensíveis marcas no seu perfil cultural. A possibilidade de associar residência e oficina, permitia a este tipo de trabalhador dispor do seu tempo da maneira que melhor lhe provesse. Desta forma, este habitante podia dividir seu dia em horários bem marcados: a hora do trabalho na oficina; da sesta, novamente do trabalho e finalmente, no término da jornada, o convívio com a família. Nestas oficinas trabalhavam, geralmente, quase todos os membros da família. Assim, regulados pelo mesmo horário de trabalho, podiam compartilhar conjuntamente de todas as atividades, desde as refeições ao lazer. A autoridade do chefe de família residia basicamente no fato de ser ele o único proprietário dos "meios de produção" e quem estabelecia o ritmo de trabalho. Esta unidade de produção,

fundamentada na exploração do trabalho familiar era dominante entre a população ativa do bairro. Era também comum encontrar-se jovens aprendizes, filhos de outras famílias, inseridos dentro destas oficinas para aprender o ofício, recebendo pequenos salários. Na maioria das vezes, os membros familiares trabalhavam sem remuneração salarial. Os excedentes acumulados eram administrados pelo chefe da família. Foi desta forma que muitos italianos do bairro conseguiram enriquecer-se, caracterizando-se, assim, uma forma de "acumulação primitiva do capital". A vontade de "crescer na vida" permeava aquele dia-a-dia, passando-se esta aspiração de pai para filho.

Nas primeiras décadas deste século, quando São Paulo vivia a "nova experiência urbana industrial", as possibilidades de sucesso para estes pequenos empreendedores era grande:

"Para Edgard Carone, o início da ascensão de Siciliano apresenta características comuns às de milhares de outras fortunas. Isto se deve à existência de um mercado interno dinâmico, ligado ao desenvolvimento da cultura do café, à acumulação de fundos duramente adquiridos, aos lucros do comércio e à força do caráter... Esse homem colocou-se à testa de uma fortuna considerável e viu seus filhos casados com a elite do país. No entanto forte ligação a pátria e cultivou sempre o espírito de italianidade. (Carelli, p. 45)

Se o exemplo de Alessandro Siciliano (1860-1923), conforme Edgard Carone apontou-nos para caracterizar o papel dos italianos nesta industrialização; aqueles italianos "bem sucedidos", temos outros que demonstram que nem todo italiano com força de caráter e trabalho árduo conse -

guiu prosperar. José de Souza Martins demonstrou-nos em sua pesquisa: Conde Matarazzo, o empresário e a empresa, que a imagem que se formou deste italiano bem sucedido, cuja riqueza adveio da "virtude do seu trabalho", é falsa. Pela análise, Francesco Matarazzo já era um homem de posses quando se iniciou como empresário. Sabemos que a maioria daqueles artesãos do Bexiga mal chegaram a transformar-se em empresários de "fundo de quintal". Apesar de terem sido "virtuosos" trabalhadores, não conseguiram fazer grandes fortunas. Para estes, não foi somente a falta de uma poupança inicial que impediu o maior sucesso ou mesmo o fracasso como empresários. A ideologia empresarial também diferenciou estes empresários. O primeiro tipificou uma forma de empresariamento que incorporou "os riscos de uma economia de mercado": entrar num jogo onde ninguém entra para perder. A natureza ainda liberal para a maioria da economia urbana industrial, criava um mercado altamente concorrencial, principalmente para a indústria de bens de primeira necessidade. O lucro almejado tinha que ser calculado racionalmente, tinham que se eliminar todos os possíveis riscos que comprometessem os investimentos iniciais e o futuro do empreendimento. A perspectiva de se criar uma economia de escala dominava o espírito destes empresários. Os segundos, limitavam-se a trabalhar dentro de estreitos mercados, representados por uma clientela cativa, para a qual trabalhavam por encomenda.

Transpondo-se o instrumental conceitual trabalhado pelo professor Milton Santos, quanto ao conceito de modernização tecnológica e os dois circuitos da economia urbana para a nossa análise teríamos a seguinte situação: No circuito superior, aquele que usa uma tecnologia "capital-intensivo", operando com créditos bancários, grandes volu-

mes de mercadorias, onde os preços situam-se dentro de certos limites, trabalhando com a publicidade e em muitas vezes com o apoio governamental: "Apesar do controle de preços exercido nas atividades do circuito superior e dos elevados lucros em relação ao volume total de produção, o rendimento por unidade é baixo". (Santos, p. 42). Neste capítulo poderemos enquadrar empresas como de Alessandro Siciliano ou Francesco Matarazzo, enquanto que, no circuito inferior, inversamente àquele enquadramos as pequenas unidades de produção de tipo artesanal. O Bexiga foi basicamente ocupado por estas últimas, e dificilmente se inseriram no circuito superior da economia urbana de São Paulo. Longe de caracterizar uma relação dualista de sociedade, estes dois circuitos colocaram-se numa interdependência dialética. Era comum encontrarmos pequenas oficinas de serralheria, costura, ourivesaria, sapataria etc. trabalhando sob empreitadas feitas por grandes empresas. Além do mais, estas pequenas oficinas acabaram funcionando como "centro de qualificação de mão-de-obra" para a industrialização de São Paulo. A exploração do sentimento de *italianità* dentro daquelas relações econômicas eram muito frequentes, como nos apresenta em seu trabalho, Mario Carelli:

"O ideal de *italianità* é alimentado com segundas intenções interessadas pelo governo, por financiadores italianos e por industriais italianos de São Paulo. É significativo que os fascistas contem com esses sentimentos patrióticos para difundir seu movimento, ao passo que os anarco-sindicalistas e os socialistas não param de denunciá-lo... As profundas diferenças sociais que existem na colônia italiana explicam por que as posições de classe se sobrepujam à identidade

nacional. Assim, Francesco Matarazzo frucassa quando tenta recorrer à solidariedade regional para parar a greve de 1907 na fábrica Mariangela, enviando um contramestre de Bari para convencer seus patriotas a retomar o trabalho". (Carelli, p. 25)

Podemos deduzir, ao contrário do que muitos afirmam, que os italianos de São Paulo, longe estavam de formar uma "grande família".

A presença de uma estrutura sócio-econômica de pequenos negociantes e proprietários imobiliários, e de significativa camada de "aprendizes" e assalariados, mesclando entre estes últimos, italianos e negros, definia um paternalismo do tipo "pequeno burguês" no comportamento da maioria da população do bairro. Apesar das estreitas relações de vizinhanças, procuravam manter claro os limites na "intimidade familiar". Vivendo-se relações onde as troças de favores, compadrismo e espírito de *italianità* eram marcadas por uma grande carga de emotividade, aqueles limites eram facilmente transpostos, criando-se, assim, grandes conflitos familiares. Os cortiços foram formas de habitações onde melhor se caracterizou este tipo de convivência e psicologia social. Nelas, a estrutura familiar ficava profundamente evidenciada. Raramente se aceitavam inquilinos que não fossem casados ou então casais que não tivessem relações "legitimadas". A condição de proprietário e morador, fazia com que o dono usurpasse a condição de "policia e mantenedor da boa moral e integridade física do cortiço", contando com a "cumplicidade" da maioria dos moradores. Sua presença e a preservação de sua individualidade familiar, expressa na própria maneira como sua habitação se colocava no conjunto do cortiço, sempre iso

lada do conjunto, dava-lhe um ar de soberania e parcimônia no tratamento com seus inquilinos.

O Bexiga foi um bairro de pequenos negociantes, trabalhadores "autônomos" ou assalariados. Este fato marcou a simplicidade da maior parte da sua paisagem. Em suas referências sobre a evolução urbana de São Paulo, assim, escreveu Ernani Silva Bruno:

"...em pesquisa feita pelo professor Donald Pierson em 1942, através de dados colhidos no Bexiga, na Móoca e no Canindê, para representar o "nível inferior" de moradia, e no Jardim América, Pacaembu e Higienópolis para representar o "nível superior"... Já na área de terreno utilizado por edificação, observou Pierson que no Canindê a média foi de 114 metros quadrados, no Bexiga de 202 e na Móoca de 162, ao passo que no Pacaembu foi de 883, no Higienópolis de 1531 e no Jardim América 1580". (Silva Bruno, p. 1324)

Não nos foi possível obter o percentual de área edificada por lote. Sabemos que a média do tamanho dos lotes, já nos permite uma aproximação da realidade territorial dos bairros, porém, a densidade de ocupação dos lotes, é que nos permitiria identificar melhor a natureza do uso do solo. Na impossibilidade de acesso a estatísticas precisas, apoiamo-nos em dados obtidos através de depoimentos históricos sobre a evolução das habitações do bairro do Bexiga.

No início da ocupação do bairro, as casas não ocupavam todo o lote. À medida que a demanda de moradia crescia com a industrialização da cidade, os proprietários passaram a aumentar a parte edificada construindo cômodos, seguindo a orientação alongada daqueles lotes. Além de in-

corporar novas áreas construídas, transformavam, também, aqueles porões altos, em novas habitações. Normalmente estes cômodos eram formados por quarto, sala e cozinha. As instalações sanitárias e os tanques de lavar roupa eram coletivos. Desta forma, os terrenos que representavam um valor de uso para seus proprietários, passaram a representar uma forma de obtenção de renda. A possibilidade de se viver da cobrança de aluguéis, fascinava os detentores daqueles lotes que se apresentavam até então com grandes áreas "ociosas" - "um valor que se valoriza" no interior da produção social da cidade. Assim, foram surgindo os cortiços. Juntamente com a finalidade de se transformar estes "novos espaços" em fator de renda, também se expandiam as construções para abrigar os filhos dos proprietários. Era comum, entre os italianos, acomodarem-se os filhos nos mesmos lotes, quando estes se casavam.

A clientela que afluía para os cortiços do Bexiga era desde italianos, recém-chegados, ou negros. Estes últimos, junto com os italianos, formavam a maioria absoluta da população do Bexiga. Eram raros os cortiços onde negros e italianos partilhavam do mesmo espaço. A preferência dos proprietários tendia a alugar os cômodos aos compatriotas ou aos *oriundi*. Os negros acabavam formando seus próprios cortiços ao lado dos italianos:

"Em 1910, o viajante italiano Alfredo Cusano fica chocado pelas condições de vida dessa gente. Nessas ruas estreitas e tortuosas encontram-se guetos de italianos extremamente pobres. Na entrada do bairro, o largo do Piques se transforma em lagoa, depois em lamaçal, cada vez que chove. O desconforto e a insalubridade são reforçados pela elevada densidade da população. É um dos bairros de

São Paulo com maior concentração de habitações coletivas, onde os italianos se encontram ao lado dos miseráveis cortiços dos negros, antigos escravos marginalizados na sociedade paulista". (Carelli, p. 36).

Os italianos pobres, somente em caso de necessidade aceitavam morar nos cortiços junto aos negros. Apesar de manterem relações amistosas, italianos e negros muito raramente definiram relações de casamentos. As relações eram muito mais de "senhor e servo", permeada pelo paternalismo mais do que verdadeiramente pela integração étnica e social. Assim, a condição material do cortiço estava numa relação direta com a condição de renda dos seus moradores. Os negros, historicamente representavam os trabalhadores recém saídos da escravidão. Eram a força de trabalho mais abundante e menos qualificada, vivendo na maior parte como subempregados. Desta forma, italianos de baixa renda tinham que compartilhar com os negros os tipos de cortiços de maior precariedade no bairro.

Além de estarem estratificados pelas condições físicas, os cortiços estavam de uma certa forma zonificados. Os cortiços de italianos e *oriundi* na sua maior parte ficavam nas áreas da velha ocupação italiana como os da rua 13 de Maio, Rui Barbosa, São Domingos, Conselheiro Ramalho, Santo Antonio, Abolição, Fortaleza, Manuel Dutra, etc. Os negros concentravam-se mais na parte baixa da região da Grota: "Nas casas de cômodos da Almirante Marques Leão, nas décadas passadas, viviam italianos e seus descendentes, seguidos de mulatos, negros e espanhóis..." (Lucena, p. 56). Segundo relatos encontrados na obra de Ernani Silva Bruno, a região da Grota, desde o período escravagista já era procu-

rado pelos negros fugitivos, onde chegavam a formar "quilombos". Esta tradição de lugar de negros marcou a rua Al. Marques Leão, chegando mesmo a ser discriminada por muitos dos moradores italianos arrivistas. As referências feitas pelos narradores sobre as condições físicas dos cortiços do Bexiga nem sempre são muito verdadeiras.

Encontravam-se com frequência estas habitações coletivas em precárias condições de higiene e de aparência, porém, isto não era a regra. Como a maioria destes cortiços era também lugar de moradia dos proprietários e seus familiares, procuravam estes preservar suas condições materiais, mesmo porque eles representavam um "capital" investido do qual obtinham suas "rendas". Mais do que fazer do aluguel uma forma complementar de renda, esta forma de exploração imobiliária passou a ser uma ideologia de vida:

"...ali, onde ainda havia uma parcela livre, construía-se uma casa, onde havia uma saída supérflua muravam-na; o valor da renda cresceu com o desenvolvimento industrial e quanto mais ela se elevava, mais freneticamente se construía, sem a mais pequena preocupação com higiene e o conforto dos habitantes, sendo única preocupação a de obter lucro possível e de acordo com o princípio: por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar um melhor". (Engels, p. 89).

A tendência natural de evolução desta habitações coletivas, seja pela grande população que abrigam, seja pela maneira como na maioria das vezes são elas improvisadas com materiais precários, ou seja ainda pela avareza dos seus proprietários é de se tornarem lugares de baixa qualidade de vida. No caso do Bexiga esta regra esteve sempre modificada em função de fatores de ordem cultural. A precariedade das

instalações era compensada pelo zelo dos moradores na limpeza dos quintais comuns e sanitários, pelas pinturas que regularmente faziam na parte interna e externa dos cômodos, pelos cuidados dispensados a pequenos "jardins" improvisados em lugares onde a terra ficava exposta. Quanto mais estreitos eram os laços de vizinhanças maiores eram os cuidados dispensados à preservação destes cortiços. Neles, muitos dos inquilinos viveram longos anos, criando seus filhos até casarem, saindo somente quando conseguiam comprar a casa própria, alugarem outra em bairros mais distantes ou quando morriam. Portanto, o tempo de permanência dos mesmos no imóvel alugado era quase sempre muito longo. As relações de proximidade com os proprietários que moravam na parte "nobre" do imóvel, ou seja, na parte que dava frente para a rua, fazia com que estes exercessem uma relativa vigilância sobre os mesmos.

Como escreveu Engels, estas habitações coletivas representam formas de exploração sobre as camadas mais pobres da população; porém, a pobreza da maioria daqueles italianos que moravam em cortiços, não impedia que tornassem estes últimos em "lugares civilizados". Para o italiano, imbuído de um sentido de posse e propriedade muito mais forte do que no negro, sentimento fortalecido pela condição de imigrante que veio com a ideologia de vencer na vida, a casa sempre foi um símbolo de ascensão social, portanto, ter a casa própria ou tratá-la com zelo e decoro estavam incorporados àquela ideologia. Estes fatores de ordem cultural não explicam a formação dos cortiços, mas as diferenciações entre os mesmos.

As generalizações feitas sobre as condições

habitacionais dos imigrantes, dão-nos a idéia de posições e litistas dos narradores demonstrando muitas vezes equívocos, onde a "deselegância" da aparência passa a ser sinônimo de miséria:

"No Brás, a sucessão monótona de pequenas habitações com um só pavimento, sem jardim na frente e em geral geminadas só é entrecortada por fachadas de fábricas ou de galpões. Todas estas casas miseráveis, sem nenhuma característica particular de estilo, são construídas segundo o mesmo modelo. Elas têm cinco metros de largura por vinte e cinco de profundidade. A fachada compreende uma janela e uma porta, que se abre para um corredor de acesso aos quartos. Ao fundo se acha a cozinha, depois um pequeno pátio com um tanque, um varal de roupa e um local para fazer a higiene e as necessidades". (Carelli, p. 35).

Pela descrição feita sobre este tipo de habitação popular, a qualificação de "casas miseráveis", parece nos equivocada. Entre pobreza e penúria extrema, que não nos parece ser o caso descrito, existe muita diferença, aquela que nasce do preconceito nem sempre transparente no discurso.

O Bexiga guardou até a década de cinquenta a maior parte dos elementos urbanísticos descritos até aqui e que lhe davam identidade como bairro. Mesmo com as obras de implantação do projeto de Prestes Maia, em 1940 do "Perímetro de Irradiação", quando foi construída a atual rua Maria Paula e o viaduto Jacareí, sobre o ribeirão Bexiga, a vida do bairro não chegou a ser profundamente alterada. O corte acabou sendo mais na paisagem, pois o Piques continuava sendo incorporado pela população como sendo Bexiga. Com

zação, era um lugar do bairro onde o adensamento pela verticalização dava-lhe uma natureza singular no conjunto do Bexiga.

A verticalização vertiginosa de São Paulo, cada vez mais invadia os espaços vazios do centro e seus limites. As grandes avenidas representadas pelos enormes eixos e anéis rodoviários favoreciam esta verticalização. A valorização dos terrenos pelo adensamento vertical, estimulava o "apetite" daqueles que especulavam com imóveis. Era comum no Bexiga alguns proprietários verem com "bons olhos" a ocupação daqueles terrenos vagos, alheios ao que significava aquele "novo estilo de morar" para o bairro, como uma forma de valorização do seu imóvel. Praticamente, até a década de trinta, os grandes edifícios de apartamentos estavam circunscritos ao centro da cidade. Os edifícios que passaram a ser construídos na Av. Nove de Julho a partir da década de quarenta seguiram os padrões daquele centro. À medida que as construções avançaram ao longo desta avenida, novos estilos foram surgindo, cada um marcando um momento da ocupação deste "novo Bexiga". Assim, como a Nove de Julho, a av. Brigadeiro Luiz Antonio e a rua Maria Paula, presenciavam as primeiras construções de grandes edifícios. Para o sul, no Morro dos Ingleses e alto da Grota continuavam os grandes casarões.

A partir da década de cinquenta as coisas começaram a mudar no bairro. A "grande muralha" de edifícios começara a cercar aquele espaço de casas baixas seguindo as avenidas limítrofes. Segundo a obra de Jurgen Richard Langenbuch, Estruturação da Grande São Paulo, a grande característica que o processo de crescimento da cidade apresentava

ra: compactação da área central, expansão da área edificada sobre porções dos arredores que não tinham conhecido um desenvolvimento suburbano expressivo e expansão da área edificada sobre porções dos arredores significativamente suburbanizados, compreendendo a absorção territorial de numerosos núcleos suburbanos. Dentro deste processo encontramos o Bexiga, que de longa data já vinha revelando esta tendência a um densamento populacional. Entre 1920 e 1940 o bairro dobrou sua população. De 44.688 habitantes passou para 81.431; o único bairro colocado dentro dos limites internos da cidade semelhança do Bexiga, que sofreu o mesmo crescimento foi Cambuci. Após a década de cinquenta sua taxa de crescimento passou a decrescer em relação à nova periferia.

Analisando-se a participação do Bela Vista no crescimento geométrico da população para o período entre 1950-1960, numa ordem de variação que ia desde o crescimento negativo até uma escala de 16,0%, o bairro da Bela Vista colocava-se na faixa daqueles que cresciam entre 2,1% a 4,0%. Quando comparados estes dados com a densidade demográfica existente no bairro, na mesma época, verificamos que a taxa de crescimento populacional colocava-se inversamente proporcional à densidade numa escala de variação para os domicílios por ha., numa ordem de variação de 5 em 5 domicílios, Bela Vista ficava no último lugar com 30 domicílios por ha. Sobre estes dados tirados do seu livro, Jorge Wilhelm, assim se colocou: "No crescimento geométrico da população, entre 1950 e 1960, percebe-se que as menores taxas de crescimento foram registradas em subdistritos com maior densidade." (Wilhelm, p. 65). Constatamos, assim, que mesmo sem liderança nas taxas de crescimento, continuou o bairro liderando o nível de concentração de domicílios por ha. Apesar

de não continuar crescendo como no período anterior observado, o adensamento do Bexiga continuou aumentando pela incorporação dos seus vazios localizados ao longo da avenida Nova de Julho e alto da Grota, neste último, além das casas, por apartamentos de luxo. Na Nova de Julho mais por apartamentos, raramente por casas. Este período marcou o início do processo de profundas transformações ocorridas na paisagem e na estrutura social do bairro.

3.2. "Bexiga - Ano Zero"

A industrialização que se verificou no Brasil no período posterior à Segunda Guerra Mundial e sua concentração em São Paulo, determinou um novo impulso transformador para a cidade. Além de um grande centro industrial, tornou-se também um grande centro de serviços. Estes dois fatores condicionaram a natureza do seu espaço urbano. Definiu-se um intenso processo de horizontalização e verticalização, este último, principalmente na área central e limites, formando assim, um "núcleo de urbanização compacta e contínua". Mais do que uma massa de concreto, esta nova natureza de espaço definiu uma nova forma de vivê-lo: "Diante destas necessidades sempre maiores, o espaço é sempre menor e os intervalos, indispensáveis para evitar a expansão indiferenciada de um mar de cimento, são sempre menos possíveis. Exatamente aqui se revela a última e mais pesada contradição da cidade". (Giuducci, p. 89). A nova natureza do capitalismo brasileiro, alicerçado cada vez mais em bases monopolistas fez surgir as grandes corporações empresariais multinacionais, dando feições novas a esta urbanização. Defi -

nindo um ritmo acelerado de crescimento para a cidade fez com que rapidamente os lugares se degenerassem materialmente nos seus equipamentos, redefinindo um processo ininterrupto de novas hierarquias de lugares de serviços, residências e indústrias dentro deste tecido urbano. O capitalismo monopolista criava condições para o aparecimento das grandes companhias da indústria da construção civil.

Este novo capitalismo acabou manifestando-se no perfil da urbanização pela maneira como as grandes unidades de produção e comercialização geraram seus estabelecimentos. Grandes obras de arquitetura e paisagismo abrigo instalações industriais em edifícios de arrojados desenhos arquitetônicos, assim como os grandiosos "Shopping-Centers", instalados em enormes áreas urbanas ao longo de vias expressas ou próximas a elas. O Estado teve que assumir a responsabilidade de importantes obras de equipamento viário para acelerar o escoamento dos transportes: caminhões, enormes carretas, ônibus e o ingresso contínuo de milhares de automóveis novos no trânsito da cidade, lançados no mercado pelas grandes montadoras agora implantadas dentro da região metropolitana de São Paulo. O automóvel como o novo "grande personagem" urbano redefiniu os espaços da cidade:

"O automóvel redimensionou não somente o espaço social. Tornou-se cada vez mais um fator de status e ao mesmo tempo um dos grandes inimigos do homem urbano... O ingresso contínuo de veículos, força o espaço físico, levando à necessidade de aberturas de grandes vias expressas e alargamento de outras, destruindo neste processo aspectos pitorescos da cidade e com eles sua própria memória" (Scarlatto, p. 97).

A esta onda de crescimento e "progresso", pela sua rapidez e maneira, tivemos como resposta o surgimento de uma cidade "amnésica", uma "Nova Babel". Quanto mais a cidade cresceu, mais se acentuou a segregação através das diferentes formas de uso do solo. O estado passou a interferir de modo acentuado neste crescimento. A Lei Geral de Zoneamento do Município de São Paulo, veio institucionalizar as discriminações nas formas de uso do solo urbano:

"Assegurar a reserva dos espaços necessários em localizações adequadas destinadas ao desenvolvimento das diferentes atividades urbanas (sic); assegurar a concentração equilibrada de atividades e pessoas no território do município mediante controle do uso e do aproveitamento do solo (sic)". (CET, p. 12)

Desta forma, o poder público coloca-se como uma das forças no processo de produção e preservação dos espaços de tal forma que ficasse garantido os direitos até então adquiridos, o que, obviamente, significou preservar os direitos da classe dominante, tanto no que se referia à salubridade dos seus bairros, jardins, condomínios fechados, como a boa localização dos seus distritos industriais. Aqueles que já se encontravam deteriorados, continuaram como estavam. Ao mesmo tempo significou, também, uma forma de intervenção nos mecanismos do mercado imobiliário.

As metrópoles transformaram-se nos monumentos do mundo capitalista - sua apoteose - centro das grandes decisões financeiras, de produção tecnológica, consumo e mercado de força de trabalho de toda qualificação. Aquela nova forma de viver, já mencionada, torna-se uma imposição de vida e não uma opção. Elas definem as novas condições sociais de reprodução da força de trabalho, criando necessida

des novas e 'traumáticas' para classe trabalhadora em geral, criando formas mais sutis de alienação. Para aquelas pessoas que nasceram durante o processo mais acelerado da mudança não se formou a "consciência de perda", tempo e espaço para elas estiveram em "perfeita sincronia". Para as velhas, esta relação tornou-se diferente. As mudanças no espaço passaram a ser muito rápidas, enquanto a nova paisagem surgia a antiga ainda estava gravada na retina, tentando reter na lembrança a imagem de um espaço que o progresso devorava sem mastigar. Assim, gostaríamos de invocar o seguinte pensamento da Bachelard:

"A toponálise seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o voo do tempo". (Bachelard, p. 202).

A toponálise permite-nos perceber o nível de subjetividade na relação tempo e espaço vivido pelo homem nos momentos dos "saltos qualitativos" do processo histórico; a maneira como se produz o imaginário naquela relação - no seio do "voo\suspensão" - criando muitas vezes um mundo de devaneios de representações férteis para proliferarem as ideologias.

Porém, este tipo de abordagem torna-se insuficiente para explicar o comportamento social urbano nascido com aquele surto de industrialização acelerada, acompa -

nhada do processo de metropolização. Ela vem com a marca de uma individualização muito acentuada, contra a qual, Henri Lefêbvre, assim se coloca: "Quanto à reflexão dita "existencial", esta se baseia na consciência individual, no indivíduo e nas provações da subjetividade antes do que numa realidade prática, histórica e social". (Lefebvre, p. 36). Enquanto Bachelard abre-nos a perspectiva para a compreensão dos mecanismos psicológicos entre espaço e ideologia, Lefebvre nos remete à sua superação na busca daquela transparência histórica. Não nos parece que as mesmas sejam excludentes, mas complementares. A proposta de Lefebvre permite-nos perceber a globalidade do processo histórico, dando-nos a dimensão concreta do ser social, mostrando-nos as bases de onde são produzidas as ideologias. Quando afirmamos que as ideologias não têm história baseamo-nos no fato das mesmas serem representações "distorcidas" do real. As formas como os homens produzem suas condições materiais de existência é que têm história, pois estas é que estão na essência do movimento do processo histórico. No processo de desenvolvimento da vida social estas representações acabam adquirindo autonomia. Assim se produzem as ideologias que deixam de ser simples representações para se transformarem em instituições com "vida própria" legitimada pela sociedade, que acaba perdendo a dimensão do que é essência e aparência do real. O que dá movimento àquelas representações é o movimento do ser real da qual ela é manifestação. Assim acontece com as ideologias no movimento histórico; movem-tam-se como consequência do movimento do ser que tem a essência do movimento, ou seja, o homem produtor de sua existência. À medida que Bachelard nos permita perceber o nível de subjetividade destas representações, estará contribuindo

para compreendermos como são produzidas os "arquétipos" dos lugares onde os indivíduos vivem e conseqüentemente as ideologias do espaço.

Não é fácil trabalharmos com este nível de análise - tentar compreender o impacto que a urbanização traz para a sociedade. Mesmo sendo difícil não devemos excluir esta possibilidade, principalmente quando estamos trabalhando não somente com a "geometria do espaço" mas com suas representações afetivas. Aqueles "arquétipos" sobre os quais Carl G. Jung em sua obra: "O Homem e seus símbolos", assim se expressou:

"O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou das formigas para se organizarem em colônias... É preciso que eu esclareça, aqui, a relação entre instinto e arquétipo. Chamamos instinto aos impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, estes instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas através de imagens simbólicas" (Jung, p. 69).

A territorialidade é base para a reprodução da vida animal, quando invadida ou destruída, a espécie é destruída ou mutilada. O homem ainda é instinto, e portanto submetido às mesmas leis. O fato de ter alcançado níveis de abstrações lógicas não nega aquela sua natureza primitiva. Ao homem foi dado no percurso das conquistas históricas a capacidade de se sobrepor às dificuldades do meio, porém, isto não significou que o mesmo tenha ficado insensível às rupturas com seu território. Para Friedmann, as relações entre o homem e as mudanças técnicas, as coisas se colocam da seguinte forma:

"O novo meio estende em torno do homem uma rede cada vez mais cerrada de estimulações, de solicitações ocasionais ou permanente, de condições de existência profundamente modificadas em comparação com a de seus avós: ninguém pode duvidar que seu psiquismo, e particularmente, suas maneiras de sentir, de perceber, de imaginar, de querer, não tenham sido atingidas pela pressão tão rica e variada do meio assim transformado pela necessidade incessante de reagir a ele. Na literatura européia e norte-americana, um grande número de obras - romances, novelas, poemas - traduzem em personagens, situações e sentimentos, as desadaptações e os desequilíbrios significativos, oferecem inúmeras anotações sutis sobre a mudança psicológica do homem moderno, os problemas e rupturas, os dramas que lhe são por vezes inseparáveis". (Friedmann, p. 34).

Para podermos falar de um Bexiga que ficou no imaginário das pessoas, teremos que forçosamente trabalhar com a instância das transformações que ocorreram no nível da vida material do lugar, mas também, com todas aquelas imagens simbólicas que as pessoas remanescentes, em um sentimento de saudosismo, tentam perpetuar, permitindo o florescimento daquelas ideologias que muitas vezes interessam ao estado e à pequena burguesia local.

Como já apontamos, a década de sessenta marcou o início de novos tempos para o Bexiga. A população se viu sacudida e acordada de um longo sono. São Paulo tinha que "vestir roupa nova" para receber o "progresso" industrial. O estado passou a interferir na produção do novo espaço urbano. Até aqui, a participação do Estado nesta produção, havia se apresentado de forma menos presente e des-

contínua. Com a intensificação do modelo econômico que tirou o Brasil da condição de economia agro-exportadora, transformando-a numa economia industrializada, as relações estado-economia alteraram-se. Francisco de Oliveira nos coloca a questão da seguinte forma:

"Em chegando, o Estado cria-lhes as condições para um desempenho oligopolista: mercados cativos protegidos por altas barreiras alfandegarias, créditos a juros negativos, expansão das empresas estatais fornecedoras de insumos básicos para propiciar-lhes os elementos do capital constante... A burguesia nacional se desnacionaliza, não apenas nem principalmente do ponto de vista da propriedade do capital, mas sobretudo do ponto de vista de um projeto de nação". (Oliveira, p. 71).

O poder do estado fez-se sentir não somente através dos estímulos que deu ao setor empresarial privado, fosse ele nacional ou multinacional, mas também como empreendedor aliado destes dois últimos. Portanto, não podemos pensar quaisquer mudanças da realidade brasileira que não tenham a partir desta época a participação do Estado. Sua presença fez-se sentir fortemente através da política salarial, favorecendo o processo de exploração e acumulação da mais-valia. Sobre a natureza da urbanização capitalista, Sérgio S. Lima fez a seguinte observação:

"Assim, podemos considerar a urbanização como processo que estruturou o espaço, tendo em vista a reprodução simples e ampliada da FT; o conjunto das práticas chamadas urbanas conota a articulação do processo ao conjunto da estrutura social: "De maneira geral, os elementos da reprodução simples da FT são habitação e suas infra-estruturas. Os equipa

mentos da superestrutura (escolas, equipamentos culturais e sociais etc) constituem os elementos da reprodução ampliada... do ponto de vista espacial, as necessidades dos trabalhadores, em matéria de habitação, transporte, equipamentos coletivos, dependem da lógica capitalista de localização/rentabilidade das empresas e das atividades de produção, especificamente do comportamento das atividades imobiliárias". (Souza Lima, p. 85).

No que se refere ao comportamento daquelas atividades imobiliárias o Estado contribuiu enormemente favorecendo a especulação, principalmente na expansão da periferia das grandes cidades.

Este capitalismo com crescente participação do Estado no processo da urbanização, foi para o Bexiga em 1968 seu "ano zero". O projeto elaborado para a cidade de São Paulo sob o título de "Anel de Estacionamento do Centro 1" veio marcar uma remodelação paisagística profunda para o bairro, assim como redefinir as relações sociais dentro do mesmo. Iniciado em 1968 está ele hoje implantado em vários níveis: via expressa passando sobre a Av. Nove de Julho e rua Santo Antonio, continuando pela rua Jaceguai, indo além da av. Brigadeiro Luiz Antonio, interligando-se num complexo viário em direção à zona leste da cidade; implantação de estacionamentos nas partes inferiores dos elevados desta via expressa, nas áreas junto às ruas Jaceguai e Santo Antonio.

Quando foi elaborado este projeto, assim se expressou Jorge Wilhelm sobre a viabilidade do mesmo:

"Contudo caso se comprove a excelência do traçado, será necessário verificar qual o

uso a ser dado a algumas ampliações da zona do "Centro 1", constituídas por três zonas atualmente ocupada de forma indisciplinada, irregular e antiquadas: parte do Brás (perto do leito da E.F. Central do Brasil), parte da Santa Efigênia (a famosa "boca do crime) e grande parte da densa Bela Vista. Estas zonas, incorporadas pelo anel ao "Centro 1" poderão ser alvo de estímulos diferenciais, promovendo-os a funções novas, atualmente insuspeitáveis". (Wilheim, p. 32).

Neste discurso de justificativa do projeto que revolucionou o Bexiga, percebemos que o comprometimento do autor com o "progresso" acabou colocando-o numa posição equivocada e mesmo perigosa com relação à "preservação" da memória da cidade". Assim, o que for antigo poderá ser classificado de "antiquado e irregular". Uma questão de semântica ou de ideologia? As grandes obras urbanísticas implantadas pelo projeto, inevitáveis ou não, acabaram jogando por terra uma das partes mais tradicionais do Bexiga. O referido projeto ainda previa o seguinte: implantação de grandes garagens de estacionamento, super-mercados e demais comércios de abastecimento, eventualmente escritórios, postos de embarques, agências municipais etc. O que nos permite concluir que o Bexiga colocou-se especialmente em um lugar estratégico para abrigar novos equipamentos necessários à expansão física do centro da cidade, comprometendo mais ainda a preservação do que restou do seu patrimônio cultural.

Estas grandes obras de engenharia urbana mutilaram o bairro. Parafraseando Bachelard, diríamos que o Bexiga "passaria a fazer parte dos lugares físicos da nossa vida íntima...de um ser que não quer passar no tempo". O

bairro pagou o preço do "progresso". Inúmeras desapropriações desfiguraram sua paisagem e expulsaram parte significativa de seus antigos moradores. Entre sessenta e início de setenta a maior parte do bairro transformou-se em um "canteiro de obras". Pelas ruas do Bexiga a visão era de casas mutiladas. Das antigas construções de frentes estreitas e fundos longos, sobravam somente as partes construídas nos fundos dos lotes, muitas vezes colocadas em níveis elevados em relação à rua, com a qual passaram a ser ligadas por escadas improvisadas, feitas de madeira. Este quadro se repetiu por várias ruas dentro de um dos seus limites mais tradicionais, até que, com o tempo, estas "cicatrices" se fecharam com novas construções, deixando, porém, na paisagem as marcas da mutilação, visto as novas construções imprimirem um visual arquitetônico desfigurado em relação ao conjunto restante.

As áreas que mais sofreram com a implantação do projeto da "avenida perimetral", também chamada de "Anel de Estacionamento do Centro 1" foram aquelas localizadas entre os quarteirões compreendidos pelas ruas Conselheiro Ramalho, São Domingos, Manuel Dutra e Rui Barbosa. Além, da desfiguração da paisagem urbana, a intensidade e direção dos fluxos viários foram profundamente alterados pela novas obras de engenharia urbana. A abertura da rua Rui Barbosa como via de ligação entre a avenida perimetral do novo projeto ao bairro do Paraíso e outros situados além do espigão da Paulista, significou profundas mudanças nas comunicações e trânsito dentro do Bexiga. Dois grandes eixos de circulação passaram a cortar o Bexiga na sua parte interior: o eixo leste-oeste representado pela perimetral e o norte-sul pela nova Rui Barbosa. O primeiro, ras-



Foto 3: Anel de estacionamento do Centro I e a "nova Rua Rui Barbosa" (seguindo para a região do espigão da Av. Paulista - plano de fundo da foto). (Ano 1988)

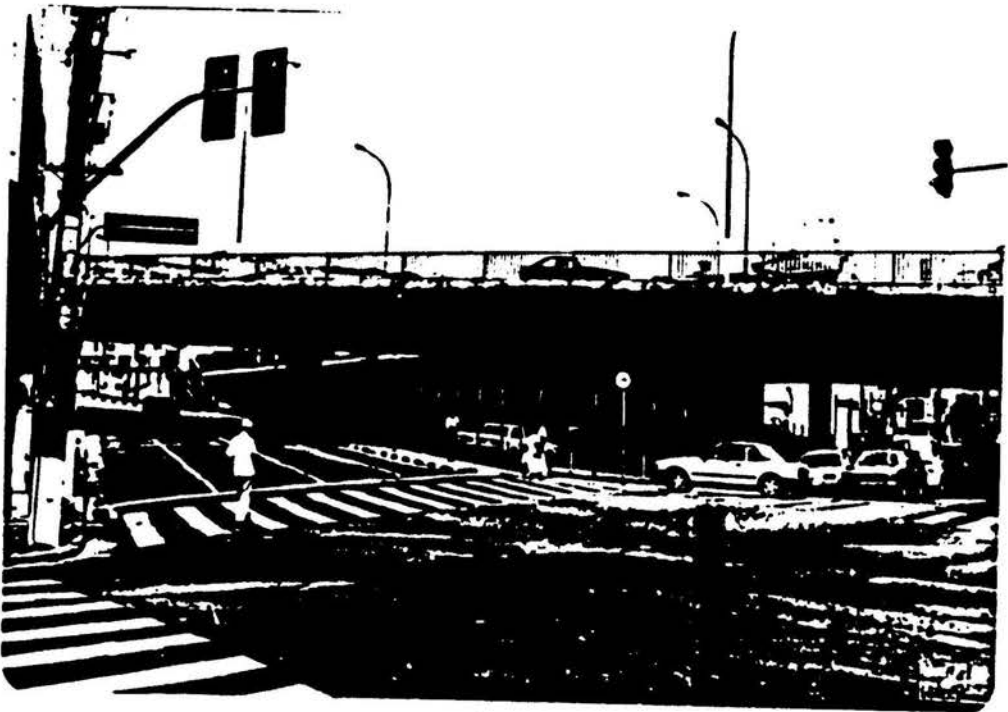


Foto 4: Parte inferior do anel de estacionamento do Centro I passando por sobre a rua Santo Antonio. Área antigamente ocupada por casarões. (Ano: 1988)

gando simplesmente a paisagem e a vida do bairro, onde a possibilidade de ocupação e uso por edificações tornou-se praticamente impossível, visto na sua maior parte apresentar-se em forma de elevados, tornando-se assim uma obra que não permitiu sua reintegração ao tecido urbano local. O segundo, que pouco guardou daquela velha e tradicional rua, hoje redefine "novas" formas de uso do solo: casas de diversões, cantinas, um "terciário informal".

Estas duas vias interromperam as ligações entre diferentes pontos do Bexiga. A perimetral leste-oeste seccionou a rua São Domingos em duas partes incomunicáveis, representando uma "grande muralha" entre as duas partes remanescentes. O mesmo aconteceu com a rua Conselheiro Ramalho. É importante lembrar que a rua São Domingos sempre representou uma importante via de ligação entre a parte baixa da rua Treze de Maio na confluência com a rua Santo Antonio com outro tradicional núcleo histórico da rua Abolição e Major Diogo. A Conselheiro Ramalho, totalmente interrompida, representava uma importante ligação entre a Av. Brigadeiro Luiz Antonio e a rua Santo Antonio. Mais do que uma interrupção na circulação viária, isto significou o isolamento destes núcleos onde sempre existiram fortes relações de vizinhança. Além de representar um obstáculo físico funcionando como "muralha", esta via pelo fluxo de automóveis e pela velocidade dos mesmos separou velhas partes do Bexiga. Com relação à nova Rui Barbosa, a coisa não foi diferente. Tendo sofrido inúmeras desapropriações, desfigurando-se e expulsando seus moradores do bairro, foi transformada numa grande avenida, seccionando e tornando incomunicável as duas partes da rua Fortaleza. Esta última, representava um elo na ligação entre



Foto 5: Rua São Domingos. Hoje cortada pela "nova Rua Rui Barbosa". Uma das muitas vias obstruídas pelas obras de reurbanização. (Ano: 1988)



Foto 6: Paredão formado pelo leito da "nova rua Rui Barbosa". No plano de fundo da foto o Morro dos Ingleses, onde está localizada a escadaria de acesso ao mesmo. Hoje obstruída na ligação com o Morro dos Ingleses pelo "paredão" por nós chamado de "Muro de Berlim". (Ano: 1988)

aquela que podemos considerar a mais tradicional vila do Bexiga - a Vila Antunes com a rua Treze de Maio.

O Bexiga expandiu-se do velho Piques para as vertentes do espigão da Paulista, quando se iniciou o presente século. Acompanhou a expansão dos antigos trilhos dos bondes:

"Os bondes elétricos, sendo um transporte coletivo que necessita de uma rede de trilhos e da linha elétrica para funcionar, só podem operar eficientemente com uma alta frequência de uso de suas linhas. Ou, para ser mais preciso, a sua alta composição orgânica de capital, determinada pelo alto custo da instalação das redes em relação aos custos de manutenção e operação, exige uma intensa utilização das redes, impedindo uma proliferação de linhas com baixo potencial de uso, a não ser quando a própria empresa tivesse um interesse especial na extensão, visando a valorização de determinada área ou quando a extensão das linhas fosse paga pelo loteador, como foi o caso da Cia. City no loteamento dos Jardins" (Bonduki).

O Piques, naquela época, era o ponto de partida de importantes linhas de bondes que ligavam o centro da cidade aos bairros localizados da sua parte sul, a exemplo dos bairros Jardins. A rua Sto. Antonio fazia a ligação do velho Piques com os novos bairros representando em São Paulo um dos grandes troncos de ligação viária; assim acontecia com as ruas Major Diogo, Conselheiro Ramalho, Rui Barbosa, Manuel Dutra e São Domingos. Quando os trilhos foram arrancados pelos idos de sessenta, aquelas ruas que ainda guardavam um pouco da sua "majestade" pela importância que o bonde lhes atribuía, foram rapidamente mutiladas pelas grandes

obras daquele projeto. Os bondes representaram para o Bexiga um importante instrumento de valorização dos lotes no processo de produção deste espaço, levando também, à enorme procura para aqueles cortiços que proliferaram pelo "modesto" bairro, visto a facilidade de ligação que os mesmos permitiam com outros pontos importantes de São Paulo. Como podemos ver, aquelas ruas, hoje mutiladas já representaram importante papel dentro do Bexiga.

No conjunto de transformações que a cidade de São Paulo fosse pela expansão horizontal, na ampliação de uma periferia que se colocava cada vez mais distante do "antigo centro" ao qual o Bexiga estava intimamente ligado, fosse pela verticalização, o que significava um adensamento contínuo daquele centro, o bairro do Bexiga viu-se mais uma vez, neste período analisado, atingido na sua estrutura urbana. A necessidade de São Paulo estabelecer ligações cada vez mais amplas com sua periferia e outras partes intermediárias entre aquela e o centro, acabou, não somente, levando à construção de vias expressas, como também, redefinir as formas de uso de avenidas aristocráticas com uso residencial para corredores de circulação, sendo invadidas por atividades de serviços e pelo comércio. No caso do Bexiga as principais avenidas atingidas foram a Av. Nove de Julho, a Av. Brigadeiro Luiz Antonio.

A primeira, a partir da década de sessenta deixou de ser um belo logradouro público para se transformar em uma via de grande fluxo. Suas calçadas, anteriormente largas e espaçosas foram sacrificadas para o alargamento das pistas para facilitar o aumento no fluxo de automóveis, que demandavam os aristocráticos bairros jardins na zona

sul, como também, de um enorme número de linhas de ônibus que se dirigiam à nova periferia formada por um grande número de "vilas proletárias". O antigo Piques, hoje Pça. das Bandeiras, em lugar do largo dos bondes, passou a abrigar dezenas de pontos de ônibus que demandam à zona sul passando pelo Bexiga. Esta avenida quase chegou a transformar-se em uma via de ocupação residencial de camadas da classe média alta. A presença de alguns prédios antigos voltados para esta classe, nas proximidades do espigão da Av. Paulista e alguns outros dispersos pela mesma, testemunham esta tendência "abortada". A segunda avenida, foi a av. Brigadeiro Luiz Antonio, da mesma forma que a anterior, foi também sacrificada no seu paisagismo. À medida em que se transformou num corredor de circulação em direção à Paulista e zona sul da cidade, foi abandonada pela aristocracia que ocupava os casarões das primeiras décadas deste século. Em lugar de uma via residencial transformou-se em lugar de formas muito variadas de uso, desde oficinas mecânicas, lojas de móveis usados, pequenos supermercados, estacionamentos, bares, lojas de eletrodomésticos, casas de diversões, como teatros e cinemas, comércio em geral. Os antigos casarões acabaram transformando-se em cortiços, alguns em hotéis, outros foram demolidos dando lugar a pátios de estacionamento. Hoje presenciemos algumas tentativas de penetrações de edifícios mais modernos para fins institucionais.

Paralelamente à transformação destas vias em grandes corredores de circulação, interligando-se num grande sistema com a "Perimetral - Centro 1" e nova Rui Barbosa, as vias internas do bairro viram-se também atingidas. As ruas de paralelepípedos transformaram-se em ruas asfaltadas, com seus leitos alargados e calçadas comprimidas para dar maior

vasão ao fluxo de automóveis, aumentados em razão das interligações viárias feitas com aquele grande sistema viário. Como obras complementares de engenharia urbana foram construídos mais dois elevados dentro do bairro para facilitar a escoamento do fluxo. Foram eles: o elevado sobre a av. Brigadeiro Luiz Antonio e o elevado sobre a Pça. Quatorze Bis, na av. Nove de Julho. O primeiro, construído para fazer ligação entre a nova Rui Barbosa e a rua Treze de Maio. O segundo, para permitir as conversões no trânsito daqueles que vem da av. Nove de Julho em direção à rua Rui Barbosa e o "Anel do Centro 1". Estes dois elevados colocam-se dentro do bairro como enormes massas de concreto, poluindo o visual do pedaço. Assim, como aquelas outras obras, apresentam-se, também, como "agressores" de espaços. Colocando-se em níveis superiores aos apartamentos e casas situados nas ruas laterais, invadiram a intimidade dos mesmos, inclusive criando uma situação de forte poluição pela fuligem que invade residências colocadas abaixo do piso do mesmo. Estes representaram as alternativas técnicas que o planejamento urbano encontrou para resolver o problema do trânsito, dentro de um bairro que ficou enclausurado entre grandes vias que cortam e ligam aqueles diferentes pontos da cidade. Solução que mais uma vez acabou significando mutilação.

O acelerado ritmo de mudanças no espaço físico do Bexiga veio acompanhado também de mudanças nos componentes sócio-espaciais. O compasso na mudança destes dois níveis da realidade geográfica apresentaram-se diferentes. O primeiro foi relativamente rápido, como produto da intervenção do planejamento acelerado imposto pela administração pública, impelida pelas transformações da sua economia. Os primeiros anos da década de setenta já praticamente marcavam

a conclusão do grande ciclo das mudanças no espaço físico. O segundo veio em ritmo mais lento e prossegue nos dias de hoje. Se as mudanças ocorridas no nível físico foram importantes para que ocorressem as mudanças sociais, devemos, porém, ressaltar que as segundas foram mais significativas, pois atingiram o bairro na sua essência.

Paralelamente à abertura das grandes vias expressas ocorreram aquelas desapropriações em escala numerosa, forçando a mudança de uma parcela significativa da população tradicional do Bexiga. Em todos os depoimentos realizados sobre o bairro, houve unanimidade em apontar esta retirada em massa como um dos grandes fatores de mudanças para o Bexiga. O deslocamento pelas desapropriações de centenas de famílias tradicionais do bairro, afetou a vida do bairro. Antigas relações de vizinhanças que davam vida a muitas localidades, foram destruídas.

O Bexiga não podia continuar o mesmo com as mutilações que ocorreram naqueles "lugares comuns" - lembrando Bachelard: esquinas, vilas barbearias, sapatarias, cinemas etc. Mais do que lugares físicos, eram pontos de encontro, lugares de "bate-papo" que funcionavam como lugares de circulação nas informações - as "fofocas do bairro". Estas relações foram quebradas. Fisicamente estes pontos foram arrasados. Quando da realização das entrevistas se indagava sobre os lugares que tinham simbolicamente maior representatividade para o "velho bairro", a primeira resposta era de que as "grandes obras" os haviam destruídos, apontando-se alguns lugares, que segundo eles, ainda haviam sobrevivido à grande demolição. Esta parte será aprofundada em outro capítulo do trabalho.

Com o surto da grande industrialização que atingiu São Paulo no interior de um capitalismo que acentuava as desigualdades regionais e sociais, a cidade viu-se cada vez mais ocupada por levas de imigrantes nordestinos. O Bexiga pelas condições que apresentava como bairro acabou recebendo um contingente muito grande dos mesmos. A população de ítalo-paulista que sempre fora dominante, passou a diminuir cada vez mais. À medida que as velhas famílias abandonavam o bairro "voluntariamente" ou expulsas pelas desapropriações, aqueles nordestinos foram gradativamente ocupando seus "lugares".

Entre aqueles fatores "voluntários" estavam os seguintes: A renovação de filhos e netos que passaram a ascender socialmente, dando preferência a outros bairros mais nobres. As mortes dos proprietários representativos dos antigos povoadores que deixavam como herança não somente os imóveis, mas, também, complicados processos jurídicos de partilha nesta herança. A perspectiva de saída do imóvel e do bairro daqueles herdeiros em melhores condições sócio-econômicas colocou-se como alternativa. Alguns permaneceram, mas, a dispersão de um número muito grande de proprietários sobre um mesmo imóvel e a perspectiva de verem no mesmo uma possibilidade de futuros ganhos pela valorização que o crescimento da cidade oferecia, levou a maior parte destes proprietários a apostar na especulação e menos na sua preservação, o que acabou levando a uma rápida deterioração dos imóveis, tanto pelo descuido na reparação física como pelo processo de fragmentação destes em inúmeros "cômodos". Esta fragmentação ocorria pela ação direta dos seus proprietários ou à revelia deles, permitindo a seus inquilinos que sublocassem aqueles espaços a terceiros. A chegada dos

nordestinos ocorreu no interior deste processo pelo qual passava o bairro. Isto contribuiu quer para uma maior deterioração dos cortiços, já tradicionais dentro do bairro desde aquele tempo mais antigo, quer para a criação de novos.

Paralelamente às transformações físicas que ocorreram no espaço tivemos, pois, profundas alterações no nível daquelas relações sócio-econômicas e mesmo culturais no bairro. Para uma população de trabalhadores - artesãos e autônomos - "biscateiros", provenientes daquelas populações tradicionais, que tinham no bairro parte significativa de uma clientela cativa, a presença dos nordestinos, onde muitos dos quais procuraram sua sobrevivência naqueles tipos de serviços, significou uma forma de "usurpação". Por outro lado, os pequenos negociantes, há muito tempo aí estabelecidos, passam a ver no aumento da oferta de mão de obra uma ótima oportunidade para tirar proveito na barganha da mesma no mercado de trabalho, aumentado pela população alienígena assalariada. Qualquer recusa por parte dos mesmos em aceitar as propostas dos empregados, era tida como manifestação de um caráter indolente e comportamento de vadiagem. Neste momento, apontavam as precárias condições em que viviam - os cortiços, como produto de uma "inferioridade cultural".

Para a população tradicional, a chegada do nordestino passou a ser considerada como uma das causas importantes na perda da identidade cultural do Bexiga. Idéia esta que acabou se difundindo por outros segmentos da população do bairro e mesmo no interior da grande cidade. Assim, aqueles artesãos, autônomos e negociantes e a população tradicional em geral, partilhando da mesma ideologia, impelidos pela competição crescente do "novo capitalismo" que im-

punha uma nova divisão social do trabalho e consequentemente novas relações sociais, acabaram revelando um verdadeiro xenofobismo para com os mesmos. Passaram a se comportar como uma "minorias" retrograda a desfraldar a bandeira do ítalo-paulistanismo. Fato este que não se consumou somente no interior do Bexiga, mas de uma forma geral, em toda São Paulo quando da chegada dos chamados "paus-de-arara".

Se o "ano zero" acabou caracterizando para o bairro um processo de grandes renovações urbanísticas, dando início à formação de um "novo bairro", alterando suas formas de usos e costumes, cabe-nos, aqui, verificar, quais são as tendências que estão se definindo hoje em lugar daquelas.

3.2.1. Tendências atuais nas formas de uso do solo

O bairro do Bexiga é hoje caracterizado pela predominância da função residencial. Pelos dados obtidos na presente pesquisa registramos 59,3% do total das ocorrências no uso dos lotes para as funções residenciais. Quanto ao terciário, este vem em segundo lugar, assim, distribuído: 21,3% para as atividades de serviços e para as de comércio, 15,7%. O setor secundário tem pouca presença dentro do bairro, representando somente 3,5%. Quanto à natureza das atividades de serviços aí encontrados, na sua maior parte refere-se a um "terciário informal" de baixo nível de qualificação, estando representado em 47,1% do seu total pelas seguintes atividades: consertos de aparelhos eletrodoméstico, consertos de automóveis, serviços de restaurações de móveis e objetos em geral. A quase totalidade des-

tes serviços são realizados em instalações improvisadas em antigas casas e partes inferiores de prédios residenciais ou em terrenos vazios. Além destes serviços de consertos, encontramos, também, pequenos escritórios de "despachantes". Quanto aos setores de comércio, 53,5% são constituídos por pequenas lojas: "armarinhos", bares, quitandas, padarias e pequenos armazéns. As lojas de maior porte, correspondem a 9,2%: lojas de eletro-domésticos, roupas, ferragens, de aparelhos técnicos de som, papelarias e lojas de material óptico e fotográfico. Além destas atividades de comércio, que expressam pela aparência e movimento de vendas, maior porte, devemos destacar, pelo grau de concentração, a atividade comercial das cantinas e pizzarias, com 11,0% do total do comércio do bairro, atividade voltada para uma clientela que, na sua maior parte, localiza-se fora do mesmo.

No setor de serviços queremos destacar aqueles que se apresentam com concentração bem significativa, isto é, os relacionados às atividades de diversões e lazer, tais como, cine-clubes, teatros, casas de show, música-bar, perfazendo 13,5% do total de serviços.

Estas atividades ligadas às cantinas e às pizzarias bem como às diversões ou lazer, apesar de representarem juntas somente 24,5% das formas de uso, podem ser consideradas como vitais para a caracterização do bairro, não somente por se destacarem no conjunto do terciário de forma mais concentradas, ou seja, por apresentarem-se com maior frequência em um conjunto muito "pulverizado" de atividades, mas sobretudo por representarem aquele fator determinante na caracterização funcional do bairro no conjunto da cidade, fato este que se expressa no grande número de população flutuante que atrai nos períodos noturnos e fi-

nais de semana, representando por isso "cartão postal" vendido para fora do mesmo. Enquanto o número de cantinas cresceu entre 1974 e 1978 em 1,1%, o de casas de diversões noturnas cresceu em 4,0%.

Deve-se destacar, também, o crescimento de um setor do terciário que hoje cada vez mais começa a tomar conta do bairro - os grandes escritórios e os bancos, representando já, 10,8% do total de atividades de serviços registrados. A representatividade do setor industrial, é pequena. Somente 3,5% dos registros incidiram sobre a ocorrência de estabelecimentos industriais, assim mesmo de pequeno porte, como: pequenas indústrias de móveis, gráficas, algumas sendo gráficas e editoração, de sapatos e seralherias. As primeiras com 31,0% do total das indústrias, as segundas com 27,5% as terceiras com 11,3% as últimas com 10,0%. O restante é representado por indústrias de confecções, hoje reduzidas no bairro, alimentícias, etc. Todas elas com fortes vínculos na história da ocupação do Bexiga, além de representarem hoje, como antigamente, atividades de atendimento da "zona central" da cidade.

O crescimento dos setores de serviços ligados às diversões noturnas e às cantinas acabaram definindo um processo de especialização no uso do solo do Bexiga. O setor de diversões fixou-se inicialmente na parte baixa da rua Treze de Maio, na confluência com a rua St. Antonio, enquanto as cantinas nas imediações da Igreja de N.Sra. Achirópita. Segundo depoimento de líderes do bairro, acabaram-se configurando dois polos "contraditórios" para a história e tradições do bairro. As cantinas representando "aquilo que de "melhor" possui o bairro - sua *Italianità*, frequentada por famílias de "respeito", enquanto a outra, o símbo

o dos "forasteiros", responsáveis pela entrada de hábitos estranhos" à vida do Bexiga".

A transformação das residências em novas formas de usos no bairro, após os anos sessenta, foi muito frequente. 18% das mesmas se transformaram de uso residencial para uso misto, segundo os estudos da COGEP/1974. Na verdade este foi um fenômeno contínuo até recentemente. Na maior parte estas residências foram ocupadas pelas novas funções turísticas - teatros, casas de diversões noturnas, bares de encontro, cantinas e pizzarias e por negócios em geral, atraindo uma população flutuante e com ela um aumento muito grande do número de carros que passaram a ocupar as calçadas e ruas dos locais próximos daqueles estabelecimentos de lazer e diversões. Os moradores, principalmente aqueles representados pelos grupos tradicionais do bairro, viram-se "violentados" pelo "barulho" e perda da "segurança". Segundo os mesmos, o bairro havia sido invadido juntamente com "aquelas casas de diversões" por "trombadinhas e marginais". Os carros passaram a congestionar as ruas e com eles sobre as calçadas, dava-se a obstrução de entradas de residências e garagens dos automóveis dos seus moradores que acabavam ficando "enclausurados". Esta foi uma das muitas causas que levaram antigos moradores a se mudarem para outros lugares do bairro e para fora do mesmo. A pressão muito grande pelas ruas e com elas o barulho que facilmente penetrava pelo interior daquelas casas com janelas baixas e diretas para a rua, acabou destruindo a antiga vida tranquila do bairro, principalmente daqueles quarteirões colocados ao longo da Treze de Maio, Rua Rui Barbosa e Sto. Antonio, antigos redutos do tradicionalismo no Bexiga. O início destas atividades na área foi

muito conflitante. Moradores antigos uniam-se em abaixo-assinados pedindo a remoção daquelas casas, ou então pedindo para que as mesmas controlassem o som dos aparelhos e dos grupos musicais. Não raro era chamada a polícia pelos moradores. Mesmo com toda a resistência daqueles moradores as novas funções impuseram-se. Quem acabou saindo foram os antigos moradores.

Gradativamente, as casas de diversões instalaram-se naquele pedaço do bairro, ocupando as antigas residências. Segundo a COGEP, em 1974, 90% destes estabelecimentos, ali instalados eram alugados. Hoje a situação continua a mesma. Pelos mesmos estudos, a clientela que freqüentava os estabelecimentos vinham de outras localidades da cidade. Hoje continua freqüente a chegada de caravanas de turistas, que vindos à São Paulo, passam a visitar o Bexiga. A população local dificilmente tem acesso a "esta mercadoria" - fato constatado pelos depoimentos de seus proprietários.

Pela sua tradição, conforme já foi exposto em capítulo anterior, o Bexiga foi grandemente ocupado por pequenos artesãos e profissionais autônomos. À medida que a expansão capitalista ocorreu em São Paulo, impondo cada vez mais as regras do grande mercado, aqueles artesãos acabaram na sua maior parte desaparecendo. Poucos ainda permanecem conforme podemos constatar naqueles setores das indústrias já arroladas.

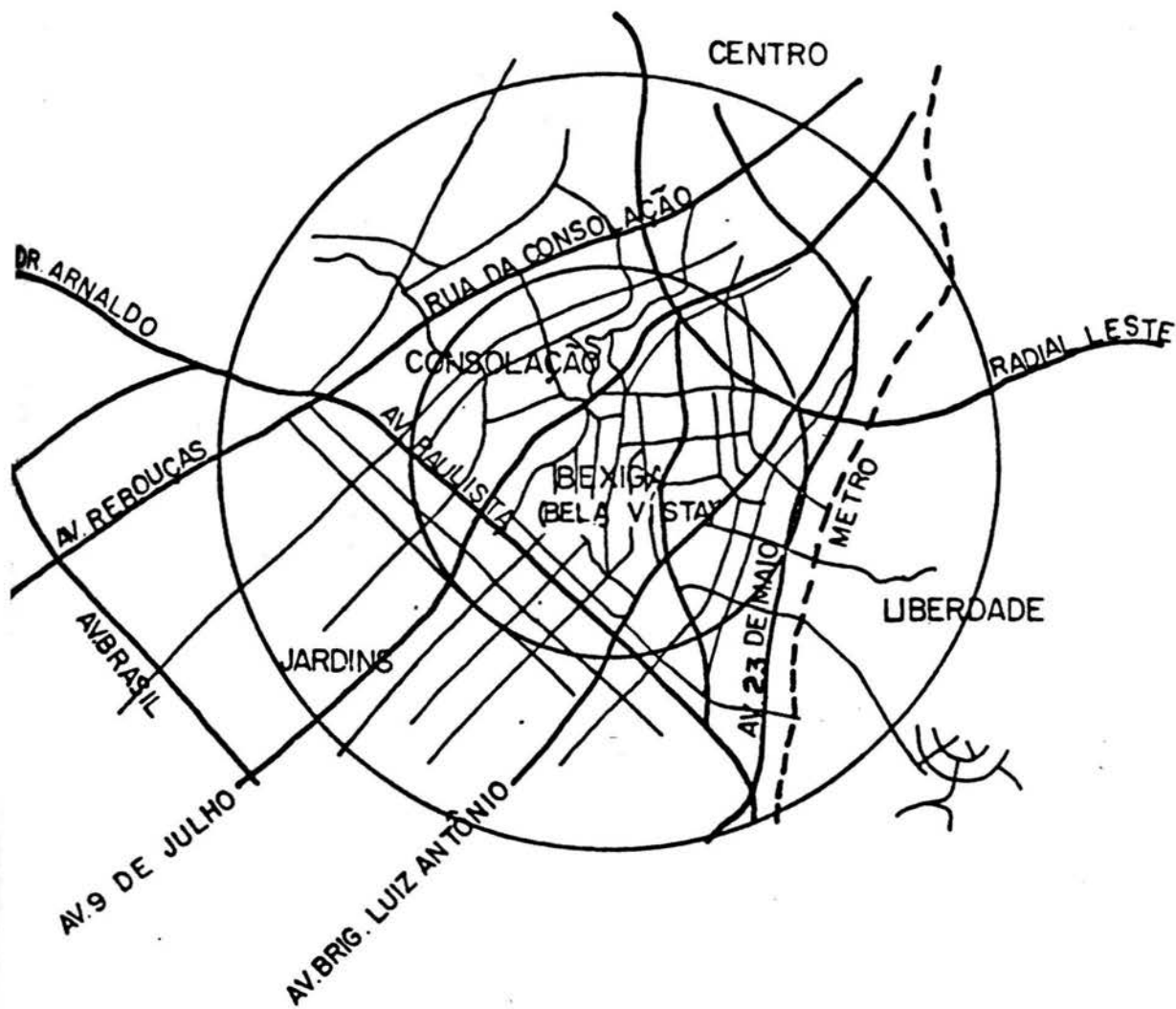
Aquela expansão alterou a vida de muitos bairros de São Paulo. Muitos acabaram abrigando indústrias obsoletas. Outros como no caso do Bexiga, com seu artesanato desestruturado acabaram sendo invadidos por um terciário "informal" e por uma população que passou a procurar o bair

ro como lugar de residência em busca de trabalho no centro da cidade. Fato este que seguiu já uma antiga tradição que a localização do bairro favorecia. Após as grandes transformações viárias o bairro tornou-se atrativo para o grande conjunto dos trabalhadores, principalmente para aqueles que não dispõem de automóveis. Seus corredores de circulação colocam-nos em fácil acesso à qualquer ponto do centro, ou da cidade, a pé ou de coletivo (Fig. 8).

São Paulo, com o avanço na "modernização", criou a necessidade de um terciário cada vez mais sofisticado, desde a renovação das instalações das grandes instituições financeiras que ocupavam os antigos prédios sem estacionamento do "velho centro", até os grandes escritórios de marketing e planejamento, e os novos setores de informática, etc. Seguindo a tendência de expandir-se desde aquele centro, criaram-se novas áreas para integrarem-se ao mesmo como lugar de implantação do "novo terciário" que demandava novos e arrojados projetos arquitetônicos. A "Nova Paulista" e a av. Faria Lima acabaram abrigando este processo de expansão. Antigos palacetes daquela aristocrática avenida foram derrubados para dar lugar aos novos projetos. Outros foram remodelados para abrigarem as novas funções. O "velho Bexiga" colocado no meio, entre o "velho centro" e a "Nova Paulista", só recentemente começou a receber efetivamente este terciário. Sua estrutura fundiária, o tipo de vizinhança e as condições físicas do lugar, a maior parte com ruas estreitas, etc. levou a um "salto" em direção ao espigão e zona sul da cidade. A reurbanização da Av. Paulista absorveu enormes investimentos públicos para adaptá-la às aquelas funções, que potencialmente poderiam ser localizadas no Bexiga como "prolongamento natural daquele território do "ve-

BEXIGA E GRANDES EIXOS DE CIRCULAÇÃO

1 9 7 5



Fonte: COGEP - Coordenadoria Geral de Planejamento - PMSP, 1975
Des.: Orita/88.

lho centro". As grandes obras para a Av. Paulista foram favorecidas pelo tipo de estrutura fundiária. Os grandes lotes colocados ao longo desta via favoreceram elaboração daqueles arrojados projetos que receberam as instalações de grandes bancos e edifícios para escritórios. Sua proximidade com os bairros aristocráticos e seu projeto viário como eixo perimetral dentro dos grandes anéis viários projetados para S. Paulo de então, aliados àqueles outros fatores fizeram com que a "Nova Paulista" absorvesse juntamente com a Av. Brigadeiro Faria Lima o processo de "modernização do terciário". A criação deste "novo centro", foi altamente estimulante para os grandes empreendimentos imobiliários, públicos e privados, dentro da reurbanização de São Paulo.

Como já falamos, o Bexiga, mais recentemente, presencia a implantação do "novo terciário". As avenidas Brigadeiro Luiz Antonio, Maria Paula e algumas de suas transversais são aquelas onde mais se presencia o fenômeno. Também foram observados alguns locais com a penetração de pequenos setores ligados à informática e vídeos no interior das regiões tradicionais. O próprio Morro dos Ingleses e seus casarões sendo derrubados para ceder lugar a grandes prédios de escritórios ou então sendo ocupados por estas atividades. Apesar disto, o bairro continua ainda sendo caracterizado pelo "terciário informal". Somente os serviços de consertos de automóveis e estacionamento, que ocupam fundos de lotes, partes inferiores de casas ou terrenos de casas demolidas, constituem 29,16% do total de ocorrências nas formas de usos. Quanto aos referentes a consertos de aparelhos eletro-domésticos, 6,25%. Estas duas atividades somam juntas 35,41% dos registros de ocupações no total dos

lotes.

Para compreendermos a estrutura deste terciário no Bexiga temos que compreender a natureza do processo de reprodução capitalista no país, ou seja como se dá a produção, a distribuição e a circulação das riquezas. Vive-se numa sociedade onde o padrão de consumo tenta reproduzir aquelas das sociedades capitalistas avançadas, mas que porém não tem o nível de autonomia no processo das decisões sobre as taxas de acumulação interna do capital no país. Assim, a política de distribuição da renda, determinada externamente, acaba definindo o potencial de consumo da massa trabalhadora internamente. Os mecanismos de distribuição da renda, determinados pelos interesses do capital multinacional, influenciadores no potencial de consumo daquela população, acabam reproduzindo, aqui, formas de consumo "pervertidas" quando comparadas com as condições daquelas sociedades desenvolvidas. Enquanto a produção e distribuição de bens de consumo nas sociedades capitalistas "avançadas" pode se colocar no "mundo do descartável", ou seja, o nível de vida média, permite estabelecer tempo relativamente curto para o uso dos produtos, podendo estes serem facilmente trocados por novos modelos - "obsoleto planejado", em sociedades capitalistas como a nossa, o "descartável" torna-se uma "perversão". Assim, temos que apelar para a necessidade de se prolongar ao máximo a vida daqueles bens. Obviamente que, para cada nível de renda esta necessidade estará mais ou menos determinada. Neste contexto é que entendemos o porquê em certos meios a proliferação de "casas de consertos" torna-se maior. A existência de um número muito grande destas casas no bairro do Bexiga tem que ser explicada não em fun-

ção somente de uma clientela cativa do bairro (que, aliás pelos depoimentos dos "pequenos negociantes" constitui a grande maioria da clientela), mas também de uma clientela que potencialmente é uma parte mais ampla da cidade. Desta forma, a existência deste tipo de terciário revela uma dimensão da natureza do nosso capitalismo e ao mesmo tempo, dá nos a possibilidade de compreensão sobre aquelas formas de uso do solo no bairro.

Aqueles 47,1%, representando os serviços de consertos no conjunto do setor de serviços, apresentam-se no interior do bairro de forma bem dispersa. Como veremos mais adiante, somente na região do alto da grota é que o mesmo não aparece. Nas demais áreas estes tipos de atividades tem presença constante. Representam hoje uma fonte de renda para os proprietários daqueles casarões ou terrenos que ocupam, pois, na sua maior parte, estes "negociantes" alugam ou sub-aloçam estes espaços. Desta forma permitem àqueles uma renda enquanto se dá a valorização do terreno no processo das transformações urbanas da cidade. Ao mesmo tempo, contribuem, juntamente com os cortiços, para o processo de fragmentação no uso dos lotes, criando uma pressão contínua sobre este espaço. Cada casa e pedaço de terreno se desdobra em infindáveis tipos de uso estimulando o apetite daqueles que vivem da exploração dos aluguéis.

Excluindo-se aqueles setores que hoje estão gradativamente entrando no bairro, representados pelo terciário que poderíamos chamar de "superior" grandes escritórios empresariais, bancos, alguns setores de vídeo e informática, o bairro continua sendo ocupado pelo setor "informal". É um lugar onde os tipos de empreendimentos caracteri

zam-se por capitais iniciais relativamente baixos. Segundo os estudos da COGLP para o ano de 1974, 63% dos estabelecimentos dos setores ligados às cantinas e casas de diversões eram classificados como de "nível médio". Até hoje a situação se mantém. Não localizamos no interior da área de pesquisa estabelecimentos destinados a servir refeições que pudessem ser classificados pela Paulistur como de "luxo", a exemplo daqueles que são encontrados na região dos jardins.

Desta forma, o bairro não se apresenta muito atrativo como mercado para a força de trabalho. As casas de diversões, as cantinas e congêneres e o reduzido número de pequenas indústrias se constituem nos setores que mais empregam a população do bairro. A chegada dos nordestinos no mesmo significou um aumento muito grande da oferta de mão-de-obra para estes setores. Segundo depoimentos dos donos de cantinas e daquelas casas de diversões a maior parte da força de trabalho é formada pelos mesmos. Este fato leva-nos a refletir sobre a estrutura econômica que o bairro apresenta e a possibilidade na oferta de empregos que o mesmo pode oferecer. Dá para concluir-se que a grande maioria que procura o bairro como lugar de residência tem que procurar fora do mesmo o emprego. À medida que ao trabalhador não é dada a condição de verdadeiramente escolher empregos, mas, ser escolhido, sendo isto mais evidente entre aqueles de baixo nível de qualificação, devemos admitir que um lugar onde as opções de emprego não são grandes, a mobilidade espacial da população deve ser grande. Segundo estudos feitos pela SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados, a região metropolitana de São Paulo está revelando um movimento de saída da população do

seu centro para municípios periféricos à mesma. Neste caso, um bairro denso como a Bela Vista deverá ser, também, tributário desta saída, o que nos permite pensar numa renovação da sua população.

A renovação da população do bairro, ligada tanto a fatores sócio-econômicos como àqueles ligados ao processo de reurbanização, parece-nos algo constante. O bairro já viveu momentos onde a grande maioria das pessoas nascia, vivia e morria no mesmo lugar. No caso do Bexiga a presença daquela estrutura de pequenos artesãos permitia isto. A expansão industrial de São Paulo que acabou representando no processo de industrialização brasileira sua espinha dorsal, criou enormes desequilíbrios entre a cidade e o campo e entre uma região e outra do país. Para ampliar a nossa análise podemos invocar a seguinte citação:

"O final da década de cinquenta foi marcado por uma intensa industrialização, uma verdadeira explosão industrial, segundo Francisco de Oliveira. O mesmo autor demonstra-nos que a natureza "tardia" desta industrialização forçou um emprego de tecnologia "capital intensivo" nesta década. Foi uma época de contenção de salários reais, o que permitiu ganhos espetaculares, permitindo um intenso processo de acumulação de capitais. Segundo Francisco de Oliveira, foi uma época em que a industrialização passou a utilizar uma tecnologia intensiva, absorvendo relativamente uma pequena proporção de força de trabalho, num momento que as cidades passam a crescer em termos demográficos tanto pelo processo do êxodo rural como pela taxa de crescimento natural da população urbana. A participação do setor secundário na composição da renda no final da década de cinquenta passou de 31% para 44%, enquanto a força de trabalho

empregada na mesma, continuou a mesma, aumentando mais a partir da década de sessenta". (Francisco Capuano Scarlato).

A natureza deste tipo de crescimento, que a economia brasileira sofreu está na base da chegada daquela população de nordestinos para o Bexiga. A medida que acontecia o processo de reurbanização com todas aquelas implicações na estrutura fundiária e de ocupação pelos antigos moradores, os nordestinos foram gradativamente ocupando seu espaço. Além destes, que se transformaram nos mais representativos, outros, das demais regiões brasileiras, acabaram chegando também. Este processo de mobilidade da população brasileira tornou-se uma constante até os dias de hoje. Isto acarreta um nível de permanência cada vez menor nos lugares. No caso do Bexiga, à partir do seu "Ano Zero", isto ficou muito acentuado. Os estudos feitos pela COGEP para o início da década de setenta sobre o tempo de residência dos seus moradores dentro do bairro são muito significativos para nos mostrarem as transformações verificadas no mesmo. Um bairro que sempre havia revelado uma grande estabilidade da população, à partir de então já revelava significativos de mudanças: somente 16,3% da sua população revelaram ter sempre residido no bairro. Com 1 ano de permanência tivemos 10%. De lá para cá, o quadro de renovação foi se acentuando. Fato que não foi por nós quantificado, mas que pudemos perceber pelos tipos de depoimentos. Muitos daqueles poucos moradores antigos que ainda vivem no bairro, dizem sentirem-se "estranhos no próprio bairro" em função de uma vizinhança que constantemente se renova.

Portanto, o que veio a acontecer ao Bexiga com relação à fixação da sua população é produto da nature-

za estrutural do nosso capitalismo, das contradições que ele apresenta tanto a nível daquelas relações sócio-econômica e culturais como nos projetos de intervenções de reurbanização e não algo que tenha sua essência no interior do próprio bairro. Fica cada vez mais difícil para o trabalhador de um modo geral, porém, mais ainda para aqueles de baixa renda poder fixar residência por muito tempo em algum lugar. Este "nomadismo urbano" que caracteriza a atual relação do trabalhador com relação ao emprego e moradia associado à falta de habitação disponível para a classe trabalhadora veio estimulando enormemente aquele apetite dos exploradores imobiliários. É dentro desta perspectiva que devemos entender entre tantas transformações ocorridas no espaço do Bexiga, uma que lhe é muito peculiar - a fragmentação e os grandes desníveis na forma de morar.

Segundo as estatísticas oferecidas pelo setor "Base de Dados" da PMSP, para um total de 25.634 domicílios com uma média de três pessoas em cada um, a renda média por pessoa no conjunto do universo da pesquisa feita em 1980 era de seis salários mínimos, ou seja 18 salários mínimos por domicílios. Sabendo-se que nos últimos anos continuou o processo de contenção dos salários para a classe trabalhadora em geral, podemos concluir que as condições dos moradores do bairro pioraram ou, na melhor das hipóteses, continuaram as mesmas. Desta forma, o Bexiga continua sendo um bairro de população de média para baixa renda. Isto explica a existência no bairro dos baixos padrões de qualidade de uma parcela significativa de suas habitações; poderíamos mesmo dizer da sua quase maioria.

Segundos estudos feitos pela PMSP-Dossie, 054/03 de 1981, era o seguinte o quadro de distribuição

dos cortiços em São Paulo, Região de Pinheiros 10.000 domicílios em cortiços; Sé, Sto. Amaro, Lapa, Butantã com 20.000 a 30.000. Superior a estes, estavam, Vila Maria, Vila Pudente e Penha com mais de 50.000. Desta forma o Bexiga localizado na regional Sé ficava contemplado entre aqueles de grande concentração de domicílios em cortiços. Para o setor de Base de Dados da PMSP, o bairro apresentava 2,63% da sua área construída ocupada por residências do baixo padrão e 42,0% de padrão médio. Acreditamos que aqueles 2,6% correspondam aos cortiços. Não nos foi possível identificar junto às fontes o que eles classificavam como médio. Porém, pelas observações de campo, acreditamos que a maior parte daquelas cifras referentes ao padrão médio deverão conter uma parcela significativa de cortiços, à medida que alguns cortiços do bairro apresentam-se relativamente "conservados".

O avanço das atividades de serviços e comércio dentro do bairro não lhe tirou a preponderância da função residencial, porém significou uma mudança na qualidade de vida. O aumento das formas de uso misto para os lotes do mesmo, significou para a população ter que conviver junto à moradia com uma maior agitação. Estas residências de baixo e médio padrão que constituem, segundo informações da "Base de Dados - PMSP" quase 50% em área construída no bairro encontram-se bem dispersas pelo mesmo. Somente os 10,7% representados por um alto padrão é que estão de uma certa forma mais concentrados, principalmente na região do alto da grotá.

O bairro que sempre se caracterizou pela predominância das habitações horizontais ou seja, aquelas antigas casas, no máximo de dois pisos, viu nos últimos a-

nos aumentar as construções verticais, tanto para residências como para outras atividades do terciário. A função residencial do tipo horizontal, segundo a Base de Dados para 1986 ocupava 5,5% da área construída, enquanto a vertical ocupava 49,9% do total da área construída. Isto significou um grande adensamento na ocupação do solo. Num total de 1.463.080 m² de área de terrenos, temos no bairro um total de área construída em 4.471.341 m². Podemos observar que, apesar da área construída para residências verticais ser bem maior do que as horizontais, a representação das mesmas em áreas de terreno não difere muito. Para as residências verticais temos 26,1% do total de terrenos e para as horizontais, 20,9% dos mesmos. Estes números permitem-nos perceber o coeficiente de aproveitamento para a região. Para os terrenos ocupados por construções horizontais é de 0,87 e para o outro é de 6,2. Apesar do adensamento que se verificou nesta região da cidade, muitos políticos, administradores e empresários acham que ela comporta um processo maior ainda, visto a grande quantidade de terrenos com baixo coeficiente. Para o total da área da pesquisa da "Base de Dados" o coeficiente de aproveitamento para o bairro é de 3,5, enquanto o total para o conjunto da regional Sé, na qual está contido, é de 2,3. Fato que comprova o grau de adensamento que o bairro revela no conjunto daqueles que caracterizam o entorno ao centro. Desta forma, a lei de Zoneamento, criada em 1972 não foi suficiente para "congelar" seu processo de verticalização. Também para o uso em comércio e serviços, a tendência à verticalização foi muito grande. Hoje, segundo aquelas fontes da Base de Dados, 36,8% do total da área construída estão ocupados por estas atividades em construções verticais,

estando estas muito concentradas nas áreas próximas aos grandes "corredores" que passam pela região.

Segundo estudos feitos pela Embracsp (Empresa Brasileira de Estudos do Patrimônio), entre fevereiro de 1985 a novembro de 1987 foram lançados no Bela Vista 17 novos edifícios com 1.485 unidades com uma média de 40 m² cada uma. São apartamentos que em sua maioria se constituem em quarto, sala, cozinha e uma vaga na garagem. Dos 17 lançamentos, somente três eram de dois dormitórios. Paralelamente a estes tipos de apartamentos, vêm aparecendo no bairro construções do tipo *apartment-hotel* e *flat*. Este fato comprova a afirmação feita pela Sinduscon (Sindicato da Indústria da Construção Civil de Grandes Estruturas) de que o "destino do lugar é ser ocupado pelos *flats* e aqueles pequenos apartamentos. Esta instituição não vê para o bairro a possibilidade de vir a ser ocupado por residências de "alto padrão" a não ser naqueles lugares por nós já assinalados. A expectativa da Sinduscon-SP parece não diferir muito daquela apresentada pelos empresários nos estudos feitos pela COGEP em 1974. Segundo estes estudos constatou-se o seguinte:

"...Este fato, aliado à falta de definição de uso para a Z8-010 classificada como zona especial, justifica o comportamento verificado: as grandes empresas imobiliárias, interessadas nos projetos de maior lucro não se interessam devidamente pela área devido: a) ao grande grau de retalhamento das quadras existentes... b) à falta de uma definição de uso do solo da região que garantisse um salutar interesse da iniciativa privada na área, de modo a impedir a sua deterioração gradativa, e mesmo forçá-la a um processo

de revisão da tendência...

A constatação desse processo de deterioração do preço de terreno da Bela Vista pode ser finalmente verificado ao se compararem os resultados obtidos em áreas vizinhas à Bela Vista e em bairros residenciais nobres próximos ao centro da cidade". (PR-016, p. 1-36).

Para aqueles projetos que, segundo os estudos, foram classificados de "maior lucro", destinados às camadas de maior renda, o lugar não se apresenta atrativo, a não ser em algumas áreas como a do alto da grota, espigão da Paulista ou adjacências dos grandes corredores para aqueles grandes escritórios. Parece-nos que esta fatia do mercado imobiliário, até agora, vem sendo explorada pelas companhias construtoras de menor porte que trabalham com uma faixa da população com rendas mais baixas. Estes tipos de construções de pequenos espaços, revelam uma tendência natural para uma clientela com famílias pouco numerosas, executivos que trabalham no "velho centro", "Nova Paulista" e aqueles grandes escritórios que estão entrando pelo bairro. Pelo número de novas construções observadas durante a coleta de dados e pelos números oferecidos pela Embraesp parece-nos que qualquer risco aos empreendimentos está descartado.

Tudo isto vem colocando os velhos casarões sob a mira das companhias construtoras, grandes ou pequenas. As populações dos cortiços e os antigos moradores cada vez mais ficam sob a pressão desta nova tendência. Assim, o processo de renovação da população tenderá a acentuar-se mais ainda.

Para Cândido Malta, a proposta que vem sendo elaborada na mudança da Lei de Zoneamento, dentro da

proposta do novo Plano Diretor para a cidade de São Paulo, ainda não aprovado, torna-se uma ameaça para o Bexiga. Segundo ele, "o aumento da área construída pela verticalização, pode, entre outras conseqüências significar uma ameaça à existência daquelas atividades que caracterizam hoje o lugar - o setor de cantinas e diversões" (Cândido Malta Filho, ex-secretário do Planejamento do Município de São Paulo, Palestra, 31/8/87). Isto nos permite compreender o empenho de algumas lideranças comunitárias do bairro em se juntar àquele programa contra o Plano Diretor. Desta forma querem defender-se do risco de serem "eliminados" do bairro como foram aqueles moradores da rua Jandaia e Assembléia, juntamente com seus antigos casarões.

A presença significativa dos terrenos ocupados pelos casarões e terrenos vagos, que no local representam 14,0% do total da área (Base de Dados - 1986) cria uma grande pressão do grande capital imobiliário sobre o espaço do Bexiga. Estes terrenos que representam uma "reserva do valor imobiliário", cada vez mais se colocam na perspectiva de serem vendidas por pressão das grandes companhias e da atual política de planejamento municipal. Os defensores da política de adensamento do bairro argumentam que existe uma infra estrutura "ociosa" neste espaço.

Para Lauro Rios (Ex-secretário da COGEP-PMSP, governo Reinaldo de Barros) este argumento não tem sustentação, na medida que se observa que a ociosidade não deve ser entendida somente em relação à infra-estrutura de saneamento básico, mas também, em relação aos equipamentos viários, que para o mesmo, está plenamente saturado. Saturação essa relacionada com uma política de transporte que

priorizou o individual. Pelos congestionamentos das ruas, pela intensidade dos fluxos nas suas estreitas ruas e mesmo naquelas que representam as vias expressas, o Bexiga não comporta um maior processo de adensamento por verticalização. Portanto aquela "ociosidade" é falsa. Sobre esta pretensa ociosidade, a posição de Roberto Cerqueira Cesar (Secretário da COGEP-PMSP, governo Figueiredo Ferraz - Palestra - Instituto de Engenharia. São Paulo, Caminhos Possíveis, 27/6/88) é mais enfática: "Não conheço nenhum lugar da cidade que tenha infra-estrutura que permita adensamento".

Por mais crítica que sejam as posições dos referidos planejadores e políticos, parece-nos que, apesar de reconhecerem os imediatismos da indústria da construção civil eles apresentaram-se impotentes para disciplinar o planejamento do espaço: "Percebi que, para envolver o cidadão no processo do planejamento, tínhamos que partir do planejamento do bairro. Discutem-se hoje os problemas do adensamento de uma área para conter seu avanço, quando na verdade este adensamento já encontra-se consolidado" (Candido Malta C. Filho, Secretário do Governo Olavo Setubal - Idem palestra anterior) que parece ser o caso do Bexiga. Desta forma por detrás da política do Estado estão os interesses representados pelo capital imobiliário e seu crescente papel no processo da Renovação e Reurbanização da cidade:

"Assim, o espaço vai se produzindo para atender às necessidades de produção e reprodução de relações determinadas pelas atividades produtivas que dependerão do estágio de desenvolvimento das forças produtivas. A interrelação entre parcelas diferenciadas do espaço serão determinadas pela divisão

do trabalho no seio do processo produtivo global" (Alessandri Carlos, p. 155).

Na base deste processo está a questão de como se define a apropriação e o direito de propriedade do solo urbano. Fundamentada no direito da propriedade privada e conseqüentemente determinada pela diferenciação das classes que nasce da forma de apropriação e exercício do direito de propriedade privada, as relações sociais de produção no capitalismo determinam aquelas desigualdades das "parcelas" do espaço - desigualdade na distribuição da quantidade do espaço para cada família, na qualidade deste espaço expressa num tipo de zoneamento urbano onde a história deixou a marca de uma grande perversidade nascida do privilégio de uma classe sobre outra. Cada vez mais a ameaça de expulsão daquelas populações pobres que habitam os cortiços são testemunhos desta história.

O Bexiga apresenta-se como um "bairro em transe". Não somente pela maneira como se dá a substituição dos casarões pelos "espigões", mas também pela difusão de uma quantidade enorme de novas formas de uso que lhe caracterizam o espaço. Ele não é somente aquele mundo das cantinas e pizzarias, interiores de casas de shows com música ao vivo ou não, "biscateiros" que lutam por um pequeno pedaço de espaço para trabalhar e garantir a sobrevivência. Ele é também um espaço de representações que estimula a imaginação - um sentimento de aventura e boemia. No dizer de alguns jovens entrevistados que frequentam o bairro: "Ele é um barato". É um mundo do "exótico". Casas de trocas de objetos usados, antiquários, comércio de discos usados, artesanato de máscaras decorativas, alugueis de roupas para espetáculos, artesanato de bijouterias distri-

buídas em infindáveis tabuleiros nas calçadas, nas noites dos finais de semana. Está também aí a presença marcante de teatros que criam um clima de descontração e mesmo de um "esnobismo intelectual". Teatros pequenos e grandes. Entre os 11 catalogados pela pesquisa, um em especial - teatro Igreja, instalado no interior de um antigo templo religioso, cuja arquitetura foi mantida; acentua-se o "caráter exótico". Este conjunto de teatros acaba criando um espaço de lazer que transcende aos espetáculos oferecidos. Assim, também as 34 casas de música-bar, e os cine-clubes. Tudo isto entra no circuito de consumo, estimulando a "magia" que o Bexiga oferece e que é "industrializada" pela mídia.

Grande parte destas casas revelam uma decoração improvisada. Sua clientela, na maior parte, apresentam-se como pessoas "descontraídas". Quando indagadas sobre o tipo de diversão que procuram, revelam-se, na verdade, sem "destino certo". Atraídos pela sua fama, procuram o bairro certos de que, de uma "forma ou de outra", encontrarão alguma forma de lazer e diversão. Desde um bar para uma bebida, até uma casa de espetáculos ou uma casa de discos usados. Este espírito é algo presente nas noites do Bexiga. Isto faz do bairro um lugar de encontro de diferentes camadas sociais. Nele encontra-se o lazer desdobrado para todos os bolsos e gostos. Desde um bar de "terceira" categoria, cantinas e pizzarias, àquelas casas de diversões, ou um teatro encenando alguma peça clássica. A grande quantidade de carros e gente circulando, à noite a procura de alguma forma de "alienação", após a semana vivida na tensão da metrópole, acaba fazendo o bairro parecer uma "grande feira de lazer", um mercado onde se pesquisa

para se adquirir no "nível do bolso".

Desta forma o bairro acabou consolidando uma forma de viver na grande metrópole. Na indústria do lazer passou a ser um bairro típico "classe média". Nenhum dos seus estabelecimentos poderiam ser classificados como "cinco estrelas". Quando é procurado pelas camadas mais "aristocráticas", estas geralmente tem destino certo - teatros ou alguma cantina pela especialidade de seus pratos.

Entre aquelas novas funções de um terciário mais qualificado traduzindo uma tecnologia mais sofisticada, deve-se destacar a presença de empresas de gravações de vídeos. Estas empresas parecem ter surgido no bairro atraídas pelo espaço cultural que o mesmo apresenta. Ao todo foram registradas sete destas empresas, muitas delas com instalações construídas com esta finalidade. Juntamente com elas têm que destacar-se a presença de quatro empresas ligadas ao setor de informática relacionadas ao processamento de dados.

Além destas funções arroladas até aqui, registrou-se a presença de muitas instituições: desde vários sindicatos, partidos políticos e instituições estatais. Ao todo foram localizadas 23 destas instituições.

Assim, o Bexiga vai gradativamente se transformando. O surgimento daquelas atividades de um terciário mais qualificado tecnicamente, os grandes escritórios, que apesar de não representarem no conjunto uma forma que pela frequência possa ser considerada dominante, está provocando dentro do bairro o aparecimento de uma mão-de-obra mais qualificada que aos poucos vai pressionando a qualidade dos demais serviços do mesmo. Com ela surge uma demanda de habita

ções mais qualificadas. Talvez possamos relacionar este fato à tendência para o aparecimento daquelas construções de pequenos apartamentos - *flat*, *apartment-hotel*, assim como o surgimento de um número significativo de cantinas, que tradicionalmente só funcionavam à noite, agora estão oferecendo almoço para "executivos".

À medida que a evolução do processo de urbanização que vem ocorrendo na metropolização de São Paulo, impelida pelas transformações nas relações sociais de produção, definindo novas especificações e especializações do trabalho, seu espaço vem mudando. Ao mesmo tempo as condições deste processo vão se revelando de forma mais transparentes. A presença daquela estrutura fundiária que alimenta uma forma de especulação e exploração sobre os "velhos imóveis", reproduzindo assim as relações de produção capitalista, criam, também, aquele "obstáculo" para que o grande capital imobiliário se realize plenamente. Os primeiros reproduzem os cortiços e os "biscateiros", os segundos, os grandes escritórios com aquela população de "colarinhos brancos" e as "novas caixas de morar".

3.2.2. Em busca de um perfil demográfico

Para a Regional Sê, dentro da qual está situado o bairro da Bela Vista, temos uma densidade urbana das mais altas com 327,74 habitantes por hectare. A Regional do Butantã que registra as mais baixas tem 89,41 habitantes por hectare (Conheça sua Região, Sempla-PMSP, 1984). No conjunto da Sê, o Bela Vista é uma das áreas de maior densidade. Para um total de 564.890 habitantes, represen -

tando os 8 distritos em 1980, o bairro, com seus 79.611 habitantes, registrava 14% do conjunto, colocando-se como um dos mais numerosos (IBGE, 1980). Esta grande concentração demográfica explica-se pelo próprio processo da verticalização como pela intensificação no crescimento dos cortiços, muito comum nos bairros ao redor do centro da cidade.

Conforme já apontamos em outra parte, o bairro veio revelando uma forte tendência para a renovação da sua população. A entrada de grandes contingentes de imigrantes nacionais que procuraram São Paulo a partir de 1950 contribuiu para estas transformações que ocorreram no perfil da população local. Cada vez mais a população de italianos e ítalo-paulistas foi se transformando em minoria. De um lado pela saída dos mesmos; de outro pela diminuição crescente da entrada de novos contingentes de italianos. Ao mesmo tempo ocorreu o envelhecimento e morte destes antigos grupos representativos da antiga ocupação. Através do estudo da evolução do processo imigratório para São Paulo, daqueles contingentes de italianos, poderemos concluir que sua expressão para o crescimento da população foi sendo cada vez mais reduzido, tanto para o conjunto geral da população de São Paulo como para o Bairro do Bexiga. Tomando-se por base a evolução da imigração de estrangeiros para o estado de São Paulo entre o período de 1885 a 1961 constatamos que o imigrante que mais entrou foi o italiano. Do total de estrangeiros que entraram no país durante este período o que significou 2.873.320 imigrantes, os italianos representavam 1.024.076, ou seja: 35,6%, sendo seu período de maior intensidade entre 1885 a 1900 - período em que ocorria o intenso povoamento do Bexiga, época daquele grande processo de loteamentos, já referido na primeira parte do trabalho. A partir de 1910 o número de entrada começou

a declinar. Para o período mais recente, entre 1935-1959 entraram somente 90.130 italianos. Os números caíram drasticamente entre 1960 e 1961, quando entraram para todo o estado de São Paulo 4.144. (Fonte: Imigração Estrangeira e Nacional - Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí, p. 14). Desta forma podemos concluir que o estoque de italianos existente no bairro foi diminuindo e tendendo a envelhecer. Pelos depoimentos feitos pudemos perceber que são muito poucos os italianos ainda vivos no bairro. Paralelamente à redução da entrada de italianos ocorreu o aumento significativos de imigrantes nacionais para São Paulo. Para um total de 159.360 estrangeiros de todas as nacionalidades entre o período de 1956 a 1960 tivemos a entrada de 517.624 brasileiros de todas as localidades. Apesar das fontes não trazerem dados estatísticos por unidades da federação, as análises apontam que a maioria deles eram procedentes do Nordeste brasileiro. Relacionando estes dados com o que ocorreu com o bairro - a grande saída de populações com aquelas obras de reurbanização e problemas relacionados com a mobilidade social no interior da comunidade de ítalo-paulistas podemos concluir que a representatividade numérica daquela italianidade tendeu a reduzir-se bastante no interior do Bexiga.

Hoje, verificamos uma tendência à diminuição para a entrada de imigrantes nacionais em São Paulo: "Na década de 40 a contribuição da imigração para o crescimento total da metrópole era de 72%, na década de 1950 era de 59%, na década de 60 se manteve em 59% e na década de setenta cai para 50%" (Seade). Conforme análise da autora, grande parte desta imigração ocorreu para o interior da área metropolitana. Só recentemente é que esta corrente tendeu a

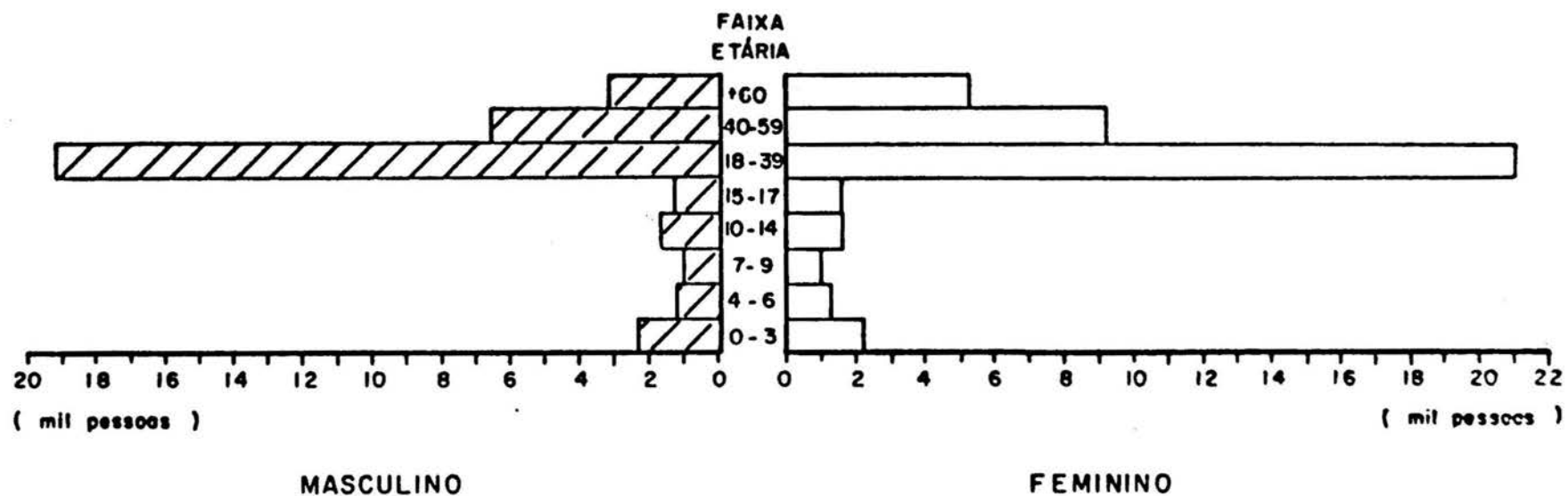
reverter-se. Porém, naqueles períodos anteriores, os bairros centrais, e com eles o Bexiga, foram contemplados com grandes contingentes, principalmente dos nordestinos. As consequências desta imigração para o bairro, como normalmente ocorre nas regiões que se transformam em pólos de atração, foi o grande crescimento da população de idade considerada ativa. Foi o que ocorreu com o Bexiga. Daquele total de 79.611 habitantes, 70,6% encontravam-se em 1980 entre 18 e 59 anos de idade; dos 0 aos 17 anos, 18% e acima de 60 anos 10,1% (Fig. 9). Estes números colocam o bairro como um lugar de grande reserva de força de trabalho potencialmente em condições ativas. Pelo que vimos até agora, o bairro parece não absorver todo este pessoal. Poderíamos mesmo afirmar que o bairro, dentro da área metropolitana, funciona como um "bairro dormitório". Sua população em idade ativa parece aí morar mais como uma estratégia para o acesso a empregos nas áreas circunvizinhas.

Observado o número de crianças e adolescente, representando um número de 15.091 de 0-17 anos de idade e comparando estes números com o número de instituições de ensino de primeiro e segundo graus, que ao todo perfazem 59 salas de aula em duas escolas estaduais e mais duas municipais com 6 salas de aula, a proporção entre pessoas e vagas, torna estas escolas deficitárias em relação ao total da demanda. Considerando a população dos 7 aos 17 anos, teremos em média uma relação de uma vaga para 4 pessoas. Não existem creches da rede direta. Existem somente duas da rede indireta com uma capacidade para 300 crianças de 0-6 anos; o que significa uma relação para o bairro de 23 crianças para cada vaga (Base de Dados).

Sendo um bairro onde a população na sua maior parte vive com baixa renda e a infra-estrutura urbana apresenta uma grande precariedade em relação a logradouros pú-

FIG. 9

POPULAÇÃO POR SEXO E FAIXA ETÁRIA DO BELA VISTA
- 1980 -



Org.: Scarlato, F. C.
Des.: Orti/88.

Fonte IBGE, 1980.

blicos como parques, jardins, praças. Podemos concluir que as crianças das famílias pobres ficam confinadas nos espaços interiores dos reduzidos espaços domiciliares daqueles cortiços ou pequenos apartamentos, ou então disputando com os automóveis um pedaço das ruas. Assim, em relação ao ensino o jeito é procurar nos bairros vizinhos vagas para os filhos. Mesmos as classes de maior renda reclamam da precariedade das escolas - em número e em qualidade.

A inexistência de logradouros públicos impede que aqueles velhos e aposentados possam desfrutar de um "espaço de ócio". A condição imposta à maioria desta população pela sua condição social impede que os mesmos possam procurar distante das residências este desfrute. Cada vez mais o Bexiga divorcia estas duas formas de espaço - ócio e residência. O que sobra para os velhos é o mesmo que acontece com as crianças - um pedaço de calçada ou um "degrau" das casas com cesso para a rua" que sirva para sentar e apreciar o "movimento". Buscar no confinamento das calçadas, junto ao barulho e à poluição uma "diversão que nada custa". Assim a condição de velho e de criança em um bairro como este passa a ser sinônimo de marginalidade social.

O Bexiga, mais uma vez passa a ser um símbolo das contradições do urbanismo capitalista. Quanto mais cresceu a "indústria do lazer" mais a sua população viu-se privada de ingressar neste mercado. Para esta, o que sobrou foi "ver a banda passar". Tão perto dos sonhos vendidos pelas mídias e tão distante de poderem ingressar no interior daqueles estabelecimentos. O que sobrou foi muito pouco. Das atividades gerais registradas no comércio do bairro, 11,8% são representados por pequenos bares com um

balcão e poucas mesas ao redor do mesmo, normalmente usados pelos "vagantes" que procuram o Bexiga, mas que, vez ou outra, é também pela população local. Para a população pobre do bairro a possibilidade de "curtir" uma cervejinha é uma das poucas disponíveis para seu bolso.

É sobre estes pequenos bares que a liderança do tradicionalismo do bairro investe com mais severidade. Achem que o bairro deveria sofrer um verdadeiro "expurgo". Referindo-se à "deterioração" ocorrida na paisagem e população do bairro, assim se colocou um daqueles líderes: "O progresso levou os italianos e seus descendentes. Eles, porém têm casas aqui. Eles não querem morar no bairro. Esta deterioração impede que eles voltem. A imigração nordestina invadiu o nosso bairro... Sobre os nordestinos a maioria deles residem no bairro tornando-se mão-de-obra para os restaurantes etc. Mas entre eles também existem marginais. Os Nordestinos não eram como os italianos. Vêm instalam-se nos cortiços e pensões, vivem num sub-mundo. A maioria deles pratica o crime, são marginais traficantes... Já pedimos para a polícia segurança para o bairro. O nordestino como qualquer pessoa é igual a todos. Procuram sobreviver... Querem garantir seu dinheiro e mandar para a família... muitos assim fizeram aquelas coisas todas" (Valter Taverna, Presidente da Sodepro, 26/3/88).

Em todos os demais depoimentos - que serão analisados em outro capítulo, verificou-se uma tendência segregacionista em relação aos nordestinos por parte da população tradicional do bairro. Uma das referências para tal segregação são aqueles bares de encontro, os únicos estabelecimentos acessíveis aos mesmos. Neles é comum serem

organizadas "batucadas" que perpassam até altas horas da noite ou então alguns "furrôs" improvisados. É sobre estas manifestações que revelam alguns traços dos novos habitantes, que se reportam os "defensores das tradições" do Bexiga, alegando que eles vieram tirar o sossego do lugar. O que podemos perceber é que existe naqueles discursos um sentimento de "usurpação" pela chegada dos nordestinos. Na falta de uma transparência do processo histórico que levou a todas aquelas transformações do bairro e consequentemente à desestruturação da unidade cultural que persistiu até então, tiveram que criar um "bode expiatório" para a impotência frente às determinações impostas pelas novas propostas de renovação urbana para São Paulo no interior da dinâmica de um capitalismo que se "modernizava".

3.3. A Unidade Quebrada

Feuerbach, descontente com o pensamento abstrato, recorre à intuição; mas não capta a sensibilidade como atividade prática, humana e sensível... O ponto de vista do materialismo antigo é a sociedade civil, o do materialismo moderno, a sociedade humana ou a humanidade social."

(Karl Marx - Teses contra Feuerbach)

Se até agora procuramos situar o Bexiga como produto de determinações históricas concretas, cabe-nos agora percebê-lo "num nível mais abstrato", naquele do sensível. Nas suas formas e estética espacial.

Ao tratarmos da dimensão estética, definir o belo e o feio temos que assumir a subjetividade que o termo envolve, à medida que estas duas categorias encerram mais do que aspectos formais, representam uma dimensão de sensibilidade do homem com as coisas. Para o materialismo histórico o belo representa um produto da atividade prática, histórico-social:

"O belo nasce e desenvolve-se quando o homem social (consoante o grau de conhecimento das leis sociais) desenvolve de maneira mais plena e livre nas condições históricas dadas, os seus dotes e capacidade criadores, quando impera sobre os objetos do mundo sensorial quando goza com o trabalho como se se trata

se de um jogo das forças físicas e intelectuais" (Rosental e Iudin, p. 92).

Apesar das dificuldades que nos apresenta este tipo de tratamento teórico sobre o espaço geográfico, achamos impossível escapar do mesmo no tratamento do tema da nossa pesquisa. A noção do belo e do feio foi uma constante que observamos quando as pessoas, pertencentes ou não ao bairro, referem-se ao mesmo. Tal abordagem é necessária para podermos captar as formas de relações entre as pessoas e as representações que fazem do espaço. Sua forma de sentir e viver com ele. A noção de feio e belo perpassa constantemente o nosso cotidiano. É uma das referências que nos remetem aos lugares.

Nossa condição sócio-econômica determina o nível de consumo que fazemos do espaço - a residência o transporte, as formas de lazer. As necessidades econômicas e nossa condição de classe circunscreve-nos ao mundo das necessidades, delas emerge nosso sentido estético do mundo. Nossas experiências com este mundo acabam definindo os padrões do belo e do feio. Se a verdadeira liberdade reside na capacidade do ser social em superar os limites que as necessidades impõem ao ser humano, conseqüentemente esta superação leva-nos dialeticamente a uma redefinição contínua daqueles padrões estéticos. Porém, às vezes isto acaba não acontecendo. Sobre este fato, a posição de J. Teixeira Coelho Netto é a seguinte:

"As normas de como se faz arquitetura, especialmente, de como fazer o belo em arquitetura, perfazem um código rígido ou no máximo, vários códigos rígidos... E são tão formalizados que não é difícil atribuir à ar-

quitetura a etiqueta de arte mais conserva-
dora e mesmo mais retrógrada e reacionária
(no sentido específico que se opõe a uma a-
ção) dentre todas outras... Zevi, por exem-
plo, não hesita muito em dizer que quase to-
da a arquitetura ocidental depois do século
XVI é uma arquitetura renascentista - e,
sendo justo, não é exagero algum defender
tal posição" (Coelho Netto, p. 131).

Neste sentido, para compreendermos aquelas
propostas de renovação urbana que foram feitas para o Bexi-
ga, as interpretações que foram feitas sobre este espaço
das quais emergiram as formas de reurbanização, teremos
que pensar que, sem esta abordagem, não chegaremos a perce-
ber os desencontros que se verificaram nas mesmas. Implíci-
ta ou explicitamente o insucesso daquelas resultou, além
de fatores políticos e ideológicos que nortearam sua elabo-
ração, de uma posição que parece não ter levado em conside-
ração, de forma mais objetiva, o Bexiga enquanto uma deter-
minação histórica concreta. Parece-nos que aqueles proje-
tos levaram em consideração uma concepção de cidade "monu-
mento" e não como lugar de morada humana. Ainda hoje, qual-
quer crítica que envolva a estética do espaço urbanístico,
está presa aos padrões clássicos renascentistas de ritmo,
medida, harmonia e composição. É neste sentido que o refe-
rido autor vê a arquitetura e o urbanismo. Reagir a este
classicismo não significa abandonar aqueles quatro elemen-
tos básicos na análise estética, porém, deve-se propor uma
nova dialética entre os mesmos. Propor uma nova ação e uma
nova leitura para o espaço, onde harmonia e ritmo obrigato-
riamente não significam o continuísmo estético e o "equilí-
brio geométrico absoluto" e a composição como "unidade ín-
tegra e perfeita", não mais procurando-se as soluções esté-

ticas através dos "blocos monolíticos e fachadas".

Colocar em jogo a noção de belo e feio num momento que procuramos analisar e compreender o espaço geográfico, é procurar cercar o mesmo enquanto uma realidade totalizante. Se o homem se liberta quando é capaz de romper com a limitação da escassez, esta liberdade passa pela capacidade do mesmo em criar um espaço na quantidade e qualidade condizentes com sua condição humana. Quando for capaz de sentir este espaço como algo integrado, como sua parte integrante, onde, homem, obra e natureza formem um todo integrado e harmonioso em um movimento contínuo em busca do belo. Se o plano da satisfação das necessidades materiais satisfaz o corpo, o belo satisfaz o espírito humano. Assim, a estética deve ser entendida como a dimensão da ação e do sensível na busca daquela integração. Qualquer proposta de intervenção no espaço como instância da dimensão humana deverá levá-la em consideração.

Ao geógrafo cabe também partir para este nível de compreensão do mundo. Fazer ciência não significa amputar a realidade. Se a Geografia Crítica libertou a Geografia do "determinismo da paisagem", devemos agora libertar o geógrafo do modo de compreender o mundo sob a ótica da estética. Isto não significa recuar mecanicamente a Humboldt - tão mal compreendido por aqueles que partiram para a crítica da chamada "Geografia Tradicional", mas procurar resgatar muitos dos ensinamentos contidos em sua obra. A força do pensamento de Marx residiu na tenacidade como procurou negar Hegel e não em ignorá-lo. Aquele humanismo contido no pensamento de Humboldt, abortados por um pretenseu cientificismo, deve ser resgatado pela Geografia Crítica enquanto proposta de uma Geografia libertadora.

Assim, devemos partir para o estudo do espaço do Bexiga. Procurar ver o nível de integração que se definiu entre os diferentes componentes deste espaço. Isto nos levará a captar os vieses entre a estética e a ideologia, tema de grande importância para a compreensão da instância do imaginário. A avaliação que seus tradicionais habitantes fazem do seu espaço perpassa por esta subjetividade. Dificilmente eles têm uma visão integrada do processo histórico que determinou aquela realidade. Daí, termos que procurar no nível do discurso dos mesmos, as relações entre o que é objetivo e subjetivo na explicação que fazem daquele espaço. Tentar perceber em qual momento este nível de subjetividade tira-os do nível do real para lançá-los no mundo do imaginário. É quando poderemos compreender os caminhos percorridos para a criação de muitas mistificações criadas por eles e por outros sobre o Bexiga.

O Bexiga é produto de formas de existências sociais que deixaram suas marcas no nível da aparência que cerca a esfera material e plástica do bairro. Neste nível de análise encontraremos fortes testemunhos que marcam aquela época. Através do confronto dos mesmos poderemos perceber os encontros e desencontros dos seus habitantes com o produto plástico que a história escreveu sobre este espaço. Entre os componentes mais importantes deste conjunto devemos destacar as casas, ruas e quarteirões não como componentes isoladamente, mas de forma dialética. Uma dialética que tem no seu interior o habitante enquanto um ser historicamente determinado e não como mero elemento presente na paisagem. É preciso encontrar nas casas e nas ruas as evidências plásticas desta determinação.

Sabemos que a casa enquanto lugar de abrigo, é mais do que uma solução técnica para que o homem se reproduza como ser e força de trabalho. Ela é, em última instância, o lugar que lhe permite um encontro consigo mesmo. A moradia vista enquanto um espaço "interior" daquele conjunto, representa para o habitante seu abrigo e refúgio. Porém, sabemos que entre o interior da moradia e seu "exterior" - a rua, o bairro a cidade etc. não existem limites absolutos, pelo contrário, relativizam-se formando uma totalidade dialética. O exterior é também parte de um interior na medida que é nele que o homem urbano define-se enquanto um ser social e político - um ser concretamente urbano. O isolamento no seu espaço interior, a moradia, o abrigo, refúgio, ao invés de anular, confirma aquele espaço exterior, à medida que este isolamento, que a moradia lhe permite, existe como resposta a um estímulo de uma exterioridade urbana. Portanto o homem vive uma totalidade onde, interior e exterior, coletivo e privado estão em relações dialéticas.

Casa e rua representam o lugar de moradia do homem urbano: expressão de sua natureza orgânica e racional. A produção da casa e da rua é a resposta às necessidades físicas e psicológicas do homem, colocando-se como um componente orgânico de sua racionalidade, à medida que revela soluções formais para seus problemas. Nas cidades, espaços interiores e exteriores, encontram-se profundamente relativizados e qualquer abordagem que queira absolutizar algum deles poderá levar à perda da transparência histórica do fenômeno urbano.

O modo de produção capitalista na sua evolução foi criando cidades gigantescas e definindo formas específicas de convívio social. Por onde o capitalismo foi conso-

lidando novas relações sociais, o urbanismo delas nascido, foi significando novas concepções de produção do espaço urbano:

"Mas a verdadeira redenção do século XIX realiza-se nos espaços exteriores, isto é na urbanística. Portanto os grandes fenômenos que se seguem à Revolução Industrial e principalmente o urbanismo e o advento dos novos níveis de locomoção o século XIX defronta-se com os problemas do espaço citadino, irrompe para além dos muros antigos, cria nos bairros periféricos, formula os temas sociais da urbanística, no sentido moderno da palavra e constrói a cidade jardim... A exigência social que já não põe à arquitetura temas áulicos e monumentais, mas o problema da casa para a família média, da habitação para o operário e camponês até agora fracionada em pequenos e sufocantes cubos justapostos, e a nova técnica construtiva do aço e cimento armado, que dá a possibilidade de concentrar os elementos de resistência estática num finíssimo esqueleto estrutural, concretizam as condições existentes para a teoria da "planta livre" (Bruno Zevi, p. 88).

Se a "planta livre" desenvolveu uma nova concepção de liberdade criadora para o arquiteto projetar os espaços "interiores" da residência, o mesmo não podemos pensar para o conjunto do urbanismo como síntese daqueles "interiores" e "exteriores". Parece-nos que o sistema ao se desenvolver foi divorciando estes dois tipos de espacialidade, transformando cada vez mais a residência em lugar de confinamento no conjunto da cidade, que em muitos casos foi sendo sinônimo de cárcere. Quanto a isto, Bruno Zevi nos faz a seguinte colocação:

"Por centenas de milênios a comunidade paleopolítica ignora a geometria. Mas assim que se estabilizam as bases do neolítico, e os caçadores - criadores são sujeitos a um chefe de tribo, surge o tabuleiro de xadrez. Todos os absolutismos políticos geometrizam organizam o cenário urbano com eixos e de - pois outros eixos paralelos e ortogonais. Todas as casernas, as prisões as instalações militares são rigidamente geométricas. Não é permitido a um cidadão virar à direita ou à esquerda com um movimento orgânico, seguindo uma curva: deve girar a 90 graus, como uma marionete" (Bruno Zevi).

É neste sentido que invocamos o sentido a estética no estudo do espaço. Na capacidade de resposta que a produção do mesmo possa vir a dar ao homem enquanto agente ativo e passivo do mesmo, onde as formas devem harmonizar-se.

O bairro do Bexiga é a prova de como naquela evolução dialética do capitalismo foi capaz de escrever no espaço as suas contradições. Este espaço que já foi a expressão de uma forma criativa de busca de liberdade é hoje a expressão do "trágico". Não que o mesmo não guardasse no seu interior contradições e desajustamentos entre aqueles componentes. Porém a escala em que os mesmos se colocavam ainda permitia pensar em soluções dentro daquela criatividade que nascia da liberdade do indivíduo com sua comunidade.

O imigrante impelido pela vontade de aqui ficar, forjou suas raízes no bairro da forma mais sólida que o sistema ensina - a propriedade privada. Alinhando casa por casa ao longo daqueles lotes, o imigrante foi re-

velando desde o fim do século passado sua criatividade arquitetônica para superar as limitações que a escassez destes pequenos lotes impunha à construção da moradia. Aquelas casas baixas de frentes estreitas, foram por muitos anos a paisagem dominante do bairro. Representaram um espaço de vivência onde o nível de integração revelava formas de vivência organicamente estruturadas. Neste contexto é que aparece um dos símbolos criados sobre a italianidade do Bexiga, que muitos ainda tentam reproduzir através de algumas montagens fotográficas do atual bairro - a "cadeira na calçada". Esta era mais do que um lazer, era a expressão de uma forma de integração do seu usuário com o espaço - sentinelas da casa e da rua como sua obra e da comunidade. A sombra dos grandes edifícios ainda não havia caído sobre o bairro. As casas guardavam uma escala humana no conjunto do espaço edificado. O espaço ainda não havia sido "mutilado" pelas investidas da verticalização. Espaços interiores e exteriores guardavam aquela harmonia. Apesar de ter sido em grande parte estruturado em forma de tabuleiro de xadrez sobre um terreno colinoso, as ruas do bairro guardavam a possibilidade de integração, visto a plasticidade e diversidade das fachadas das casas ao longo daquelas ruas. Mesmo formando uma massa compacta de casas, sem recuos laterais ou ao alinhamento da rua, a pouca altura permitia que o conjunto do casario não se impusesse de forma massacrante sobre seus habitantes. Ao mesmo tempo, as fortes relações de vizinhanças permitiam a integração do homem com sua paisagem. A rua era a praça. Em qualquer rua que se percorresse a paisagem se repetia. A única diversidade que se observava residia na diversidade naquelas fachadas onde cada um dos habitantes procuravam deixar seu

toque de originalidade. O produto no conjunto formava uma grande harmonia, um todo orgânico, mantendo aquela escala humana no conjunto do espaço. Era uma diversidade que integrava. A suavidade das colinas do sítio urbano do Bexiga, por muito tempo pode ser reconhecida na medida que aquele "fino tecido construído", ajustava-se de forma harmoniosa ao relevo, apresentando uma composição, sociedade e natureza de bela plasticidade. Raramente este conjunto era quebrado. A região da grota representava uma das poucas áreas de contraste no conjunto desta paisagem.

Bairro desprovido de praças e de verde, que na verdade não fizeram muita falta para seus moradores até algumas décadas atrás. Os grandes pomares dos fundos de quintais compensavam a pobreza ou ausência de arborização natural dos espaços públicos. Podia-se viver no Bexiga as comodidades da vida urbana e ao mesmo tempo cultivar algumas formas de vida "rural". Casas e pomares eram também lugares de convívio para parentes e vizinhos. Não raras eram as festas de convívio realizadas nestes espaços naturais. Enormes caramanchões formados por videiras eram comuns nestes fundos de quintais onde as famílias e amigos se reuniam. Mais tarde quando os pomares desapareceram e os automóveis invadiram as ruas é que o Bexiga revelou-se como um espaço pobre em logradouros públicos para sua população.

O Bexiga viveu, durante seu período de "rua comunitária", quando ainda o automóvel não havia entrado para comprimir as calçadas e expulsar seus moradores, aqueles antigos sentinelas, a experiência de uma fase em que o público e o privado conseguiam formar dois mundos não excludentes. Entre a casa e a rua existia aquela integração cada uma se abria para a outra. Podemos dizer que se vivia o Bexiga e não no Bexiga.

Aquela grande quantidade de artesãos - casa e rua, encerravam em si uma forma de existência. Ao mesmo tempo que a casa era o lugar de abrigo era também o lugar onde se produziam as condições materiais de existência. Costurava-se com as janelas e portas abertas para a rua. A rua estava dentro do seu ateliê. A passagem das pessoas eram imagens que se incorporavam às atividades de trabalho que se realizavam no interior da "casa-oficina". Assim, também ocorria com as sapatarias, marcenarias etc.

Toda esta forma de viver o espaço no Bexiga permitia uma existência com o espaço para o indivíduo como um ser por inteiro. Ainda era possível para este "pequeno burguês" sonhar com a "liberdade" da pequena iniciativa empresarial, quando ainda o "pequeno modo de produção" não havia sido desestruturado pelo ingresso do capitalismo monopolista com o intenso processo de metropolização de São Paulo. A criatividade do artesão e seu "paternalismo" com relação ao "aprendiz" ou mesmo com o assalariado, criava uma atmosfera que camuflava as contradições existentes nestas relações. Poderíamos dizer que se vivia uma atmosfera "romântica" no bairro. As próprias diferenças étnicas entre italianos e negros, sendo estes últimos também bastante numerosos, não criavam formas "aparentes" de segregação. O convívio era revestido de paternalismo daqueles sobre os outros.

Um mundo de cordialidades ainda era possível neste bairro. Cordialidade do tipo "pequeno burguês". Acima de tudo procurava-se preservar a liberdade individual. O espírito de comunidade nascia da preocupação de se preservar a mesma. Recebia-se e visitava-se a vizinhança, porém sempre acompanhado de um ritual determinado pela natureza do "contrato social", onde a privacidade era sacramentada.

Duá, talvez compreendermos a importância que os espaços exteriores como a rua, representavam para aquela convivência, criando, assim, a própria essência da comunidade. A privacidade da moradia não significava isolamento, mas dialeticamente a afirmação daquela. O compartilhar dos caramanchões não era uma "devassa", mas um consentimento a ser retribuído. Isto também nos ajuda a compreender a diferença entre o cortiço como forma de habitação daquela época com a de hoje. Podemos pensar que aquela vida comunitária do Bexiga com suas fortes relações de vizinhança era a afirmação de uma individualidade, daqueles "micro-cosmos familiares", juntamente com aqueles casarios alinhados lado a lado, onde casa e oficina criavam uma totalidade dialética do individual e do coletivo. Diferentemente daqueles bairros aristocráticos, o espaço do Bexiga apresentava-se como uma massa compacta de edificações. Porém, onde a proximidade física significava também a social.

Homem, casa e rua harmonizavam-se. Para Bachelard estes espaços assumem a seguinte dimensão:

"O geógrafo, o etnógrafo podem descrever bem os tipos mais variados de habitação. Sob esta variedade o fenomenólogo faz o esforço preciso para compreender o germe da felicidade central, seguro e imediato. Encontrar a concha inicial em toda a moradia, mesmo no castelo, eis a tarefa primeira do fenomenólogo... Pois a casa é nosso canto do mundo... e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nosas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados... Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso" (Bachelard, p. 192-202).

Para Lefebvre, a cidade define-se como sendo a "projeção da sociedade sobre um local", ao qual nos acrescentamos, um espaço edificado onde a continuidade e descontinuidade das formas revelam o próprio movimento dialético da História.

Transpondo o pensamento de Bachelard para o estudo do Bexiga, podemos dizer que a atual configuração que este espaço guarda hoje, é o tempo comprimido pela trajetória que o capitalismo escreveu neste espaço. Para Lefebvre aquela dimensão fica assim determinada:

"Sim, lê-se a cidade porque ela se escreve, porque ela foi escrita. Entretanto não basta examinar este texto sem recorrer ao contexto. Escrever sobre esta escrita ou sobre essa linguagem, elaborar a metalinguagem da cidade não é conhecer a cidade e o urbano. O contexto, aquilo que está sob o texto a ser decifrado, a vida cotidiana, as relações imediatas, o inconsciente do "urbano", aquilo que não se diz mas que se escreve me nos ainda, aquilo que se esconde nos espaços habitados" (Lefebvre, p. 155).

Assim, estes dois grandes pensadores, permitem-nos mais uma vez repensar a validade da nossa preocupação em tentar, na evolução do espaço do Bexiga, nunca perder de meta a dimensão subjetiva do mesmo. Tentar captar o movimento da história, pelo qual passou, não somente como algo materialmente escrito sobre o território, mas também no nível das representações.

Aquele período por nós chamado de "Ano Zero" significou o momento da ruptura. O Bexiga passou a mudar em sua paisagem e em sua forma de viver. Apesar das formas embrionárias da indústria da construção civil, o

bairro havia guardado até os anos cinquenta grande parte da sua antiga fisionomia. Apesar dos conjuntos de casas geminadas mais modernas que foram construídas entre os anos trinta e quarenta e os pequenos prédios de três andares, terem representado uma forma de quebra naquela continuidade paisagística, etc, ainda, mantinha uma unidade espaço-temporal, permanecia dentro daquela escala humana na sua paisagem.

Quando as investidas da construção civil começaram a esboçar-se a partir da década de cinquenta, o bairro começou a se ver ameaçado pela verticalização. O que nos leva a tomar este período como o início deste processo foi o surgimento da Lei nº 4.124 de 14/11/51 que dispunha sobre as construções nas ruas dos Ingleses e 13 de Maio com a finalidade de se impedir a construção de prédios nestas ruas para a preservação da paisagem de quem morava no Morro dos Ingleses. Segundo depoimento de um ex-secretário do planejamento da PMSP, esta lei de 1951 foi quase uma imposição da aristocracia que morava nos palacetes aí localizados, para não perder a "Bela Vista" que se descortinava do lugar, tendo a cidade em toda sua amplitude como paisagem. Esta pode ser considerada a "primeira grande lei de zoneamento" que o bairro presenciou.

A grande mudança efetivamente ocorreu quando a indústria da construção civil, estimulada pelo novo Sistema Financeiro da Habitação (SFH) como instrumento para o processo da cumulação capitalista, entrou no bairro e na cidade. A partir de então os recursos financeiros gerenciados pela instituição através do BNH, além de financiar a indústria da construção civil, a construção de prédios de apartata

nte, financiou também a construção de obras públicas para melhoria dos equipamentos urbanos - veja-se o Programa Cu. Este acabou mesmo a sua revelia, transformando-se em um instrumento de especulação imobiliária. Pelos estudos de aplicação do referido programa feitos pela Fundação Faria L...-CEPAM, acabou-se concluindo que se fazia necessário controlar tais efeitos.

Foi quando o bairro presenciou sua "demolição para dar lugar às vias expressas que hoje o cortam. A penetração que se foi verificando de prédios de apartamentos marcou dois momentos diferentes. Um primeiro que foi tentativa de entrada de apartamentos para uma classe de maior renda. Isto pode ser ainda comprovado pela presença, na rua Jacareí e Maria Paula de grandes edifícios com padrões de construção para aquele tipo de segmento social. Na avenida Nove de Julho e imediações da rua Rocha, também possível perceber-se aquela tendência, abortada na parte "pebre" do bairro, mas continuada na área do espigão e alto da grotta. Enquanto os edifícios de alto padrão migraram para aquelas partes mais nobres, o interior do bairro passou a representar o segundo momento - o da entrada de apartamentos para uma população de menor renda. Aquelas ruas tradicionais passaram a derrubar suas casas e dar lugar para confidados prédios de apartamentos. Os mesmos foram construídos bem *play-ground*, garagens e recuos e quando possuíam áreas de serviços estas se apresentavam bem pequenas. Os contrastes nas escalas começaram a ser discrepantes. Prédios com grandes gabaritos ao lado de forma comprimida, sem qualquer recuo com os antigos casarões. Mesmo entre os prédios a diferença de gabaritos criava uma falta de unidade. Não que os mesmos deveriam seguir um "continuismo estético", porém

o que se observava era uma "estonteante" quebra de unidade. Além de significar uma "estranha forma de morar" dentro do bairro, uma forma "promíscua", para muitos significava também a entrada do "forasteiro".

A deterioração das construções não se restringiu somente aos cortiços nos casarões. A maioria daqueles edifícios que foram sendo construídos, também foram atingidos. Famílias numerosas e "ação entre amigos" - pessoas que juntavam as rendas para poderem alugar um apartamento - passaram a significar um adensamento destes espaços. Salas que viraram quartos, janelas e terraços fronteiros que se transformaram em varais de secar roupa, e muito mais. O "encortiçamento" acabou se estendendo àqueles novos prédios. Cada vez mais se presenciava a queda dos serviços de conservação material destes edifícios. O Bexiga tornou-se um lugar onde o espaço passou de forma contínua a sofrer o fenômeno da fragmentação, surgindo, assim, aquele elevado número de domicílios apontados anteriormente. Funções residenciais disputavam palmo a palmo aqueles espaços, com valores por m^2 , cada vez mais caros. O acesso ao bairro somente era possível pela fragmentação contínua das unidades de espaço entre vários usuários para um mesmo lote. Assim, estimulou-se a sub-alocação. Para aqueles pequenos negociantes do "terciário informal" era a única possibilidade de arcar com o aluguel para o empreendimento que, por sua vez, nem sempre demandava grandes espaços.

O Bexiga é hoje o lugar de encontros e desencontros, do arcaico e do novo. Lugar de sobrevivência de antigos e tradicionais moradores que cada vez mais se constituem numa "população marginal" pela perda contínua de sua identidade, ao mesmo tempo que é o lugar do "foras-



Foto 8: Edifício localizado na rua Major Diogo. Data aproximada da década de 60. Observe-se a descaracterização na sua forma de uso. (Ano: 1988)



Foto 9: Região do Bexiga localizada no ângulo formado pela Rua Maria Paula e Av. Brigadeiro Luiz Antonio. Área onde o adensamento foi muito grande. (Ano: 1988)

teiro" que nele procura o "refúgio" ou o "dormitório" mais próximo do trabalho.

Lembrando Bachelard:

"A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade... A verticalidade é assegurada pela polaridade do porão e do sótão... Com efeito quase sem comentário, pode-se opor a racionalidade do telhado à irracionalidade do porão... Todos os pensamentos que se ligam ao telhado são claros. No sótão, vê-se com prazer, forte osatura dos vigamentos... Para o porão também encontramos, sem dúvida, utilidade. Nós o racionalizaremos enumerando suas comodidades. Mas ele é em primeiro lugar o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas..." (Bachelard, p. 208-9).

Procurando estabelecer um paralelismo entre o pensamento do autor com o mesmo espaço, sentimo-nos livres para ver certas semelhanças entre as partes do espaço da casa com a cidade. Quem não sente a força do grande capital através dos seus grandes monumentos - Shopping-Centers, edifícios monumentais dos grandes bancos. Em lugar dos bairros "abertos" para a cidade, os grandes condomínios fechados. Em lugar dos escritórios no "centro" da cidade, as mini-cidades tipo "fortalezas" como os centros empresariais a exemplo do St. Amaro ao longo da marginal do Rio Pinheiros. A racionalidade dos grandes espaços estruturados com a beleza e o conforto das grandes estruturas. A plasticidade do concreto armado e do aço forjando estes monumentos ao capital. Expressão da classe dominante. Em contra partida, aquele espaço da escarniçada luta pelos metros quadrados dos cortiços e portas de garagens onde se instalam aqueles "pequenos

negociantes" e biscateiros.

Sim, o Bexiga é o lugar das "potências subterrâneas". Sub-alocadores exploram o mercado de alugueis de forma execrável sobre uma classe trabalhadora de baixa renda, esperando-se uma valorização do terreno. Como "porão" da cidade que cresce, representa a indefinição, o obscuro, o lugar que aguarda uma definição do grande capital, que aos poucos vai definindo seu contorno. A luta pela derrubada da Lei de Zoneamento e Uso Especial do solo, a expulsão daquela população de baixa renda parece-nos questão de tempo. É só lembrar o destino dos casarões da rua Jandaia e Assembléia, sobre os quais pessoas e instituições como DPH-PMSP procuravam lançar movimentos de defesa; porém, como eram minoria e "fracos", o poder executivo exerceu seu poder e mandou sumariamente derrubá-los para estabelecer "obras de paisagismo" com objetivos questionáveis. Parece-nos que nesta história toda acaba prevalecendo a racionalidade do poder das classes que dominam. Assim como aquelas duas ruas, tombou, também, a vila São José do Bexiga, valioso testemunho das tradições do Bexiga.

O bairro hoje é um novo espaço. Não foi somente a paisagem que mudou. As relações entre as pessoas são outras. Os antigos moradores, aqueles que permaneceram no local, escondem-se no interior de suas casas. O Bexiga transformou-se numa "vitrine noturna". Nas calçadas, em lugar das antigas cadeiras, encontram-se hoje os automóveis e transeuntes, consumidores do lugar. Os antigos casarões soterrados no interior de verdadeiras muralhas de edifícios. Quem olha para as fachadas das casas que sobreviveram encontra nas mesmas os mesmos sinais das mutilações. Desfiguração do desenho original para abrigar as novas fun



Foto 10: Casarão localizado na rua Santo Antonio. Observe-se a desfiguração do mesmo para abrigar as novas atividades.
(Ano: 1988)



Foto 11: Rua Conselheiro Ramalho. Deterioração e descaracterização dos casarões. Observe-se a quebra de escalas em função da verticalização da área. (Ano: 1988)

ções. Letreiros improvisados, janelas, portas e frontais desfigurados. Aos poucos ele transformou-se num amontoado de fragmentos - "um mundo de miudezas", de coisas que parecem provisórias. Para os antigos moradores a rua ficou do lado de fora". Aquela antiga unidade - casa e rua sobre a qual tanto se falou e que alguns querem ressuscitar, para nós, na sua quase totalidade está perdida. Ele é hoje aquele bairro exótico, onde se consomem "produtos embalados" - um novo "travestido de antigo". Um tradicionalismo de "muletas". O bairro e seus moradores transformaram-se em "folclore". Sua presença hoje é cada vez mais a representação de sua ausência. Um mundo do imaginário para aqueles que querem ressuscitá-lo ou enclausurar-se na ideologia do "Bixiga" como forma de justificativa de uma existência passada.

Cabe-nos neste momento, retornar a uma questão lançada no início do presente capítulo - a noção do belo. Após estas reflexões permitimo-nos chegar à seguinte conclusão: o belo pode ser entendido como o gozo sensorial que nasce no prazer do encontro do homem com sua obra. Sensibilidade apreendida na plasticidade da obra como resposta a um nível de necessidade - material ou espiritual - sensibilidade integradora; no caso do Bexiga tudo nos leva à crer, que pelos desencontros entre os homens com este espaço - populações tradicionais ou forasteiros, a noção do belo parece ficar distante na dimensão estética do bairro.

3.3.1. Sobrevivências e mistificações:

uma ideologia do "Bexiga"

"Olha io ti falo uma cosa, io ti falo sincero, a gente queria que volte que era atrás, mas é difficile" (Depoimento de Salvatore del Savia - Morador da Rua 13 de Maio, fevereiro/1987).

O conjunto das mudanças ocorridas com o bairro, acabou revelando a presença de uma população tradicional cada vez mais minoritária. Seja pela redução numérica da mesma, ou pela presença de novas variáveis sócio-culturais surgidas no bairro a partir daquele momento.

Apesar de não termos a expressão numérica da mesma, através daquele balanço demográfico e pelos depoimentos obtidos, podemos chegar àquela conclusão: "Eu ressuscitaria no Bexiga as próprias casas... os amigos que foram embora. O progresso levou os italianos e seus descendentes" (Valter Taverna, Presidente da Sodepro, Depoimento de 26/3/88). Em vários outros depoimentos o fenômeno comprovou-se. Entre eles, o de um morador do bairro há mais de sessenta anos: "Os italianos, para falar a verdade, sumiram todos do bairro, porque quando o governo começou a construir os viadutos, então desabrigaram muita gente. Foram tudo para longe. Hoje tem muito pouco daquele tempo" (Sr. Humberto Cosentino, Alfaiate, Jardim Heloísa, 53, Fevereiro de 1987).

Aquele conjunto de desapropriações e o processo da qualidade de vida do bairro com o processo de adensamento dos cortiços, a não mais entrada de italianos, fo-

ram elementos que explicaram o esvaziamento da população tradicional do mesmo. Quase sempre a literatura crítica sobre o bairro colocam-no como se o tradicionalismo tivesse permanecido com a mesma intensidade, ou então de forma muito genérica. Como se existisse uma "frente" numericamente grande lutando por estas tradições. Como veremos logo a seguir, quando esta aparece, geralmente é representada na forma de discursos contraditórios e revelando posições cheias de conflitos emocionais. Sentimentos de perda e desencantos com o bairro. Estes grupos que representam o tradicionalismo do Bexiga, pela própria diversidade das classes em que se colocam, acabam tendo internamente comportamentos diferenciados quanto à forma de reagir perante as mudanças.

Para os grupos tradicionais de baixa renda a expectativa é quase sempre de nostalgia e impotência. De aceitação, como fato consumado, da perda de identidade do bairro e suas tradições: "Nós que atingimos uma certa idade gostaríamos que isso voltasse - porém é uma ilusão... Hoje é tudo interesse" (Osvaldo Farollo, Morador do Brás, Aposentado, frequentador do Bexiga há muitos anos). Este mesmo sentimento foi percebido em outra antiga moradora do bairro. Dona Tereza Sabino Bezerra, morando no Bexiga há 65 anos: "Eu gosto do bairro, já me acostumei... Assim como eu, outros dizem - antigamente era melhor... O que mais me lembra do bairro era ficar depois do jantar na porta da rua... Todos eram bons... Em relação às coisas antigas para mim é indiferente, pois continuo minha vida assim como é... Eu fico aqui dentro" (Depoimento, Fevereiro/87). Quando não colocados textualmente como nestes depoimentos, os demais através de

uma leitura suas entrelinhas acabam revelando o mesmo sentimento.

Entre os grupos sociais de maior renda, principalmente os representativos do grupo das cantinas, moradores bem sucedidos como empresários no bairro, o ânimo é outro. Entre aqueles mais famosos, os que mais vêm se destacando na luta pelas tradições do Bexiga, temos Valter Taverna, proprietário de uma cantina e Armando Puglesi, proprietário de outra: a Cantina do Museu. O primeiro foi fundador da Sodepro, o segundo do museu que leva o mesmo nome da cantina - Cantina do Museu, bem próximo do mesmo. Ambos, apesar de terem seus interesses ligados ao bairro, não residem mais no bairro. Sobre estes dois representantes das lideranças na luta pelas tradições, é comum encontrarmos, nas mídias e literatura crítica sobre o bairro, seus nomes ligados a algum movimento relacionado com aquela luta. Assim se expressa uma das escritoras mais tradicionais sobre o Bexiga:

"São inúmeros os batalhadores e militantes pela preservação e divulgação do bairro, porém a figura simpática de Armando Puglesi traz em seu sangue o amor arraigado pelo Bexiga" (Lucena, p. 232).

"O bairro está um pouco descaracterizado. Para resgatar e manter suas tradições, temos que trabalhar em paralelo com São Paulo" (Depoimento de Valter Taverna).

O fato de ser a Sodepro, segundo depoimento de Valter Taverna, constituída, na sua quase totalidade por comerciantes do bairro, permite-nos ver a instituição mais como um "órgão de classe" do que propriamente da comunidade representativa do Bexiga como uma totalidade: "A Sode

pro tem 12 elementos nós organizamos, resolvemos as coisas por telefoné. Tendo um idealista nós resolvemos as coisas de imediato. Entre os poucos que existem, temos os comerciantes de outros tipos... é mais aquele que têm a cabeça no lugar" (Depoimento de Valter Taverna, 26/3/88). Uma característica da instituição é ser muito pouco formal, parecendo constituir-se na essência, pela iniciativa dos seus membros. A sede da mesma fica na cantina do seu fundador. A representatividade destes donos de cantinas pode ser percebida pela maneira como os mesmos são destacados dentro da imprensa: "A revolta de Armando Puglesi, criador e único mantenedor do Museu do Bexiga, dono da cantina do Museu, ambos na rua dos Ingleses, o representante da região no movimento "Defenda São Paulo" é, sem dúvida, uma forte liderança local e um exemplo típico do morador tradicional desse que é um dos bairros mais peculiares da cidade. Armando não esconde sua revolta por mais esta tentativa de desfiguração do velho Bexiga e ameaça até "quebrar a cara" dos que pretenderam executá-la" (Shopping News - 30/8/87).

Muito mais do que registros das imagens e sentimentos, estes depoimentos foram aqui invocados para demonstrar os papéis das diferentes pessoas e as respectivas posições sociais das mesmas no processo de luta pelas tradições do bairro. Para aqueles mais humildes um mundo de desencantos. Para os outros, aqueles mais bem sucedidos, a tentativa de resgatar as tradições, as cantinas e mesmo algumas formas de diversões: "O que restou é muito pouco - casas tradicionais, cantinas, restaurantes, é a única tradição que restou. Devemos lutar para melhorar a imagem do Bexiga para trazer muito mais turistas" (Valter Taverna).

A percepção da mudança é sentida nestes discursos, porém, o que devemos cercar agora é a forma como estas mudanças são percebidas pelos mesmos. O nível de profundidade e clareza que a mesma apresenta em relação ao que realmente mudou no bairro. Entre os elementos apresentados como tendo sobrevivido, pudemos arrolar alguns, com os quais estabelecemos um confronto com aquilo que nós efetivamente conseguimos ter observado como sobrevivências. Assim, através destes confrontos, procuramos trabalhar os níveis da ideologia e do imaginário naqueles discursos. Entre os referenciais arrolados, relacionamos os seguintes: Alguns pontos de encontros, ruas, esquinas, o casario, a igreja e suas festas, as cantinas, os teatros e a escola de samba.

Ruas e esquinas, como lugares comunitários do antigo Bexiga parecem ter se sentido nas lembranças da população. As esquinas da Rua 13 de Maio com a Rua Conselheiro Carrão e desta com a Rua Rui Barbosa foram apontadas como um dos pontos da boemia do bairro. Hoje, cruzamentos vitais para o trânsito que faz ligações entre o corredor das avenidas Nove de Julho, Brigadeiro e Av. Paulista. Lugar de grande intensidade de transeuntes, principalmente nos finais de semana quando os consumidores invadem o Bexiga. Ponto de grande concentração de cantinas e casas de shows. Torna-se difícil pensarmos hoje a possibilidade de qualquer tipo de relação comunitária em pontos como estes. Naqueles relatos percebemos o sentimento de perda da posse dos lugares. Ficou muito mais como representação simbólica do que efetivamente como uma realidade que tenha sobrevivido.

Sobre as antigas casas - aquelas construídas pelos "capomastri", das quais tanto se orgulham, as referências são sempre ambíguas. Apresentam-nos como sobrevivências, mas ao mesmo tempo apontam-nas como a presença da "degradação do bairro: "antigamente tinha muito cortiço, tinha casas de cômodos, mas... era cortiço bacana, era casa de comodo, não como agora, como atualmente tem agora. Eu morei numa casa de cômodo grande, que era aqui pegado do meu sogro, mas era uma coisa só, todos os vizinhos se ajuntavam à tarde, tudo em volta do quintal, tudo brincava, tinha um que trazia cafezinho, outro sanduíche, era diferente" (Rita Rosa Albanese, proprietária da Padaria São Domingos, 14/10/83, DPH-PMSP). Assim prossegue outro morador antigo do bairro: "Hoje tiveram muitas construções - Eu gostaria que as tradições fossem preservadas - Gostaria que minha vila fosse preservada - Gostaria que estes casarões deixassem de ser favelas. Cortiço para mim era quando se construía no fundo da casa, lugar 3 ou 4 famílias. Hoje em cada cômodo dos casarões mora uma família" (Felcio, morador há 65 anos da Vila Antunes, entrevista 26/3/88). Vimos, assim, lembranças dos casarões com saudades. A presença atual dos mesmos pode ser considerada a própria ausência do que foram no passado.

Pela maneira como apresentam os teatros naquele conjunto de elementos que tiveram sobrevivência, parece-nos que são a continuidade do que foram no passado. Na verdade, o bairro teve um único teatro - o Espéria, hoje demolido para dar lugar ao atual Sérgio Cardoso. Somente em 1948 é que foi construído o atual Teatro Brasileiro de Comédia o TBC. Espéria e TBC, estes sim podem ser organicamente considerados como parte inte-

grante das tradições históricas do Bexiga. Aquele por ter sido o grande símbolo da italianidade do bairro. Lugar frequentado intensamente pela comunidade italiana para assistirem a peças teatrais, na sua maioria com temas e companhias italianas. O público deste teatro era predominantemente do bairro. Quanto ao TBC, pode ser considerado um marco para a cultura de São Paulo e para o Bexiga, à medida que inaugura, de forma ainda tímida, a fase das diversões que mais tarde invadiram o bairro. Enquanto o Espéria era o teatro do bairro, o TBC passou a ser o de São Paulo, abrindo, assim, aquele processo de transformação do Bexiga num lugar de lazer para a cidade. Bem mais recentemente é que o Bexiga transformou-se naquilo que muitos apelidaram de - a "Broadway" paulistana, pelo grande número de teatros que ocuparam este espaço e pelas famosas peças de teatros que aí foram encenadas.

Assim, quando nos discursos, os teatros são apresentados como sobrevivências do antigo bairro, como se fossem a continuidade do cine-teatro Espéria, não percebem que suas relações com o lugar eram diferentes das atuais. O Espéria era um lugar de encontro da população local não somente para os espetáculos teatrais ou cinema. Era o lugar onde quase todos os grandes eventos aconteciam: desde bailes de carnaval frequentados pelas famílias locais, como qualquer tipo de espetáculo cultural relacionado ao bairro. Não se percebe que na verdade, a população que hoje mora no Bexiga foi expulsa do interior dos teatros.

Para as cantinas, o destino não foi muito diferente. Com raízes na tradição italiana que povoou o Bexiga, foram surgindo como locais de encontro, onde se jogava carteadado, se cantava e se bebia o vinho importado da

Itália, acompanhado de antepastos. Assim surgiu a primeira e mais famosa cantina do Bexiga, a Cantina Capuano, instalada na rua Major Diogo, próximo de onde futuramente se instalou o TBC. Eram lugares que se caracterizavam como prolongamento da residência dos seus proprietários. A identidade italiana era aí fortemente estimulada, falavam-se os dialetos, principalmente o calabrés. Eram verdadeiras escolas de italianidade. Filhos e netos aprendiam o dialeto dos seus pais nestes momentos de convívio muito estreito com a comunidade, assimilando os costumes dos imigrados. À partir da Capuano foram surgindo estes tipos de estabelecimentos. O aparecimento do TBC e de uma vida artística no pedaço foi criando na rua Major Diogo e suas proximidades um espaço de lazer e cultura.

A Capuano passou a partir de então, a ampliar os tipos de refeições, feitas num verdadeiro ritual pelo seu proprietário. Esta somente funcionava à noite. Quando repleta, as portas eram fechadas, pois a proporção de comida era controlada em função da lotação da casa. O salão de refeições era revestido de muita simplicidade, porém acompanhada por uma grande hospitalidade do velho Capuano. Existia um verdadeiro ritual realizado pelo mesmo - sentar-se junto aos seus fregueses, compartilhando das mesas em longos bate-papos, quando então procurava certificar-se que os fregueses haviam ficado ou não satisfeitos com a comida. Cerradas as portas, em hipótese alguma se faziam novas comidas. Tão pouco os fregueses podiam levar comida em embalagem. Quem quisesse que fosse comer lá.

Casa e cantina constituíam-se numa pequena unidade de produção: "Na minha infância, os restaurantes a gentia podia contar nos dedos de uma mão. Tinha o Capuano

e o Roberto e que mais eu podia citar... acho que estes dois. A partir de 1960, aí começou uma infinidade deles que se instalou aqui na região de cantinas e restaurantes mesm@s" (Orlando Laurenti, Proprietário da Padaria Basílica e Diretor da União do Bexiga. Hoje não mais residente no bairro. 11/10/83 - DPH-PMSP). À medida que a população foi se mudando e com aquelas transformações todas, os restaurantes e cantinas permaneceram, mas foram mudando de proprietários: "Quem morava antes aqui era a colônia italiana, tinha portugueses também, espanhóis, tinha sírios aqui dentro do bairro, mas a maior parte era 90% da colônia italiana. E hoje eu acredito que dentro do bairro mora uns 30% ou 40% de descendentes né..." (Orlando Laurenti, Entrevista, 13/10/83).

Aos poucos as cantinas foram se transformando, acrescentando cardápios. Diferentemente daquelas do tipo Capuano, onde os pratos eram determinados pelos proprietários. Hoje, permanecem oferecendo junto a outros pratos típicos, os pratos da comida italiana. Foram surgindo, novos proprietários: "O italiano veio para o bairro como pequenos negociantes. O italiano é egoísta, e eles queriam crescer. Eles vinham aumentavam os restaurantes etc. Hoje, porém, os portugueses compraram a maior parte das cantinas italianas. Investem na comida italiana e estão levando para a frente as tradições do nosso bairro, que é importante... A cultura está se fortalecendo no nosso bairro. Artistas moram no nosso bairro. Os maiores teatros estão no nosso bairro. Os turistas chegam mas não encontram infra-estrutura. Não temos estacionamento. O Bexiga se não tomar cuidado vai para a falência. Corre-se o risco de investir e não ter retorno. O bairro não vive da

própria comunidade. Vive-se totalmente de fora. A Sodepro tem prestado muito serviço" (Valter Taverna).

Parece-nos que os interesses empresariais e as preocupações com a preservação das tradições por parte desta liderança encontram-se estreitamente associadas: "Através da Sociedade eu fiz algumas idéias. Fazer no bairro um centro turístico italiano, com todas minhas forças, pela sociedade e pela comunidade. Pedi para o Reinaldo de Barros um projeto para a Treze de Maio - o calçadão e um amplo estacionamento subterrâneo. Viriam outros investimentos... Temos a feira de trocas - ela traz retorno para o bairro... Esses coitados que não têm onde se divertir, aproveitam e trazem turistas, que ao fazer o lazer aproveitam também para saborear a comida italiana no bairro... Pedimos para o prefeito e fizemos o projeto para um ano reurbanizar o Bexiga. Fizemos projetos pontuais. O nosso projeto, eu e mais engenheiros e o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil)... Eu encaminhei para o prefeito Jânio, caso venha ocorrer o surgimento dos espigões, encaminhei um projeto para preservar nossas tradições, as cantinas e os teatros. A parte de baixo dos espigões deveriam ser preservadas aos restaurantes totalmente, cantinas e trattorias, para manter viva a tradição italiana, bairro onde nós nascemos" (Valter Taverna).

Assim, aqueles restaurantes e cantinas que "sobreviveram" passaram a ser contemplados com o privilégio da "proteção", como os "legítimos herdeiros do tradicionalismo do Bexiga". Pelo discurso do "próprio autor do projeto" e pelo que pudemos perceber, parece-nos que os elementos contemplados estão longe de serem considerados

como herdeiros daquelas tradições. Mesmo porque, nem sempre a comunidade, como um todo, assim vê aquelas cantinas: "Com as Cantinas acabou o sossego da gente. Tem muito ladrão, muita coisa. Moradores saem do bairro porque não aguentam mais o movimento, o barulho, não tem sossego. Quem vem morar aqui, vem porque não acha casa... A rua 13 de Maio tinha mais italianos, tinha o bonde, as casas eram baixas. Só tinha um prédio. Não tinha o movimento que tem de carros, que ficam em cima das calçadas. As pessoas têm que passar na rua. A rua era uma só" (Sofia Donangelo Di Servi. Organizadora da Festa de São José do Bexiga, 13/10/83. DPH-PMSP).

Assim, parece que a tradição passou a ser um bom negócio para uns e maldição para outros. Tornou-se aquela atraente "mercadoria". Se antigamente a clientela procurava estas cantinas pela especialidade da comida italiana, hoje são procuradas mais pela atração do lugar. Naquela época não se fazia necessário defender as tradições das cantinas e tão pouco a italianidade das mesmas e do bairro. Não havia a necessidade de se "travestir" o bairro com as bandeirolas e cores da Itália para definir sua italianidade. Esta existia nas casas e nas ruas. Presença viva da mesma. Hoje, simplesmente representações.

Na história não existe retorno. Conforme citação de Toni Bettanini, apresentada na introdução desta pesquisa, que aqui retomamos:

"Um novo espaço é construído, um velho espaço assume uma nova dimensão de significado. Para que isto ocorra é necessária uma dimensão coletiva. Uma dimensão coletiva ligada a uma exigência de fundamentação, refundamentação de valores".

Parece-nos que nem o velho existe mais e tampouco o novo efetivamente se consolidou no Bexiga. Podemos mais uma vez dizer: "O Bexiga é um bairro em transe". Qual é aquele coletivo e quais são os valores? Tudo parece uma desintegração.

A Igreja e suas festas, as de Nossa Senhora da Achiropita e de São José, constituem outro marco a ter que passar pelo crivo do confronto histórico. A história da igreja remonta à própria história do bairro. Localizada na rua 13 de Maio, que já foi rua e praça ao mesmo tempo, faz parte hoje daquela massa disforme de prédios e casarios. Pouco se destaca na rua, perdida no interior de uma massa de cimento. Antigamente, sua cúpula podia ser vista a longas distâncias. Hoje está escondida entre espigões que invadiram o bairro. Juntamente com as antigas cantinas, foi um autêntico símbolo daquela italianidade. A quermesse e a festa à Santa Padroeira, comemorada em 15 de agosto, foram as maiores festas do Bexiga, comemoradas com brilho por muitos anos. Depois entrou em declínio para ressurgir novamente nos últimos anos.

Durante muitos anos, a festa e sua procissão pelo bairro foi reverenciada com rituais de adornos das portas e janelas pela comunidade italiana, quando da passagem da mesma, onde cada fiel fazia sua doação em dinheiro, pendurando o mesmo com alginetes, ao longo de grandes fitas penduradas na Santa. Neste momento, a população gostava de disputar em prestígio, demonstrando as maiores doações. Assim faziam também, com as decorações das fachadas das casas. Até hoje esta procissão é realizada. Nestes momentos alguns velhos moradores dirigem-se ao bairro para fazer sua devoção.

Porém, já são outras as pessoas que peregrinam pela mesma, unidas mais pela religiosidade do que pela identidade cultural. Poucas são as pessoas que ainda, dos grupos tradicionais, participam do evento. As janelas vazias, a não ser a presença de algum curioso que espia por detrás do vidro; ou então, roupas penduradas para secar, aparecem como "símbolo do forasteiro" que vê tudo aquilo com uma certa estranheza.

Quanto à quermesse, esta ficou desaparecida do bairro por longos anos, confinada ao interior do pátio da igreja. Após aquele "Ano Zero" com o advento da entrada do bairro naquele circuito da "indústria do lazer" a quermesse voltou às ruas: "A Sodepro tem feito muito para a igreja. Ela trouxe a festa para a rua. Resolvi junto ao padre ao lado do terreno da igreja uma cantina. A partir daí todos os anos fizemos a quermesse que faz crescer a fé a Nossa Senhora da Achiropita" (Entrevista, Valter Taverna). Para Orlando Laurenti, diretor da União do Bexiga, a história assemelha-se à anterior: "A União do Bexiga chegou pro vigário uma ocasião e falou que nós teríamos como trazer a festa pra rua novamente como era feito antigamente... De fato o padre aceitou a idéia, a União do Bexiga juntou aos poderes públicos, conseguiu barracas, previu a divulgação. Então a festa foi um sucesso muito grande em 1978, no primeiro ano que nós fizemos, realmente valeu a pena e está sendo continuada, a festa está sendo feita na rua, com isso a Paróquia está arrecadando bastante dinheiro, pra ampliar a creche" (Entrevista Orlando Laurenti, 13/10/83 - DPH).

Esta quermesse acabou se transformando no grande evento nos dias de hoje para propagar o tradiciona-

lismo do Bexiga. Estimulada pela mídia - televisão, jornais, rádio etc. passou a "ressuscitar a italianidade do Bexiga". Gente de toda parte aparece na época do evento: "Existem dois tipos de pessoas que participam por ocasião da festa da Achiropita. Tem aquele pessoal que são dos movimentos pastorais... colocam à disposição de trabalhar nos fins de semana dedicando este trabalho como devoção de fé à Nossa Senhora. Depois tem um grupo que aparece só na época da festa pode-se dizer que é um grupo de apoio, são grupos de voluntários, que já saíram do bairro... e também para rever os amigos" (Irmão Afonso Faustino da Igreja N. S. Achiropita, 13/10/83, DPH-PMSP). A Paulistur vem, nos últimos anos, colaborando na organização da festa que já se transformou num evento de São Paulo.

Hoje, sua organização e dimensões atraem para aquelas ruas um tipo de público diferente daquele que costumava frequentá-la nos primeiros tempos. Antes era uma festa do bairro, na verdade, dos italianos de São Paulo, preferencialmente os calabreses. Hoje ela é um "campo de batalha". Filas infernais para se comer uma "fogazza", prato típico italiano. Gritos de "pega ladrão", apertos por todos os lados. Entre as poucas coisas que evidenciam a presença de uma ligação com o passado, além da presença física da igreja, são alguns cumprimentos, apertos de mão de antigos moradores que nesta época visitam o bairro para lembrar a festa. "Velhos Bexiguentos" - verdadeiros estrangeiros no meio daquela multidão que invade o bairro "para curtir" a festa. Apresentada como exemplo de uma italianidade, com suas "bandeiras com as cores da Itália", que se não tremulassem sobre as cabeças de alguns poucos "bexi

gumentos" que ali se encontram presentes, diríamos que seria um espetáculo "trágico-cômico": "Antigamente eu gostava da quermesse. Hoje ela é diferente - chegava até aqui em baixo. Nela tinha pessoas do bairro. Hoje eles vêm visitar, quando falamos daqueles tempos. Hoje o número de pessoas é maior. Na quermesse aumentou o número de estranhos". (Tereza Sabino Bezerra, moradora do R. 13 de Maio, fevereiro de 1987). Para a realização da quermesse o trânsito tem que ser interrompido no trecho da rua, o que cria um verdadeiro transtorno para a circulação dentro da área, sendo obrigada a constante permanência da polícia, inclusive para conter os "batedores de carteiras". Outro elemento a ser observado é que, os espetáculos onde se apresentam as músicas italianas são realizados em ambientes fechados, nem sempre com preços acessíveis às camadas de baixa renda.

Outra festa, que já teve maior brilho, é a de São José do Bexiga, o primeiro padroeiro do bairro. À medida que a colônia calabresa aumentou no lugar, com a construção da igreja, na qual foi introduzida a imagem e veneração da Santa, somente o nome do antigo padroeiro do bairro permaneceu. Sua festa era comemorada naquela vila já mencionada, que foi derrubada recentemente para a construção de prédios comerciais. Para que a lembrança do santo não fosse esquecida foi colocada uma imagem de São José perto das escadarias da rua Fortaleza, em frente àquele "anfiteatro" improvisado. O desencontro da imagem com o lugar fez a "emenda parecer pior do que o soneto". A tentativa de ressuscitar o passado, demonstra na maioria das vezes a condição trágica da mesma: "As lembranças das festas de S. José, mais espontâneas do que hoje. As sociedades amigos do bairro organizam a festa que antes era feita pelos

próprios moradores" (José Jambo Filho, Presidente da Escola de Samba Vai-Vai, Entrevista 13/10/83).

Passando-se pelo elevado, que corta hoje a pça. Quatorze Bis, antigamente Santos Dumont, pode-se ver o nome da escola de Samba Vai-Vai. Nome dado em homenagem à mesma aí localizada. Esta é tida como uma das tradições queridas do bairro. Confinada numa minúscula quadra, luta para aí sobreviver: "O Vai-Vai nunca teve uma sede própria. É uma entidade que só existia na época do carnaval... Começou a ter sede à partir de 1968 e a partir de 1975 montaram a sede própria... Foi sempre a população carente que frequentou o samba. O samba ainda é marginalizado... O Vai-Vai agora mudou: é constituído de pessoas carentes e não tão carentes... Quem frequentava o Vai-Vai eram pessoas do bairro. O Vai-Vai sempre contou com pessoas do bairro desde a fundação. Passou a contar com pessoas de outros bairros depois da urbanização 'dentro do bairro, porque a maior parte dos moradores foi morar na periferia. 70% dos frequentadores de fora, da periferia e 30% do bairro" (José Jambo Filho, Presidente da Escola de Samba Vai-Vai, 13/10/83 DPH-PMSP). É bom lembrar que as transformações ocorridas com a escola tem seu período circunscrito ao "Be-xiga Ano-Zero".

A escola de samba, assim como as outras tradições transformaram-se em "produtos de exportação". Ela saiu das ruas do bairro para as apoteóticas passarelas. Obviamente que a mesma não perdeu ainda suas raízes com o bairro. Porém, deixou de ter sua existência em razão do mesmo. Era em suas ruas e com o próprio pessoal do bairro que realizava seus espetáculos. Podemos dizer que, se os brancos italianos tinham sua procissão como expressão da

sua cultura, os negros também tinham sua "procissão" realizada todos os anos pelas ruas do bairro na época do carnaval. Em lugar do andor da "santa calabresa", o standarte da sua escola de samba: "Perguntando-se àqueles líderes da referida escola sobre a participação da colônia italiana neste evento, tivemos a seguinte resposta: "Como a Vai-Vai é uma entidade cultural aberta ao povo, muitas pessoas participam, mas poucas contribuem para o carnaval, os gastos são enormes. A participação da colônia é coletiva, assiste a ensaios, mas não entra com o dinheiro para um carnaval decente como o bairro merece... Para conseguirmos uma área de 4.000 m², temos que sair do bairro e aí está nossa luta, é para mantermos nossa sede no bairro, porque se não fosse essa luta já teriam nos expulsado daqui" (José Jambo Filho, DPH-Entrevista).

Ameaçada na sua identidade com o bairro, vive ainda aquela luta. Se o samba entrou pelas casas de diversões noturnas - as casas de shows, o samba da escola, abandonou, ou melhor, foi expulsa das suas "antigas passarelas". Para o bairro, na verdade, passou a ser "mercadoria de segunda mão". O ganho nas apoteóticas avenidas, significou a perda do seu espaço dentro do bairro: "Nós estamos impossibilitados de fazer nossas programações como elas deveriam ser feitas, porque se funcionarmos numa quarta-feira, 5ª feira ou sexta, chega aqui e vai ver o que? Vai ver boate, vai ver a R. Sto. Antonio cheia de gente. Praticamente o que é cultura popular ele não pode ver porque só aos domingos que podemos fazer a prática da cultura popular para se ver, e nesse dia não interessa ao turista... Se for para a Bela Vista virar um ponto turístico é para viver oficialmente... Eles precisam deste tombamento para

manter a raiz dentro do bairro, senão futuramente a Vai-Vai não pertencera mais ao bairro" (idem).

Neste momento, após todos estes relatos e observações sobre a realidade empírica do Bexiga, sobre as diferentes formas de representações que são elaboradas na memória da sua população tradicional, reforçada pela mídia sobre aquelas tradições, cabe-nos aqui um aprofundamento teórico sobre a natureza do tradicionalismo como uma das instâncias do processo histórico na criação do imaginário, pois, como pudemos observar, principalmente nos discursos das lideranças e na literatura acerca do bairro, os limites entre o real e o imaginário são difíceis de se perceber.

O tradicionalismo deve ser entendido como um componente do processo evolutivo da história, concebido como um "estado carregado do passado, fazendo da tradição uma expressão de continuidade". Portanto, o tradicionalismo pressupõe a existência, no presente, de fatos que se sustentam pelo passado. Sobrevivências que resistem em desaparecer na dialética das transformações históricas. A existência do arcaico na negação do novo. Nesta dialética, a tentativa de se "congelar" o passado, ou seja: a criação de uma ideologia do arcaico. A preservação de relações que não mais encontrando correspondência no presente, sustentem-se na alienação do mesmo. É a necessidade de manter o passado de forma estática no presente. Procura-se através dele manter uma continuidade histórica que na verdade não mais existe, sustentando-se na maior parte das vezes pelo autoritarismo:

"La verdade esta, en suma depositada en una institución, y por eso la historia misma

constituy la prueba de que tal institución la posoa. Una de las pruebas de la verdad es, asi, la persitencia. De ahí que el tradicionalismo ofrezca una prueba histórica e inclusive hitoricista de la verdad. La historia se convierte, em certo modo en el depositun de la verdad" (José Ferrates, p.822).

A tradição, enquanto uma ideologia, representa uma forma de dominação daqueles que sustentam o poder, seja ele político, religioso e econômico. A história mostra-nos que a tradição tem sido uma bandeira de luta das classes dominantes. Para as demais, sempre foi significado de - quando assumida, um instrumento de sua própria submissão. Através dela a classe dominante exerce a sua hegemonia. Se as instâncias econômicas representam as determinações do movimento histórico, a "vontade humana" não é menos importante por isso. O homem imprime neste movimento "uma vontade de ser". A sua consciência não pode ser vista como simples mecanismo de estímulos e respostas na dialética do espírito e da matéria. A consciência humana alça-se a um nível de autonomia muito grande na produção do real, no processo de produção das condições de existência humana. Para Hegel a consciência de si pelo desejo, torna-se essencialmente ativa. O desejo impele o homem a uma ação, não para contemplá-la mas para transformá-la: "um eu que transforma e cria" (Roger Gaudy, p. 57). A consciência enquanto desejo pode ser compreendida como a instância abstrata. É a dimensão sensível do real. Sobre a natureza do papel da consciência e da vontade na vida social, Hegel, assim se coloca:

"La consciencia es al principio conscien -
cia inmediata y, por consecuencia, su rela -
cion com el objeto es la certidumbre sim-

ple y abstracta que tiene de este último... Tal es la consciencia sensible... La verdadera libertad en cuanto moral social, esta fundada sobre la consideración de quella voluntad no es una voluntad subjetiva, una voluntad que tenga por fin intereses egoistas, sino un contenido general. Tal contenido no existe más que en el pensamiento y para el pensamiento; pero la de excluir el pensamiento de la vida social, de la religion, del derecho, eto es una tentativa superficial como absurda" (Hegel, p. 307, 402 e 403).

Estas afirmações de Hegel permitem-nos repensar as determinações do processo histórico, as relações do processo histórico, as relações entre o econômico e outras instâncias destas determinações. Negligenciar o papel da "vontade humana" como uma instância autônoma - a "consciência prática" no dizer de Hegel - é simplificar a história. Muitos querem imputar ao marxismo este simplismo, quando na verdade o mesmo, sempre procurou negar qual quer forma de absolutização do conhecimento humano. Não nos parece que Marx tenha praticado esta absolutização através de um reducionismo economicista na explicação da História. No seu conceito de ideologia procurou resgatar a importância das formas do pensamento na produção do real. O fato de não ter avançado nesta direção não deve ser entendido como exclusão das mesmas e seus mecanismos no conjunto das determinações do processo histórico. Isto é importante para nós compreendermos o papel desempenhado pela tradição no processo de desenvolvimento histórico do Bexiga.

A tradição enquanto uma componente do com-

portamento social é pedra angular de uma formação cultural - a manutenção dos traços essenciais de uma cultura, é antes de mais nada uma "vontade de permanência", de continuidade histórica. Como tal, devemos entendê-la como uma dimensão importante na compreensão deste real. Sustenta-se a tradição no dia-a-dia, no universo do cotidiano. Vive-se a tradição no seio da família, da rua, igreja, inclusive em muitas instituições que representam a luta de classes - os sindicatos e partidos. A sua cotidianidade torna-a uma força de resistência tão grande às mudanças. As pessoas, mesmo pertencendo a segmentos de classes diferentes, antagonicos na essência, identificam-se entre si neste cotidiano. Podemos mesmo dizer que a tradição "obscurece as consciências". Coloca pessoas de classes diferentes, lado a lado. Neste sentido deve ser entendida como uma força reacionária. Uma negação da ação para as mudanças. Quanto mais as forças produtivas e novas relações sociais de produção definem-se e ameaçam a estabilidade do sistema, mais este tradicionalismo é invocado pelas classes que detêm o poder. Criam-se as bandeiras de lutas pela preservação da tradição. Força conservadora invocada para sustentar ou tentar reaver um poder ameaçado. De uma certa forma é uma guerra sem armas. Procura-se ganhá-la nem sempre destruindo materialmente o inimigo, porém, cooptando-o. Torna-se importante passar para o adversário a idéia que a causa pela qual lutam também é a dele. Que ambos estão ameaçados pelas mudanças. A luta contra o "novo" tem que ser defendida como a forma de sobrevivência. Assim, a classe dominante chama para a luta não somente seus "aliados naturais", mas também seus dominados. Apelar para a emoção, para o sensível, para o imediato que os une no tempo e no espaço; impedir que

a consciência daqueles perceba a transparência da verdade. A convivência do cotidiano da rua da praça, da igreja, escola, bares, tem que ser trabalhada, como se, apesar de frequentarem lugares que nem sempre são os mesmos, apareçam como tal. E aqueles que não mais existem, mas têm um significado neste processo de cooptação, terão que ser ressuscitados. Aquelas coisas que estão nos lugares comuns das lembranças, nos sentimentos - "os vãos suspensos" de Bachelard.

Esta falta de transparência não deve ser entendida sempre como produto de manipulações racionalmente e laboradas. Aquelas sobrevivências, representações simbólicas que permanecem nas lembranças nem sempre significam produtos de mistificações estrategicamente elaboradas para a sustentação de grupos no poder:

"É preciso portanto distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, que são necessárias a uma certa estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, "queridas". Enquanto historicamente necessárias têm uma validade que é "psicológica", "organizam" as massas humanas, fornecem o terreno em que os homens se movem, adquirem consciência de sua posição, lutam etc. Enquanto "arbitrárias" não criam outra coisa senão "movimentos" individuais, polêmicas etc (não são completamente inúteis nem mesmo estas, porque são como o erro que as contrapõe à verdade e a afirma). Recordar a frequente afirmação que faz Marx da "solidez das crenças populares" como elemento necessário de uma determinada situação... Outra afirmação de Marx é que uma persuasão popular tem muitas vezes a mesma energia que uma força material ou algo semelhante e que é muito significativa. A análise destas afirmações creio que leva a reforçar a concepção de "bloco histórico", em que pre

cisamente as forças materiais são o conteúdo e as ideologias a forma, distinção de forma e conteúdo meramente didática, porque as forças materiais não seriam concebidas historicamente sem forma e as ideologias seriam caprichos individuais sem as forças materiais" (Antonio Gramsci, p. 65-6).

Poucos bairros de São Paulo foram tão contemplados pela mídia como o Bexiga. Invocado pelo seu tradicionalismo, pela herança da italianidade, a mídia foi "cúmplice" na difusão desta "ideologia geográfica". O Bexiga é hoje um espaço que se vende através daqueles veículos - televisão, jornal, rádio e pessoas que o frequentam, embalados pela sua "magia". É difícil encontrarmos alguém em São Paulo que não tenha ouvido falar deste tradicionalismo e italianidade, ou das opções de diversões que o mesmo oferece.

A imagem que se propaga é do Bexiga do lazer e da cultura. A segregação social e a precariedade das condições habitacionais, quando aparecem vêm revestidas como manifestações "folclórica". Enfatiza-se a italianidade, quando já vimos que ela não é mais dominante. Esconde-se as precariedades da vida daqueles cortiços como se isto fizesse parte de 'forças naturais' - a ordem natural das coisas, tão caras aos filósofos do século XVIII que influenciavam o pensamento burguês da época. "Bexiga - Amore Mio" é o título de uma das principais obras escritas sobre o Bexiga, pelo menos a mais difundida, no seu conteúdo percebemos estas contradições. A pobreza aparece na mesma como "forças naturais". A italianidade parece ainda residir no bairro e possível de ser resgatada. Dentre os artigos publicados pela imprensa jornalística, gostaríamos aqui de

destacar um: "Em relação ao Bexiga, a Glasurit informa que até o final do mês, poderá fechar um acordo com os proprietários dos imóveis localizados nas imediações da igreja da Achiropita, pedindo a concessão do espaço de suas fachadas em troca de uma repintura. O projeto obedece a um levantamento histórico feito pela empresa Iconográfica e as cores predominantes no sul da Itália - região de origem da maioria dos imigrantes que ocupou o Bexiga - do tom pastel, como palha, pérola, areia. Para Armando Puglisi, diretor do Museu do Bixiga - "As autoridades locais não foram procuradas pela Glasurit, mas qualquer projeto de conservação do Bixiga será recebido com alegria. Puglisi sugere que a empresa encampe um movimento iniciado pelo museu, que pretende restaurar 10 casas, datadas do início do século localizadas na rua Jandia, acima dos Arcos do Bixiga" (Shopping News, 17/7/88).

Um espaço mercadoria. No dizer de Gramsci, a criação de ideologias historicamente orgânicas. Ao mesmo tempo, Sodepro, Museu do Bixiga, União do Bixiga, ao defenderem um tradicionalismo agonizante, que não mais se sustenta efetivamente no presente, acabam fortalecendo aquelas ideologias comprometidas muito mais em criar uma mercadoria vendável que propriamente resgatar a dignidade das condições sociais da maioria da população do bairro. Movimentos no dizer de Gramsci que caracterizam aquelas "ideologias arbitrarias".

Hoje nem Bela Vista, nem Bexiga, mas sim "Bixiga". Simples jogo de palavras? Não. Apenas uma necessidade de ressuscitar aquele italianismo que "agoniza" com alguns poucos moradores - expressão sonora para expressar a

forma de falar Bexiga pelos italianos. Desde que o bairro, no início do século mudou sua nomenclatura para Bela Vista em lugar de Bexiga, esta expressão foi caindo no esquecimento. Nos mapas da época escrevia-se Bexiga.

Observando-se os mapas mais antigos de São Paulo, mesmo após a mudança do nome do bairro para Bela Vista - a parte das imediações do antigo Piques continuava sendo assinalada com nome de Bexiga (em letra minúscula). No o Indicador Prático - Planta da Prefeitura Municipal de São Paulo - 1922, constavam do mapa as duas designações: Bela Vista e Bexiga. Na planta de 1954 já não mais aparecia a designação Bexiga, somente Bela Vista para toda a área, desde a Praça da Bandeira até a São Carlos do Pinhal.

Mais recentemente, quando se iniciou todo o processo de mudança e revitalização do bairro, quando apareceram as organizações de defesa das tradições, é que começou um movimento para se retomar a usar a expressão "Bixiga" na sua forma gráfica e sonora. Tenta-se, assim, com um "decreto lingüístico" ressuscitar aquele italianismo como se fosse marca da mercadoria, e consolidar uma "ideologia geográfica". Dizendo de outra forma - as forças históricas do modo de produção capitalista, impulsionando as transformações do bairro, criando as novas estruturas que se consolidaram, uma indústria e uma ideologia do lazer; ao mesmo tempo as lideranças locais e mais as bases remanescentes da comunidade perceberam a possibilidade de salvar do "naufrágio histórico", alguns restos para a construção de uma nova embarcação que pudesse dar continuidade à "viagem histórica". Assim, com o discurso do tradicionalismo, chamaram do "limbo da saudade", aquela população para o empre

endimento de luta para a salvação da suas tradições. Uniram-se, independentemente da condição social. Para as lideranças, estava claro o roteiro da viagem - a consolidação das atividades que pudesse garantir a construção do "Novo Bixiga", com as sobras do "Velho Bexiga". Para estes uma embarcação com porto certo: "todo aquele mercado na parte inferior dos espigões", para aqueles que ajudaram na construção: o "barco da ilusão".

Uma ilusão cujo ritual se repete nas procissões da Achiropita, nas festas de São José, nas quermesses com suas bandeirolas, fachadas pintadas com as cores da Itália; ruas e esquinas, invocadas nos discursos como sobrevivências do passado, revelam-se como um mundo onde o real e o imaginário se confundem. Invoquemos, mais uma vez Lefebvre:

"Imaginário social, levado pela linguagem em geral, suportado por imagens e símbolos determinados, comporta engodo, ilusão, mistificação. A partir de um certo limite, o imaginário se separa do real e exatamente então é considerado como algo real: o considerado como sendo o real" (Lefebvre, p. 22).

III PARTE

4. DA NOÇÃO DE BAIRRO À BUSCA DE SUA IDENTIDADE

"La forma urbana se caracteriza por el encuentro y la reunion de todo lo que constituye una sociedad, productos y obras. En este sentido la ciudad fue y siegue siendo la obra suprema la obra de las obras. De haila generalización de su rasgo exencial. No hay ciudad que no se presente como simultaneidad percebida desde lo alto de las torres de las colinas y montañas, desde un avión y que no se afigure espacialmente en la trama de la calles y avenidas.

Esta determinación formal permite comprender y por que las obras parecen a la vez abiertas y cerradas..."

(Henri Lefebvre, p. 237)

Um bairro tende a ser muito mais do que um território com limites administrativos. Ele é o resultado de um conjunto de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade, cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas da rua ou do quarteirão, cria um clima de "cumplicidade" para viver ou encontrar saída para os mesmos. O bairro pode ser encarado portanto, como o lugar onde as relações de vizinhança se encontram mais bem configuradas. Estes "micro-cosmos" que são as ruas e os quarteirões tornam-se um "macro-cosmo" quando a população destes diferentes pontos é atraída pelas festas, religiosas ou sociais, aos locais

históricos, que pode ser uma praça, uma rua ou a igreja.

Desta forma, criam-se representações que se objetivam através de símbolos. Estes podem ser as praças, as ruas, as casas, espaços vivenciados naquele cotidiano, sempre como lugar comum:

"A formação de um polo ideal de referência, a forma espacial do aldeamento entendida como "revestimento ideal do mundo vivido", objetivação produzida pela *praxis* social, conduz a canalizar sobre si a variedade das experiências, a privilegiar percursos unívos de leitura do espaço" (Bettanini, p. 93).

Assim, o bairro torna-se uma unidade espacial de profunda significância para compreendermos as transformações de uma cidade ou da sociedade como um todo. Unidade menor onde se reproduz grande parte da vida do cotidiano da população urbana, é ainda o lugar onde se manifes-tam importantes movimentos sociais urbanos. As SABS (Sociedades Amigos de Bairros) mais ou menos atuantes ou existentes em cada bairro, são uma das manifestações que ainda nos permitem, nos dias de hoje, identificar a existência do mesmo no interior dos grandes espaços metropolitanos, mesmo quando aquelas relações de vizinhança já se encon-tram ameaçadas pelo novo ritmo de vida de seus habitantes.

Muitas vezes o bairro é confundido com unidades política-administrativas. O crescimento da burocracia do Estado e de uma forma geral, do poder público, criou um grande número de formas de intervenção sobre o espaço urbano; seja para planejar, exercer todas as formas de arrecadação de impostos e tributos, os cidadãos foram, assim, se transformando em meros contribuintes cadastrados.

Cada vez mais este cidadão foi se identificando com os limites convencionais determinados pelo poder público, na medida que as relações sociais de vizinhança foram se esva-
ziando. Hoje, portanto, pensar o bairro torna-se uma tarefa difícil. Estes limites, meras convenções, que raramente coincidem com os limites historicamente determinados pelas relações sociais entre os cidadãos, deixam de guardar um fator de identidade para os mesmos. Muitos dos atuais bairros de São Paulo, surgiram de antigos núcleos que foram se expandindo ou se fragmentando, no dizer de Renato Silveira Mendes, levados por um "impulso coletivo", um "sentimento de localidade" muito forte. Sobre a natureza dos bairros, o referido autor, assim se coloca:

"Todavia na maioria dos casos, o que a lei reconhece como subdistrito não corresponde ao que a população reconhece como bairro, embora o nome possa ser exatamente o mesmo. É que o bairro possui determinadas características muito próprias que, com o passar do tempo, se reforçam e acabam por individualizá-lo de maneira inconfundível, tanto para os que nele habitam como no conceito da população citadina... Da mesma forma Tricart acentua a importância desse conceito popular do que seja um bairro, considerando-o muito mais rico e mais concreto do que o resultante da divisão política-administrativa, pois fundamenta-se num sentido coletivo, idêntico ao que possui o camponês em relação à região em que vive.

Releva notar que, entre nós, a própria dimensão dos bairros tem uma origem legitimamente popular, resulta da voz anônima dos que primeiramente se fixaram na correspondente área ou habitavam em suas imediações, não dependendo dos poderes públicos - con-

forme, aliás, já fora observado por Afonso de Freitas... Daí a extravagância de certos nomes ou, pelo menos seu caráter nitidamente popular, como os da Água Rasa, Água Funda, de Chora Menino, do Bexiga, do Brás, do Limão, das Perdizes, da Casa Verde, do Oratório, do Bibi, etc "(Silveira Mendes, p. 185).

Maria Isaura Pereira de Queiróz, em sua obra - Bairros Rurais Paulistas, define o bairro, neste caso, o rural, como o produto de um sentimento de comunidade e apego à localidade. Para a autora os componentes que caracterizam um bairro rural são os seguintes:

"Configuração intermediária entre a família, de um lado, e de outro lado o arraial, ou a vila, ou a cidadezinha, o bairro apresentava as formas mais elementares de sociabilidade da vida rústica, que se alargavam em diferentes graus a partir dele, na seguinte escala: a) relações familiares; b) relações de vizinhanças; c) relações dos bairros entre si; d) relações com a região; e) relações com o exterior (isto é com tudo que ultrapasse a região" (Pereira Queiróz, p. 4).

Apesar da grande contribuição deixada pelos dois trabalhos aqui relacionados, eles não nos permitem compreender o fenômeno na sua etapa contemporânea nas regiões metropolitanas. Aquela identificação do indivíduo com o lugar torna-se hoje difícil. Este fato, já apontado em análise anterior, deve aqui ser novamente lembrado. A mobilidade espacial criada pelos mecanismos da economia em países economicamente dependentes, impossibilita a fixação dos indivíduos em seus locais de origem. Cada vez mais fica difícil para as camadas de baixa renda a fixação em qualquer localidade. A mobilidade criada com o processo de

modernização capitalista nestas economias desenraizou tanto as populações rurais como as urbanas. Os deslocamentos intra-metropolitanos impossibilitam aos trabalhadores não proprietários de casas a fixação em um lugar. A possibilidade daquela identificação com o lugar era possível em épocas passadas, mais ou menos remotas, anteriores ao grande processo da industrialização, principalmente nas economias subdesenvolvidas industrializadas. Para tanto, Mumford abre-nos uma grande perspectiva de análise:

"Isto nos recorda que la ciudad medieval se forma sobre el principio de los barrios, a la vez que la iglesia servia como centro de la comunidad y la plaza del moroado... todo ello a la comoda distancia de um paso corto para qualquer de suas habitantes... Si llevamos tal comparacion a sus detalles, hallaremos que nuestros equipos resultan aun mas desamparados y fraudulentos: las panaderias vacinales de Pompeya staban (cuando ocurrio el cataclisma) haciendo de autentico pan com harina ellaborada alli mismo, en los predios cercanos a la panaderia... A todos los lugares de Pompeya se llegaba passo, como si sus habitantes se complacieren en visitar-se y en gozar cada uno com la compania de los demás... Y los milles de personas que se reunian a contemplar los juegos deportivos, o ver y oir el teatro podian abandonar sus asientos tranquilamente a casa e pio en menor tiempo..." (Mumford, p. 31).

Muitos foram os bairros que em São Paulo nasceram de núcleos rurais, ou mesmo de "bairros rurais" nos tempos das chácaras existentes ao redor da cidade de São Paulo, hoje seus pontos centrais. O bairro do Bexiga foi um daqueles surgidos nestas condições. Pelo que já foi

visto, o mesmo guardou por muito tempo suas características como bairro no sentido dado por Renato Silveira Mendes e Maria Isaura Pereira de Queiroz e muito próximo do "ideal pompeiano" descrito por Mumford. Aquilo que ambos chamaram "impulso coletivo" e "sentimento de localidade", era encontrado no bairro do Bexiga antes das grandes transformações. Para melhor entendermos a transformação ocorrida no bairro como um fenômeno urbano, teremos que analisar com mais cuidado o que acabou acontecendo nas relações dos indivíduos com os lugares de residência e trabalho.

Se aquela relação casa e rua permitiu-nos um critério para a identificação das pessoas com os lugares, seu grau de integração, para compreendermos as transformações espaço-temporais, a relação residência e lugar de trabalho abre-nos uma outra perspectiva para complementar aquela.

O lugar de residência enquanto coisa em si ou como um conjunto de representações na condição humana, é ponto de partida e de chegada no cotidiano das pessoas. A condição de classe, que dá acesso aos indivíduos a esta mercadoria chamada "casa", define a "aderência" dos indivíduos aos lugares. A condição de proprietário ou não proprietário acabará definindo o processo de organização do seu cotidiano. Para aquele que se torna proprietário, é possível fazer projetos permanentes de vida no lugar - escolha de escola, clube, locais de lazer, compras e uso dos demais tipos de serviços que a vida urbana impõe. Para os outros, aqueles que vivem de aluguel, a condição quase sempre é a transitoriedade. Este fato, obviamente estará relacionado ao nível de renda desta população que vive de aluguel. Esta transitoriedade é maior para as populações de

renda e qualificação baixas.

Assim, aquela "aderência" ao lugar, ou seja, a possibilidade de permanência e constituição daquelas representações que permitem a identificação com os lugares estará numa relação direta com as condições sócio-econômicas das pessoas. Quanto maior for o tempo de permanência, o nível de interação tenderá a ser mais amplo e, com ele a intensificação dos papéis sociais e sua complexidade tenderá a ampliar-se. Criam-se comportamentos estereotipados. Para Agnes Heller o fato se coloca da seguinte forma:

"A imitação manifesta-se sobretudo como imitação dos usos. Em todos os estágios do desenvolvimento social o homem nasce num mundo já "feito", numa estrutura consuetudinária já "feita"... O homem jamais se enfrenta com usos isolados, ele os "aprende" numa totalidade relativa, como sistema como estrutura... Estes sistemas constituem o fundamento do sistema de "reflexos condicionados", sistema que permite aos membros de uma sociedade mecanizar a maior parte de suas ações, praticá-las de um modo instintivo (mas instinto por aquisição, não como resíduo de uma estrutura biológica), ou seja, concentra o pensamento, a força moral, etc., nos pontos concretos exigidos pela realização de novas tarefas" (Heller, p. 88).

Podemos transpor aqui o pensamento da autora para a compreensão do cotidiano na formação da noção de bairro. Aquela idéia de totalidade relativa pode ser entendida por nós como o bairro, como uma parcela de espaço historicamente determinado - aquela teia de papéis que desempenhamos no nosso cotidiano que nasce com a interação com o espaço. É desta forma que produzimos aquelas representa-

ções e o nível de "aderência" aos lugares. Quanto mais se vive o lugar e mais fortes forem as relações emotivas com o mesmo, mais registrado estará na nossa memória e consciência. Nossa relação com o mesmo passa a ser feita de forma "instintiva". O fato de se ter nascido e vivido num mesmo lugar, vivenciado a infância, adolescência, casado, frequentado os mesmos lugares, cria vínculos muito fortes com o mesmo. Criam-se códigos que permitem logo identificar o "forasteiro". Este nível de "aderência" fará com que, para alguns, aqueles papéis, "interiorizados" ou não, se tornam algo contingente; para outros a própria extensão da existência.

Se o lugar de residência pode ser considerado como componente importante no nível de "aderência" ao espaço, não menos importante é a relação que este desempenha com o lugar do trabalho. É dentro desta relação "totalizante" que deveremos encaminhar nossa análise. Aqui, mais uma vez a condição sócio-econômica, a condição de classe, acaba constituindo-se em fator determinante na explicação do processo. O nível de qualificação e renda do trabalhador coloca-o em condições diferenciadas. Um alto executivo acaba criando um tipo de papel social e "reflexos condicionados" diferentes de um trabalhador metalúrgico. As formas de interação e comportamento social diferenciam-se não somente quanto ao maior ou menor "requisite" na realização de suas tarefas, mas também na própria maneira de usarem os espaços no trabalho. Os "colarinhos brancos" e aqueles que usam os "macacões" acabam definindo espaços diferenciados. Se a condição sócio-econômica acaba criando comportamentos condicionados em função da condição técnica-profissional e de renda dos indivíduos, o processo de estratificação, que

nasce destas diferenças sociais, constrói também espaços estratificados no interior dos locais de trabalho e, conseqüentemente como reflexos destes, nos de residências também. Se o lugar de trabalho aproxima por necessidade técnica e econômica as pessoas, os "colarinhos brancos" das que usam "macacões", em contrapartida estas diferenças sociais os colocam em condições de habitações bem diferenciadas. Para os primeiros, os bairros de alto padrão; para os segundos os bairros periféricos - aqueles da auto-construção ou dos cortiços e favelas. Para os primeiros a distância entre lugar de trabalho e residência são resolvidas com o uso das vias expressas, para eles construídas; para os segundos os longos e "sinuosos" percursos pelo interior das ruas de infundáveis bairros, apertados no interior dos coletivos ou na melhor das hipóteses, em ônibus fretados pelas empresas.

Desta forma, os papéis e os esteriótipos que criamos no interior das totalidades que nascem do nosso convívio social e do nosso cotidiano são significativos como instâncias ideológicas que emergem das nossas experiências interativas com os diferentes espaços. Na medida em que os locais de residência e trabalho são aqueles com os quais permanecemos em contato mais tempo, eles acabam desempenhando um papel muito grande na formação daquele cotidiano. Se para o homem de Pompéia o lugar da residência e de trabalho confundiam-se pela sua proximidade, assim como para o paulistano que habitava na cidade no século passado e mesmo no início do atual, então era aqui possível viver-se muito próximo do "estilo pompeiano".

O processo de metropolização - adensamento central e horizontalização pelo crescimento "periférico", com suas grandes avenidas, auto-estradas criou um novo coti

diano que passou a ser determinado por dois grandes parâmetros: velocidade e distância. Criou-se uma nova relação do indivíduo com seus lugares de residência e trabalho. A metrópole contemporânea gerou uma verdadeira cirurgia plástica no espaço. As antigas cidades, pelo seu tamanho reduzido e menor complexidade na divisão social do trabalho, ao lado de um menor número de pessoas, permitiam uma maior proximidade entre residência e lugar de trabalho. Geralmente os bairros representavam, em São Paulo, muito mais lugar de residência e o "centro" o lugar de trabalho. Alguns bairros em função de sua evolução histórica e mesmo em função de uma certa distância em relação a este centro, podiam ter uma maior "autonomia" em relação ao centro. Porém, o "centro" da cidade era o referencial básico de organização do cotidiano das pessoas, fosse enquanto "representação" ou como forma efetiva de organização para o trabalho. Para muitos o acesso a este centro podia ser feito a pé. A metropolização, com seus grandes eixos radiais-concêntricos, e as vias perimetrais colocando residências e locais de trabalho em extremos cada vez mais distantes um do outro, fragmentou o homem, colocando-o sob um processo contínuo de "pressões", tanto o "colarinho branco" como o trabalhador de baixa renda. Obviamente que para este último a situação tornou-se mais dramática. Grande parte da energia do homem que vive nestes grandes espaços urbanizados é gasta percorrendo espaços que lhes são "alheios", mas que passam a constituir seu cotidiano. Espaços que vê mas não vivencia. As distâncias criaram uma forma de alienação do "novo homem" com o "novo espaço".

A partir destas colocações podemos nos perguntar o que é o bairro enquanto uma dimensão de espaço. A

medida que as especializações do trabalho definem-se no interior de novas relações de produção, induzindo uma nova escala de "velocidade" não somente para os transportes, mas também, para a realização das novas tarefas impostas pela nova divisão do trabalho, aqueles tipos de papéis e estereótipos multiplicam-se, o homem tem que vivê-los numa sucessão cada vez mais rápida e em lugares cada vez mais diferentes. Os fluxos de serviços e pessoas seguem por caminhos sobre os quais o homem comum perde o controle. Aquela mão invisível do que Adam Smith falou sobre o capitalismo liberal, que conduzia o homem por caminhos com "mão dupla", hoje o conduz por "caminhos com mão única". As posições em que os indivíduos estão colocados escapam às possibilidades de opção. Cada vez mais a escolha quer do lugar de morar, quer de trabalhar está fora do alcance de muitas opções. Os trabalhadores, sempre encolhidos, dificilmente escolhem no sistema. O mercado de trabalho e o mercado imobiliário é que definem os limites das "opções". Estes mecanismos de poder dos mercados estão cada vez mais centralizados em formas monopolizadas de poder. Segundo Mumford:

"Si los lugares en que vivemos y trabajamos fuesen en realidad aptos para habitacion humana permanente, por que habriamos de gastar tanto de nuestro tiempo en marcharnos lejos de ellos?... Es que hemos aceptado una existencia como las lineas de montaje, en la que todas las funciones humanas se realizan de un medio ambiental cada vez más esterilizado y uniforme apartado de todas las realizadas excepto de las que están al servicio de las maquinas" (Mumford, p. 35).

Ao que Mumford chamou de aceitação nós chamamos de determinação histórica - a imposição daquele "ca-

minho de mão única". Nesta medida, a relação que os indivíduos definem com os espaços será sempre considerada transitória. Esta maior ou menor transitoriedade será, como já afirmamos, uma consequência da sua condição sócio-econômica. Para o trabalhador de baixa renda, a realização do "sonho da casa própria" como segurança dentro de um sistema em que a regra é a insegurança no trabalho, significou uma distância cada vez maior entre este e a casa. Esta "raiz" conseguida com o solo, significou o sacrifício de longas horas no interior do transporte coletivo. Vale aqui pensar na difusão da auto-construção na periferia da cidade.

Aquela dimensão de vida comunitária da "cidade pompeiana", acabou se restringindo cada vez mais a um processo de "atomização" do lugar de pernoite e trabalhar, variando em grau e natureza com a condição sócio econômica dos indivíduos. Esta "atomização" das pessoas e funções define hoje a essência do fenômeno metropolitano - fragmentação de espaços e pessoas. "Existências quebradas" - pessoas que têm que se dividir entre trabalho e residência num ritual torturante do transporte e da distância. Os transportes e as grandes avenidas unem os territórios, porém isolam as pessoas dos lugares. O conjunto dos bairros que caracterizam a totalidade dos espaços metropolitanos encontra-se unidos pelos trilhos e rodovias, porém cada vez mais a cidade se esvanece como uma totalidade vivenciada.

Quanto mais o capital integra seu espaço ligando os pontos mais distantes, jogando os homens no interior daqueles "pêndulos" alucinantes do fluxo viário metropolitano, cada vez mais isto nos faz pensar o urbanismo ca

pitalista. Segundo Castells: "A indústria agrupa fases tecnicamente homogêneas e separa unidades que pertencem à mesma entidade jurídica". Ou seja centraliza as funções técnicas e os estabelecimentos em lugares diferentes dos seus centros de decisões. Nesta dialética centralização-descentralização, encerram-se grande parte das contradições daquele tipo de urbanismo - trabalho, transporte e residência. Este parece-nos um fato irreversível. Este presídio "tripartido" coloca-se como o desafio para o urbanismo. Qualquer proposta de planejamento urbano que queira inserir soluções para o espaço de lazer e trabalho, tem que ser pensado no interior daquela "trilogia". Para Mumford a metrópole de hoje é o grande desafio:

"Asi estaban las cosas a comienzos del siglo XX en lo referente a los barrios; y el concepto de estos habia desaparecido tan por completo que en el primer intento que por entonces se presento de desafiar una ciudad completa y contuviera en si todo lo necesario - tal el caso de Letchworth dos notables planeadores de ciudades, Raymond Unwin y Barry Park no hicieron esfuerzo alguno para delimitar ningun bairro y siquiera lo sugeriron" (Mumford, p. 100).

Recolocando a posição de Tricart sobre a noção de bairro: "um sentimento coletivo idêntico ao que possui o camponês em relação à região em que vive", podemos perceber que sua simples transposição para a compreensão de fenômeno do bairro no conjunto do espaço metropolitano, não somente se torna insuficiente como também inadequado. Não cabe aqui aprofundar as diferenças teóricas com o autor. Mas sim tentar perceber a evolução do fenômeno e tentar caracterizá-lo nos dias atuais, no mesmo tempo a-

brindo a possibilidade de uma nova conceituação.

Como já apontamos em outro momento do trabalho, o Bexiga pela sua origem naquele conjunto de chácaras que circundavam a cidade de São Paulo no século XIX e pelo grau de interação que teve com a cidade até as primeiras décadas do século XX, guardou bastante daquelas características apontadas por Renato da Silveira Mendes e Jean Tricart.

Toda nossa análise nos capítulos anteriores leva-nos neste momento, a tentar caracterizar a atual situação deste bairro no processo de metropolização pelo qual passou São Paulo. As novas relações sociais nascidas de uma nova divisão social do trabalho redefiniu a posição do bairro no conjunto daquele espaço. Não seria possível continuar admitindo a continuidade das mesmas relações e configuração de uma mesma condição de identidade das pessoas com o lugar, após todas aquelas transformações já analisadas anteriormente. Cabe-nos agora verificar o tipo de enquadramento do bairro ao novo espaço metropolitano. Sobre a questão das relações de classes, do processo de estratificação social com o lugar, Lewis With faz a seguinte análise:

"Os grandes números são responsáveis pela variabilidade individual, pela relativa ausência de conhecimento pessoal íntimo, pela segmentação das relações humanas as quais são em grande parte anônimas e superficiais e transitórias e por características correlatas a densidade envolve diversificações e especializações, a coindicência de contato físico estreito e relações sociais distantes, contrastes berrantes, um padrão complexo de segregação, a predominância do con

trole social formal, e atrito acentuado entre fenômenos. A heterogeneidade tende a quebrar estruturas sociais rígidas e a produzir maiores mobilidades, instabilidades e insegurança e a filiação de indivíduos a uma variedade de grupos sociais opostos e tangenciais com um alto grau de renovação dos seus componentes. O nexo pecuniário tende a deslocar as relações pessoais, e as instituições tendem a atender às necessidades das massas em vez dos indivíduos. O indivíduo, portanto, somente se torna eficaz agindo através de grupos organizados..." (With, p. 22).

No conjunto de teorizações sobre o novo fenômeno urbano feito pelo autor, podemos pinçar vários elementos que nos permitirão compreender o papel dos bairros no interior das metrópoles.

Este surge como um fenômeno de exterioridade no conjunto das relações entre os indivíduos. A proximidade física não passa mais a significar relações estreitas de vizinhanças, contraditoriamente ela pode significar distanciamento social. Como já havíamos colocado a "nova cidade" e o "novo bairro" passaram a significar transitoriedade e segregação. O pecuniário não somente segrega um bairro em relação a outro, mas pessoas do mesmo bairro.

Enfim, cada vez mais o bairro vem se tornando aquela instância política-administrativa já aventada no início do capítulo. A proximidade dos indivíduos coloca-se naquele nível de "atomização". As pessoas, quando se unem, o fazem por condições contingenciais que representariam aqui aquela aventada pelo autor acima mencionado, existem muito mais como algo transitório do que como um elo efeti-

vo para consolidar estreitas relações de vizinhança. Instâncias organizacionais que se encontram em contínuo processo de renovação, resultantes da própria mobilidade imposta pelas condições de trabalho, residência e transporte. Sobre a natureza do bairro, Jorge Wilhelm nos faz a seguinte colocação:

"Hoje, São Paulo conta com cerca de 1360 bairros, vilas e jardins, tendo a maioria deles surgido após 1950 como resultado da imigração interna e de atividades de loteadores ... Inegavelmente, o bairro constitui hoje a unidade urbana, a representação mais legítima da espacialidade de sua população e não é por acaso que São Paulo conta com 900 "Sociedades de moradores", também conhecidas como "sociedade amigos do bairro", cuja territorialidade é facilmente reconhecida... O bairro corresponde à dimensão de território ideal para a reivindicação coletiva. Em território maior, na região administrativa, surgem conflitos de prioridade entre um bairro e outro, em escala menor, na rua domiciliar, as reivindicações esgotam-se rapidamente". (Wilhelm, p. 64).

Mais uma vez percebemos, pois, que a noção de bairro está restrita à dimensão "atomizada" de instância de "mobilização" de massa.

4.1. Unidade e Diversidade

O que é hoje o Bexiga? Um espaço dividido - Bexiga, Bela Vista, Bixiga. Desde que, em 1912 o bairro passou a chamar-se Bela Vista, já guardava diferenciação no seu interior. Na verdade a expressão Bela Vista representa-

va a parte alta do bairro - topográfica e socialmente. Era o alto da grotta e suas imediações no espigão da Av. Paulista. Diferenciava-se profundamente do Piques e suas imediações. Era neste que na verdade localizava-se propriamente o Bexiga. Enquanto identidade, já vimos que sua população automaticamente excluía-se da parte "nobre", vendo como outra área, chegando mesmo a ser considerada por muitos como um outro bairro. O Bexiga estendia-se até as elevações entre a rua 13 de Maio e rua dos Ingleses, cujo acesso, dava-se pela escadaria da rua Fortaleza. O Bexiga ocupou toda a baixada do antigo Ribeirão Bexiga, até a esplanada onde estão colocadas as cantinas da Rua Rui Barbosa e Treze de Maio, caindo depois para os fundos do "ribeirão Saracura".

A inserção do Bexiga na toponímia Bela Vista, não significou a integração destas duas áreas distintas na história e formas de uso. Isto nos leva a crer muito mais numa imposição política-administrativa do que uma preocupação de integração da vida comunitária das mesmas. O Bexiga nasceu como um "espaço pompeiano" e manteve-se como tal por muito tempo. O outro foi o símbolo das novas relações formais que se consolidavam no interior da metrópole emergente.

Assim, o Bela Vista, enquanto bairro, parece-nos muito mais produto da intervenção administrativa do que a expressão histórica de uma criação de vida comunitária. Esta expressão já demonstrava uma divisão espacial dentro daqueles limites administrativos. O desuso da expressão Bexiga foi sendo lenta e gradual. Se de um lado a parte nobre, isolada do conjunto simbolizava a diferencia-

ção de classes e a divisão do bairro, do outro lado, a assimilação gradativa do "baixo" Piques pelo "centro histórico", divorciava esta parte tradicional do Bexiga do restante do bairro. Podemos perceber que a sua evolução, enquanto uma unidade espacial caracterizada em todos os níveis pelo velho conceito de bairro, acabou marcando um processo de incorporação de novas áreas e retaliação de outras mais antigas. Isto deve ser considerado quando quisermos responder à pergunta do que é o Bexiga hoje. Obviamente que ele não mais corresponde àquele espaço urbano existente na virada do século, tampouco pode ser considerado o mesmo da década de cinquenta, quando o Piques se foi desmembrando para se integrar ao "centro". Naquele conjunto de elementos simbólicos que reforçam a noção de bairro, foi ocorrendo um processo contínuo de esvaziamento. Na verdade o Bela Vista, como expressão de um novo momento histórico, foi tomando o lugar do Bexiga.

O bairro da Bela Vista é hoje, no conjunto dos bairros metropolitanos, a esperança da superação daquela "trágica trilogia" para o trabalhador. Um bairro, que, na verdade, poderia ser chamado de - o bairro dos "novos andarilhos". Novos no sentido de que não devem ser confundidos com aqueles do passado, do espaço "pompeiano" do "velho Bexiga", onde rua, casa e trabalho significa um todo integrado, onde o homem podia sentir-se "inteiro". Para os novos moradores do Bela Vista estas ruas são tão estranhas como a paisagem daqueles usuários dos coletivos que passam mas não vêem o espaço percorrido, ou quando o vêem, não o vivenciam.

A fixação no bairro permitiu de uma certa forma resolver problemas de distância física, porém isto

não significou a "aderência" dos habitantes ao espaço. Em lugar da pobreza da auto construção dos bairros periféricos, a incerteza e miséria dos cortiços. O Bela Vista foi o lugar das habitações "comunitárias", hoje é o lugar das habitações coletivas de baixa qualificação. É um bairro onde a transitoriedade da população tenderá a aumentar pela própria tendência revelada nas suas formas de uso do solo. Perdeu-se o "sentimento de localidade". Gradativamente vai sendo "assimilado" pelo CBD (Central Business District) e pela "Nova Paulista", de onde entram aquelas funções "modernizadoras".

Outra parte do bairro "revitaliza-se" naquele conjunto de atividades "turísticas". O restante comportando-se como um verdadeiro "quarto de despejo". Para alguns a possibilidade de acesso à "nova onda", aqueles "flats" que entram no pedaço; para outros a expectativa da expulsão. Aquele "sentimento de unidade quebrada" não se limitou a uma quebra na escala humana dada pela verticalização. A "implosão", o sentimento de desmembramento daquela "antiga unidade" em "pedaços", segue um processo "irreversível" de mudanças de uso no seu espaço, buscando, cada vez mais, a construção de uma "nova unidade" no conjunto da metrópole. No interior deste "novo espaço" que se produz, aquelas funções de lazer e diversões é que vão se integrando à metrópole. É um "pedaço" do antigo bairro que estabelece a "nova relação", o restante é a plena transitoriedade. Estas funções nascidas da "revitalização de algumas tradições; paradoxalmente, passaram a significar a própria negação de bairro como instância comunitária.

O "novo bairro", que se formou no interior da metrópole, revelou-se cheio de contradições enquanto

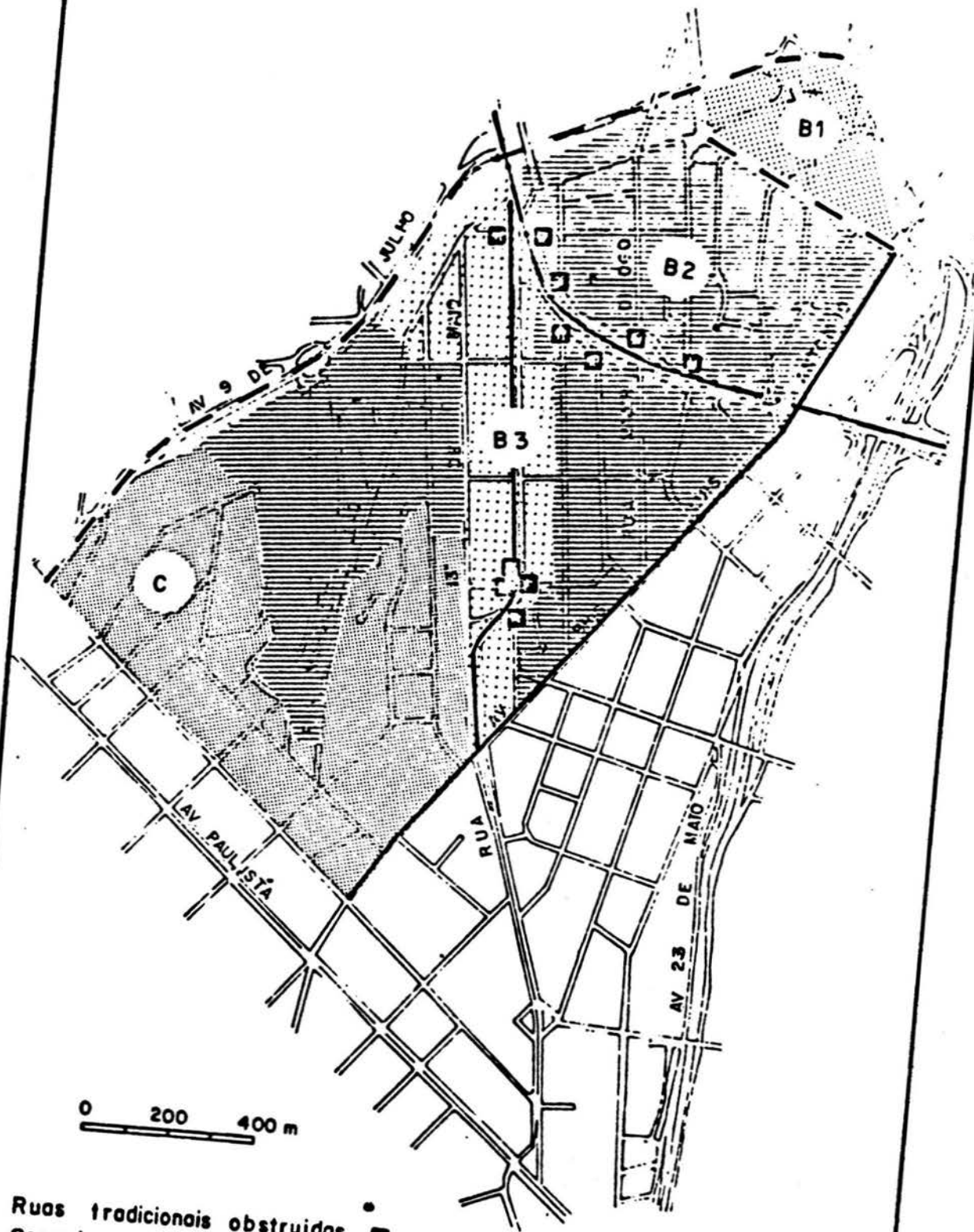
bairro que simboliza um centro funcional de lazer e diversões, cada vez mais vê seus moradores, novos e antigos, distantes de poderem desfrutar destas funções. Um bairro que atrai pessoas de outros lugares e não permite nem ao menos que sua população local tenha acesso a logradouros públicos pois eles são aí inexistentes. O Bela Vista é hoje a expressão da fragmentação do homem urbano.

4.1.1. Estrutura e morfologia urbana

Partindo-se da noção que a cidade é a expressão de uma "escrita criada pela História sobre o território", cabe-nos neste momento tentar ler e compreendê-la. Neste contexto procuraremos nos deter em nossa área de pesquisa, ou seja, o bairro da Bela Vista. Para tanto delimitaremos aquilo que foi a base do nosso levantamento empírico e argumento de todas as teorizações feitas até agora.

→ Compreendido entre a Av. Brigadeiro Luiz Antonio, Av. Nove de Julho, Pça. da Bandeira e rua São Carlos do Pinhal, o bairro da Bela Vista guarda hoje, depois de todas aquelas transformações, áreas com características de uso e relações sociais que lhes permitem uma sugestiva identidade no conjunto do bairro. Assim, conseguimos partir para a segmentação das mesmas, não como mero exercício de "leitura deste espaço", mas para tentarmos encontrar a identidade deste bairro como um todo. Os segmentos identificados constituíram-se da seguinte forma: Os segmentos representados pelos corredores, que designamos como área A e os segmentos dos quarteirões designados como área B. Tanto os primeiros como os segundos comportaram sub-divisões, (Fig. 10, 10A e 10B).

SUB-UNIDADES DO BAIRRO DA BELA VISTA B1, B2, B3, C

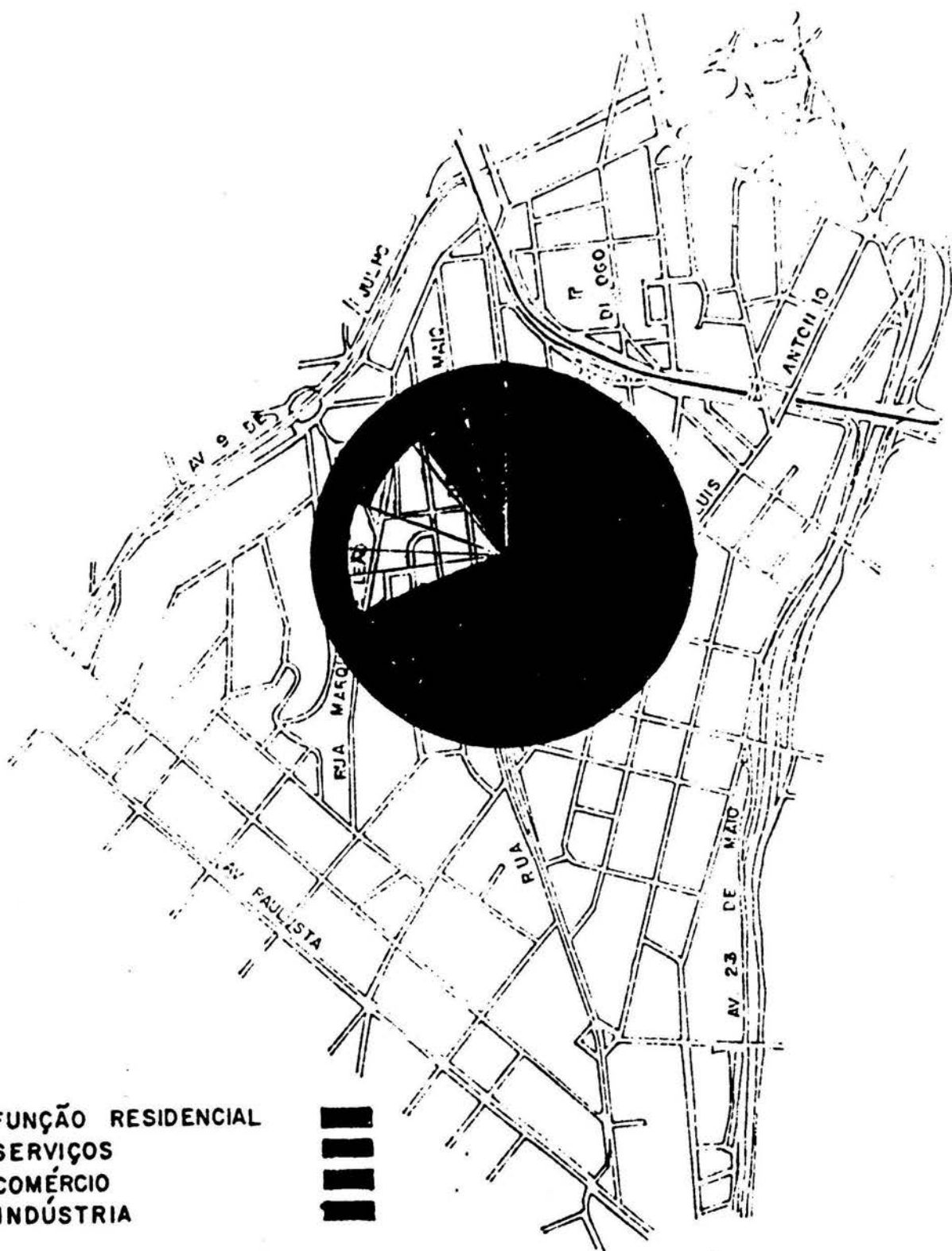


- Ruas tradicionais obstruidas ●
- Corredores Internos ■
- Intermediários ———
- Externo - - - - -

Org.: Scarlato, F. C.

Des.: Orita.

USO DO SOLO NO BAIRRO DA BELA VISTA



FUNÇÃO RESIDENCIAL
SERVIÇOS
COMÉRCIO
INDÚSTRIA



SERVIÇOS

Desqualificado

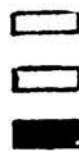
Qualificado
 Turísticos
 Bancos e Grandes Escritórios
 Outros



COMÉRCIO

Desqualificado

Qualificado
 Cantinas e Pizzarias
 Outros



Org.: Scarlato, F.C.
 Des.: Orito

O corredor A-1, é representado pelo Anel de Estacionamento do Centro I, também chamado de elevado Alcantara Machado, ou "minhocão". É o grande símbolo da mutilação do bairro - o grande "muro de Berlim" do bairro. Dividiu e não conseguiu fixar atividades ao longo do seu percurso. Este fato está ligado à forma como este corta o espaço no lugar. Apresenta-se como uma massa compacta de concreto, em grande parte suspensa. Apesar de permitir algumas ligações com o interior da Bela Vista, o grosso do seu fluxo de transporte - na maioria de automóveis, não tem o bairro como destino. Como falamos, ele é o monumento do "Bexiga Ano Zero". É uma daquelas grandes vias expressas construídas para o automóvel. Podemos configurá-lo como uma "via externa". O "externo" não deve ser entendido somente no plano físico-territorial, mas no simbolismo para o bairro e pelo fato de não "criar raízes" com o interior do mesmo.

O corredor A-2 é representado pela Av. Nove de Julho. Tendo nascida como uma via de ligação do "centro" da cidade com os novos bairros jardins na zona sul, apesar disto sempre foi assumida como uma via do Bexiga, fosse nas representações simbólicas que a população do bairro guardou na memória do velho bairro, como pela presença de muitos moradores que mantinham, até bem pouco tempo, relações estreitas com o mesmo. Hoje, na verdade, ela é mais um daqueles corredores que passam pelo bairro. Gradativamente foi perdendo sua identidade com o mesmo. Ocupado intensamente por construções verticais, na sua maior parte por apartamentos residenciais de trabalhadores que poderiam ser classificados como pertencente à chamada "classe média baixa".

Na sua porção mais próxima da pça. da Bandeira, além da presença dos apartamentos residenciais nota-se uma concentração de prédios destinados a escritórios e instituições públicas. Segundo os números estatísticos por nós registrados para este corredor, conseguimos apontar 61,9% do total das ocorrências para o uso residencial, sendo que somente 10,2% destas residências eram representadas por antigas casas. Nas proximidades daquela pça. onde existiam alguns terrenos vazios, estão sendo construídos grandes prédios com apartamentos de pequenas unidades, tipo *flat*. O reduzido comércio aí localizado é representado na sua maior parte por pequenos bares e lanchonetes. Somente próximo à pça. Quatorze Bis é que aparece um pequeno conjunto de pequenas lojas e um pequeno supermercado.

A Av. Nove de Julho surgiu na década de quarenta quando o prefeito Prestes Maia elaborou o "Plano Y". O pouco comércio e a inexistência de serviços que possam atrair a população do bairro para o mesmo faz deste espaço um elemento quase "externo" ao Bela Vista. A pça. Quatorze Bis é ainda um dos poucos lugares que nos permite perceber seus vínculos com o bairro. Nela existe um grande equipamento urbano servindo de parada de ônibus com o nome Vai-Vai; fica localizado em frente à quadra de ensaios da referida escola. Em entrevistas feitas com moradores dos prédios aí localizados, constatamos que a sua grande maioria não trabalha no bairro e usa muito pouco dos serviços do mesmo.

Outro corredor é o A-3, representado pela rua Maria Paulo. Este, apesar de ter representado uma li-

gação mais estreita com o bairro sendo um lugar onde se pode perceber pelas imediações a presença de antigos caseiros, também transformou-se num ponto de passagem dentro do bairro. Faz parte da via Perimetral criada por Prestes Maia no conjunto daquele grande projeto de expansão viária de São Paulo nos anos quarenta. Hoje representa uma área bem caracterizada como "assimilada pelo CBD". Presencia a implantação de projetos de construção de grandes edifícios para escritórios.

Tanto a Av. Nove de Julho como a rua Maria Paula foram por nós classificadas como "corredores intermediários", visto a natureza de transição que representam no processo histórico de ocupação do bairro, e o distanciamento contínuo que representam para o uso da população do bairro como um todo.

Enquanto os corredores A-1, A-2, A-3 foram designados como corredores "externos" e "intermediários" a av. Brigadeiro Luiz Antonio - trecho compreendido entre a São Carlos do Pinhal e rua Maria Paula e a rua Rui Barbosa foram como A-4, ou corredores "internos". Esta designação deve-se ao fato dos mesmos representarem formas de uso fortemente ligadas com o bairro, e representarem no conjunto das lembranças dos antigos moradores, ligações com o passado.

A "Nova Rui Barbosa", herdeira de uma tradicional rua do Bexiga, mesmo depois de ter se transformado no grande símbolo de "mutilação urbanística", acabou se reintegrando ao "Novo Bexiga". É ao longo desta via que se estabeleceram uma parte significativa das atividades que caracterizam o bairro - teatros, casas de shows, cantinas, casas de música-bar. Mesmo tendo sido construída como



Foto 14: Cantina localizada na "nova rua Rui Barbosa". Após o período de reurbanização esta via foi ocupada pelas atividades "revitalizadoras". Esta é uma entre outras da "nova" rua.
(Ano: 1988)

uma via de ligação entre aquele "Anel de Estacionamento Centro 1" e as vias de ligação da zona sul, cortando o bairro acabou servindo como elemento de fixação daquelas atividades ao longo do seu eixo, tornando, assim, um lugar representativo das atividades do mesmo.

Muitos dos eventos realizados com a finalidade de reativar a lembrança das suas tradições do bairro, encontram-se neste trecho; varais com roupas penduradas", mais uma vez colocados como representação simbólica do "italianismo" do bairro, tentando fazê-lo a "Nápoles Paulistana" ; a festa de aniversário de São Paulo realizada no dia 25/01/88, com o "grande bolo de confraternização" procurou-se mostrar o "espírito de comunidade do bairro. Este bolo foi feito pelas organizações representativas das lideranças do Bexiga. A festa acabou terminando em pandemônio, numa grande algazarra, depredação do mesmo e uma bagunça generalizada. Mais do que um fato isolado - um "vire-se quem puder" revelou-nos uma situação "trágico-cômica" da fragilidade das tentativas de se querer ressuscitar relações comunitárias que dificilmente cabem hoje no bairro, pelo menos nos moldes do passado. "As mesas e cadeiras" não têm mais lugar no "Bixiga".

A av. Brigadeiro Luiz Antonio, teve sua evolução muito ligada à história do bairro. O que sobrou dos antigos casarões que dão continuidade às ruas Conselheiro Ramalho, trecho da rua Rui Barbosa, na sua parte não mutilada, formando um tecido contínuo, permite-nos perceber uma integração com as áreas adjacentes do bairro. As atividades que caracterizam o mesmo, aí também são encontradas: pizzarias, teatros, casas de trocas de objetos antigos, etc. Re-

presenta o lugar onde está concentrado o terciário que atende a população, como bancos, Caixa Econômica, lojas de roupas, Casas de Óptica e revelação de filmes, lojas de eletrodomésticos, casas de peças e acessórios para carros, consórcios etc.

A Av. Brigadeiro, apesar de apresentar uma importante concentração do terciário, continua abrigando uma importante função residencial: 30,9% das ocorrências registradas no uso dos lotes está representada por esta função. Pouco mais da metade da população que aí habita (53,1%) mora nos casarões já referidos. O terciário que ocupa aí 68,6% dos lotes está assim representado: as atividades de comércio acima referido ocupam 27,5% dos lotes, os escritórios, bancos e caixas econômicas ocupam 17,4%. O restante refere-se a atividades de comércio e serviços mais dispersos.

Estas atividades têm fortes ligações com uma significativa população cativa do bairro. Desde o tempo do bonde "Bexiga", depois Bela Vista, que a percorreu fazendo a ligação desta via com seu interior, continua como lembrança do antigo bairro.

Se os corredores se impõem morfologicamente na estrutura urbana pela sua "linearidade" como um elemento "polarizador" e diferenciado, fora deles a possibilidade de se encontrar um lugar com identidade estará ligada à concentração de atividades entre-si no interior daqueles quarteirões. Será na continuidade dos usos - no nível da dispersão e concentração existente no conjunto dos mesmos, que poderemos perceber aquela identidade. Os quarteirões delimitados por suas respectivas ruas serviram de elementos identificadores

de áreas, onde cada uma se caracterizou como uma unidade diferenciada da outra, com identidade própria.

Entre as mesmas conseguimos identificar as seguintes: Área B, constituindo-se naquilo que chamaremos de "Unidade do Núcleo Histórico". A outra é a Área C, que chamaremos de "Unidade Nova", corresponde àquela área que fica além da encosta da rua 13 de Maio ou, mais precisamente, ao Morro dos Ingleses (alto da grotta) e adjacências do espigão da Av. Paulista. A Unidade correspondente à Área B apresenta algumas sub-unidades que passaremos a descrever a partir de agora.

A área B1, de antiga ocupação, foi assimilada pelo CBD. Esta área pelo grau de concentração e tipo de terciário que nela acabou prevalecendo, desmembrou-se das características originais do bairro, sobrando muito pouco do que fora. Era a parte do antigo Piques. Nela encontramos uma "reliquia histórica" da antiga ocupação, a Vila Noschese com suas casas "operárias" e o que sobrou da antiga indústria aí localizada. Isto dentro de uma área que corresponde hoje àquela CBD. Patrimônio histórico, podemos afirmar, ser único testemunho de uma antiga forma de ocupação do bairro, num lugar tão próximo ao centro. Esta sub-unidade da Área B, está hoje ocupada na sua maior parte pelo setor terciário. Nela estão localizadas importantes instituições públicas como a Assembléia Legislativa Municipal e a Emurb (Empresa Municipal de Urbanização). As ocorrências registradas nas formas de uso dos lotes indicaram aí, em relação ao total da área de pesquisa os índices mais baixos para a função residencial: 31,0%. O terciário é nitidamente dominante: o setor de serviços é encontrado em 49,3% dos lotes e o comércio em 20,1%. Esta sub-unidade vem revelando a tendência



Foto 15: Rua Santo Amaro. Ao fundo a rua Jacareí e a Câmara Municipal de São Paulo. (Ano: 1988)



Foto 16: Galpão de uma antiga indústria localizada na travessa Noschese (travessa da rua Santo Amaro). Testemunho de uma forma de ocupação do antigo Piques no início do século. (Ano: 1988)



Foto 17: Casario localizado na travessa Noschese, próximo ao prédio da antiga indústria. (Ano: 1988)



Foto 18: Rua Genebra esquina com a Rua Maria Paula. Testemunho de três períodos de ocupação. O casario do início do século, o prédio de apartamentos (de luxo) da década de 50 e o novo prédio para escritórios (plano de fundo da foto). (Ano: 1988)

de implantação de grandes projetos para prédios de escritórios, inclusive providos com muitas vagas para automóveis no seu interior. Este fato é significativo quando lembramos que um dos obstáculos apresentados pelo "velho centro" para continuar abrigando a expansão do terciário, era a inadequação daqueles prédios ao automóvel. Enfim, a presença da vila Noschese e de alguns casarões nas adjacências são as únicas lembranças do "antigo Piques".

A B2, também contida no interior do "velho Bexiga", caracteriza-se pela predominância da função residencial e pela forma difusa no uso do solo pelas atividades terciárias e secundárias. Em termo de extensão é aquela que apresenta a maior área ocupada. Estende-se pelos quarteirões a leste da rua Rui Barboza até a av. Brigadeiro Luiz Antonio e rua Maria Paula e a oeste até a av. Nove de Julho, confinando no fundo da região da grota. 64,4% dos lotes é ocupado por residências com grande concentração de cortiços e edifícios com baixas condições de conservação.

É uma área com grandes contrastes de escala entre as formas de construções - velhos casarões perdidos no interior de edifícios que revelam aquela tendência ao adensamento que ocorre no interior do bairro. Podemos observar que a verticalização ocorre nas imediações dos grandes corredores, principalmente no ângulo formado pela av. Brigadeiro e rua Maria Paula. Os casarões estão mais concentrados em direção à porção oeste, isto é, em direção ao fundo da grota. É uma área que nos revela uma forma difusa e caótica no uso do solo, onde a "deterioração" física das construções e as formas de habitação precárias são muito sentidas. Os serviços e o comércio ocupam aí, respectivamente: 16,8% e 13,8% dos lotes. É uma área de maior presença



Foto 19: Cortiço localizado em um antigo casarão na esquina da rua Foteleza e Conselheiro Ramalho, data aproximada, década de 20.
(Ano: 1988)

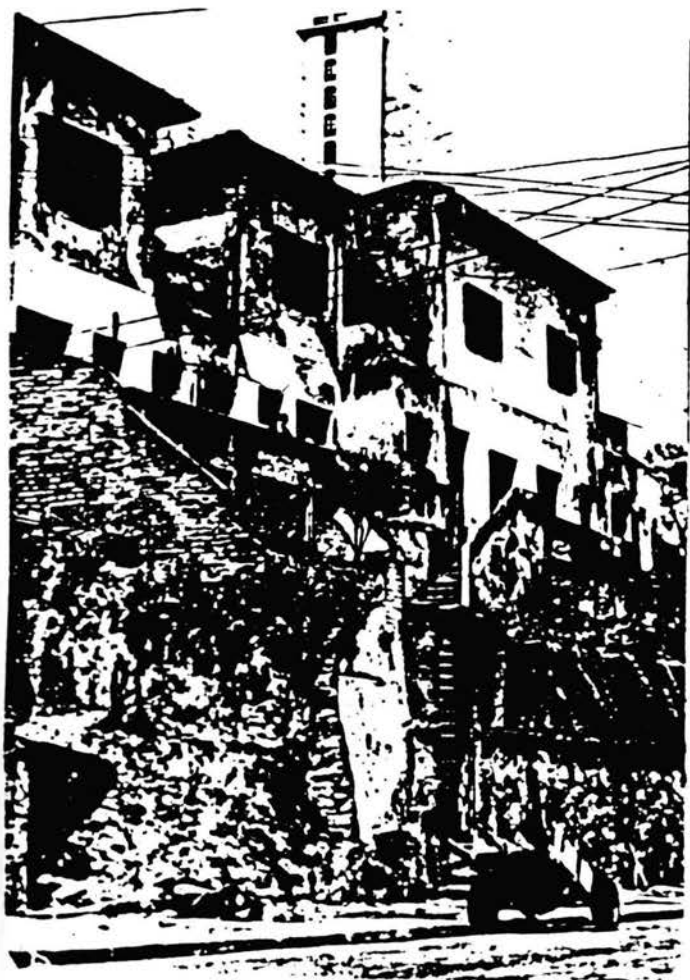


Foto 20: Cortiço localizado na rua Almirante Marques Leão - parte baixa da Grotta. (Ano: 1988)

ça do setor secundário no conjunto do bairro: 4,2% dos lotes da sub-unidade B2 é ocupado por indústrias. Por sua vez, mais da metade do seu terciário (que ocupa nela 30,6% dos lotes) pode ser considerada como um terciário informal "desqualificado".

Se a característica básica desta área é a não presença de um terciário que apresente alguma forma de concentração, e a quase inexistência das atividades "revitalizadoras", deve-se destacar uma "mancha histórica" no interior desta sub-unidade: a área do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) e adjacências, onde aparecem de forma muito tênue algumas daquelas atividades "revitalizadoras".

Como já apontamos, é uma sub-unidade marcada pela função residencial. Mais do que uma expressão numérica, podemos afirmar que esta área guarda algumas "reliquias urbanas" - o conjunto de casas geminadas em antigas ruas estreitas, preservadas dos grandes fluxos de automóveis. Constituem-se em verdadeiros "refúgios", como lembranças de um tipo de vida comunitária. A Vila Cacilda em frente ao TBC, pequena rua sem saída, revelou-se, na pesquisa com seus moradores, um reduto desta vida comunitária. Outro é a Vila Antunes, ponto de ligação entre a rua Fortalexa e a rua Rui Barboza. Rua estreita, também isolada do tráfego, guarda forte lembrança do "velho Bexiga". Poderíamos mesmo afirmar ser um dos seus mais legítimos redutos do passado.

Além destas, foi-nos possível identificar a existência de "ruas comunitárias" naquele conjunto de casas geminadas, mais marcantes enquanto unidades arquitetônicas, porém com menores vestígios daquele tipo de vida co



Foto 21: Vila Antunes. A sobrevivência de uma rua comunitária. (Ano: 1988)



Foto 22: Vila Antunes. (Ano: 1988)

munitária, a exemplo: o Jardim Francisco Marcos (travessa da rua da Abolição), rua Nestor Esteve Natividade, entre a rua Abolição e rua Japurá e a Travessa do Bixiga. Estas duas últimas localizadas nas encostas do antigo "Ribeirão Bexiga". Para o lado da grotta, temos a rua Velozo Guerra que adaptada às encostas íngremes da grotta, tanto pelo relevo como pela natureza estreita da rua, permaneceu isolada dos fluxos de automóveis. É bom lembrar, mais uma vez, a existência da antiga Vila São José, na rua Rui Barbosa, hoje demolida. Assim, como esta, este parece ser o destino das demais. A entrada dos novos edifícios de pequenos apartamentos - os flats, nesta sub-unidade é uma das características mais notadas como tendência. Do total de lotes vazios registrados na pesquisa, 70% foram localizados na região da grotta.

Olhando-se no seu conjunto, a B2, poderia ser sub-dividida, ainda, da seguinte forma: a parte leste da rua Rui Barbosa e 13 de Maio, com uma densidade ocupacional maior e mais verticalizada e maior número de cortiços e a outra, a oeste daqueles dois eixos, com uma menor densidade e circulação.

No seu conjunto a B2, revela-nos na sua porção à leste dos eixos da rua Rui Barbosa e 13 de Maio uma maior densidade de ocupação e circulação em relação àquela localizada a oeste dos dois eixos em direção à parte mais acidentada do bairro, a região da grotta. Este fato acaba permitindo-nos perceber uma certa superposição entre a B2 e B3. Esta última, enquanto uma sub-unidade do "velho Bexiga" que caracterizamos como uma área "revitalizada" dentro do mesmo, acabou se definindo na verdade, como uma "parcela de espaço" com profundas inte-



Foto 23: Conjunto de casas geminadas - Jardim Heloísa. Observe-se no plano de fundo o elevado do anel de estacionamento do Centro I.
(Ano: 1988)



Foto 24: Rua Veloso Guerra localizada nas encostas íngremes do Morro dos Ingleses. Rua onde a vida comunitária ainda é preservada.
(Ano: 1988)

rações com a B2, porém, diferenciando-se pela maneira e intensidade como abrigou as novas atividades.

A B3, área por nós denominada de "revitalizada", é aquela que passou a ser o "símbolo" do "Novo Bexiga". Seus limites estão compreendidos nos dois eixos - 13 de Maio e Rui Barbosa e nas adjacências com a rua Sto. Antonio, onde esta encontra-se com a 13 de Maio. Podemos afirmar que as atividades caracterizadoras da "revitalização" estão alinhadas ao longo destas vias, raramente extravasando para suas transversais. Estes dois eixos, polarizadores do "novo espaço", têm seus limites na Av. Brigadeiro Luiz Antonio, bifurcação da rua Sto. Antonio e rua 13 de Maio. Esta área sempre representou um papel destacado ao culto do tradicionalismo do bairro. É onde está localizada a Igreja, onde esteve localizado o antigo cine-teatro Espéria, e lugar de realização, desde seu início, da festa da quermesse. É uma das áreas que ficou mais preservada da verticalização.

O casario permanece de forma mais compacta no interior da B3. Somente 13,7% das suas construções foram registradas como sendo do tipo vertical, assim mesmo, com edifícios de poucos andares, raramente ultrapassam a oito. Aquela unidade de escala conseguiu manter-se, mais próxima daquilo que fora o bairro. Este fato, associado às novas atividades que se estabeleceram nestas antigas construções, serviu para fortalecer este pedaço do espaço como o "novo símbolo" do "Bexiga".

Tanto na B1, como na B2, seja na paisagem como nas formas de uso, a tradição parece já ter abandonado o lugar. É o caso mais explícito da B1. Quanto a B2,

quando esta aparece, representa-nos muito mais uma tradição em "desintegração" do que algo possível de ser mantido. A B3, apresenta-se como um segmento onde conseguimos sentir uma tentativa de "ressurgimento" daquilo que fora no passado. Pelo que representou historicamente, é hoje, um lugar onde este "ressurgimento" invoca-nos a uma reflexão mais profunda entre o real e o imaginário no interior do "transe" pelo qual o bairro passa.

É na B3 que sentimos mais de perto a superposição do Bela Vista do Bexiga e do Bixiga como produto do imaginário e da mídia. Do ponto de vista de um observador que vê o bairro como mercadoria de consumo, este acaba resumindo-se a este núcleo "revitalizado" pelas cantinas e casas de diversões.

O nível de concentração destas atividades no interior desta sub-unidade garante-lhe a imagem que é passada pela mídia e seus consumidores. Do total de cantinas e pizzarias, fora outros tipos de restaurantes que foram identificados, 96,0% encontram-se dentro desta área. Quanto às casas de diversões - casas de show, música e bar, cine-clubes, teatros - ela representa 88,0%. É bom lembrar que, enquanto estas casas de diversões estão mais dispersas no interior da B3, as cantinas encontram-se mais concentradas, principalmente na parte próxima da Igreja entre a rua Conselheiro Carrão e a parte superior da 13 de Maio.

Para compreendermos a consolidação destas atividades da B3 no interior do bairro e mesmo no conjunto da região metropolitana, devemos invocar algumas transformações ocorridas com esta última. No passado estas ati-



Foto 25: A mídia e o "Bixiga". Porta de um restaurante localizado na área B3. (Ano: 1988)



Foto 26: Rua Treze de Maio. Trecho localizado entre a rua Santo Antonio e a rua Manuel Dutra. Área da B3 de grande concentração daquelas casas de diversão noturna. As fachadas destas casas foram descaracterizadas. (Ano: 1988)



Foto 27: Rua Treze de Maio esquina com rua Santo Antonio. A casa no primeiro plano da foto, hoje ocupada por uma casa de diversão noturna, já foi em outros tempos ocupada por um tradicional açougue do bairro. Observe-se também a variação de escala arquitetônica. (Ano: 1988)



Foto 28: Casa localizada na rua Treze de Maio - núcleo de concentração das diversões. Observe-se a "coexistência" do "antigo" e do "novo". (Ano: 1988)



Foto 29: A "nova Rua Rui Barbosa". Núcleo de concentração de teatros, cantinas e casa de música e bar. (Ano: 1988)

vidades estavam concentradas no "velho centro": cinemas, teatros, restaurantes, casa de chop a exemplo de algumas famosas como a Brahma e a Franciscano, lugares de "velha boemia" paulistana ou então em casas como a Vienense e outras casas de chá na rua Barão de Itapetininga e imediações.

Com o processo de expansão do centro e com todas as transformações ocorridas com o mesmo, estas atividades também foram se deslocando para outros pontos da cidade. O aparecimento deste nível de concentração de atividades ligadas à "indústria do lazer" no Bela Vista é uma consequência daquela tendência descentralizadora de muitas das atividades deslocadas do centro.

Hoje, novos centros estão surgindo em outros bairros a exemplo da B3. Podemos identificar aquele localizado na Henrique Schauman e imediações de Pinheiros, com uma forte concentração de casas de diversões noturnas, desde música e bar até casas de espetáculos, etc. Assim, também, em Moema.

Porém, o "Novo Bexiga" ou "Bixiga", traz consigo mais "fama e magia", podemos mesmo dizer - uma "mística". É um lugar onde o sagrado e o profano se acolhem mutuamente. Sobre esta dimensão ideológica que envolve a produção do espaço podemos lembrar a seguinte colocação: "No final do século XVIII, a Terra tornou-se definitiva e exclusivamente a meta do homem, livre e totalmente voltado para a descoberta do mundo terrestre e exploração de suas riquezas, livre de símbolos, de todos os traços metafísicos. A razão substitui a fé. O mundo seculariza-se. No entanto, no interior deste mundo secularizado, o sagrado



Foto 30: Rua Treze de Maio - trecho localizado entre a rua Conselheiro Carrão e rua Fortaleza. Maior núcleo de concentração de cantinas. Área próxima da igreja de Nossa Senhora da Achiropita. (Ano: 1988)



Foto 31: Igreja Nossa Senhora da Achiropita. Nesta área se realiza a quermesse. (Ano: 1988)

reaparece sob outras formas, segundo o que Bettanini denomina espaço de representação (Laganá).

Se o século XVIII foi para o "homem moderno" a transição da existência de um espaço "sagrado" para o "profano", para o Bexiga, foi aquele "Ano Zero"; da "sacralização pela *italianità* que se viveu no passado, à profanação imposta pela "nova racionalidade" das relações capitalista que se consolidaram. Esta área do "Novo Bexiga", é onde todas aquelas representações se 'misturam'. Religião e "prazeres mundanos" se confundem em suas festas. Em poucos lugares o "sagrado" foi tão "profano". A "Babel" a que nos referimos anteriormente esta simbolizada neste pedaço da B3. Aqui, naqueles "sábados alucinantes", quando as ruas "fervilham" de forasteiros, aquele espaço "sagrado" das "tradicionais famílias" é roubado e "profanado". Talvez isto explique aquele "certo encanto e magia" do lugar. Em nenhum momento isto torna-se possível de ser pensado tão intensamente como na época das festas religiosas - "a famosa quermesse".

No mesmo momento que se vivencia no interior da área a festa religiosa, organizada pela "pequena comunidade" remanescente do tradicionalismo que mora no bairro ou que o procura nesta época, também se vivencia nas ruas e imediações "os embalos do sábado à noite" no interior das casas de diversões noturnas.

Muitos são os que associam estas duas formas de diversões. É quando o templo da "Madonna Achiropita" é invadido pelo olhar curioso daqueles que procuram a festa como diversão. O que encontram são altares e santos, não mais as "velhas senhoras calabresas" vestidas de preto "rezando suas ladainhas". Para estes, festa e igreja são sim

ples agregados físicos naquele espaço.

Na B3, vive-se de forma mais acentuado o conflito, tão apontado naqueles depoimentos: de um lado a tradição da família e do outro as "novas diversões". Nela permite-se a ilusão de estar se vivenciando e "curtindo" to da uma tradição "sacralizada pelo italianismo", ao mesmo tempo que se consome este espaço num ritualismo "exótico" em que se "misturam" aquelas duas formas de existência. O "Bixiga" transforma-se numa mercadoria "exótica", consumida, "devorada" nas cantinas e casas de diversões, assim como nas quermesses, sem se perceber que se está "devorando" uma representação estimulada pela mídia e pelos propagadores da "fama do bairro".

Isto nos lembra muito a citação de Marx sobre a natureza da mercadoria:

"A primeira vista, a mercadoria parece coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas" (Marx, p. 79).

Assim, quando se consome o "Bixiga" como produto daquela "indústria do lazer" dificilmente se percebe na mesma esta natureza. Num primeiro momento ela se apresenta como algo natural, como a realização de um ato de liberdade, como a satisfação de um desejo. Porém, observada de forma crítica é que perceberemos toda aquela sutileza que envolve a "embalagem" deste "Tradicionalismo". Da mesma forma como se "mumificou" a B3, o "bloco histórico", pretende fazer o mesmo com o bairro na medida que generalizam para todo este espaço as características da B3. Estendem, no discurso sobre a unidade política administrativa da Bela

Vista, uma natureza específica daquela sub-unidade. A B3, é "estranha" para o bairro como um todo, ela existe para a cidade. Mesmo com a grande concentração daquelas atividades continua sendo uma área de grande concentração da função residencial com 49,5% das ocorrências. Apesar de menor em relação à B2, ainda é significativa a presença nela de cortiços. Podemos dizer que a B3 é o grande símbolo dos "encontros e desencontros" entre o passado e o presente do "Bexiga".

Por último, temos a Sub-unidade da Área C, núcleo de expansão não tradicional. Seus limites ficam circunscritos ao espigão da av. Paulista e Alto da Grota, mais precisamente, entre a rua dos Ingleses, Franceses, Ribeirão Preto, São Carlos do Pinhal, e parte da Eugênio de Lima.

Em 1930, pela Lei 3.460 foram feitas uma série de modificações no traçado das ruas desta sub-unidade que envolviam o Morro dos Ingleses. Foi quando criaram a atual rua dos Franceses e dos Ingleses, dando na atual configuração viária desta parte do bairro. Quando confrontados os atuais mapas com aqueles anteriores a esta data, verificaremos que os traçados das ruas não coincidem.

Toda a transformação urbanística no traçado das quadras foi para abrigar os grandes palacetes. Comparando-se o tamanho dos lotes desta área com o restante do bairro, constatamos grandes discrepâncias. Na parte tradicional, como já apontamos, os lotes são bem menores. A ocupação desta sub-unidade C deu-se como um prolongamento das camadas sociais que ocupavam os bairros jardins, aquela nova aristocracia paulista, pós período cafeeiro.

Foto 32: Rua dos Franceses - Morro dos Ingleses. O contraste entre o "antigo" e o "novo".
(Ano: 1988)

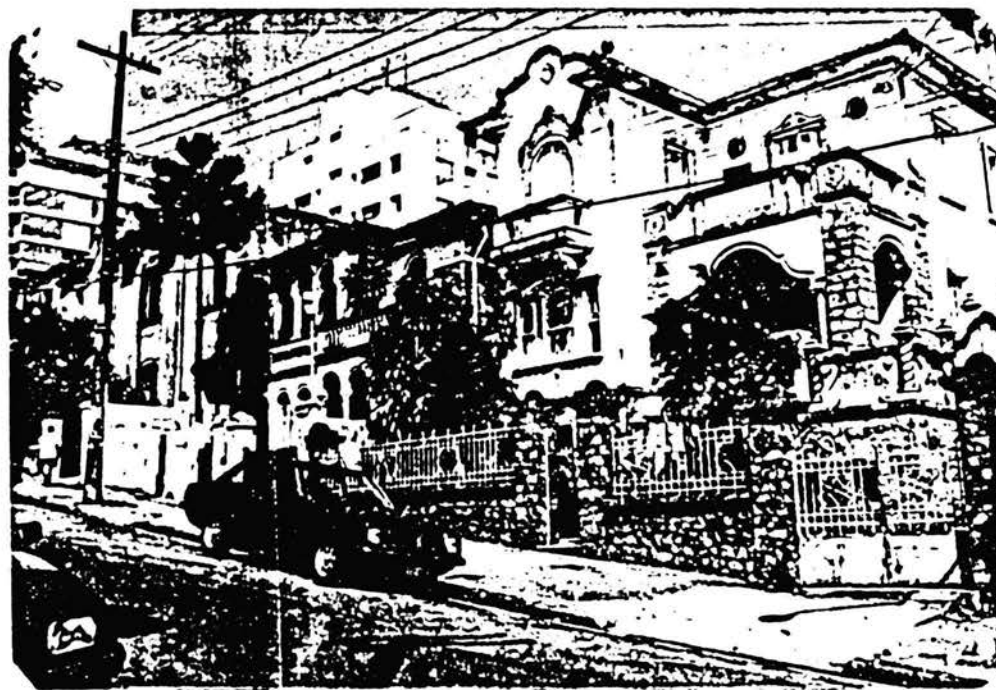


Foto 33: Casarões localizados na rua dos Ingleses - Morro dos Ingleses. Forma de ocupação das primeiras décadas do atual século. Hoje estes casarões estão sendo ocupados cada vez mais pelo terciário. (Ano: 1988)

Como ficou colocado anteriormente, esta parte do bairro, além da forma de ocupação por uma camada social de maior "poder", destaca-se também por sua topografia mais "alta", isolando-a do conjunto da "Bela Vista", estendida logo "abaixo", e ligadas pelo "sobe e desce" através das escadarias da rua Fortaleza. Poucos foram aqueles velhos moradores que conseguiram subir para o "alto do morro", apenas alguns donos de estabelecimentos do "velho pedaço", foram morar nos atuais prédios de apartamentos recentemente construídos nos lugares dos antigos palacetes.

Com a verticalização que atingiu a cidade de São Paulo à partir da década de cinquenta e com ela o bairro, esta sub-unidade se viu invadida por uma intensa transformação no tipo de habitações. Aqueles palacetes foram sendo substituídos pelos modernos apartamentos. A reurbanização que atingiu a área não significou mudanças no padrão sócio-econômico dos seus habitantes. Continuou sendo ocupada por uma classe social de maior renda. A função residencial continuou dominante. Do total de lotes pesquisados nesta sub-unidade 71,8% destinavam-se às ocupações residenciais, com 44,8% já ocupados por prédios de apartamentos de alto padrão.

O aumento no número de prédios de apartamentos verificou-se nos últimos anos, favorecidos pelo caráter nobre que o lugar sempre desfrutou e pela natureza de seus lotes atrativos para as Companhias construtoras, semelhante ao que aconteceu com a av. Paulista. Não se verificou nesta área a presença de nenhuma indústria, raríssimas foram as vezes em que se encontrou uso misto para os lotes. Quando isto aconteceu, foi em algumas das casas geminadas que tam-



Foto 34: Escadaria da rua Fortaleza que dá acesso ao Morro dos Ingleses. Na parte inferior da foto está localizada a nova rua Rui Barbosa. Obstrução deste trecho com a outra parte da rua Fortaleza colocada além do "Muro de Berlim". (Ano: 1988)

bém aí se encontram. Pequeno comércio e pequenos serviços são quase inexistentes. Foi encontrado um teatro (Ruth Escobar) e duas cantinas: a cantina do Museu do Bixiga, na rua dos Ingleses, próxima à rua Conselheiro Carrão, bem na transição com B3, assim, como outra na A1. Ribeirão Preto, também próxima do corredor da Av. Brigadeiro Luiz Antonio.

Paralelamente à entrada dos apartamentos de alto padrão, esta sub-unidade também presencia a entrada de grandes edifícios ocupados por empresas de grande porte, como a Embratel, Telesp, Petrobás, Sharp. Outras, não muito menores, ocupam os palacetes que eram da antiga aristocracia local. Esta área do bairro cada vez mais está se tornando a "porta de entrada" daquele "terciário superior", como prolongamento das funções da "Nova Paulista". Este fato explica a presença de um dos hotéis "cinco estrelas" mais famosos de São Paulo - o Maksoud Plaza, onde funciona o não menos badalado "café Bela Vista". Próximo ao mesmo, foi construído um *apartment-hotel*, também de alto padrão.

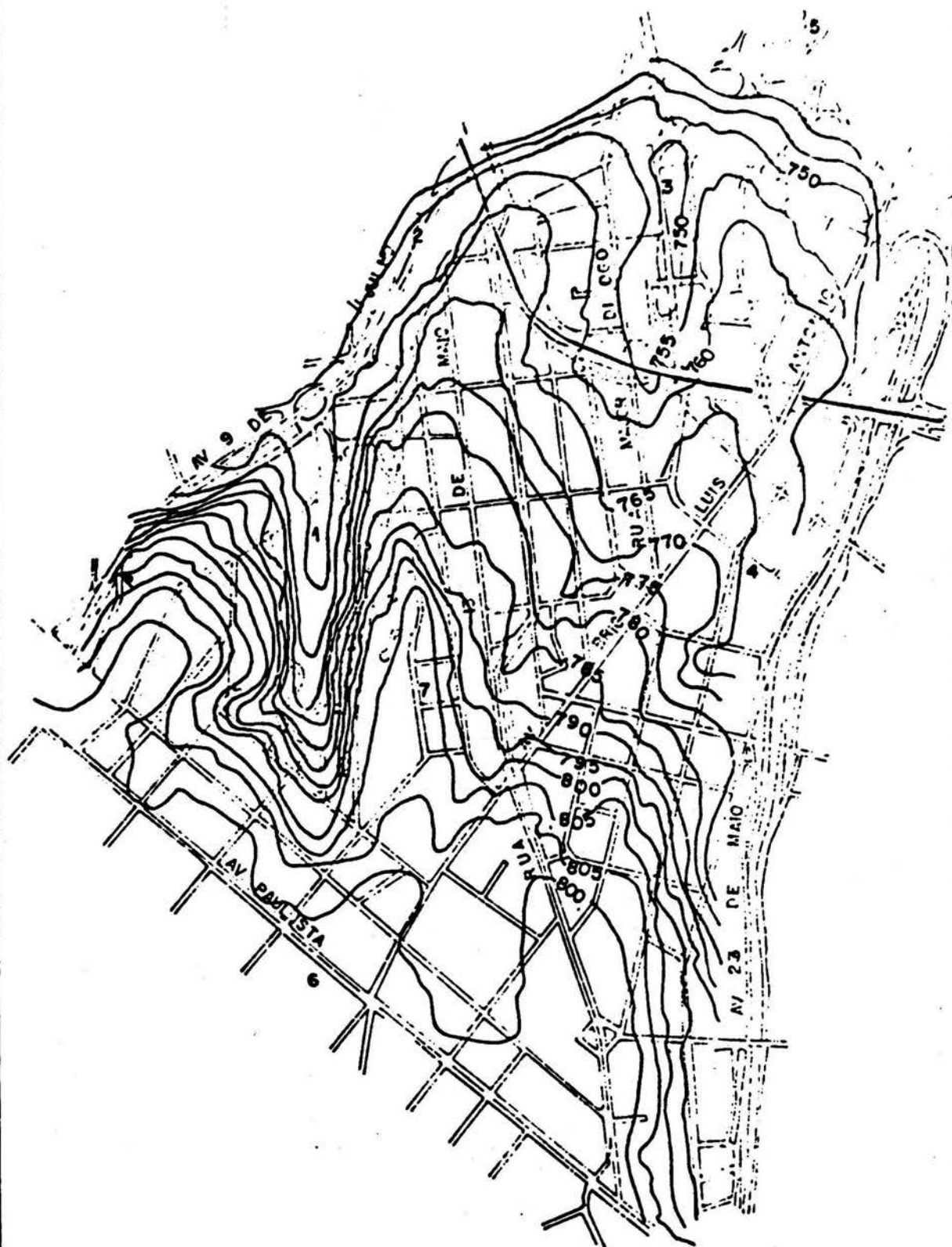
A sub-unidade C, expressa, assim, cada vez mais o poder do grande capital dentro dos limites do bairro. Podemos dizer que quase nada lembra a presença do antigo bairro, ou seja, o "Bixiga". É muito mais uma parte da Paulista do que do bairro no qual esta circunscrita administrativamente. Em relação ao mesmo parece-nos mais um "ponto de observação" que do 'alto do morro' olha para aquele "mundo em transe", o Bela Vista que se descortina deste mirante, que um dia vislumbrou aquelas suaves colinas que se estendiam em direção ao Ribeirão Bexiga e Vale do A-

nhangabaú, ou então ao fundo da grotta (Fig. 11).

Parece-nos, portanto, que qualquer generalização que se faça entre aqueles três termos - Bela Vista , Bexiga e "Bixiga", tanto sobre sua evolução histórica quanto suas características de estrutura e morfologia urbana , redundará em perda de transparência do que seja realmente esta "unidade" do espaço paulistano.

Somente através desta abordagem histórica do espaço, procurando não somente na instância infraestrutural mas também nas ideologias produzidas, poderemos encontrar a transparência daquela "tridimensionalidade" espaço-temporal, que para nós são instâncias de um processo que se "totaliza" e que para outros é um todo indiferenciável.

ASPECTOS FISIOGRAFICOS DO BAIRRO DO BEXIGA



- 1 Vale do Saracura "Pequeno"
- 2 Vale do Saracura "Grande"
- 3 Ribeirão Bexiga
- 4 Vale do Caçoquçu
- 5 Vale do Anhangabau
- 6 Espigão da Paulista
- 7 Morro dos Ingleses

0 200 400 m

5. AS PROPOSTAS DE RENOVAÇÃO URBANA PARA O BELLA VISTA -
BEXIGA

"Rio (Sucursal) Vegetação abundante, ruas e praças arborizadas e ampliação de atividades recreativas e culturais serão algumas das novas características do bairro do Bexiga a serem realizadas pelo Projeto Grotta que desde ontem entrou em exposição num estande da Prefeitura de São Paulo no II Encontro Nacional da Construção que se realiza no Hotel Nacional do Rio.

O Projeto já em poder da Empresa Municipal de Urbanização foi apresentado ao prefeito Miguel Colasuono na semana passada e está sendo mostrado no Rio como exemplo da intervenção do poder público no processo de reurbanização da cidade. A execução do projeto denominado Parque da Grotta seguirá o processo de intervenção Geral do Plano Diretor da Bela Vista ... O projeto estabelece que se mantenha junto ao centro da

cidade uma área habitacional que reproduza uma forma enriquecedora de convívio e de trabalho. Esta determinação inclui incentivo e ampliação de atividades de recreação e culturais destinadas a toda a cidade e também ao turismo". (Folha de São Paulo, 10/12/74)

Quando analisado o conjunto dos bairros de São Paulo quanto à sua identificação o da Bela Vista apresenta-se como um de grande destaque, "novamente" chamado de Bexiga ou "Bixiga". É, também, um daqueles que mais vem recebendo atenção dos poderes públicos quanto às propostas de renovação; ao mesmo tempo vem permitindo o levantamento de sérias polêmicas sobre a natureza destas propostas. Entendendo-se como proposta de renovação toda a estratégia que envolve o planejamento urbano enquanto "uma política para o espaço urbano" que se desdobra em: política de preservação, ordenação e reurbanização.

Teremos oportunidade de encarar a nossa crítica sobre o que foi proposto como renovação urbana para o bairro e compreender a polêmica criada sobre o mesmo. Obviamente que não poderemos tratar isoladamente cada uma das aquelas instâncias, do que seja a proposta de renovação. Procuraremos abordá-la globalmente. Como aquele artigo de um importante jornal de São Paulo apontado na introdução deste capítulo nos diz: a renovação do bairro apresenta-se revestida da envergadura de um "verdadeiro" Plano Diretor, colocando o Bela Vista de forma destacada no conjunto das

preocupações do poder público sobre o processo de renovação urbana de São Paulo.

Para melhor compreendermos a polêmica criada sobre o bairro, contemplado em 1974 com o Projeto da Grotta, devemos explicar o processo que envolve atualmente os debates no interior da Câmara Municipal de São Paulo sobre o destino do atual Plano Diretor da Cidade.

O PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, criado pela Lei 7.688 de 30/12/71 como um dos objetivos básicos para agir como instrumento de intervenção no processo de renovação urbana de São Paulo, esteve sendo aplicado sem grandes alterações no seu conjunto de leis e procedimentos de funcionamento, até que em 1985, pela Lei nº 9841 de 4/1/85, criou-se a Lei de Comissão de Zoneamento que alterava a composição e competência da comissão de Zoneamento da Secretaria Municipal de Planejamento. A Lei Geral de Zoneamento foi criada logo após a criação do PDDI em 1/11/72. Assim, a criação da Lei 9.841 acirrou os ânimos dos parlamentares e interessados em preservar a referida Lei dentro do espírito de sua criação.

O argumento e justificativa para aquela alteração, feita pela atual gestão do poder público municipal, era de "torná-la mais representativa dos interesses gerais da sociedade paulistana". Para tanto foram incluídos no interior da mesma, representantes de vários setores da sociedade. Segundo os críticos que se posicionaram contra as referidas alterações, estas vieram esvaziar o poder Legislativo no interior das decisões da antiga comissão.

Dentro deste mesmo espírito crítico, alegavam que a inclusão de outros membros da sociedade civil po

deria abrir espaço para manobras que contrariassem os interesses públicos; para tanto, defendem a preservação do Poder Legislativo no interior desta comissão.

Em março de 1988 o prefeito de São Paulo enviou à Câmara Municipal de São Paulo outra proposta de alteração da composição da comissão, onde se excluíam os vereadores e aumentava a participação de entidades, acrescentando à comissão a FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, a CUT - Central Única dos Trabalhadores, o SINDUSCON - SP - Sindicato da Indústria da Construção, o SECOVI - Sindicato das Empresas de Compra e Venda, Locação e Administração de Imóveis de S. Paulo e a Federação do Comércio do Estado de São Paulo, além do Conselho Coordenador das Associações de Moradores, considerados mais representativos da sociedade. O referido projeto de alteração foi aprovado em abril de 1988 por decurso de prazo. Foi aumentado também o número de representantes do poder executivo do município na comissão.

Para o vereador Arnaldo Madeira, a grande questão é tornar esta comissão efetivamente representativa da cidade como um todo e não transformar a Comissão de Zonamento em uma comissão da cidade e não apenas da Sempla" (Shopping News 13/3/88). Assim, parece-nos que a questão sobre as alterações na comissão está sendo mais sobre a efetivação da "legitimidade" de seu funcionamento do que simplesmente pela ampliação da sua esfera de poder. Seus críticos temem que os grupos que formam a mesma, através de aconchavos, coloquem em risco os interesses da sociedade como um todo.

Paralelamente a estas alterações, o poder

executivo encaminhou à Câmara do Município de São Paulo um novo projeto de PDDI, que está sendo alvo de muitas críticas, tanto pela sociedade civil, como pela "classe política" do município. O referido projeto, até o momento da realização do presente trabalho, ainda não havia sido votado, mas, ao que tudo indica, deverá ser aprovado por decurso de prazo.

As críticas mais contundentes ^{são} é sobre seu caráter "vago", principalmente pelo fato de "estimular" a especulação imobiliária. Assim foi colocada a questão por um órgão de imprensa que de há muito vem acompanhando de perto a polêmica sobre as questões das transformações urbanas de São Paulo: "O projeto do Novo Plano Diretor da cidade ainda nem foi enviado para a Câmara Municipal, mas já conta com adversários dispostos a lutar para que ele não seja aprovado. O movimento "Defenda São Paulo" - que congrega 50 sociedades Amigos de Bairros da capital - é um deles. Os coordenadores do movimento reuniram-se na última quarta feira para decidir como encaminhar a luta contra o Plano Diretor cuja proposta de adensamento urbano, seu carro chefe, é por eles considerada um convite à especulação imobiliária... resume o arquiteto Roberto Saruê, diretor da sociedade dos amigos dos Jardins Europa e Paulistano: "O Plano praticamente entrega a gestão da cidade à indústria imobiliária... De qualquer forma, o movimento continuará a efetuar gestões junto aos bancos internacionais, para que eles não liberem empréstimos para a Prefeitura tocar as obras. Segundo a coordenação do "Defenda São Paulo", o Banco Mundial já teria sustado os seus" (Shopping News, 19/6/88). As pressões sobre os empréstimos estão relaciona

das a obras que consideram questionáveis no interior da reurbanização de São Paulo, entre elas, as do túnel e da avenida que vai passar sob o rio Pinheiros.

Criada a polêmica sobre o "novo" PDDI e o destino da Lei de Zoneamento, a questão do Bela Vista veio à tona. Assim, como os demais bairros, o processo de crescimento espacial do bairro esteve sob o controle da referida Lei de Zoneamento, que, a "trancos e barrancos", veio de uma certa forma "controlando" aquele adensamento, o que não significou, como já tivemos oportunidade de demonstrar que o mesmo não tivesse ocorrido. A verticalização, lenta e gradual vem ocorrendo até os dias de hoje. O que os críticos da mudança querem é evitar que a coisa descambe definitivamente. Ainda o bairro está enquadrado pela lei das "zonas de uso especiais" a 28.

Pela Lei 8.328 de 2/12/75 que controla estas zonas, assim, fica definido o espírito da mesma: "Estas unidades territoriais relacionadas caracterizam-se, de um modo geral, por abrigarem usos institucionais especiais (por ex. aeroportos) ou por se encontrarem total ou parcialmente ocupada ou, ainda, por estarem submetidas a intenso processo de transformação, sob impacto de vultuosos investimentos públicos e da dinâmica da estruturação urbana. Constituem, portanto, um "estoque" de áreas do município a merecer um tratamento especial, sob uma visão de conjunto do processo de desenvolvimento urbano, que estima-se a ordenar e controlar" (Coletânea das Leis e Decretos de Parlamento, uso e ocupação do solo-PMSP, p. 247).

Pelas suas características, o Bela Vista foi contemplado juntamente com o bairro da Luz com um capí

tulo específico no interior daquela Lei, assim expresso:

"Capítulo VI - Das disposições Especiais. Estes dois bairros foram considerados pelas suas características, como relevantes no processo de renovação urbana que se pretendia para São Paulo, destacando-se, assim, no conjunto das áreas especiais - "Com a presente propositura, altera-se fundamentalmente o papel das zonas especiais Z8. De áreas consideradas "indefinidas" ou "congeladas", passam a ser zonas estudadas de modo muito mais profundo e minucioso, sendo objeto de um zoneamento baseado em micro-áreas" (Coletâneas das Leis e Decretos de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, PMSP, p. 241).

Desta forma, a Lei 8.328 veio precisar objetivos mais "bem definidos" sobre a situação das "zonas de uso especiais", em relação à Lei Geral do Zoneamento de 1972. É importante lembrar, também, que aquela lei que diz ter vindo "descongelar" e "definir" os usos especiais para o Bela Vista, foi elaborada logo após as grandes obras de reurbanização sofridas pelo bairro, e que muitas obras de verticalização ocorreram após aquele período.

Desta forma, hoje, após todos estes anos, quando veio à tona a polêmica sobre o destino da cidade, devemos retomar aqueles projetos que haviam sido feitos para o bairro, que, questionáveis ou não, davam "certas diretrizes" para seu crescimento. As ameaças trazidas com a proposta do "Novo PDDI" e as investidas feitas paulatina - mente no interior do bairro pela indústria da construção civil leva-nos a questionar neste momento todos aqueles "Planos Diretores", contidos no interior dos Estudos Básicos, PR-016, Bela Vista-28-010 feitos pela COGEP-PMSP em

1974, dos quais resultou o Projeto da Grotu e outros mais - Projeto 13 de Maio, além daquele sobre a Vila Itororó, por muitos considerada como "prolongamento" do "Velho Bexiga" (porém, fora dos nossos estudos).

Estes Planos Diretores foram realizados num momento em que o Bexiga vivia aquele "Ano Zero". Foi naquele contexto histórico que se elaborou o Projeto PR-073, Projeto Grotu e o Dossie 038, Projeto 13 de Maio em 1975. Estes dois projetos, principalmente o da Grotu, passaram a simbolizar para o processo de renovação urbana dos bairros de São Paulo, algo de inovador. À partir de então, o nome do bairro passou a ser ventilado periodicamente nos jornais da cidade e, como vimos, fora da cidade de São Paulo. Assim se expressou um jornal de São Paulo na época: "Enquanto o velho Bexiga lamenta, começa a surgir a nova Bela Vista" (Folha de São Paulo, 15/4/74).

Este clima de conflitos, sugerido no período já guardava em si todas as contradições contidas entre as formas de intervenção do poder público através daqueles Planos Diretores e as propostas de renovação urbana para o bairro, com os interesses daqueles que anteriormente chamamos de componentes do "bloco histórico". As contradições foram se revelando à medida que as propostas de renovação foram se tornando inviáveis, tanto em relação aos seus objetivos como em relação às "brechas" que estes Planos Diretores criaram para a "invasão incontrolada da verticalização.

À medida que os projetos foram feitos e que o bairro foi colocado sob a "guarda" da Lei de Uso Especial, os posicionamentos da população representativa do

tradicionalismo - o "bloco histórico", foram revelando os conflitos e contradições existentes no seu interior. Alguns viam no projeto uma ameaça às tradições enquanto outros viam com esperança a regeneração" do bairro. Como veremos mais adiante, projetos já nasceram comprometidos com os interesses das companhias construtoras privadas. Isto explica em grande parte a frustração na concretização dos mesmos. A elaboração destes projetos criou diferentes expectativas e comportamentos junto à "comunidade" do bairro. Em parte, pela natureza dos mesmos, mas também pela expectativa criada e concretizada que aos poucos foi dando lugar às dúvidas e incertezas com todas aquelas mudanças nas Leis de Zoneamento e propostas de novos planos diretores.

No interior da "comunidade" alguns os encararam com certo pessimismo devido à imagem da "mutilação" deixada por aqueles projetos viários de reurbanização; as desapropriações que, além de expulsarem os antigos moradores, não foram pagas à contento dos mesmos. Outros proprietários desde a criação da Lei Geral de Zoneamento e no seu desdobramento com a Lei 9.725/84 a Z8-200, acharam que estas leis acabaram criando alguns obstáculos para que as negociações com as grandes construtoras no mercado imobiliário se realizassem "livremente". Outros ficaram entre a perspectiva da "regeneração", a contenção do processo de "deterioração" e a ativação das atividades turísticas no bairro pela expansão das cantinas e diversões, ligadas as tradições do bairro.

Na época da divulgação e elaboração dos projetos, colocou-se enfaticamente, que um dos objetivos dos mesmos era "recuperar as tradições do bairro". O que

não perceberam, foram as "sutilezas" dos mesmos. Quando o Plano Diretor feito para o bairro em 1974 para a implantação do Projeto da Grotta se referia à política de preservação vinha acompanhado da seguinte frase - "sempre que possível". Os interesses demonstrados pelas companhias construtoras revelaram ser impossível conciliar os dois objetivos do Projeto: preservar e reurbanizar. A própria Lei 28-200 apresenta-se pouco fortalecida no conjunto das estruturas jurídicas para que possa dar sustentação à sua aplicação. Segundo o texto da mesma: "Qualquer intervenção nestes imóveis preservados depende de um parecer da Secretaria Municipal de Planejamento", e parece que, em relação aos interesses do bairro, os pareceres foram desfavoráveis ou então revelaram a ineficácia da Lei. Lembremos a demolição da Vila São José. Esta Vila, não chegou a ser colocada sob a proteção da referida lei. Morosidade ou negligência na aplicação da mesma? A verticalização indiscriminada que vem assaltando o bairro parece-nos a evidência maior da sua fragilidade.

Um dos grandes desafios para a 28-200, e que representa no momento a grande ameaça para o bairro e os interesses daquelas lideranças frente às novas propostas de reformas na lei de zoneamento, é a rua 13 de Maio, colocada sob a proteção da referida lei. Este fato explica, ainda, a presença de uma grande concentração de residências baixas ao longo desta rua e suas imediações. É bom lembrar que a aplicação da lei estende-se a um raio determinado ao redor do imóvel colocado sob sua proteção, conforme podemos comprovar no conjunto de bens protegidos pela mesma: "Em seguida outras leis acrescentaram novos exemplares

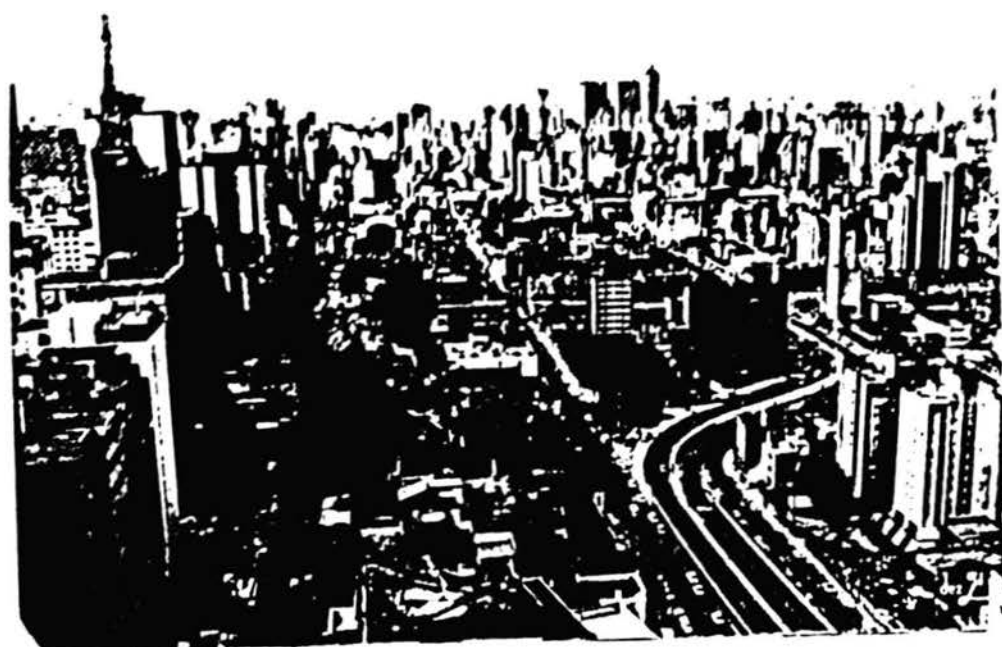


Foto 35: Visão panorâmica do Bexiga tirada do Morro dos Ingleses. No primeiro plano da foto o eixo da rua Treze de Maio e nova rua Rui Barbosa. Observar a grande concentração do casario. É uma das áreas onde a concentração das casas de diversões e cantinas se apresenta mais concentrada. Núcleo da B3 que melhor representa a "revitalização" do bairro. No plano de fundo o "velho centro" de São Paulo. (Ano: 1988)

significativos à listagem dos bens preservados, tais como ... a Vila Itoororó e os imóveis da rua 13 de Maio, importantes marcos arquitetônicos do bairro da Bela Vista, antigo "Bexiga" (Bens Culturais ARquitetônicos no Município e na Região Metropolitana de São Paulo - Sempla - Emplasa - SP, p. 12). Ao mesmo tempo que a lei favoreceu a manutenção dos casarios, favoreceu também, a consolidação daquelas atividades caracterizadoras do bairro.

Na medida em que aqueles projetos foram de grande importância para a história do bairro, mais pelo papel de destaque que permitiu a este, do que pela sua efetiva concretização, os mesmos merecem um estudo mais detalhado aqui.

A elaboração dos projetos foi acompanhado de um conjunto de Estudos Básicos, denominados por PR-016, Bela Vista, Z8-010, formado ao todo por sete volumes. Nestes estudos a COGEP-PMSP define o que seja um programa de renovação urbana: "Constitui um processo de intervenção que integra a ação do poder público e a iniciativa privada em operações combinadas de preservação, ordenação e reurbanização visando incrementar a qualidade de vida urbana... Reurbanização - medidas de redefinição de funções, renovação de edifícios existentes por deterioração grave, estabelecimento de novo traçado para a área, com destruição de áreas e edifícios para novo uso" (PR-016, p. 1-2).

O conceito de renovação, passa, assim, a ser mais abrangente do que o de reurbanização. Inclui no seu interior a política de ordenação, ou seja a estratégia de crescimento do espaço urbano e a política de preservação - definição do que deve ou não ser definido como "im-

portante para a memória da cidade". Aqueles Estudos Básicos não se limitaram somente a fazer o levantamento das características e tendências sócio-econômicas para o bairro, entre o período de 1973 e 1974, mas também fizeram um exaustivo estudo sob a expectativa das companhias ligadas à indústria da construção civil que, como vimos, foram chamadas para o interior dos objetivos dos projetos. Através dos confrontos destes objetivos com as expectativas daquelas empresas, percebemos várias contradições que envolvem estas duas esferas de interesses - a do setor público e a do privado. Observando mais de perto os preâmbulos dos Projetos, Grota e 13 de Maio, poderemos identificar melhor estas contradições. Vejamos como ficaram definidos os objetivos gerais do Plano Diretor da Z8-010 - Bela Vista:

"I - Promover melhoramentos urbanos dentro de uma operação combinada de renovação urbana e integração social.

II - Contribuir para incrementar a qualidade da vida urbana

- preservando áreas que denotem a evolução histórica da cidade e valorizando a paisagem urbana;

- preservando sua personalidade sócio-cultural;

- atraindo atividades altamente especializadas atendendo às exigências do centro principal do qual faz parte;

- provendo equipamentos não só de nível local mas também de nível compatível à função do centro principal;

- provendo facilidades de circulação;

- provendo novas unidades habitacionais;

- minimizando a relocação de moradores e de atividades econômicas" (PR-016 ,

p. 1-2).

Em outro preâmbulo sobre a definição dos objetivos gerais, o Plano assim se refere:

"Nesses antecedentes talvez a vocação da área:

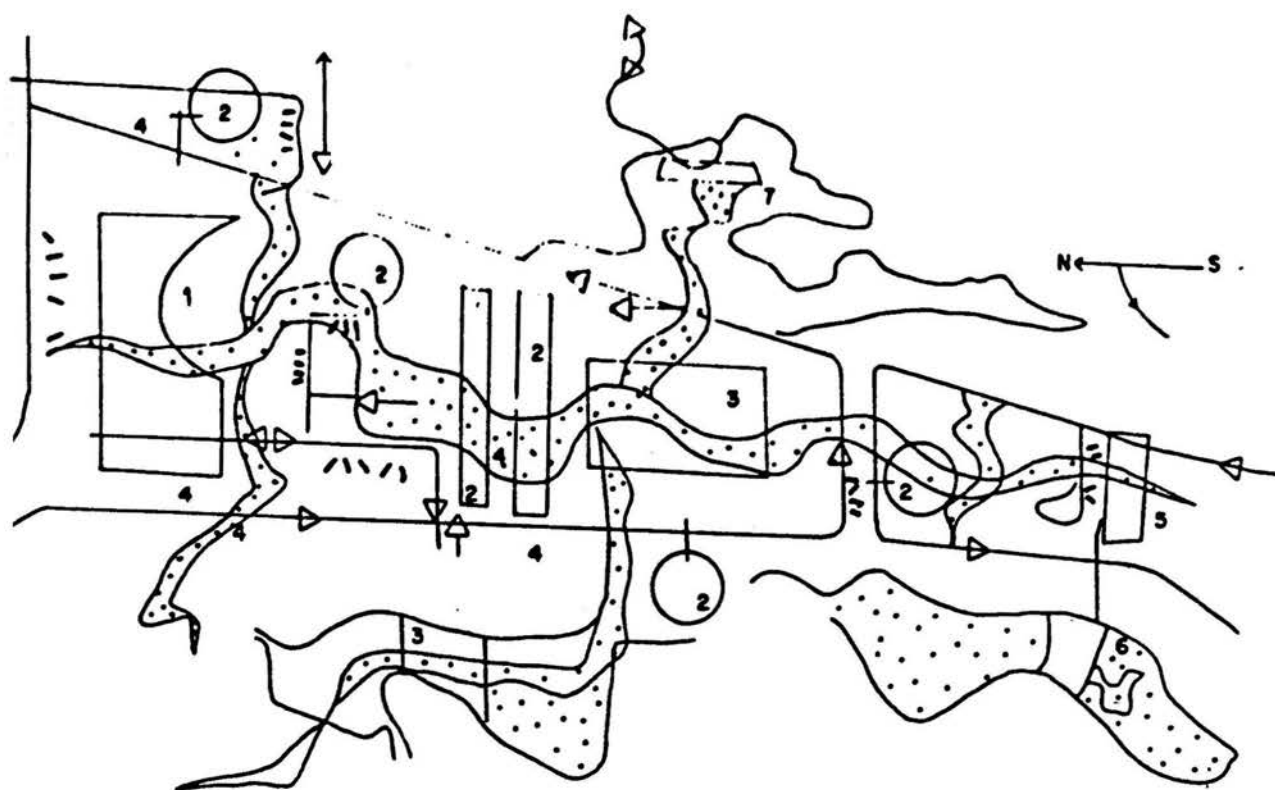
- a) ver sua antiga paisagem reconstituída na medida do possível
- b) voltar a ser local de uso público, sem as limitações dos mini-loteamentos;
- c) receber moradias de caráter popular;
- d) acolher restaurantes típicos da região
- e) abrigar centros de música popular
- f) restabelecer a vida comunitária que começa nos lugares de recreação" (PR-073 - Grotta da Bela Vista, p. 7).

Para a concretização do Projeto da Grotta (Fig. 12), elaborado segundo aqueles objetivos gerais, ficaram estabelecidas no projeto as seguintes realizações a serem implantadas:

1. Habitação - construção de 984 unidades para cinco moradores em média, distribuídas em apartamentos de 2 ou três dormitórios e áreas de 50 a setenta metros quadrados;
2. Educação - construção de 1 escola de 1º e 2º grau e um centro infantil integrado que deverá ser construído junto às habitações com capacidade para 1.600 alunos, incluindo uma creche, um parque infantil e um posto de saúde;
3. Saúde - a proximidade com áreas bem providas dispensou a necessidade destas implantações, o posto de saúde integrado ao centro infantil resolvia o problema;
4. Hotel - pela pesquisa junto à classe empresarial, havia se confirmado a construção de um hotel com 300 leitos;
5. Espetáculos e Diversões - espaços para a evolução da escola de samba, escola de aprendizagem musical e aproveitamento da paisagem para apresentações musicais em geral. A

FIG. 12

PROJETO GROTA PR - c.73



PR - c 73

- 1 Espetáculos
- 2 Habitações
- 3 Escola
- 4 Comércio
- 5 Hotel
- 6 Hotel anexo piscina
- 7 Belveder

escola de música deveria atender à comunidade com cursos livres. No mesmo parque, junto ao conjunto da escola de samba e seu espaço de evolução, a criação de um outro conjunto: cinema, teatro e casa de baile. Os restaurantes ficariam para a iniciativa privada nos espaços destinados ao comércio.

6. Sistema Viário - construção de garagens, cobertas, de propriedade da municipalidade em dois níveis, com capacidade para 1.500 veículo.

7. Zoneamento e Paisagismo - os edifícios deveriam ser construídos sobre *pilotis*, evitando assim as ruas com "paredes" ao mesmo tempo que deveriam ser construídos no conjunto, "belos jardins" com densa vegetação (idem, p. 7-20).

Quanto ao Projeto 13 de Maio, o mesmo estabelecia as seguintes obras de reurbanização: - Transformação do trecho entre a av. Brigadeiro Luiz Antonio e a rua Manuel Dutra em área de "calçadas", onde, juntamente com as ruas transversais seriam construídas pequenas praças interiores - criação de uma praça para o teatro, teatro ao ar livre. Uma grande praça para um cinema ao ar livre, sob a qual se construiria um grande estacionamento, isto na rua Manuel Dutra, entre a rua 13 de Maio e rua Rui Barbosa. Todas estas atividades do Projeto 13 de Maio estavam ligados ao processo de "revitalização" pela qual passava esta subunidade B3.

Fazendo-se um balanço de tudo que foi proposto nos referidos projetos com aquilo que efetivamente foi feito e comprovado pela atual pesquisa, chegamos à conclusão que quase nada foi feito. O pouco que foi realizado, o foi de modo muito precário. Para o Projeto Grota, a única coisa constatada foi um "palanque improvisado" bem na entrada da



Foto 36: Quadra da Escola de Samba Vai-Vai. Foto que retrata o que foi realizado do projeto. No plano de fundo o elevado da Praça 14 Bis onde localiza-se o ponto de ônibus com o nome da referida escola.



Foto 37: Parte baixa da região da Grota para a qual foi elaborado aquele grande projeto. No plano de fundo da foto o Morro dos Ingleses. (Ano: 1988)

região da parte baixa da grota, próximo à praça Quatorze Bis nas proximidades de um "galpão" onde foi instalada a "Escola de Samba Vai-Vai", em espaço muito pequeno e de construção bem precária. Ao redor destes dois equipamentos, um largo, que com muito esforço pode nos lembrar a presença de uma praça, porém, mesmo assim, abandonada. Mais para o interior da grota, uma pracinha com alguns poucos brinquedos, "lembrando" um parque infantil. No restantes, nada mais, a não ser, a penetração de alguns prédios novos, porém sem *pilotis*, voltados a uma população de "classe média". Quanto ao hotel, registramos na rua Rocha a presença de um prédio do tipo *apartment-hotel*, porém não muito grande. Comparando-se o que existe hoje na região baixa da grota com as pretensões daquele projeto, a coisa parece-nos uma "caricatura grotesca" do proposto.

Quanto ao Projeto 13 de Maio, nada foi feito, a não ser algumas obras, que pelo jeito, foram feitas para substituir alguns elementos pretendidos no projeto, a exemplo da pça. Dom Orione e aquele anfiteatro, "improvisado" como "prótese" junto às escadarias da rua Fortaleza que, ao invés de integrar a paisagem urbana, acabou "mutilando" ainda mais a mesma.

Se a proposta daquele Plano Diretor para o Bela Vista, do qual saíram os dois projetos foi "bem intencionado", seus resultados foram frustradores como propostas de renovação urbana, não somente para o bairro, como também para um tipo de experiência tão propagada pelo poder público associado à iniciativa privada. Daqueles objetivos todos, os únicos que mais ou menos se concretizaram foram os referentes à consolidação dos restaurantes e construção de novas unidades habitacionais, porém, como

uma ameaça às camadas populares de baixa renda. A propalada "valorização da paisagem urbana", parece-nos, devemos entender como um processo de "valorização dos terrenos". A pretendida integração da vida comunitária do bairro, ficou no sonho. No capítulo sobre a Unidade Quebrada tentamos demonstrar a desestruturação pelo qual vem passando o bairro e que o Projeto não conseguiu resolver; pelo contrário, em certos casos, acentuou mais ainda. Aquelas "obras caricaturescas na paisagem" acentuaram aquelas rupturas.

Neste momento queremos levantar alguns fatores para reflexão sobre estes desencontros na implantação dos projetos. Como fora colocado pela COGEP-PMSP eles absorveram grandes atenções do poder público e pelas dimensões dos Estudos Básicos e dos Projetos - mesmos não concretizados - prováveis fábulas de dinheiro. Não nos foi possível identificar quanto.

Arrolando-se aqueles objetivos nos preâmbulos do "programa de renovação urbana" do Bela Vista - 28-010 e os Projetos Grota e Treze de Maio, podemos sintetizá-los em dois grandes eixos de interesses: expandir a indústria da construção civil e reconstituir o bairro como parte integrante da nova metrópole. Colocar o bairro à serviço da cidade como um todo, procurando preservar-lhe o caráter cultural - "na medida do possível". Temos, de um lado, os interesses do grande capital imobiliário e, do outro, os interesses públicos.

Quando analisados os objetivos das "grandes construtoras e seus interesses sobre os projetos, elas assim se colocaram nos depoimentos para a COGEP-PMSP:

"Os empresários consideram a sub-área do Espigão e a parte mais alta da Grota como zo-

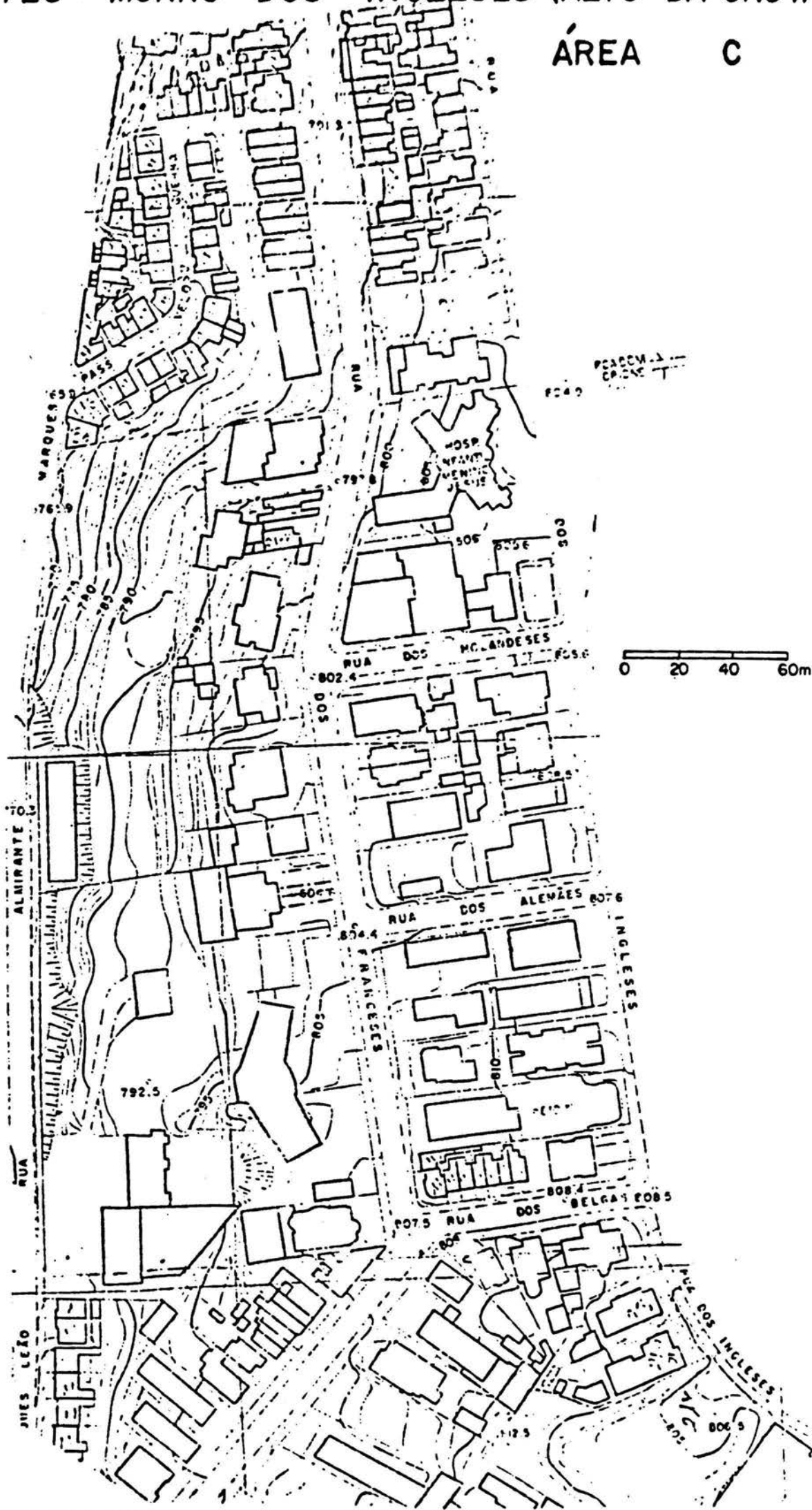
nas que acompanharão normalmente o desenvolvimento das áreas circunvizinhas, principalmente a Av. Paulista, sem a necessidade da adoção de medidas modificadoras... no restante da área, acreditam que nenhum empresário teria coragem de realizar, nas condições atuais, um lançamento isolado em virtude do baixo nível da vizinhança local, existência de grande número de construções deterioradas... que aliadas às dificuldades de compra de terrenos de dimensões adequadas... em sua grande maioria de terrenos de pequenas dimensões (Fig. 13 e 14), desestimularam qualquer incorporador que prefere atuar em outras áreas da cidade que oferecem melhores condições para o sucesso do empreendimento imobiliário... Todos os empresários foram unâimes em defender a necessidade de reurbanização da região... Alguns mais radicais sugeriram a demolição total de tudo até então existente, com excessão da sub-área do Espigão e da Grota" (PR-016, p. 7-3 e 7-4).

Assim, confrontando-se os objetivos do setor empresarial privado - onde fica explícito os interesses de jogarem com o mínimo risco no mercado imobiliário, buscando a maximização do lucro, com aqueles objetivos definidos pelos projetos de renovação urbana, ou seja: "integração do poder público e a iniciativa privada", revelam-se duas ordens de interesses cuja convergência estará sempre determinada pela "auto-regulação" do mercado imobiliário. Aqui, parece-nos claro que aquela expressão - "na medida do possível" assume sua verdadeira dimensão: Impossível!

Aquela atitude de "alguns mais radicais", leva-nos a crer que, na base de tal radicalismo, existisse um "consenso" entre os representantes da classe empresarial co

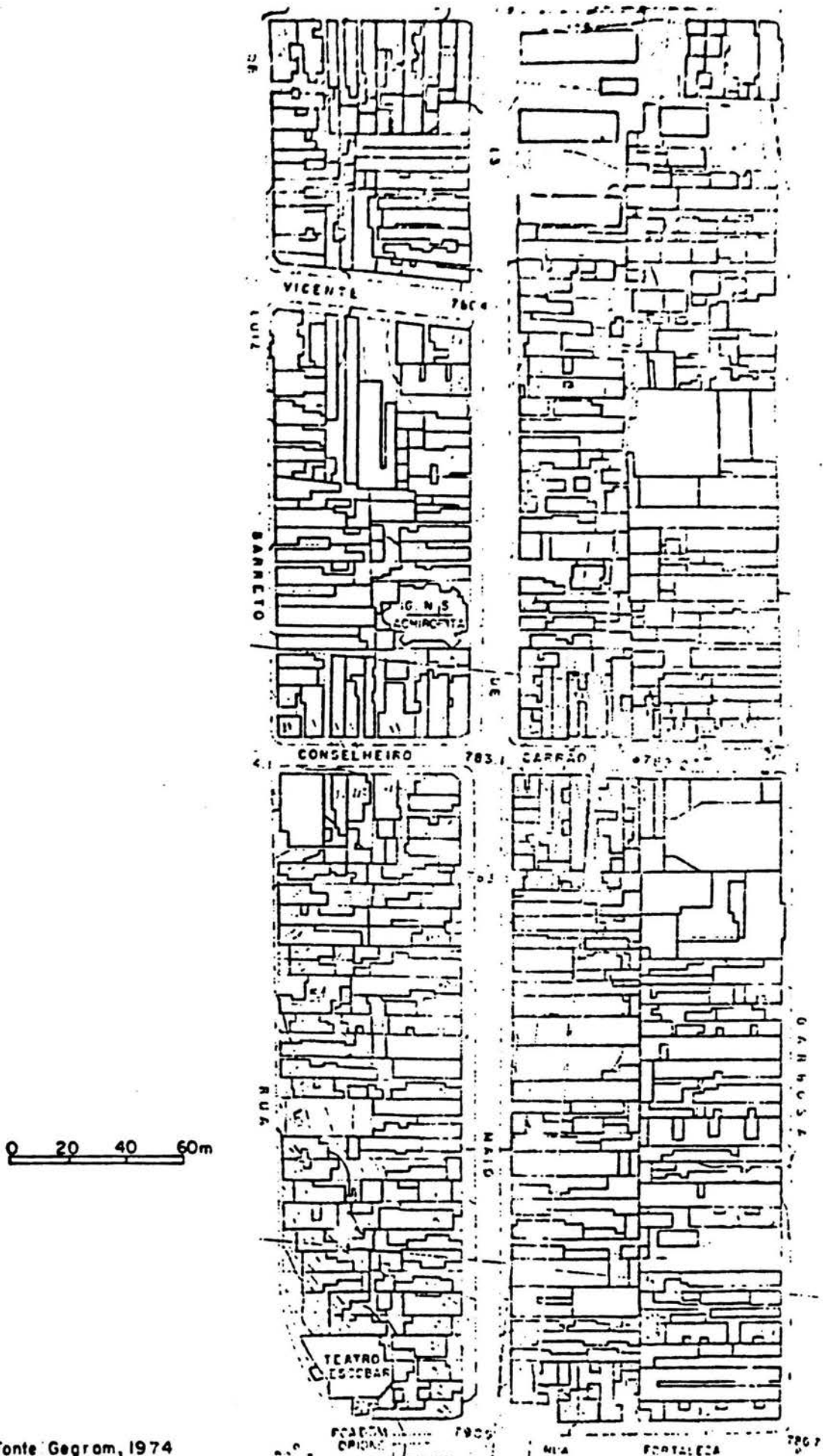
LOTES - MORRO DOS INGLESES (ALTO DA GROTA)

ÁREA C



Fonte : Gegram, 1974.

LOTES - 13 DE MAIO - ÁREA B3



mo um todo. Aquela proposta de demolição para toda a parte do "antigo Bexiga", pressupunha, obviamente, deixar intacta toda a infra-estrutura básica dos serviços e equipamentos urbanos, pressupunha "limpar" somente os terrenos. Estes fatos nos permitem compreender a verdadeira essência do urbanismo capitalista, pelo menos em países como o nosso. A frustrada proposta daqueles projetos para o bairro deve ser entendida como um exemplo das propostas de renovação urbana e seu "destino", quando não são capazes de "despertar" os interesses dos "gordos lucros". A colocação de que "nenhum empresário teria coragem de um lançamento i solado" leva-nos a crer que por detrás disto estava e está a tendência da área em ser alvo dos interesses das grandes corporações imobiliárias. Onde as mesmas querem "carta branca" para especular com os terrenos. Fica assim mais claro porque os projetos não se concretizaram. Como sempre, as iniciativas públicas que estabeleçam algum objetivo de cunho social que não estejam nos limites da "lucratividade máxima" do capital, estão fadadas à frustração.

Hoje, quando trava-se toda aquela polêmica sobre as modificações do PDDI e daquela Comissão de Zoneamento, onde se aponta a pressão das grandes construtoras como elemento ativo no destino da renovação urbana de São Paulo, a coisa torna-se mais transparente. Para estas é importante "libertá-las da camisa de força" de qualquer forma de direcionamento sobre sua ação no mercado imobiliário. A "fluidez" da proposta do novo PDDI, parece "agradar" as mesmas. Contra este novo PDDI, como vimos, colocaram-se muitos segmentos da sociedade civil e política. Caso o mesmo venha a ser aprovado, São Paulo se transformará num verdadeiro "canteiro de obras". Não somente o Bela Vista esta

rã fadado a transformar-se neste "canteiro" como os demais bairros centrais da cidade. Sobre o assunto, assim se expressou outro periódico da cidade como resposta a atual tendência de adensamento dos bairros centrais: "Ou Pinheiros reage ou vira "paliteiro". (Gazeta de Pinheiros, 8/7/88).

Terminado o "ciclo" dos Projetos da Grotta e da Rua Treze de Maio - engavetados pelo poder público da municipalidade de São Paulo, abriu-se outro. Em 8/12/87, o Secretário da Habitação e Desenvolvimento Urbano encaminhou ao Prefeito de São Paulo a solicitação da criação de uma comissão para a "viabilização do concurso público nacional para a renovação urbana e preservação do bairro do Bexiga" (Publicado no D.O.M. em 10/12/87). Assim, ficaram definidos os "novos" objetivos para o "Novo Plano de Renovação Urbana": "O Plano para a Renovação Urbana e Preservação do Bairro do Bexiga, terá como objetivo, o pleno desenvolvimento da potencialidade e das características da área, adequando a utilização e ocupação do solo à valorização e preservação do seu Patrimônio Ambiental Urbano, compatível com o possível adensamento da região, tendo em vista a sua excepcional condição de localização. Especial atenção deverá ser dada aos interesses dos moradores e das atividades instaladas no bairro" (D.O.M. 10/12/87). Desta vez, o comprometimento com a política de adensamento fica claro, mesmo após todos aqueles movimentos travados sobre os inconvenientes do adensamento para os bairros centrais. A demagogia mais uma vez está presente. Mais uma vez em nome das "tradições e defesa" dos interesses populares escondem-se os interesses do grande capital. Para o tal concurso, foram conclamados setores representativos dos inte

resses privados da sociedade.

Os dois projetos da década de setenta foram engavetados. O bairro em transe, revelando um profundo processo de desmembramento, pouco terá para ser efetivamente integrado como "Bexiga" pelo projeto vencedor no concurso (nesta altura da tese não nos foi possível ter acesso ao resultado do mesmo). Até que ponto aquelas lideranças conseguirão garantir a sobrevivência das suas atividades é uma questão em aberto. Pela generalização e demagogia dos novos objetivos, tudo nos lembra aqueles projetos do "antigo ciclo". Nada mais oportuno no momento do que invocar aquela introdução feita por Marx na sua obra - O 18 Brumário de Luiz Bonaparte:

"Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa" (Marx, p. 3).

Quando concluíamos a redação deste capítulo tivemos acesso a uma manchete de jornal que nos chamou a atenção. Ela remetia-nos a uma reflexão sobre aquela nota da Folha de S. Paulo do dia 15/4/74 (anteriormente citada neste capítulo). A manchete era a seguinte: "Edifícios cada vez mais altos poderão, dentro de pouco tempo, começar a surgir em diversas áreas da cidade, especialmente nas mais valorizadas e de uso estritamente residencial, prejudicando a qualidade de vida dos seus moradores. Isto porque deverá ser aprovado nesta semana, por decurso de prazo, o Plano Diretor, que amplia as chamadas "operações urbanas" (Shopping News, 30/10/88). No mesmo dia, a manchete colocava em forma de advertência: "Bixiga: no alvo do "adensamento". A nota

da Folha de São Paulo remete-nos à lembrança de projetos frustrados e ameaças que então se delinearam. A do Shopping News não mais à perspectiva de "conflitos", mas ao início, talvez, de um novo "Bexiga - Ano Zero".

6. CONCLUSÃO

O Bexiga de hoje está longe de ser aquela totalidade espaço temporal que fora no passado. Seu italianismo, como pudemos registrar, tanto pelo movimento de saída, pelas mortes e pela redução radical na entrada de novos contingentes de italianos, praticamente desapareceu enquanto um componente sócio-cultural do mesmo.

Os ítalo-paulistas são também cada vez menos numerosos. A influência deixada tanto pelos italianos como pelos *oriundi* nos hábitos e na paisagem arquitetônica já foi praticamente descaracterizada. A verticalização e a invasão do bairro por todas aquelas novas atividades contribuiu para esta descaracterização. O pouco que sobreviveu de forma mais bem caracterizada encontra-se no interior da área por nós chamada de B3, mesmo assim, tendo perdido a maior parte de sua autenticidade. Aquilo que poderia lembrar de forma mais autêntica as origens italianas do Bexiga foi transformado em "sucata" para dar origem a um "produto" - aquela "feira de diversões".

O bairro vive hoje a coexistência de duas atividades ligadas ao grande mercado da metrópole paulistana: uma representada pelo setor de cantinas e congêneres que guarda nas origens relações com a tradição do bairro; a outra, representada pelas casas de diversões, desdobrando-se em fortes relações com os teatros e outras mais. Na verdade estas duas atividades colocam-se de uma certa

forma, como antagônicas para a maior parte da população tradicional do Bexiga. As primeiras, mistificadas ou não, guardam raízes com a história do bairro. Representam lugares onde a frequência, segundo depoimentos dos moradores tradicionais, é de "famílias" e de "gente de respeito", mais próximo do que fora antigamente. Elas lembram melhor o "antigo" Bexiga. As segundas, ao contrário, representam o "novo", a imagem do "forasteiro", principalmente as casas de música e bar. Os pequenos bares de encontro são "estigmatizados" pela população tradicionalista como o símbolo de "marginalidade". Essas atividades representam os "intrusos", verdadeiros "usurpadores" daquele tradicionalismo. As mesmas surgiram após aquele período das grandes transformações urbanísticas. Com elas introduziu-se uma "nova forma de vida" para o bairro, aquelas diversões transformadas em mercadorias e vendidas para a cidade.

O TBC - Teatro Brasileiro de Comédias, iniciou a partir da sua inauguração um impulso para que o Bexiga se transformasse na "Broadway" paulistana. Aquelas casas e teatros que entraram posteriormente, consolidaram a "novo ciclo para o bairro", apagando o outro, o do "italianismo e das ruas comunitárias".

A nova vida "boêmia" trouxe consigo, também, naqueles "embalos de finais de semana" a possibilidade de se transformar o pedaço noutro "pesadelo" para os antigos moradores, ou seja: lugar de passagem de drogas, trazendo com muita frequência a presença da polícia, criando, assim, um clima de "violência" para um lugar que outrora primava pela tranquilidade. Este fato foi exaustivamente denunciado naqueles depoimentos. Segundo eles, a "intranquilida-

de" aumentou com a entrada das casas de diversões e os bares de encontro.

A "indústria do lazer" e a "indústria da construção" tanto de apartamentos como daquelas obras de reurbanização, estimuladas pela expansão capitalista, destruíram as condições de sobrevivência da função residencial compatível com uma boa qualidade de vida urbana. O adensamento, o aumento do fluxo de automóveis, a perda da escala arquitetônica pelo "esmagamento" das antigas casas entre os "espigões", foram as grandes responsáveis pela desqualificação do lugar para moradia.

Hoje, a especulação imobiliária, impulsionada pelo "progresso" metropolitano, fez com que aqueles proprietários dos antigos casarões entrassem no jogo da especulação, tanto dos aluguéis, como no jogo da valorização dos terrenos, pouco se importando com a conservação dos imóveis, os quais, enquanto ocorre a valorização dos terrenos, cada vez mais se transformam em cortiços. A casa como bem de uso, que outrora representou um fator de afirmação social a qual se "adornava" com belos frontispícios, estatuetas e portões de ferro artisticamente trabalhados, deixou de existir como "obra do artesão". O que ficou foram ruínas.

As investidas das relações capitalistas de produção expressas tanto pelos avanços da indústria da construção civil como pela entrada de todas aquelas novas funções terciárias, informais ou não, destruíram aquelas relações muito próximas do "ideal pompeiano" já descrito anteriormente. O italianismo e o tradicionalismo foi "emba

lado" e vendido como "cartão postal"./ A área B3 onde isto aconteceu mais fortemente, serve de exemplo. Não nos é possível perceber o bairro como uma unidade integrada. Cada área passou a ter uma dinâmica diferente da outra. A área do alto da grota por origem histórica sempre esteve desvinculada do restante do bairro. Porém, aquilo que chamamos de núcleo histórico desmembrou-se todo. O núcleo do Piques, como vimos, integrou-se ao CBD; a B3 passou a ter vida própria como área onde ocorreu aquela "revitalização" e sobre a qual as lideranças empenham-se em "preservar".

O Bexiga acabou adquirindo um novo perfil, uma nova identidade. Casa e rua passaram a compor uma nova dialética. Inverteram-se os papéis. Seus moradores mais antigos sentem-se estranhos dentro do bairro. Revelam um sentimento de perda, pelo que parece, irreversível. Sentem que o bairro perdeu sua identidade. Para os novos moradores, a maioria revela um sentimento de indiferença com o destino do bairro frente ao que o mesmo já fora. Um comportamento próprio de quem nunca tivera "relação afetiva" e nunca terá com lugar nenhum - são os despossuídos da vida. No caso do Bexiga, a grande maioria de nordestinos.

Se é difícil dizermos quantos cortiços tem hoje o Bexiga, não o é dizer que os mesmos dão uma tônica marcante à sua paisagem urbana, revelando claramente contrastes com aquilo que fora no passado do bairro. Os mesmos, apesar de se encontrarem por toda a área do "núcleo histórico", estão mais concentrados na área B2 e ausentes da área do alto da Grotta.

Na medida que sua população tradicional re-

~~Amadorismo~~ foi na sua maioria incapaz de perceber as verdadeiras razões da deterioração do estado físico da grande parte das residências do bairro, preferindo achar um "bode expiatório" para o fato, neste caso o nordestino, juntamente com uma liderança apoiada em instituições de defesa das tradições mal estruturadas, caracterizando-se por um grande "amadorismo", as formas de luta contra as forças do sistema que gradativamente foram destruindo as raízes culturais do bairro, mostraram-se ineficientes. Além do amadorismo, de vemos destacar a maneira nem sempre democrática da maioria daquelas lideranças em conduzir as lutas frente a comunidade, fato que pudemos contatar pelos depoimentos.

Cada vez mais torna-se impossível pensarmos em resgatar aquelas antigas relações sociais no bairro e recuperar as condições físicas da maioria daqueles casarões que se transformaram em cortiços - fruto do descaso dos seus proprietários e do poder público mais interessado em aliar-se aos grandes investimentos da indústria da construção civil construindo novas unidades de moradia, mais caras e estimulando o apetite do mercado imobiliário. O poder público mostra-se pouco inclinado a intervir neste espaço e recuperá-lo, sem partir para aquela "limpeza dos terrenos", conforme sugeriram as companhias construtoras. Quando o mesmo interviu no Bexiga foi para mutilá-lo com todas aquelas obras de reurbanização, ou então com aquelas Leis de Zoneamento que se mostraram incapazes de conter o contínuo adensamento que vem se verificando no interior do mesmo.

As condições sócio-econômicas que marcaram a evolução da economia brasileira com todas seqüelas para o empobrecimento da maioria da sociedade brasileira, jogou no

ostracismo e no "nomadismo" uma grande parte de sua população, fato ao qual está associada a chegada dos contingentes de nordestinos para os cortiços do Bexiga, quando, contraditoriamente, este bairro recebia enormes quantias em dinheiro para sua adaptação ao moderno sistema viário metropolitano; modernização necessária para o grande capital. Assim, vimos que a intervenção do poder do Estado veio aumentar as contradições e piorar as condições de vida da maioria da população que morava no bairro. "Impotência" ou "descaso", este tipo de planejamento revelou-nos a verdadeira natureza desta forma de urbanismo.

Assim, podemos aqui, mais uma vez refletir sobre os Planos Diretores feitos para o bairro. Como os mesmos revelaram-se inoperantes e perdulários. O Projeto da Grota e o Projeto Rua 13 de Maio, não se concretizaram sendo engavetados. Tudo isto faz da experiência do planejamento e reurbanização do Bexiga até hoje um exemplo da "inconsequência" da política do planejamento urbano no país. Nossos estudos feitos sobre estes projetos de reurbanização para o bairro do Bexiga e a maneira como foram conduzidos, permite-nos concluir que os mesmos foram orientados da forma mais autoritária possível. Este autoritarismo revelou-se tanto por parte do poder público como do lado daquelas lideranças, que outra coisa não viam além da possibilidade de lucros preservados na recuperação do bairro. A comunidade como um todo ficou do lado de fora, ou então foi chamada para legitimar fatos já consumados.

Podemos afirmar que existe pouca transparência nos discursos destas lideranças como nos preâmbulos daqueles projetos. O que deve ser preservado ou não, não fica

claro. Os discursos oficiais quando se referem às tradições do bairro o fazem sempre de forma evasiva. Quanto aos discursos daquelas lideranças, a coisa não muda muito.

Tudo isto nos permite levantar a seguinte pergunta: - Até que ponto os elementos por nós apontados que sobreviveram do tradicionalismo do Bexiga, "mistificados" ou não, conseguirão sobreviver aos avanços da indústria da construção civil inserida no interior do processo de adensamento e crescimento horizontal da metrópole? Ao mesmo tempo nos perguntamos até quando as cantinas e as casas de diversões, que no conjunto do terciário do Bexiga representam as atividades de maior concentração, também conseguirão aí se manter? Mesmo representando um terciário por nós considerado como "superior" estas atividades não nos parecem garantidas em sua sobrevivência frente aquelas investidas da indústria da construção civil e do processo de "modernização" que ocorre com o terciário no interior do bairro. Lembremos o que vem acontecendo com a área B1 e mesmo com as demais.

Se o Bexiga é hoje a expressão de um bairro em "transe" onde a B3 parece representar o lugar pelo qual a luta pela sobrevivência é mais forte, onde o "imaginário" e a "mistificação" representam na atual etapa da história do bairro, depois dos anos de "catástrofe", uma possibilidade de luta por este tipo de sobrevivência, cabe aqui, uma outra pergunta: - A quem interessa essa luta? A resposta não nos parece difícil: aos grupos que exploram a "indústria do lazer". Porém, como vimos, nesta luta outros também estão envolvidos, são os membros da comunidade representativa do tradicionalismo que muitas vezes, de forma ambígua, se

colocam no interior desta luta. Estes, ao mesmo tempo que se colocam na luta pela preservação das tradições e de sua moradia como um bem de uso, aquele "refúgio" que sobrou do "naufrágio" não negam a perspectiva de uma venda desta moradia por um "bom preço". Ao mesmo tempo que se colocam do lado dos donos de "casas de diversões" e cantinas, "blasfemam" contra a entrada de forasteiros, trazidos pelo crescimento daquelas atividades. Assim, não é difícil, admitir que estes membros da comunidade não resistirão muito a passarem para o "outro lado", ou seja: "fazerem um bom negócio" junto àquelas companhias imobiliárias.

Aquele ideal "pompeiano" de bairro não está perdido somente para o Bexiga. Hoje, as relações sociais, que determinam a vida nas áreas metropolitanas e mesmo fora delas, impedem que o mesmo sobreviva. Se em outros tempos, apesar das diferenças de classes, os indivíduos conseguiam definir relações societárias capazes de fortalecer a vida comunitária, como foi o caso do Bexiga, hoje no interior da metrópole, onde as diferenças de classes são cada vez mais acentuadas e o processo de estratificação no interior destas últimas é cada vez mais complexo, definindo comportamentos e ideologias tão diferenciadas, a vida comunitária acaba cada vez mais se restringindo, como já havíamos afirmado, a processos de interações "atomizados" e "momentâneos".

Assim, o bairro guarda, além das diferenças de classes uma diferenciação cada vez mais acentuada no nível da estratificação. Ideologias que se aproximam e distanciam independentemente da condição de classe. As "Sociedades Amigos de Bairros" apresentam-nos bons exemplos: pa-

trões e empregados apresentam-se como "aliados" em certos níveis de reivindicações e, em outros, em polos antagônicos, como quando militam, por exemplo, em partidos com propostas de reurbanização diferentes para o bairro.

Na medida em que o Bexiga é hoje um bairro onde o processo de metropolização gerou não somente uma redefinição acentuada nas suas formas de uso do solo mas, também, na sua composição e processos sócio-culturais, qualquer movimento de luta pela defesa das tradições do bairro deverá estar sendo determinada por este complexo sistema de estratificação social.

Aquela ideologia do "Bixiga" não deve ser estendida à toda comunidade tradicionalista do bairro, tampouco à população do bairro como um todo. Como vimos, alguns dos depoimentos de membros daquela comunidade colocaram a questão do italianismo e qualquer tentativa de fazê-lo ressurgir como algo condenado ao fracasso.

É uma ideologia que "serve" para todos os fins. Para reforçar os anseios daquele "bloco histórico"; para designar o bairro "boêmio" e para muitos o bairro das "drogas".

Lembrando Agnes Heller no que nos diz sobre o processo dinâmico da história, sobre as mudanças das estruturas sociais, poderemos compreender melhor o que aconteceu com o Bexiga. Certas estruturas, que em determinados momentos da história foram significantes, "submergiram nas profundezas, para aí continuarem uma vida inessencial do ponto de vista social global".

- AUZELLE, Roberto Chaves do Urbanismo. Ed. Civilização Brasileira, 1972, Rio de Janeiro.
- BOSI, Ecléa Memória e Sociedade - Lembrança de Velho. EDUSP, 1987.
- BRUNO, Ernani Silva História e Tradições da Cidade de São Paulo, Livraria José Olímpio, 1953, Rio de Janeiro.
- BACHELARD, Gaston A Poética do Espaço in Os Pensadores, Abril Cultural, 1978, São Paulo.
- BETTANINI, Tonino Espaço e Ciências Humanas, Ed. Paz e Terra, 1982, Rio de Janeiro.
- BENJAMIN, Walter Paris, Capital do Século XIX. A Paris do Segundo Império em Baudelaire in Walter Benjamin, Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Editora Ática, 1985. São Paulo.
- CORDEIRO, Helena Kohn O Centro da Metrôpole Paulistana - Expansão recente. Instituto de Geografia, USP, 1980.
- CLAVAL, Paul Evolución de Geografía Humana. Oillos-Tau, S/A., 1974, Barcelona.
- CARELLI, Mário Carcamanos e Comendadores. Ed. Ática, 1985. São Paulo.

- ERVILLATI, Luigi e
CANNAVINI, Roberto Bolonha: Por que o Centro Históric-
co? in Marxismo e Urbanismo Capita-
lista. Livraria Ed. Ciências Huma-
nas, 1979, São Paulo.
- ERMAN, MARSHALL Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar.
Aventura da Modernidade. Editora
Schwarcz Ltda., 1987, S.P.
- UVILLIER, ARMAND Sociologia da Cultura. Editora Glo-
bo. 1975. Porto Alegre.
- ERRUAU, Max Tratado de Geografia Humana. Editó-
rial Vicens-Vives. 1964. Barcelona.
- ECO, Umberto Viagem na Irrealidade Cotidiana. E-
ditora Nova Fronteira, 1984, Rio
de Janeiro.
- Idem Como se faz uma Tese. Editora Pers-
pectiva, 1983, São Paulo.
- ECKARDT, Wolf Von A Crise das Cidades - Um lugar pa-
ra Viver. Zahar Editores. 1975, Rio
de Janeiro.
- ENGELS, Friedrich A situação da Classe Trabalhadora
na Inglaterra. Edições Afrontamen-
to. 1975. Porto.
- FRAGATA, S.J. Julio A Fenomenologia de Husserl como
Fundamento da Filosofia. Livraria
Cruz, 1959. Braga.
- FRIEDMANN, George Sete Estudos sobre o Homem e a Téc-

- nica. Difel. 1968. São Paulo.
- FILHO, Nestor Goulart
Reis Quadro da Arquitetura no Brasil.
Ed. Perspectiva, 1970, São Paulo.
- GARAUDY, Roger O Pensamento de Hegel. Moraes Edi-
tores. Lisboa, 1971.
- GRUNSPUN, Haim Anatomia de um Bairro. Livraria E
ditora Cultura, 1979. São Paulo.
- GRAMSCI, Antonio Obras escolhidas. Ed. Martins Fon-
tes Editora Ltda. 1978, São Paulo.
- GIUDUCCI, Roberto A Cidade dos Cidadãos, Ed. Brasi-
liense. 1980, São Paulo.
- GEORGE, Pierre Compêndio de Geografia Urbana, E-
diciones Ariel, 1964, Barcelona.
- HARVEY, David A Justiça Social e a Cidade. Huci-
tec, 1980. São Paulo.
- HEGEL, Guillermo Filosofia del Espiritu, 1968, Bue-
Federico nos Aires.
- HILAIRE, Saint Viagens à Província de São Paulo.
Livraria Martins Editora.
- HOMEM, Maria Cecília Higienópolis - Grandeza e Decadên-
Naclério cia Bairro Paulistano. DPH-PMSP
1985.
- HELLER, Agnes O Cotidiano e a História. Paz e
Terra, 1985. Rio de Janeiro.

- JUNG, Carl O Homem e seus Símbolos. Editora Nova Fronteira, 1964. Rio de Janeiro.
- JUNIOR, Caio Prado A Cidade de São Paulo. Brasiliense. 1983. São Paulo.
- LUCENA, Célia Toledo Bixiga, Amore Mio. Editora Pan-nartz, 1981. São Paulo.
- Idem Bairro do Bexiga - A Sobrevivên - cia Cultural. Ed. Brasiliense. 1984. São Paulo.
- LANGENBUCH, Jurgen A Estruturação da Grande São Pau - Richard lo. IBGE, 1971.
- LIMA, Sérgio de Souza Processo de Urbanização e Políti - ca, in CEDEC. Paz e Terra, 1978 , Rio de Janeiro.
- LOJKINE, Jean A Análise Marxista do Estado, in Espaço e Debates. Cortex Editores. Ano 1, nº 1.
- LUKACS, George Prolegomenos a una Estetica Mar - xista. Editorial Grijalbo S/A. 1965. Mexico.
- LENINE, V. I. Materialismo e Empirocriticismo . Editorial Estampa. 1975. Lisboa.
- LEFEBVRE, Henri O Direito à Cidade. Ed. Documen - tos. 1969. São Paulo.

- LEFEBVRE, Henri Posição contra os Tecocratas. Ed. documentos Ltda. 1969. São Paulo.
- Idem La Presença y la Ausencia - Contribuição a la Teoria de las Representaciones. Fondo de Cultura. 1983, Mexico.
- MARTINS, José de Souza Conde Matarazzo - O Empresário e a Empresa. Hucitec. 1976. São Paulo.
- MENDES, Renato da
Silveira Bairros da Zona Sul e os Bairros Ocidentais, in a Cidade de São Paulo, Estudos de Geografia Urbana. Companhia Editora Nacional. 1958, São Paulo.
- MARZOLA, Nadia Bela Vista. DPH-PMSP. 1985. São Paulo.
- MORA, José Ferrater Diccionario de Filosofia. Editorial Sudamericana. 1965. Buenos Aires.
- MENDES, Maria
Celestina Teixeira Brás. DPH-PMSP. 1985. São Paulo.
- MUMFORD, Lewis Perspectivas Urbanas. Ed. Emecé. 1969. Buenos Aires.
- MIR, Mercedes Tatjer La Barceloneta del Siglo XVIII al Plan de la Ribera. Ediciones Saturno. 1985. Barcelona.

- MARX, Karl O Capital. Volume I. Livro I. Editora Civilização Brasileira, 1974. Rio de Janeiro.
- Idem La Ideologia Alemana. Ediciones Grijalbo S/A. 1970. Barcelona.
- Idem O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann. Paz e Terra. 1969. Rio de Janeiro.
- Idem Teses Contra Feuerbach, in Os Pensadores Editora Abril Cultural. 1978, São Paulo.
- MACHADO, Alcantara Brás, Bexiga e Barra Funda - Notícias de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. 1983. São Paulo.
- MARICATO, Ermínia Autoconstrução, a Arquitetura Possível, in A Produção Capitalista da Casa e da Cidade no Brasil Industrial. Ed. Alfa-Omega. 1979. São Paulo.
- COELHO NETTO, J. Teixeira A Construção do Sentido na Arquitetura. Ed. Perspectiva. 1984. São Paulo.
- OLIVEIRA, Francisco A Economia da Dependência Imperfeita. Ed. Graal. 1977. Rio de Janeiro.
- Idem Acumulação Monopolista, Estado e Urbanização: A Nova Qualidade do Conflito de Classes, in CEDEC, Paz

- e Terra, 1978. Rio de Janeiro.
- VIEIRA PINTO, Alvaro Ciência e Existência. Ed. Paz e Terra. 1969. Rio de Janeiro.
- QUEIROZ, Maria Isaura Bairros Rurais Paulista. Livraria Pereira Duas Cidades. 1973. São Paulo.
- ROSENTAL, M. e IUDIN, Dicionário Filosófico. Editorial P. F. Estampa, 1972. Lisboa.
- RODRIGUES, Jorge São Paulo de Ontem e de Hoje. Departamento da Cultura da Prefeitura Martins de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. 1940. São Paulo.
- SANTOS, Carlos Nelson Quando a Rua Vira Casa. Projeto D. dos. (Coordenador) Editores Associados Ltda. 1985. São Paulo.
- SANTOS, MILTON Pobreza Urbana. Ed. Hucitec, 1978. São Paulo.
- SCARLATO, Francisco Metropolização de São Paulo e Terceiro Mundo. Ed. Iglu. 1987. São Capuano Paulo.
- SEABRA, Manuel e Habitação e Espaço Social na Cidade de São Paulo, in Boletim Paulista de Geografia. AGB, n. 64. RODRIGUES, A.M. 1987. São Paulo.
- SINGER, Paul Movimentos de Bairro, in São Paulo: O Povo em Movimento. Ed. Vozes. 1982. Petrópolis.

- SARTRE, Jean Paul A Imaginação. Difel. 1964. São Paulo.
- TRICART, J. Cours de Géographie Humaine. L' Habitat Urbain. Centre de Documentation Universitaire.
- TUAN, Yi-Fu Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Difel. 1980. São Paulo.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sanches Filosofia da Praxis. Ed. Paz e Terra. 1977. Rio de Janeiro.
- VELHO, Gilberto ·A Utopia Urbana - Um Estudo de Antropologia Social. Zahar Editores. 1978. Rio de Janeiro.
- ZEVI, Bruno Saber Ver a Arquitetura. Ed. Martins Fontes. 1978. São Paulo.
- WILHEIM, Jorge São Paulo, Metrôpole 65. Difel. 1965. São Paulo.
- Idem Projeto São Paulo - Proposta para Melhoria de Vida Urbana. Paz e Terra. 1982. Rio de Janeiro.
- WITH, Lewis O Urbanismo como Modo de Vida, in O Fenômeno Urbano. Zahar Editores. 1967. Rio de Janeiro.

Publicações Editadas por Órgãos Públicos

- CEPAM - Fundação Faria Lima Avaliação do Programa Cura. 1986.
- CIBPU - Comissão Interstadual da Bacia Paraná-Uruguai Desenvolvimento de São Paulo, Imigra o Estrangeira e Nacional. 1964.
- COGEP-PMSP - Coordenadoria Geral de Planejamento da Prefeitura Municipal de São Paulo Planejamento Urbano em São Paulo . Série Políticas Globais n. 1. 1979. São Paulo.
- Idem Estudos Básicos - PR 016 - Bela Vista - Z8-010. 1974.
- Idem Projeto Grota da Bela Vista. 1974.
- COGEP-PMSP - Coordenadoria Geral de Planejamento da Prefeitura do Município de São Paulo Dossie - 038/12. Projeto 13 de Maio. 1975.
- CET - Companhia de Engenharia de Tráfego Boletim Técnico n. 1.
- EMPLASA - Empresa Metropolitana do Planejamento da Grande São Paulo Bens Culturais Arquitet nicos no Município e Região Metropolitana de São Paulo. 1984.
- S/A e SEMPLA - Secretaria Municipal de Planejamento do Município de São Paulo

- IGEPAC - Inventário Geral do Patrimônio Ambiental. PMSP
Bela Vista. Obra Inédita.
- Idem
Liberdade. Cadernos n. 2. 1986.
- Idem
Aspectos Metodológicos. Cadernos n. 1. 1987.
- SEMPA - Secretaria Municipal de Planejamento - PMSP
Dossie - 054/03. 1981.
- Idem
Conheça sua Região. Série Informações. 1985.
- Idem
Coletânea das Leis e Decretos de Parcelamentos, Uso e Ocupação do Solo.
- Idem
Plano Diretor de São Paulo. Governo Mario Covas. 1983.
- Idem
Caderno de Mapas. Série Documentos. 1985.
- Secretaria Municipal da Cultura - DPH-PMSP
São Paulo Onde está sua História? Masp. 1981.
- Idem
Obras de Arte em Logradouro Públicos de São Paulo. Regional Sê. 1987.
- Prefeitura Municipal de São Paulo
Plano Urbanístico Básico - PUB 1969.

Monografias e Teses

ABE, Tomyuki André

Metropolização e Planejamento
Metropolitano. TGI - FAU - USP.
1975.ALESSANDRI CARLOS,
Ana FaniA (Re)produção do Espaço Urbano
O Caso de Cotia, Tese de Douto-
rado. FFLCH-USP, 1987.

LAGANÁ, Liliana

O Sagrado e o Profano. Mimeogra-
fado. 1986.MERLINO, Maria Cláudia
MoreiraA Experiência das ruas Jandaia
e Assembléia como motivo para
uma reflexão sobre a questão do
Patrimônio Cultural e Ambiental
Urbano. TGI-FAU-USP. 1987.COSTA SÁ, Cristina da
e outrosBexiga. Monografia do curso de
Pós Graduação. FAU-USP. Disci-
plina AU-708, 1980.

Jornais

O Estado de São Paulo	14/07/87
Idem	31/08/87
Shopping-News-City	30/08/87
Idem	19/06/87
Idem	17/07/88
Idem	30/10/88
Folha de São Paulo	15/04/74
Idem	10/12/74
Gazeta de Pinheiros	08/07/88
DOM (Diário Oficial do Município-PMSP)	10/12/87

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.



1971-2021